

A AU PAIR — LIVRO TRÊS

QUAASE

MORTA



BLAKE

PIERCE



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



QUASE MORTA

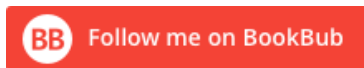
(A Au Pair — Livro Três)

BLAKE PIERCE

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor best-seller do USA TODAY da série UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE, que inclui 16 livros (e contando). Blake Pierce é o autor da série de mistério UM ENIGMA MACKENZIE WHITE, compreendendo 13 livros (e contando); da série de mistério AVERY BLACK, compreendendo seis livros; da série de mistério KERI LOCKE, com cinco livros; da série de mistério OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, que inclui cinco livros (e contando); da série de mistério psicológico CHLOE FINE, compreendendo cinco livros (e contando); da série de thriller psicológico A AU PAIR, que inclui dois livros (e contando); e da série de mistério ZOE PRIME, com dois livros (e contando).

Um leitor ávido e fã de longa data dos gêneros de suspense e mistério, Blake adora ouvir seus leitores, então visite www.blakepierceauthor.com para saber mais e entrar em contato.



Copyright © 2020 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Salvo disposição em contrário prevista na Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book é licenciado apenas para seu prazer pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este e-book com outra pessoa, favor comprar uma cópia adicional para cada receptor. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, então, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright Mimadeo, usada sob licença da Shutterstock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

A AU PAIR

QUASE AUSENTE (Livro #1)

QUASE PERDIDA (Livro #2)

QUASE MORTA (Livro #3)

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

A CASA PERFEITA (Livro #3)

O SORRISO PERFEITO (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

BECO SEM SAÍDA (Livro #3)

VIZINHO SILENCIOSO (Livro #4)

VOLTANDO PRA CASA (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSSE (Livro #2)

SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)
A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)
COBIÇADAS (Livro #7)
ESQUECIDAS (Livro #8)
ABATIDOS (Livro #9)
PERDIDAS (Livro #10)
ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)

ÍNDICE

CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO UM

Cassandra Vale apressou-se ao longo da rua de paralelepípedos. A chuva fria ferroava seu rosto e ela piscou para afastá-la dos olhos. Ficava tarde, já estava escuro, e ela se preocupava de ter se perdido. Essa parte de Milão não parecia com o que ela esperava. Tinha ido parar em uma das principais áreas de compras. Fregueses embrulhados em casacos escuros e estilosos segurando sacolas lotavam a calçada larga.

Cassie olhou de relance para dentro das lojas enquanto ia em direção ao cruzamento, perguntando-se se poderia pedir orientações lá dentro. Os interiores bem iluminados eram um oásis de conforto e calor, mas ela duvidava que teria permissão de passar da porta em sua jaqueta puída e seus tênis molhados. Esses nomes representavam o ápice da indústria da moda. *Emilio Pucci, Dolce & Gabbana, Moschino*. As roupas em si pareciam tão fora de alcance quanto o preço em suas etiquetas.

Teria que depender de seu mapa, que rapidamente se desintegrava na chuva. Parou no cruzamento para desdobrá-lo, notando que seus lábios e bochechas estavam dormentes. O papel ensopado rasgou ao ser aberto e ela apertou os pedaços rasgados, tentando entender o padrão complexo das ruas com nomes desconhecidos e, agora, quase inteiramente ilegíveis.

Tinha se afastado demais. Deveria ter virado quatro quarteirões atrás. Desorientada no lugar estranho, não havia parado para encontrar seu rumo. Suas mãos tremiam enquanto ela virava o mapa, tentando resolver o quebra-cabeça e voltar para onde precisava estar. Uma curva à esquerda aqui, três quarteirões adiante – não, cinco – depois outra curva à esquerda, levando a um labirinto retorcido de ruas. Era onde precisava estar.

Cassie dobrou os pedaços como pôde, guardando-os de volta no bolso, apesar de saber que o mapa não sobreviveria a outra saída. Agora, precisava se concentrar e suprimir o pânico de que chegaria tarde demais, de que o lugar do qual precisava estaria fechado quando chegasse lá, ou pior, de que sua jornada terminaria em nada além de decepção desesperada.

Essa era sua única chance de encontrar sua irmã, Jacqui. Era a única pista que tinha.

Esforçando-se para manter a imagem da rota em sua mente, quase correu pelas ruas, notando que, conforme deixava o epicentro da moda de Milão para trás, as calçadas tornavam-se mais estreitas e as fachadas das lojas menos imponentes. Aqui era onde os itens mais baratos e as falsificações eram exibidos, com os preços em euro despencando a cada quarteirão e as placas de promoção de janeiro gritando nas janelas em mau estado.

Vislumbrou a si mesma no vidro escurecido. Sua pele estava pálida com o inverno, suas bochechas coradas com o frio. Havia colocado um gorro verde-limão por cima dos cabelos castanho-avermelhados na altura dos ombros, principalmente para se aquecer, mas também para manter as ondas rebeldes sob controle. Encolhida em seu velho casaco azul com o zíper quebrado, ela parecia fora do lugar nesta elegante capital da moda. Sentia-se uma intrusa em meio aos residentes imaculadamente vestidos, com cabelos perfeitamente arrumados, botas caras e senso de estilo natural.

Quando ela e Jacqui eram crianças, frequentemente eram forçadas a usar roupas desgastadas, rasgadas e que não serviam direito para ir à escola, com seu pai viúvo furiosamente insistindo que não tinha dinheiro para comprar nada melhor para elas. Cassie aceitara sua situação melhor do que Jacqui, que odiava parecer maltrapilha e pobre.

Fazia sentido que sua irmã tivesse sido atraída por uma das capitais mundiais da moda, onde todas as peças de roupa eram descoladas, lindas e novas.

Ofegando, Cassie viu que o nome da rua adiante parecia familiar.

Essa era a rua que queria. Agora, tudo o que precisava fazer era encontrar a loja.

Chamava-se *Cartoleria*, mas não sabia se era o nome, de fato, ou a descrição. Quando falou com a funcionária no telefone, houve uma barreira de idioma. Cassie conseguiu obter o nome da rua com a mulher impaciente, embora ela só soubesse falar “Estamos fechando” em inglês, algo que repetira várias vezes antes de finalmente disparar um “*Addio*” e desligar o telefone.

Cassie decidira que a única forma de descobrir seria visitar a loja pessoalmente.

Havia levado uma semana para se organizar e dirigir de Edimburgo, onde estava, até Milão. Planejava chegar bem mais cedo, mas havia ficado presa no trânsito entrando na cidade e tinha se perdido diversas vezes antes

de encontrar um lugar barato para estacionar. O GPS tinha dado defeito e a bateria de seu celular estava quase descarregada. Felizmente, pensara em imprimir o mapa antes. Que horas a maioria dos lugares fechava aqui? Seis da tarde? Mais tarde?

Ansiedade surgiu nela ao ver que a loja à frente já estava fechando, o vendedor virando a placa na porta e apagando as luzes.

– Com licença. *Cartoleria*. Sabe onde é? – Perguntou a ele, ansiosa; todo segundo contava.

Ele franziu a testa, apontou para o fim da rua e disse algo em italiano que ela não entendeu. Ao menos ele mostrara a direção certa, pois ela estivera prestes a correr para o outro lado.

– Obrigada – ela disse.

– *Signorina!* – Ele a chamou, mas Cassie não pararia por ninguém.

Estava ofegante de empolgação. Havia uma pequena chance de talvez Jacqui realmente estar trabalhando nessa loja. Cassie imaginou-se entrando e ficando frente a frente com a irmã. Perguntou-se o que Jacqui faria. Sabia que ela própria gritaria de alegria e a abraçaria o mais forte possível. Depois, teria a chance de conversar, descobrir o que havia acontecido e por que Jacqui havia desaparecido por tanto tempo sem entrar em contato.

Mesmo não sendo muito provável, Cassie não podia evitar sonhar.

Lá estava. Viu a placa, *Cartoleria*, e começou a correr. Ainda devia estar aberta – precisava estar. Era sua chance, sua oportunidade de se reconectar com a única família com a qual ainda se importava.

Ela espirrou chuva pelos paralelepípedos encharcados, abrindo caminho através dos pedestres vagarosos abrigados debaixo de seus grandes guarda-chuvas.

Então, parou, encarando a fachada da loja em descrença.

A *Cartoleria* estava fechada.

Não apenas hoje, mas para sempre.

As vitrines estavam tapadas, mas pôde ver a escuridão através de um vão nas tábuas. A placa sobre a porta, velha e desbotada, era o único lembrete de que a loja algum dia estivera aberta.

Encarando o espaço sombrio e vazio, Cassie percebeu tarde demais que havia entendido errado a impaciência da atendente da loja quando telefonara uma semana atrás. A mulher estivera tentando lhe dizer que estavam fechando a loja permanentemente. Se tivesse deduzido isso à

época, poderia ter ligado de volta de imediato, fazer mais perguntas e ser mais persuasiva.

Invés disso, dirigira por milhares de quilômetros só para encarar um enorme beco sem saída.

Sua pista se fora, juntamente com suas esperanças e sonhos. Perdera sua única chance de encontrar sua irmã novamente.

CAPÍTULO DOIS

Encarando a loja vazia, Cassie sentiu-se esmagada pela decepção. Sabia que devia ir embora, na noite escura e úmida, e começar a longa jornada até o carro, mas não conseguia se forçar a ir.

Era como se virar as costas agora significasse desistir para sempre e, quando pensava dessa forma, seus pés pareciam enraizados no chão. Não conseguia se livrar da certeza de que devia haver algo que a levaria até Jacqui, de algum jeito.

Olhando ao redor, viu que uma das lojas adjacentes ainda estava aberta. Aparentava ser um café e bistrô. Talvez alguém ali soubesse quem era o dono da *Cartoleria* e para onde tinha ido.

Cassie entrou no bistrô, aliviada por encontrar abrigo da rajada de chuva. O interior cheirava deliciosamente a café e pão, lembrando-lhe de que não tinha comido hoje. Havia uma enorme máquina cromada de cappuccino em destaque no balcão de madeira.

Havia espaço para apenas quatro mesas e todas estavam ocupadas. Contudo, um assento estava desocupado no balcão, então ela sentou-se nele.

O garçom atarefado apressou-se até ela.

– *Cosa prendi?* – Ele perguntou.

Cassie deduziu que ele quisesse anotar seu pedido.

– Desculpe, não falo italiano – ela desculpou-se, esperando que ele entendesse. – Você sabe quem era dono da loja ao lado?

O jovem deu de ombros, parecendo confuso.

– Posso te trazer comida? – Ele perguntou com um inglês ruim.

Percebendo que a barreira de idioma havia encerrado seu interrogatório, Cassie rapidamente examinou o cardápio rabiscado no quadro negro na parede.

– Café, por favor. E um panini.

Ela tirou algumas notas do maço decrescente em sua carteira. Os preços em Milão eram ainda mais altos do que ela esperara, mas estava ficando tarde e ela estava morrendo de fome.

– Você é americana? – O homem sentado ao lado dela perguntou.

Impressionada, Cassie assentiu.

– Sim, sou.

– Meu nome é Vadim – ele se apresentou.

Ele não soava italiano, mas ela não sabia identificar sotaques como ele. Deduziu que ele pudesse ser de algum lugar do Leste Europeu, talvez até mesmo da Rússia.

– Sou Cassie Vale – ela respondeu.

Ele parecia ser alguns anos mais velho do que ela, com quase trinta anos, e vestia uma jaqueta de couro e jeans. Diante dele, havia uma taça de vinho tinto pela metade.

– Está aqui de férias? Ou trabalhando, estudando? – Ele perguntou.

– Na verdade, viajei até aqui para encontrar uma pessoa.

A confissão foi dolorida, agora que Cassie temia que nunca o faria.

As sobrancelhas grossas dele se juntaram, franzidas.

– Como assim, encontrar? Encontrar alguém em particular?

– Sim. Minha irmã.

– Você faz parecer que ela está perdida? – Ele perguntou.

– Ela está. Segui uma pista que esperei que me ajudasse a encontrá-la.

Há um tempo, ela ligou para minha amiga nos Estados Unidos e nós rastreamos o número.

– Então, você rastreou o número e veio aqui? Belo trabalho de detetive

– Vadim disse com admiração enquanto o garçom deslizava o café dela no balcão.

– Não, demorei demais. Veja, ela ligou duas vezes procurando por mim.

O primeiro número não funcionava. Só semana passada eu percebi que a outra ligação poderia ter sido feita de um número diferente.

Vadim assentiu de forma compreensiva.

– E, agora, a Cartoleria está fechada – Cassie contou a ele.

– A loja ao lado?

– Sim. Foi de onde ela ligou. Tenho esperança de descobrir quem era o dono.

Ele franziu o cenho.

– Sei que a Cartoleria é uma rede de lojas. Existem outras em Milão. É um cybercafé e vende canetas, lápis, esses itens.

– Papelaria – Cassie sugeriu.

– Sim, isso. Talvez se você ligar para outra loja, possam te ajudar a encontrar o gerente desta.

O garçom retornou e colocou um prato na frente dela, e Cassie atacou, esfomeada.

– Você viajou para cá completamente sozinha? – Vadim perguntou.

– Sim, vim sozinha, esperando encontrar a Jacqui.

– Por que é você quem está procurando por ela, e ela não está procurando por você também?

– Tivemos uma infância difícil – contou a ele. – Minha mãe faleceu quando era jovem e meu pai não soube lidar sem ela. Ele ficou agressivo, como se quisesse destruir a vida de todos.

Vadim assentiu de forma compreensiva.

– Jacqui era mais velha que eu e, um dia, ela simplesmente foi embora. Acho que ela não aguentava mais. A raiva e os gritos dele, vidros quebrados no chão na maioria das manhãs. Ele tinha muitas namoradas diferentes, muitas vezes havia estranhos na casa.

Uma memória sombria ressurgiu, ela escondendo-se debaixo da cama, tarde da noite, ouvindo passos pesados subindo as escadas e a hesitação diante de sua porta. Jacqui havia lhe salvado. Ela gritara tão alto que os vizinhos tinham vindo correndo e o homem tinha descido as escadas, sorrateiro. Cassie lembrava-se do terror que sentira ao ouvi-lo chacoalhando a porta do quarto. Jacqui tinha sido sua protetora, até fugir.

– Depois que ela foi embora, eu me mudei. Depois, meu pai foi despejado e teve que encontrar outra casa. Eu troquei de telefone, ele trocou de telefone. Não tinha como ela nos contatar de novo. Agora, acho que ela está tentando entrar em contato. Mas está com medo, não sei por quê. Talvez pense que estarei furiosa porque ela fugiu.

Vadim balançou a cabeça.

– Então, você está completamente sozinha no mundo?

Cassie assentiu, sentindo-se triste mais uma vez.

– Posso te oferecer uma taça de vinho?

Cassie negou com a cabeça.

– Muito obrigada, mas preciso dirigir.

O carro dela estava a quarenta e cinco minutos de caminhada. De lá, não fazia ideia para onde ir. Não tinha acomodação planejada. Esperava ter chegado mais cedo e que a loja lhe oferecesse uma pista sobre o paradeiro de Jacqui para que pudesse dar o próximo passo em sua busca. Agora, estava escuro e ela não fazia ideia de onde encontrar uma pousada ou

albergue barato. Deu-se conta de que poderia acabar dormindo em seu carro, na garagem de concreto.

– Você tem acomodações para esta noite? – Vadim perguntou, como se lesse sua mente.

Cassie sacudiu a cabeça.

– Ainda preciso cuidar disso.

– Tem um albergue para mochileiros por perto. Uma *pensione*, como dizem aqui na Itália. Talvez seja conveniente para você. Passo por lá no caminho para casa, posso te mostrar onde é.

Cassie sorriu com hesitação, preocupada com o preço e também com o fato de que toda sua bagagem ainda estava no carro. Ainda assim, acomodações próximas pareciam mais atraentes do que a longa caminhada de volta ao estacionamento. Havia até mesmo uma chance de Jacqui talvez já ter ficado nesse albergue e, neste caso, ela deveria ao menos verificar.

Ela drenou o café e comeu as últimas migalhas do panini enquanto Vadim terminava o vinho e enviava mensagens em seu telefone.

– Venha comigo. Por aqui.

Ainda chovia do lado de fora, mas Vadim abriu um guarda-chuva grande e Cassie caminhou ao lado dele, grata pelo abrigo. Ele marchava, claramente com pressa, e ela teve que correr para acompanhar seu passo. Ficou grata por não estarem perdendo tempo, mas, ao mesmo tempo, perguntou-se se a hospedaria ficava fora do caminho dele e se ele estava desviando para ajudá-la.

Ela vislumbrou os prédios ao redor enquanto passavam, tentando ter uma impressão de onde estavam. Nomes de restaurantes, lojas e empresas brilhavam na garoa enevoadada; o idioma desconhecido fazia Cassie sentir como se seus sentidos estivessem sobrecarregados.

Atravessaram uma rua e ela percebeu que o tráfego havia diminuído. Apesar de fazer um tempo que não verificava o horário, pensava que deveria passar das sete da noite. Sentia-se exausta e se perguntava se o albergue de mochileiros estaria longe e o que faria se não tivesse espaço disponível.

A placa à direita era de um supermercado, ela tinha certeza. À esquerda, talvez fosse algum tipo de entretenimento. A placa brilhava forte em neon. Não o distrito da luz vermelha – se é que algo assim existia em Milão –, mas também não muito distante disso.

Repentinamente, ela percebeu que eles tinham ido muito longe, muito rápido, e em silêncio.

Deveriam ter caminhado quase um quilômetro e meio, mais do que qualquer pessoa razoável consideraria perto.

Foi quando a memória dela a alcançou.

Após o primeiro cruzamento, ela tinha olhado para a esquerda. Distraída e com chuva nos olhos, não tinha compreendido a placa que vira – não um letreiro grande e brilhante, mas uma placa mais discreta com letras pretas no fundo branco.

Pensione.

Era a palavra que Vadim havia usado. Era italiano para albergue ou o equivalente próximo.

– Por que está andando mais devagar? – Ele perguntou, e agora seu tom era grave.

Adiante, Cassie viu o brilho de faróis à espera. Havia uma van branca estacionada do outro lado da rua. Parecia que Vadim ia exatamente em direção a ela.

Ele levantou o braço e, em uma fração de segundo de puro terror, Cassie percebeu que ele sentira sua hesitação e iria agarrar seu braço.

CAPÍTULO TRÊS

Tarde demais, Cassie se deu conta de que tinha sido estúpida, muito falante e confiante. Em sua necessidade por companhia, tinha compartilhado com esse estranho o fato de que estava completamente sozinha no mundo e que ninguém sabia onde ela estava.

Cenários de sequestro, tráfico e abuso giravam em sua mente. Ela precisava escapar.

No momento em que a mão de Vadim se fechava em torno de seu pulso, ela o puxou e ele segurou a manga de sua jaqueta ao invés do punho.

Frágil e desgastado, o tecido rasgou, deixando apenas um farrapo de poliéster na mão dele. Então, ela estava livre.

Cassie virou-se e correu por onde tinha vindo.

Com a cabeça encurvada por conta da chuva, ela fugiu, atravessando a rua enquanto a luz do semáforo mudava. Gritos e xingamentos atrás dela lhe diziam que o grande guarda-chuva se mostrava ser mais um entrave do que uma vantagem para Vadim. Ela lançou-se à esquerda em uma rua lateral enquanto um ônibus passava atrás dela, rezando para que ele não tivesse visto para onde ela fora, mas outro grito atrás dela lhe dizia que ele havia visto e a seguira.

Virou à direita em uma rua mais movimentada e, enquanto abria caminho em meio aos lentos pedestres, puxou sua jaqueta e seu gorro, tirando-os para o caso das cores o ajudarem a encontrá-la. Amontoou os trajes debaixo do braço e chegou a mais um cruzamento, olhando de relance para trás ao virar à esquerda novamente.

Ninguém parecia estar seguindo-a, mas ele ainda poderia alcançá-la – ou, pior ainda, antecipar para onde ela estava indo e esperar por ela lá.

Adiante, como um sinal luminoso de esperança e segurança, ela viu o letreiro da “*Pensione*” que tinha visto antes. Não via Vadim em lugar nenhum.

Cassie correu em direção ao letreiro, rezando para conseguir entrar e sair de perigo a tempo.

*

O ruído da música vindo da hospedaria era audível no nível da rua, onde um frágil portão de segurança pintado de branco estava entreaberto.

Empurrando-o, Cassie subiu a estreita escadaria de madeira. Vozes, risadas e o aroma de fumaça de cigarro flutuaram ao seu encontro.

Olhou de relance para trás, mas a escada estava vazia.

Talvez ele tivesse desistido da perseguição. Agora que havia escapado, ela se perguntou se teria exagerado o tamanho da ameaça. Aquela van estacionada poderia ser uma coincidência. Vadim poderia querer só que ela fosse para casa com ele.

De todo modo, ele não tinha feito o que prometera e tentou agarrá-la assim que ela hesitou. Um novo terror surgiu dentro dela ao lembrar de como tinha conseguido escapar por pouco.

Tinha sido tão idiota, deixando escapar que estava sozinha, que ninguém sabia onde ela estava, que estava em uma busca tola por alguém que poderia nunca encontrar. Respirando com dificuldade, Cassie recriminou-se por sua terrível estupidez. Tinha sentido tanto alívio ao contar a história de Jacqui para um estranho que não a julgaria. Não tinha se dado conta do que mais poderia estar contando.

O portão de segurança no topo da escada estava fechado. Levava a um pequeno vestíbulo, desocupado, mas um botão na parede tinha um aviso impresso colado embaixo.

As palavras estavam em vários idiomas, com inglês no topo.

“Toque para ser atendido”.

Cassie tocou, esperando que alguém ouvisse a campainha, pois a música estava ensurdecadora ali em cima.

Por favor, atenda, ela rezou.

Então, a porta do outro lado do vestíbulo se abriu e uma mulher ruiva, mais ou menos da idade de Cassie, entrou. Ela pareceu surpresa ao ver Cassie do lado de fora.

– *Buona sera* – cumprimentou-a.

– Você fala inglês? – Cassie perguntou, rezando para que a mulher fosse bilíngue e entendesse que ela precisava entrar com rapidez.

Para o alívio de Cassie, ela mudou para um inglês com sotaque alemão.

– Como posso te ajudar?

– Preciso de acomodações com urgência. Tem quartos disponíveis aqui?

A mulher ruiva pensou por um momento.

– Não temos quartos – ela disse, balançando a cabeça, e Cassie ficou devastada com a decepção. Olhou por cima dos ombros, preocupada em ter ouvido passos na escada, mas devia ter sido a batida da música de algum lugar dentro do alojamento.

– Por favor, posso pelo menos entrar? – Perguntou.

– É claro. Você está bem?

A mulher apertou o botão para abrir o portão. Cassie sentiu o metal gelado vibrando em suas mãos quando a tranca soltou e ela fechou-o firmemente com um som estridente.

Finalmente, estava segura.

– Tive uma experiência ruim lá fora. Um homem disse que me acompanharia até aqui, mas acabamos indo por outro caminho. Ele agarrou meu braço quando percebi que algo estava errado, mas consegui me soltar.

A mulher ergueu as sobrancelhas, parecendo chocada.

– Fico feliz que tenha escapado. Essa parte de Milão pode ser perigosa à noite. Por favor, venha até o escritório. Acho que entendi sua pergunta errado. Não temos quartos livres, todos os quartos individuais estão reservados. Mas temos uma cama disponível em dormitório compartilhado, se quiser.

– Muito obrigada. Eu quero.

Fraca de alívio por não precisar sair pelas ruas escuras de novo, Cassie seguiu a mulher, indo do pequeno vestíbulo para um escritório minúsculo com um aviso na porta: “Gerente do Hostel”.

Lá, Cassie pagou pelo quarto. Novamente percebeu que o preço era desconfortavelmente alto. Milão era um lugar caro e não parecia ter como viver de forma barata.

– Você tem malas? – Ela perguntou.

Cassie sacudiu a cabeça. – Está no carro, a quilômetros de distância.

Para sua surpresa, a outra mulher assentiu como se fosse uma ocorrência comum.

– Em um quarto compartilhado, você vai querer o kit de higiene, então.

A escova de dentes, a pasta de dentes, o sabonete e a camiseta de algodão pareceram salvar a vida de Cassie e ela entregou mais euros na troca.

– Seu quarto fica no final do corredor. A sua cama é a mais próxima da porta e vem com um armário.

– Obrigada.

– E o bar é por ali. Oferecemos a cerveja mais barata de Milão aos nossos hóspedes – ela sorriu ao colocar a chave do armário no balcão. – Meu nome é Gretchen – acrescentou.

– Sou Cassie. – Lembrando-se do motivo de estar aqui, Cassie então perguntou. – E um telefone? Internet?

Prendeu a respiração enquanto Gretchen considerava a pergunta.

– Hóspedes só podem usar o telefone do escritório para emergências – ela disse. – Há vários lugares na redondeza onde você pode fazer ligações ou usar um computador. Tem uma lista no quadro de avisos ao lado da estante de livros, e lá você também encontra um mapa.

– Obrigada.

Cassie olhou para trás de relance. Tinha visto o quadro de avisos ao entrar, escorado no topo da estante. Era um quadro grande coberto de recortes de papel.

– Também listamos vagas de emprego no quadro – Gretchen explicou. – Fazemos buscas diariamente em todos os sites e imprimimos os anúncios. Alguns até mesmo entram em contato direto quando precisam de ajudantes de meio-período, como garçons, empacotadores, faxineiros. Esses trabalhos geralmente pagam por dia, em dinheiro.

Ela sorriu para Cassie de forma compreensiva, como se entendesse como era ter grana curta em um país estrangeiro.

– A maioria dos nossos hóspedes conseguem trabalho, se quiserem, então, se estiver precisando de um emprego, me avise – ela disse.

– Obrigada mais uma vez – Cassie disse.

Ela foi direto para o quadro de avisos.

Havia uma lista de cinco lugares próximos onde poderia usar telefone e internet, e Cassie prendeu a respiração ao ver o nome da *Cartoleria* ali, recentemente riscado com uma anotação: “Fechado”.

Era um sinal esperançoso, então Cassie decidiu perguntar a Gretchen se poderia dar uma olhada na lista de hóspedes. Foi em direção à área de convivência e viu que a gerente tinha acabado de abrir uma cerveja e estava sentada em um sofá em meio a um grupo de pessoas rindo.

– Aqui está a cliente nova.

Um homem alto e magro com um sotaque britânico, aparentando ser mais novo que Cassie, saltou e abriu a geladeira.

– Sou Tim. O que posso te oferecer? – Ele perguntou. Vendo a hesitação dela, disse – A Heineken está na promoção.

– Obrigada – Cassie disse.

Ela pagou e ele lhe entregou uma garrafa gelada. Duas garotas de cabelos escuros que pareciam gêmeas moveram-se em um dos sofás para abrir espaço para ela.

– Na verdade, eu vim para cá porque esperava encontrar minha irmã – ela disse, sentindo uma pontada de nervosismo ao falar. – Gostaria de saber se algum de vocês poderia conhecê-la, ou se ela ficou aqui. Ela é loira, ou era loira da última vez que a vi. O nome dela é Jacqui Vale.

– Vocês estão separadas há muito tempo? – Perguntou uma das garotas de cabelos escuros, simpatizando. Quando Cassie assentiu, ela disse – Isso é muito triste. Espero que a encontre.

Cassie tomou um gole da cerveja. Estava muito gelada, e o malte era forte.

A gerente estava consultando o celular.

– Não tivemos nenhuma Jacqui aqui em dezembro. Nem em novembro – ela disse, e Cassie sentiu seu coração afundar.

– Espere – Tim disse. – Eu lembro de alguém.

Ele fechou os olhos, como se relembresse, enquanto Cassie o encarava, ansiosa.

– Não vêm muitos americanos aqui, então eu me lembro do sotaque. Ela não alugou um quarto, ela veio com um amigo que estava hospedado aqui. Ela bebeu, depois foi embora. Não era loira, o cabelo dela era castanho, mas ela era muito bonita, um pouco parecida com você. Talvez alguns anos mais velha.

Cassie assentiu, encorajando-o. – A Jacqui é mais velha.

– O amigo dela a chamou de Jax. Começamos a conversar enquanto eu a servia, depois ela me contou que estava morando em uma cidade pequena. A uma ou duas horas daqui, acho. Agora, é claro, não consigo me lembrar do nome da cidade.

Cassie ficou sem fôlego ao pensar que sua irmã realmente estivera aqui. Visitando um amigo, seguindo sua vida. Não parecia que estava falida ou desesperada, viciada em drogas, estivesse em um relacionamento abusivo, nem qualquer dos outros piores cenários que preocupavam Cassie quando pensava em Jacqui e se perguntava por que ela nunca tinha entrado em contato.

Talvez a família não significasse tanto para ela e ela não sentisse a necessidade de se reconectar. Embora tivessem sido próximas, tinham sido forçadas a se unir pela adversidade, precisando sobreviver à fúria do pai delas e à vida doméstica instável. Jacqui talvez quisesse deixar essas memórias para trás.

– Eu não sabia que a sua memória para rostos era tão boa, Tim – Gretchen provocou. – Ou é só para as garotas bonitas?

Tim sorriu de lado, parecendo envergonhado. – Ei, ela era linda. Eu estava pensando em chamá-la para sair, mas depois descobri que ela não estava ficando em Milão e pensei que provavelmente não estaria interessada em mim, de qualquer forma.

Um coro de protesto veio das meninas.

– Bobo! Você devia tê-la chamado para sair – a garota ao lado de Cassie insistiu.

– Não senti a energia nela, acho que ela teria dito não. Enfim, Cassie, se você me der o seu número de telefone, vou me esforçar ao máximo para lembrar qual era a cidade. Se eu lembrar, te envio uma mensagem.

– Obrigada – Cassie disse.

Ela deu a Tim seu número e terminou a cerveja. Parecia que todos estavam prontos para a próxima rodada e continuariam conversando até depois da meia-noite, mas ela estava exausta.

Levantou-se e deu boa noite antes de sair para tomar um banho quente e ir para a cama.

Somente quando puxou o cobertor lembrou-se, chocada, que seus remédios para a ansiedade ainda estavam em sua mala.

Já tinha sofrido as consequências de não tomar seus comprimidos antes. Era difícil dormir quando atrasava sua medicação e ela ficava mais propensa a ter pesadelos vívidos. Às vezes, acabava sonambulando e Cassie ficou nervosa que isso pudesse acontecer nesse dormitório compartilhado.

Ela só podia torcer para que sua exaustão, junto com a cerveja que havia tomado, mantivesse os pesadelos longe.

CAPÍTULO QUATRO

– Rápido. Levante-se. Precisamos sair.

Alguém estava cutucando o ombro de Cassie, mas ela estava cansada – tão cansada que mal conseguia abrir os olhos. Lutando contra a exaustão, esforçou-se para acordar.

Jacqui estava de pé ao lado de sua cama, seus cabelos castanhos e brilhantes, vestindo uma jaqueta preta estilosa.

– Você está aqui? – Empolgada, Cassie sentou-se, pronta para abraçar sua irmã.

Mas Jacqui deu as costas.

– Depressa – ela sussurrou. – Estão vindo nos pegar.

– Quem está vindo? – Cassie perguntou.

Pensou imediatamente em Vadim. Ele havia agarrado sua manga, rasgado sua jaqueta. Ele planejara fazer algo com ela. Ela conseguira escapar, mas agora ele lhe encontrara outra vez. Ela deveria saber.

– Não sei como podemos escapar – ela disse, ansiosa. – Só tem uma porta.

– Tem uma saída de incêndio. Venha, vou te mostrar.

Jacqui guiou-a ao longo do corredor escuro. Ela vestia uma calça jeans rasgada e descolada e sandálias vermelhas de salto alto. Cassie seguiu a passos suaves com seus tênis desgastados, torcendo para que Jacqui estivesse certa e houvesse uma rota de fuga ali.

– Por aqui – Jacqui disse.

Ela abriu uma porta de ferro e Cassie recuou ao ver a saída de incêndio infixa. A escada de aço estava enferrujada e quebrada. Para piorar, a escadaria descia somente até a metade do edifício. Depois, não havia nada além de uma queda interminável e estonteante até a rua abaixo.

– Não podemos sair por aí.

– Podemos. Nós precisamos.

A risada de Jacqui era estrídula e, ao encará-la, horrorizada, Cassie viu que o rosto dela havia mudado. Esta não era sua irmã. Era Elaine, uma das namoradas de seu pai, a mais odiada e temida de todas.

– Vamos descer – a loira maldosa gritou. – Desça, você primeiro. Mostre o caminho. Você sabe que sempre te odiei.

Sentindo o metal enferrujado tremendo ao tocá-lo, Cassie começou a gritar também.

– Não! Por favor, não. Socorro!

A risada estridente foi a única resposta enquanto a saída de incêndio começou a ceder, quebrando debaixo dela.

Então, outras mãos estavam lhe chacoalhando.

– Por favor, acorde! Acorde!

Ela abriu os olhos.

A luz do dormitório estava acesa e ela encarou as gêmeas de cabelos escuros. Elas estavam olhando para ela com expressões que combinavam preocupação e irritação.

– Você estava tendo muitos pesadelos, gritando. Você está bem?

– Sim, estou bem. Sinto muito. Às vezes, tenho pesadelos.

– Foi perturbador – a outra gêmea disse. – Você pode fazer algo para parar com isso? Não é justo; temos um turno diurno e teremos que trabalhar doze horas hoje.

Cassie sentiu a tortura da culpa. Ela devia ter se dado conta que seus pesadelos causariam uma enorme perturbação em um dormitório compartilhado.

– Que horas são?

– Agora são quatro e meia da manhã.

– Vou levantar – Cassie decidiu.

– Tem certeza? – As gêmeas se encararam.

– Sim, tenho certeza. Sinto muito por acordar vocês.

Ela saiu da cama, sentindo-se tonta e desorientada pela privação de sono, e rapidamente vestiu sua blusa no escuro. Depois, pegando sua bolsa, saiu do quarto e fechou a porta silenciosamente.

A área de convivência estava vazia e Cassie sentou-se em um dos sofás, dobrando as pernas na almofada. Não fazia ideia do que deveria fazer agora ou para onde deveria ir.

Seria falta de consideração arriscar interromper o sono de seus colegas de quarto mais uma noite e ela não tinha condições de pagar um quarto privado, mesmo que um ficasse disponível.

Talvez pudesse, se encontrasse um emprego. Não tinha um visto de trabalho, mas, pelo que os outros tinham dito na noite anterior, se o trabalho

fosse por menos de três meses, ninguém na Itália se importava muito se o visto fosse de turista.

Trabalhar tornaria sua estadia custeável, compraria algum tempo. Mesmo se Tim não lembrasse onde Jacqui estava, sua irmã poderia tentar contatá-la novamente.

Cassie foi até o quadro de avisos para ver se havia novos empregos disponíveis.

Esperava encontrar um emprego de garçone, já que tinha experiência e se sentiria confiante para se inscrever. Entretanto, para seu desânimo, viu que todos os trabalhos estipulavam que os candidatos fossem fluentes em italiano. Outros idiomas eram uma vantagem, mas não essenciais.

Com um suspiro frustrado, descartou a ideia de ser garçone.

E lavar louças? Fazer faxina?

Examinando o quadro, não encontrou nenhum desses trabalhos. Havia algumas vagas de assistente em lojas, mas novamente o italiano era exigido. Depois, tinha uma vaga como entregador de bicicleta que parecia interessante e pagava bem, mas era preciso ter a própria bicicleta e capacete, o que ela não tinha.

Estas eram as únicas oportunidades disponíveis e ela não se qualificava para nenhuma delas.

Desencorajada, Cassie retornou ao sofá e plugou seu celular na tomada. Talvez devesse procurar na internet por outras vagas disponíveis. Ainda era muito cedo e, após sua noite interrompida, ela sentia seus olhos pesados com o cansaço. No sofá, ela caiu em um sono leve e foi acordada horas depois, quando as gêmeas saíram.

As pessoas estavam de pé e ela sentia o cheiro de café sendo preparado. Cassie desplugou o celular e levantou do sofá oscilando, sem querer que ninguém soubesse que ela dormira ali ao invés da cama onde fora designada.

Seguindo o aroma do café, encontrou Gretchen, enrolada em um roupão, prendendo mais dois anúncios de emprego no quadro.

– Estes acabaram de chegar – ela disse com um sorriso. – E tem café à venda na cozinha, no final do corredor.

Cassie olhou para os dois cartões com anúncios de emprego. Um era outro anúncio para servir mesas, que mais uma vez não era útil para ela. Quando olhou para o outro cartão, sentiu um arrepio de nervosismo.

“Precisa-se de Au Pair. Mãe divorciada precisa de ajuda por três meses, começo imediato, para cuidar de duas meninas, idades 8 e 9 anos. Preferência por quem fale inglês. Acomodação de luxo inclusa. Favor ligar para Ottavia Rossi”.

Cassie fechou os olhos e sentiu sua espinha se arrepiar.

Não achava que seria capaz de lidar com outro trabalho como au pair. Não quando os dois primeiros deram tão errado.

Em sua primeira atribuição, na França, tinha trabalhado para um rico proprietário de terras. Somente após chegar ao castelo percebera o quanto ele e sua noiva eram pais disfuncionais para as três crianças traumatizadas. Cada uma havia se rebelado contra a autoridade brutal à sua própria maneira e Cassie havia suportado o impacto do comportamento delas.

O trabalho se tornara um pesadelo e, quando a noiva morreu em circunstâncias suspeitas, Cassie escapara por pouco de ser presa por suspeita de assassinato.

O dono de terras – Pierre Dubois – acabara sendo acusado pelo crime e o julgamento dele estava em andamento. Quando via reportagens no noticiário, Cassie as examinava com nervosismo. Com a equipe jurídica lutando ferozmente, o artigo mais recente declarava que o veredito sairia em fevereiro.

Ela havia fugido para a Inglaterra, desesperada para passar despercebida caso a equipe jurídica decidisse intimá-la para depor – ou pior, conseguisse fabricar evidências suficientes para provar que ela era a culpada.

Na Inglaterra, ela havia corrido diretamente para os braços de um homem charmoso e atraente que se apresentara como um pai divorciado precisando urgentemente de ajuda com seus filhos. Cassie tinha se apaixonado por Ryan Ellis e acreditado em cada palavra que ele dissera. Então, seu mundo idílico tinha se esmigalhado quando mentira após mentira foi exposta e a situação se desenrolou de forma horrorosa.

Cassie ainda não conseguia pensar na experiência sem sentir pânico fervilhando dentro dela. Dando as costas, ela quase esbarrou em Gretchen, que estava ocupada atualizando o quadro de avisos e removendo alguns anúncios de empregos mais antigos.

– Desculpe – Cassie disse.

– Encontrou algo bom para você? – Gretchen perguntou.

– Não tenho certeza. A vaga de au pair parece interessante – Cassie disse, só para ser educada.

– Fica nos arredores de Milão. É uma área rica. E é para morar lá, pelo que vejo, então sua acomodação estará inclusa.

– Obrigada – Cassie disse. Ela fotografou o anúncio, embora soubesse que estava apenas de corpo presente, sem nenhuma intenção de aceitar o emprego.

Passou os olhos pelos livros à venda. Havia uma mescla eclética de ficção e não-ficção na prateleira e dois que ela viu que lhe seriam úteis. Um era um livro de frases em italiano e o outro um guia do idioma para principiantes. Os livros estavam bem gastos e usados, mas também baratos. Contento por poder começar a dominar o italiano, Cassie foi até o escritório para pagar.

Depois de comprar os livros e uma xícara de café, saiu em busca de seu carro. Embora a cidade parecesse diferente à luz do dia, ela foi capaz de encontrar o caminho até o carro com poucos desvios errados na rota.

Por todo o caminho, não conseguiu parar de pensar na vaga de au pair.

Não tinha o luxo da escolha e precisava desesperadamente permanecer na cidade por um tempo. Afinal, Tim, o barman, poderia se lembrar do nome da cidade onde Jacqui trabalhava a qualquer momento.

Um emprego com moradia significava que ela não perturbaria seus colegas viajantes e não arriscaria outra experiência aterrorizante na cidade, similar à da noite anterior com Vadim.

Além disso, trabalharia para uma mulher. Uma mulher divorciada. Cassie poderia averiguar se isso era verdade antes de tomar sua decisão final. Não queria trabalhar para um homem outra vez. Não parecia haver um homem na casa, só a mulher e suas duas meninas.

Poderia perguntar. Não havia mal algum em descobrir mais, certo?

Ainda assim, lembrando-se de suas experiências anteriores, Cassie sentiu enjoo ao ligar.

A ligação tocou e tocou, o nervosismo de Cassie crescendo a cada segundo que passava.

Finalmente, foi atendida.

– *Buongiorno* – uma mulher disse, ofegante.

Desejando ter tido a chance de estudar seu livro de frases, Cassie respondeu, ansiosa.

– Bom dia.

– Este é o telefone da *Signora* Rossi, Abigail falando. Como posso ajudar? – A mulher continuou em inglês. Na realidade, Cassie achou que ela

soava inglesa.

Tentou engolir o nervosismo e falar com confiança.

– Estou telefonando a respeito da vaga de emprego. Ottavia Rossi está?

– A vaga de emprego? Por favor, aguarde. A senhora Rossi está em uma reunião.

Cassie ouviu a mulher consultando outra pessoa. No momento seguinte, ela voltou.

– Sinto muito, mas a vaga de emprego foi ocupada.

– Oh – Cassie sentiu-se murchar, surpresa. Não estava certa do que dizer a seguir, mas a mulher tomou a decisão por ela.

– Adeus – ela disse, e desligou.

CAPÍTULO CINCO

Cassie não conseguiu entender por que o emprego de au pair não estava mais disponível se havia sido anunciado tão recentemente. Estava decepcionada, pois a oportunidade tinha chegado e desaparecido antes mesmo que ela pudesse comparecer a uma entrevista.

Agora, não fazia ideia do que deveria fazer. Estava tentada a entrar no carro e dirigir a esmo por uma ou duas horas, na esperança de terminar mais perto de sua irmã ou, de forma milagrosa, na mesma cidade que ela.

Nesse país de grande densidade populacional, cravejado de vilarejos e cidades de todos os tamanhos, Cassie sabia que isso não era apenas improvável, mas impossível.

Abriu o porta-malas, remexeu sua mala e retirou os comprimidos que deixara de tomar na noite anterior, além de sua dose matinal.

Em seguida, sentada no carro, engoliu-os e ligou para sua amiga Jess.

Cassie passara a semana do Natal e Ano Novo com Jess. O empregador de Jess dera folga a ela, com dinheiro para viajar, e Jess havia convidado Cassie para acompanhá-la a Edimburgo.

Jess havia pago pelas acomodações e Cassie ficara encarregada de dirigir. Tinham alugado um apartamento nos arredores da cidade, passando os dias visitando as atrações turísticas e as noites em festas. Nesse tempo, tiveram a chance de conversar, então Jess sabia exatamente o que havia acontecido com Cassie e a verdade dilacerante sobre suas duas últimas atribuições.

– Ei, sumida! – Jess atendeu quase imediatamente. – Já encontrou sua irmã?

– Ainda não. Encontrei alguém que falou com ela recentemente. Ele disse que ela estava morando em uma cidade a uma ou duas horas de Milão, mas não conseguiu lembrar o nome.

– Ah, não – Jess soava horrorizada. – Isso é tipo... tão perto, mas tão longe. O que vai fazer agora?

– Vou tentar ficar aqui por algumas semanas, porque ele disse que vai me enviar uma mensagem caso se lembre. Telefonei a respeito de uma vaga

de au pair, mas já estava ocupada. Você conhece alguém em Milão, ou na Itália, que pode precisar de uma ajudante?

Cassie tinha um sério respeito pela capacidade de Jess de se relacionar com pessoas. A loira alta e amigável parecia ter um talento natural para adquirir contatos em lugares estratégicos. Foi assim que Cassie conseguira o último emprego, apesar de não ter acabado bem; e também tinha sido como conseguiram garantir o apartamento no final do ano a um preço acessível.

– Em Milão? – Jess soou pensativa.

– Ou qualquer lugar próximo – Cassie lembrou, esperando ampliar a rede.

Jess suspirou.

– Não de cabeça. Milão é no norte da Itália, certo?

– É sim.

– Então até alguma coisa na Suíça ou sul da Alemanha daria certo, não é? Acho que você não quer voltar para a França agora.

Ou nunca, Cassie pensou.

– Prefiro ficar longe da França.

– Vou perguntar. Todo mundo está indo esquiar no momento e os meus patrões conhecem pessoas que têm chalés de esqui. Você trabalharia como faxineira do chalé. O dinheiro não é muito, mas você pode esquiar de graça.

– Por favor, pergunte a eles – Cassie disse.

– Enquanto isso, azucrine o cara que falou com a sua irmã – Jess aconselhou. – Não seja tímida. Faça ele sentar com um mapa na frente e olhar para todas as cidades até o nome certo despertar a memória dele.

Ela riu e Cassie viu-se rindo junto com ela.

– Preciso correr – Jess disse. – Consulta no dentista. Para as crianças, não para mim. Conversamos depois, Cassie, boa sorte!

Enquanto Cassie desligava, seu telefone tocou novamente. Descobriu-se falando com Abigail, a mulher que atendera a ligação sobre o emprego de au pair.

– Olá, falo em nome da Sra. Rossi. Você ligou para saber do emprego mais cedo, correto?

– Sim, certo.

– Qual era o emprego, por favor? Assistente de designer de moda ou a posição de au pair?

– A posição de au pair.

– Por favor, aguarde um momento.

A mulher soava nervosa e Cassie ouviu uma conversa sussurrada ao fundo.

Instantes depois, ela falou outra vez.

– Sinto muito. Peço desculpas. Eu não sabia sobre a posição de au pair. A Sra. Rossi confirmou que a vaga está disponível, foi a vaga de designer que foi ocupada. Ela me pediu para descobrir se você ainda está interessada.

– Sim. Estou, sim.

– A Sra. Rossi estará disponível para entrevistas esta tarde, na casa dela, após as 14h30. A primeira candidata que tiver sucesso será contratada e deverá começar imediatamente. Posso te enviar o endereço?

– Por favor – Cassie disse, sentindo preocupação novamente. Parecia que ela precisaria tomar uma decisão instantânea se o emprego era certo ou não para ela. Perguntou-se como seriam as crianças e o pensamento a deixou sentindo náuseas de nervosismo.

Não poderia aceitar o emprego sem conhecer as crianças, decidiu. Era com elas que passaria todos os dias. A mãe delas parecia ser uma mulher rica e, pela experiência limitada de Cassie, isso significava que as crianças poderiam ser mimadas ou negligenciadas.

Quando o telefone vibrou outra vez e as instruções do caminho chegaram, ela decidiu dirigir até lá imediatamente.

Afinal de contas, se não fosse a primeira na fila da entrevista, não haveria decisão nenhuma a ser tomada.

*

Cassie chegou ao bairro pouco antes do meio-dia. As ruas eram silenciosas e imaculadas, com casas grandes bem afastadas da rua, em meio a jardins bem cuidados. Cassie deduziu que, no verão, com as árvores revestidas de verde, as casas ficariam invisíveis a partir da rua.

Ficou surpresa com a quantidade de segurança presente. Todas as casas tinham cercas e muros com portões automáticos. Cassie não tinha certeza se os ricos valorizavam sua segurança e privacidade ou se havia um problema de crime nessa área afluyente. Suspeitava que a primeira opção fosse mais provável.

Dirigindo pelas ruas em seu carro pequeno e antigo, Cassie notou que alguns residentes, em seus automóveis esportivos de cores vivas e carros

SUV escuros, olhavam para ela com suspeita. Ela e o carro destoavam nessa área e as pessoas estavam notando.

Depois de alguns quarteirões, ela encontrou uma cafeteria. Estava ansiosa demais para ter fome, mas se forçou a comer um croissant e beber uma garrafa de água.

Lembrando-se que a mulher obviamente trabalhava no mundo da moda e que a vizinhança era muito afluyente, Cassie estava ansiosa para causar uma boa impressão. Fez um desvio até o banheiro, onde alisou os cabelos e verificou não haver migalhas em cima dela após comer a massa folheada com recheio de mascarpone.

Então, dirigiu-se até a casa e estacionou do lado de fora do portão de ferro ornamentado, faltando exatamente dois minutos para as duas horas.

Ela tremia de nervosismo e desejava estar mais confiante em sua própria habilidade de decidir se o emprego era adequado para ela. Teria que fazer um julgamento por impulso. Haveria muitas variáveis a considerar. E se ela deixasse escapar as mais importantes?

Parecia um grande salto no escuro cogitar voltar a ser au pair depois das experiências que tivera. Se não estivesse tão determinada a permanecer na região e descobrir o que havia acontecido com Jacqui, nunca teria considerado aceitar esse emprego.

Forçando-se a respirar fundo e manter-se calma, Cassie debruçou-se sobre a janela e apertou a campainha do portão.

Após uma pausa, o portão se abriu e ela dirigiu pela entrada da garagem pavimentada que subia através dos jardins.

Estacionou sob a sombra de uma oliveira italiana, ao lado de uma garagem tripla, encorajada ao ver que não havia outros carros parados por perto. Com sorte, isso significaria que ela tinha sido a primeira candidata a chegar.

Cassie caminhou até a enorme porta de entrada de madeira. Tocou a campainha e a ouviu badalar ao longe, dentro da casa.

Esperara que a porta fosse atendida por uma empregada ou assistente, mas ouviu o clique de saltos altos alguns instantes depois e a porta de entrada foi aberta por uma mulher que aparentava ter por volta de quarenta anos de idade, com um ar inconfundível de autoridade.

Ela era, no mínimo, meia cabeça mais alta do que Cassie, mas muito de sua altura era graças ao elegante par de botas de couro azul-pavão, com saltos altos e curvados. Seus cabelos escuros estavam arrumados como uma

obra de arte sobre seus ombros. Uma corrente de ouro pesada brilhava ao redor de seu pescoço e braceletes dourados fizeram barulho em seus braços conforme ela abriu a porta.

– *Buongiorno* – ela disse. Sua voz também tinha um tom autoritário. – Você deve estar aqui para a entrevista de *au pair*?

– Boa tarde. Sim. Meu nome é Cassie Vale. Sei que estou adiantada. A moça com quem falei disse 14h30, mas fiquei preocupada em me atrasar.

Ciente de que estava tagarelando de forma ansiosa, Cassie fechou a boca depressa.

Mas a mulher parecia satisfeita com sua pontualidade. Sua boca perfeitamente desenhada de batom se curvou em um sorriso.

– Pontualidade mostra boas maneiras. Faço questão disso, para mim e para todos os que trabalham comigo. Portanto, agradeço sua cortesia. Sou Ottavia Rossi. Por favor, entre.

Confusa por já ter causado uma impressão positiva, especialmente porque achava a presença da mulher intimidadora, Cassie a seguiu.

Entrando no átrio espaçoso, Cassie notou vários itens de arte e decoração coloridos à mostra. As pinturas chamativas, os vasos e os tapetes vibrantes se destacavam e faziam com que a casa parecesse uma galeria de arte moderna, ainda que convidativa.

Adiante, havia uma escadaria alta de mármore branco levando aos andares superiores.

A atenção de Cassie foi atraída por um exemplar de um sapato de salto fino vermelho vivo, colocado sobre um pedestal na altura da cintura à direita da escadaria. O design do sapato era ousado e primoroso.

A Sra. Rossi sorriu ao ver a direção do olhar de Cassie.

– Esse é o nosso exemplar do “Nina”, que impulsionou a Rossi Calçados à fama internacional nos anos setenta. O design era décadas à frente de seu tempo e, quanto à cor, as pessoas também ficaram chocadas com ela. Mas não escandalizadas demais para comprar.

– É lindo – Cassie disse.

Suspeitou que Ottavia Rossi fosse a dona dessa empresa internacional que, caso operasse desde os anos setenta, provavelmente era um negócio de família estabelecido há muito tempo.

A Sra. Rossi conduziu-a ao redor da escadaria e atravessou um corredor. Erguendo o pescoço, Cassie teve vislumbres de passagens em abóbadas

levando a um enorme e moderno salão e a uma brilhante cozinha onde uma cozinheira trabalhava.

Corredor adentro, havia uma porta fechada. Ela abriu-a e guiou Cassie para dentro.

Este elegante espaço era o escritório da Sra. Rossi. Ela sentou-se diante de uma escrivaninha branca curvada e acenou para que Cassie se sentasse do lado oposto.

De repente, Cassie percebeu que havia chegado de mãos vazias. Não tinha preparado um currículo ou sequer impresso suas informações pessoais, uma cópia de seu passaporte ou carteira de motorista. Essa mulher era uma empresária e certamente esperaria aquilo. Cassie ficou horrorizada por ter se esquecido.

– Sinto muito – ela começou. – Cheguei à Itália recentemente e ainda não tive tempo de atualizar o meu currículo. Essa oportunidade de emprego foi tão inesperada que corri para cá querendo saber mais.

Para seu alívio, a Sra. Rossi assentiu.

– Compreendo. Eu também viajei muito com meus vinte anos. Você parece ter essa idade, se eu estiver correta?

Cassie assentiu. – Sim. Na verdade, tenho meu passaporte comigo, se quiser dar uma olhada.

– Obrigada.

A Sra. Rossi pegou o documento e folheou-o brevemente antes de devolvê-lo à Cassie.

– Agora, você pode me dar um breve resumo dos trabalhos que já fez – ela disse.

Ouvindo isso, Cassie ficou tonta, porque percebeu que não poderia sequer oferecer referências de nenhum emprego onde alegava ter trabalhado desde que chegara à Europa. Seu primeiro patrão estava envolvido em um julgamento por assassinato e não diria nada de bom a respeito dela – na realidade, Cassie estava certa de que ele tentaria colocar a culpa nela de imediato, insistindo ter sido acusado injustamente.

Seu segundo patrão estava morto, assassinado enquanto Cassie trabalhava para ele. Ninguém naquela família poderia oferecer uma recomendação a ela. Isso não era somente um desastre, era uma catástrofe.

CAPÍTULO SEIS

Cassie sentava-se em silêncio, a mente acelerada. Sabia que a Sra. Rossi estava esperando que ela falasse e que qualquer hesitação levantaria questionamentos, mas não tinha ideia do que dizer.

A palavra “assassinato” seria o suficiente para dissuadir qualquer empregador em potencial. Independente das circunstâncias, a decisão seria de que o risco não valia a pena.

Cassie não poderia culpá-la. Começava a se perguntar se ela própria era a portadora da má sorte – ou, então, se suas próprias decisões haviam causado a ocorrência dos terríveis incidentes.

Sua única opção era encobrir sua experiência recente e focar no trabalho que tinha realizado nos Estados Unidos.

Limpou a garganta e começou a falar.

– Saí de casa com dezesseis anos e paguei minha própria faculdade, trabalhando principalmente como garçoneiro – ela disse.

Não elaborou a razão para ter saído de casa, mas torceu para que sua independência e autossuficiência ganhassem favor aos olhos da Sra. Rossi. Para seu alívio, a empresária assentiu com aprovação.

– Fui tutora durante esse período, ajudando crianças mais novas com os estudos, e também trabalhei em uma creche por um tempo para substituir alguém em licença maternidade. Fui totalmente liberada e obtive toda a aprovação necessária para trabalhar, posso te mostrar no meu celular. Também tenho a referência do restaurante onde trabalhei por dois anos, dizendo que sou confiável e trabalho duro, sempre fazendo o máximo para deixar os clientes satisfeitos.

Felizmente, aqueles documentos tinham sido parte de sua primeira candidatura a au pair e ela tinha cópias salvas online. Embora o trabalho do restaurante não fosse relevante, era sua única recomendação de verdade.

– Excelente – disse a Sra. Rossi.

– Desde que cheguei à Europa, viajei bastante. Comecei como au pair de uma família em Paris. As crianças mudaram para o sul da França, então passei um tempo no Reino Unido em dezembro.

O rosto de Cassie parecia quente. Sua história estava cheia de buracos. Se a Sra. Rossi questionasse sua versão, rapidamente descobriria que Cassie não lhe contara toda a verdade. Mas, para sua surpresa, a empresária pareceu satisfeita e falou em seguida.

– Vou te dar o contexto da minha situação. Passei por um divórcio há alguns meses e, apesar de ter conseguido trabalhar em casa por um tempo, a empresa está muito movimentada agora. Expandimos para vários novos mercados e adquirimos mais marcas. Planejamos este crescimento, é claro, mas aconteceu mais rápido do que o esperado. Minha mãe irá se mudar para cá para cuidar das crianças, mas precisa de tempo para se preparar e fazer as malas. Então, preciso de você por três meses. Você morará aqui, é claro. As crianças são bem-comportadas e temos uma cozinheira e um motorista, portanto não será uma responsabilidade muito onerosa.

Cassie engoliu em seco.

– Como são as crianças? Poderia me falar mais sobre elas, por favor?

– Duas meninas, de oito e nove anos. A Nina é a mais velha e a Venetia é a mais nova. Elas são bem-comportadas.

Já que a Sra. Rossi não parecia ter muito a dizer sobre as crianças, Cassie reuniu sua coragem para perguntar.

– Será que eu posso conhecê-las, talvez? Descobrir se vamos nos dar bem, antes de decidir?

Não tinha ideia se a Sra. Rossi poderia achar que a pergunta era grosseira, já que ela havia atestado o bom comportamento de suas filhas.

A empresária assentiu.

– É claro. Elas já devem ter voltado da escola. Siga-me.

Ela levantou-se e saiu da sala, com Cassie correndo atrás dela.

Cassie estava impressionada com o ar de autoridade da mulher. Se isso era o que é preciso para comandar uma empresa internacional, não conseguia se imaginar jamais fazendo algo parecido. Nem em um milhão de anos. Não era uma pessoa desse calibre e não tinha a mesma presença dominante.

Felizmente, pressentiu que a Sra. Rossi parecia gostar dela. De todo modo, ela não parecia ter uma antipatia inerente a Cassie, como ela tinha pressentido com seus empregadores franceses.

Subiram as escadas de mármore até o andar de cima. A casa era construída em formato de ferradura, com duas alas principais. Os quartos das crianças eram no piso superior, do lado direito da ferradura.

O barulho dos saltos de Ottavia Rossi no piso frio era alto o bastante para alertar as crianças de que ela estava chegando e Cassie impressionou-se ao ver duas meninas de cabelos escuros saindo de seus quartos, parando lado a lado para aguardar que elas se aproximassem.

Elas usavam elegantes vestidos de manga comprida que pareciam idênticos exceto por suas cores – um amarelo, o outro azul. Os sapatos de cores vivas fizeram Cassie se perguntar se a Rossi Calçados tinha uma linha infantil e se esses sapatos faziam parte dela.

– Meninas, gostaria que conhecessem Cassie – a Sra. Rossi disse. – Ela está aqui para uma entrevista, talvez cuidará de vocês pelas próximas semanas. Gostariam de cumprimentá-la, fazer perguntas?

– Boa tarde, prazer em conhecê-la – as crianças disseram em coro e Cassie ficou surpresa com o excelente inglês delas.

A menina mais alta deu um passo à frente.

– Sou Nina.

Ela estendeu a mão e Cassie a apertou, surpresa com a saudação formal.

– Sou Venetia – a menina mais nova disse.

Cassie apertou sua mão pequena e quente. Apesar da cena parecer bem esquisita, já que ficar parada formalmente no corredor não era ideal para conversar e relaxar, Cassie sabia que precisava provar que era uma pessoa agradável e amigável.

Sorriu para as crianças.

– Vocês duas têm nomes lindos.

– Obrigada – disse Nina.

– Foram à escola hoje?

Venetia pareceu feliz em responder.

– Sim. Fazemos a lição de casa à tarde. É com isso que estamos ocupadas agora.

– Uau, vocês duas são meninas muito boazinhas. Qual sua matéria favorita na escola?

As garotas trocaram olhares.

– Inglês – Nina voluntariou.

Venetia fez uma pausa.

– Eu gosto de matemática.

Cassie estava maravilhada. Claramente, isso era o necessário para ser bem-sucedido – disciplina e paixão pelos estudos desde jovem. Já

conseguia ver que essas meninas seguiriam os passos de sua mãe, podia visionar o caminho dourado do futuro delas.

Imaginava que as meninas fossem ter oportunidades que ela própria jamais poderia sonhar. Por um momento, Cassie perguntou-se como seria nascer apaixonada por estudar e ser herdeira de um império da moda.

– E quanto às suas atividades? O que gostam de fazer fora da escola?

Novamente, as meninas trocaram um olhar.

– Estou gostando das minhas aulas de canto – disse Nina.

– Gosto de andar a cavalo. Nós duas fazemos aulas aos domingos – Venetia acrescentou.

– Parece maravilhoso – Cassie disse e sua impressão a respeito da vida delas se expandiu. Essas meninas não só eram motivadas e empenhadas, com inclinações acadêmicas, mas também eram capazes de explorar atividades que só em seus sonhos Cassie teria condições de pagar.

Percebeu que essa família, em sua casa moderna e graciosa, assemelhava-se a famílias sobre as quais ela lia nas revistas lustrosas em salões de beleza. Eram a elite da sociedade e estar associada a elas era empolgante, ainda que um pouco desconcertante.

O único defeito na vida perfeita delas devia ser o divórcio e Cassie imaginou como devia ser o marido da Sra. Rossi. Presumidamente, já que o império Rossi vinha do lado dela da família, a mulher tinha revertido ao nome de solteira após o divórcio, ou jamais usara o nome do marido. Cassie perguntou-se se as crianças estariam traumatizadas pelo divórcio e se passavam tempo com o pai. Precisava fazer todas essas perguntas à Sra. Rossi, ou mesmo às crianças, mas não agora.

Chocada, Cassie percebeu que já estava pensando à frente, como se sua mente já tivesse decidido aceitar o emprego.

As meninas olhavam para ela com expectativa. Não haviam se movido de suas posições. Era como se esperassem permissão para sair, e ela ficou mais uma vez impressionada com o autocontrole delas.

– Muito obrigada por conversar comigo – ela disse. – Foi um prazer conhecer vocês. Precisam continuar a lição de casa agora?

– Vão, meninas – a Sra. Rossi disse, e elas desapareceram em seus quartos.

Enquanto voltavam pela passagem, Cassie não pôde evitar elogiá-las.

– Elas são incríveis. Nunca conheci meninas tão novas que fossem tão obedientes e bem-comportadas. E também que amam tanto estudar, você

deve se orgulhar muito delas.

A Sra. Rossi pareceu satisfeita ao responder.

– É um trabalho contínuo, como acredito ser o caso com qualquer criança – ela disse. – Elas têm uma empresa para herdar um dia, então me esforço para inculcar nelas os valores corretos.

Desceram pela alta escadaria e retornaram ao escritório.

– Então, agora que já conheceu a família, vamos conversar sobre a posição – ela disse. – Você foi a primeira a chegar. Depois da confusão de Abigail com as vagas de emprego, não conseguimos contatar muitas outras candidatas. Você parece competente e as crianças parecem interagir bem com você. Se quiser a vaga, posso oferecê-la. Será solicitado que você passe tempo com elas depois da escola e aos domingos. O horário escolar é das 8h às 13h30, a não ser que tenham atividades à tarde.

Cassie inspirou profundamente. Sentia-se lisonjeada que a Sra. Rossi pensasse que ela era uma pessoa com calibre para cuidar de suas duas filhas excepcionais. Nem sequer tinha pedido números de telefone para checar nenhuma das referências de Cassie.

– Acredito que toda oportunidade abre uma porta – a Sra. Rossi continuou. – Se for capacitada nessa posição, talvez haja possibilidades futuras no horizonte. Temos vagas de estágio regularmente. Caso queira ficar na Itália por mais tempo quando a atribuição terminar e trabalhar no mundo da moda, isso provavelmente pode ser arranjado.

O coração de Cassie saltou. Isso era muito mais do que uma oportunidade temporária. Poderia até mesmo ser uma futura direção de carreira e uma forma de melhorar suas chances de encontrar e se reconectar com Jacqui.

Imaginou-se com sua irmã, ambas com empregos de sucesso na indústria da moda, alugando um lindo apartamento em bairro sofisticado. À noite, poderiam conversar sobre o dia no trabalho e se revezarem para cozinhar antes de saírem para frequentar festas e dançar na cidade.

Quanto mais Cassie pensava nisso, mais empolgada ficava por essa oportunidade ter aparecido em seu caminho. Considerando que era muito mais que um simples trabalho como au pair, não poderia recusar de jeito nenhum. Precisava se dedicar de alma e coração, garantir que tudo fosse executado à perfeição, pois representava uma oportunidade que poderia mudar sua vida.

– Um estágio soa empolgante e é algo que eu adoraria fazer no futuro. Ficarei muito feliz em aceitar a posição como au pair agora. Agradeço pela oferta – ela disse.

A Sra. Rossi ofereceu um pequeno sorriso.

– Neste caso, está contratada. Seus pertences estão com você?

– Estão no carro.

– Uma das empregadas te ajudará a levar tudo até o seu quarto. Hoje à noite, as crianças e eu visitaremos minha mãe, portanto jantaremos lá. É a folga da nossa cozinheira, mas há serviços de entrega de comida à disposição. Os cardápios ficam na gaveta da cozinha. Peça o que quiser no telefone fixo. Eles entregam em meia hora e adicionam à nossa conta.

– Obrigada – Cassie disse.

– Uma regra importante que devo compartilhar com você.

Ela inclinou-se para frente e Cassie viu-se fazendo o mesmo.

– Por favor, não deixe ninguém entrar na casa, a menos que tenha confirmado quem é. Moramos em um bairro rico, mas, infelizmente, há crime por toda parte. Já fomos alvos de ladrões e assaltantes antes. Com duas crianças pequenas, sequestro e tráfico são sempre uma ameaça, então preciso que fique alerta. A não ser que esteja esperando uma entrega, não permita que estranhos entrem. Entendeu?

Cassie assentiu, nervosa com o pensamento das crianças como alvo. Graças a sua experiência recente no centro de Milão, ela sabia que esse tipo de crime era um risco real.

– Entendi. Ficarei bem atenta – disse.

– Bom. Vejo você amanhã – a Sra. Rossi confirmou.

Ela apanhou um interfone, apertou um botão e falou brevemente em italiano antes de devolver o interfone no lugar.

– A empregada está a caminho – disse à Cassie.

Naquele momento, o celular da Sra. Rossi tocou.

– *Ciao* – ela atendeu, soando impaciente.

Pressentindo que seria falta de educação ouvir a conversa, Cassie levantou-se depressa e saiu pela porta para esperar a empregada do lado de fora.

Ao deixar a sala, ouviu a Sra. Rossi dizer em tom severo – Abigail?

Cassie lembrou-se que essa era a mulher que lhe dissera por engano que a posição de au pair tinha sido preenchida.

Fez-se uma pausa e, em seguida, Cassie ouviu-a falando outra vez, a voz elevada e cheia de raiva.

– Você fez besteira, Abigail. Isso não é aceitável, e suas desculpas também não. Você não virá trabalhar amanhã. Está demitida!

CAPÍTULO SETE

Cassie afastou-se da porta do escritório, torcendo para que a Sra. Rossi não tivesse percebido que ela tinha ouvido. Estava profundamente chocada. A jovem funcionária havia sido demitida por um mal-entendido sobre um anúncio de emprego?

Não poderia ser a história toda. Devia haver outras coisas que ela fizera errado. Pelo menos, Cassie esperava que houvesse. Com um arrepio, percebeu que talvez isso fosse o que é preciso para construir um império, por isso tão poucas pessoas tinham sucesso. Erros e desculpas não eram aceitáveis. Isso significava que ela teria que se manter sempre alerta, o tempo todo, e tentar ao máximo não fazer besteira.

Imagine só se ela fizesse algo errado e a Sra. Rossi cuspiasse aquelas palavras perversas, mandando-a arrumar as malas e sair. Ela tinha soado furiosa, como alguém completamente diferente. Cassie não pôde evitar sentir pena da desafortunada Abigail, mas lembrou a si mesma que não lhe cabia julgar a situação e que não sabia nada sobre o histórico entre elas.

Cassie ficou feliz em ver a empregada se aproximando e poder se afastar da conversa unilateral furiosa que ainda ouvia de dentro do escritório. A mulher uniformizada falava italiano, mas elas foram capazes de se comunicar através de gestos com as mãos.

Caminharam até o estacionamento e a mulher mostrou a Cassie onde ela deveria estacionar, em um espaço coberto atrás da casa. Ela lhe deu uma chave da porta de entrada com um controle remoto que operava o portão, depois ajudou-lhe a carregar as malas até o andar de cima.

Automaticamente, Cassie virou à direita, em direção aos quartos das meninas, mas a empregada a chamou de volta.

– *No* – ela disse, e Cassie ficou grata por entender esta palavra em italiano.

A empregada apontou o final do corredor, no lado oposto da ferradura.

Cassie mudou de direção, confusa. Presumira que seu quarto seria próximo ao das crianças para que pudesse cuidar delas caso precisassem de algo à noite. Do lado oposto dessa casa enorme, não seria capaz de ouvi-las

se chorassem. Na realidade, o quarto da Sra. Rossi, no centro da ferradura, era mais perto.

Ainda assim, ela já tinha visto como as meninas eram independentes para sua idade e talvez isso significasse que elas não precisassem de ajuda à noite – ou, se precisassem, que eram confiantes o bastante para atravessar a casa e chamá-la.

O quarto dela, grande e com um banheiro na suíte, estava localizado ao final da outra ponta da ferradura. Olhando pela janela, Cassie viu que os quartos tinham vista para um jardim e um pátio com uma fonte ornamental no centro.

Do outro lado, ela podia ver as janelas dos quartos das meninas e, de fato, à luz do sol de fim de tarde, ela conseguia distinguir a cabeça de uma das crianças, sentada diante de uma escrivaninha, ocupada com sua lição de casa. Como as meninas tinham rabos de cavalos idênticos e altura similar, não conseguia deduzir qual delas era, porque o encosto da cadeira obstruía sua visão do vestido, que seria uma dica. Ainda assim, era bom saber que podia observá-las a partir de seu quarto afastado.

Cassie teve vontade de cruzar a ferradura e ir conhecer as crianças melhor, para que tivesse certeza de estar começando com o pé direito com elas.

Contudo, elas estavam fazendo a lição de casa, depois saíam com sua mãe, então ela teria que esperar.

Em vez disso, Cassie desfez as malas e certificou-se de que seu quarto e guarda-roupa estivessem bem arrumados.

A Sra. Rossi não perguntara se ela tomava algum medicamento, então Cassie não contou sobre os remédios para ansiedade que a mantinham equilibrada.

Guardou os frascos fora de vista, no fundo da gaveta ao lado de sua cama.

Cassie não havia esperado passar sua primeira noite na casa sozinha, descendo até a cozinha vazia e vasculhando as gavetas até encontrar os cardápios.

A geladeira estava cheia de comida, mas Cassie não fazia ideia se estaria reservada para refeições futuras e não havia ninguém para quem pudesse perguntar. Todos os funcionários, incluindo a empregada que lhe ajudara, pareciam ter encerrado o expediente. Sentia-se desconfortável com

a ideia de encomendar comida na conta da família logo em sua primeira noite, mas decidiu que seria melhor seguir as ordens da Sra. Rossi.

Havia um telefone na cozinha, então ela ligou para um dos restaurantes locais e pediu uma lasanha e uma Coca-Cola Zero. Meia hora depois, a comida chegou. Sem desejar entrar na sala de jantar formal, Cassie explorou mais. O térreo possuía muitos cômodos menores e, em um deles, que supôs ser a sala de jantar das crianças, havia uma pequena mesa com quatro cadeiras.

Ela sentou-se lá e comeu enquanto estudava seu livro de frases em italiano. Depois, exausta por tudo o que acontecera naquele dia, foi para a cama.

Logo antes que ela adormecesse, seu telefone vibrou.

Era o barman simpático do albergue.

“Ei, Cassie. Acho que lembrei onde Jax estava trabalhando. O nome da cidade é Bellagio. Espero que ajude, dedos cruzados!”

Esperança inundou Cassie ao ler as palavras. Essa era a cidade – a verdadeira cidade – onde sua irmã tinha ficado. Ela teria trabalhado lá? Cassie esperava que ela tivesse se hospedado em um albergue ou hospedaria, já que isso significaria que poderia ser rastreada. Cassie começaria sua investigação assim que tivesse tempo e sentia-se confiante de que ela traria resultados.

Como seria a cidade? O nome parecia encantador. Por que Jacqui escolhera viajar para lá?

Havia tantas perguntas sem resposta borbulhando em sua mente que Cassie demorou muito mais do que esperava para cair no sono.

Quando finalmente dormiu, ela sonhou que estava na cidade. Era pitoresca e cinematográfica, com terraços arredondados e construções em pedra cor de mel. Andando pela rua, ela perguntou a um passante:

– Onde posso encontrar minha irmã?

– Ela está ali – ele apontou o topo de uma colina.

Conforme caminhava, Cassie começou a imaginar o que haveria lá em cima. Parecia muito distante de qualquer lugar. O que Jacqui estava fazendo lá? Por que ela não tinha descido para encontrar Cassie, uma vez que sabia que sua irmã estava na cidade?

Finalmente, sem fôlego, ela chegou ao topo da colina, mas a torre tinha sumido e tudo o que via era um enorme e escuro lago. As águas turvas lambiam as margens de pedras escuras que ruíam ao seu redor.

– Estou aqui.

– Onde?

A voz parecia de vir de muito longe.

– Você chegou tarde demais – Jacqui sussurrou, sua voz rouca e cheia de tristeza. – Papai me alcançou primeiro.

Horrorizada, Cassie debruçou-se para olhar para baixo.

Jacqui estava lá, deitada no fundo da água fria e sombria.

O cabelo dela girava ao seu redor e seus membros estavam brancos e sem vida, cobrindo as pedras pontiagudas como algas marinhas, enquanto seus olhos vazios olhavam para cima.

– Não! – Cassie gritou.

Ela percebeu que aquela não era Jacqui e que não estava na Itália. Estava de volta à França, olhando por cima do parapeito de pedra para o corpo estatelado lá embaixo. Isso não era um sonho, era uma memória. A tontura a dominou e ela agarrou a pedra, com medo de cair também, pois se sentia muito fraca e impotente.

– É para isso que servem os pais. É o que eles fazem.

A voz provocante veio de trás dela e ela girou, cambaleando.

Lá estava ele, o homem que havia mentido para ela, a enganado e destruído sua confiança. Mas não estava olhando para o seu pai. Era Ryan Ellis, seu patrão na Inglaterra, o rosto dele contorcido em desprezo.

– É o que os pais fazem – ele sussurrou. – Machucam. Destroem. Você não é boa o bastante, e agora é sua vez. É o que eles fazem.

A mão estendida dele agarrou sua camiseta e ele a empurrou com toda sua força.

Aterrorizada, Cassie gritou ao sentir suas mãos escorregarem da pedra.

Ela estava caindo, caindo.

E então, ela aterrissou e se sentou, ofegante, com suor gelado fazendo-a sentir frio, apesar de o quarto espaçoso estar aquecido.

A configuração do quarto não lhe era familiar e ela passou um tempo tateando ao redor antes de localizar a mesa de cabeceira e, depois, finalmente, o interruptor.

Acendeu a luz e sentou-se, desesperada para confirmar que havia escapado do pesadelo.

Estava na larga cama de casal com cabeceira de metal ornamentado. Do lado oposto do quarto, havia uma grande janela saliente com as cortinas marrom-douradas fechadas.

À direita estava a porta do quarto e, à esquerda, a porta do banheiro. A escrivaninha, a cadeira, o frigobar e o guarda-roupas, tudo estava como ela se lembrava.

Cassie soltou uma longa respiração, reconfortada por não estar mais presa no sonho.

Apesar de ainda estar escuro, já passava das 7h15 da manhã. Com um sobressalto, lembrou que não havia recebido instruções sobre o que as crianças deveriam estar fazendo. Ou recebera, mas tinha se esquecido? A Sra. Rossi havia dito algo sobre a escola?

Cassie balançou a cabeça. Não conseguia se recordar de nada e não achava que ela tinha mencionado o horário escolar.

Desceu da cama e trocou de roupa rapidamente. No banheiro, domou suas ondas castanho-avermelhadas em um penteado conciso que esperava ser aceitável neste lar focado na moda.

Enquanto encarava o espelho, ouviu um barulho do lado de fora.

Cassie congelou, escutando.

Distinguiu o fraco som de passos triturando cascalho. O vidro da janela do banheiro, que tinha uma camada de gelo, estava voltado para fora, na direção do portão.

Será que era algum dos funcionários da cozinha?

Ela abriu a janela e espiou o exterior.

Ainda era muito cedo e, na manhã cinzenta, Cassie viu uma figura envolta em roupas escuras rodeando a casa. Enquanto observava, atônita, distinguiu a forma de um homem de gorro preto, carregando uma pequena mochila escura. Ela teve apenas um vislumbre momentâneo, mas viu que ele se dirigia à porta dos fundos.

Seu coração acelerou ao pensar em invasores, no portão automático e nas câmeras de segurança.

Lembrou-se das palavras da Sra. Rossi e o aviso claro que havia dado. Esta era uma família rica. Sem dúvidas, podiam ser alvos de assaltos ou mesmo sequestro.

Ela precisava investigar. Caso achasse que ele parecesse perigoso, ela poderia soar o alarme, gritar e acordar a casa toda.

Conforme se apressava para o piso inferior, ela decidiu seu plano de ação.

O homem dirigia-se para os fundos da casa, então ela sairia pela porta da frente. Agora, havia luz o bastante para conseguir enxergar e a noite fria

tinha deixado geada no gramado. Ela conseguiria rastrear as pegadas dele.

Cassie saiu, trancando a porta da frente atrás de si. A manhã estava silenciosa, com um frio congelante, mas ela estava tão nervosa que mal notou a temperatura.

As pegadas estavam lá, fracas, porém nítidas na geada. Davam a volta na casa, sobre o gramado bem-cuidado, seguindo sobre os ladrilhos do pátio.

Seguindo-as, viu que as pegadas levavam à porta dos fundos, que estava aberta.

Cassie subiu os degraus devagar, notando as marcas distintas de sapato em cada pedra da escada.

Parou na soleira da porta, esperando, fazendo esforço para ouvir qualquer som suspeito acima do som de seu próprio coração martelando.

Não ouviu nada lá dentro, embora as luzes estivessem acesas. Um ligeiro cheiro de café flutuava até ela. Talvez o homem fosse um motorista, entregando uma encomenda, e a cozinheira havia lhe deixado entrar. Mas, então, onde ele estava, e por que ela não ouvia vozes?

Na ponta dos pés, Cassie entrou na cozinha e não encontrou ninguém.

Decidiu verificar as crianças e garantir que estivessem bem. Depois, uma vez que confirmasse que estavam seguras, acordaria a Sra. Rossi e explicaria o que tinha visto. Podia ser alarme falso, mas prevenir era melhor que remediar, especialmente considerando que o homem parecia ter desaparecido do nada.

Seu vislumbre tinha sido tão fugaz que, se ela não tivesse visto as marcas de sapato, Cassie acreditaria ter imaginado a figura furtiva.

Subiu as escadas correndo e foi em direção aos quartos das crianças.

Antes de alcançá-los, parou repentinamente, cobrindo a boca com a mão para abafar um grito.

Lá estava o homem – uma figura esguia, envolta em roupas escuras.

Ele estava do lado de fora do quarto da Sra. Rossi, estendendo a mão esquerda sobre a maçaneta.

Ela não conseguia enxergar a mão direita dele, pois estava estendida na frente do corpo dele; pelo ângulo, era óbvio que ele estava segurando alguma coisa.

CAPÍTULO OITO

Precisando de uma arma, Cassie agarrou o primeiro item que seus olhos cheios de pânico puderam ver – uma estatueta de bronze em uma mesa lateral perto da escada.

Depois, correu em direção a ele. Teria o fator surpresa, já que ele não conseguiria se virar a tempo. Primeiro, ela batera com a estatueta na cabeça dele, depois, na mão direita, para desarmá-lo.

Cassie deu um salto à frente. Ele estava se virando – essa era sua chance. Ela ergueu sua arma improvisada.

Então, quando ele virou para encará-la, ela parou de súbito. O lamento de surpresa dela foi engolido pelo grito de indignação dele.

O homem baixo e esguio segurava na mão uma caneca grande de café para viagem.

– Que diabos? – Ele gritou.

Cassie baixou a estatueta e o encarou, incrédula.

– Você estava tentando me atacar? – O homem vociferou. – Está louca? Você quase me fez derrubar isso.

Ele olhou para o café, que havia espirrado sobre a mão dele através da abertura na tampa. Algumas gotas foram derramadas no chão. Ele pegou um lenço no bolso e abaixou-se para limpar.

Cassie deduziu que ele tivesse pouco mais de 30 anos. Ele tinha a aparência imaculadamente bem-cuidada. Seu cabelo castanho tinha um corte dégradé perfeito e ele tinha uma barba curta e bem-feita. Ela reconheceu uma ponta de sotaque australiano na voz dele.

Elevando a postura, ele olhou para ela fixamente.

– Quem é você?

– Sou Cassie Vale, a au pair. Quem é você?

As sobrancelhas dele se ergueram.

– Desde quando? Você não estava aqui ontem.

– Fui contratada ontem à tarde.

– A *Signora* contratou você?

Ele enfatizou a última palavra e a encarou por alguns segundos, durante os quais Cassie sentiu-se cada vez mais desconfortável. Ela assentiu, sem dizer nada.

– Entendo. Bem, meu nome é Maurice Smithers, sou o assistente pessoal da Sra. Rossi.

Cassie o encarou, boquiaberta. Ele não se encaixava na imagem dela de como seria um assistente pessoal.

– Por que você entrou na casa tão furtivamente?

Maurice suspirou.

– A porta da frente é difícil de abrir no frio. Faz um barulho horrível e eu não gosto de perturbar a casa toda quando chego cedo. Então, uso a porta dos fundos, já que é mais silenciosa.

– E o café?

Cassie olhou para a caneca, ainda pega de surpresa pela estranheza na aparência dele e sua função proferida.

– É de uma cafeteria artesanal no fim da rua. É o favorito da *Signora*. Trago uma xícara para ela quando temos reuniões matinais.

– Tão cedo?

Apesar de seu tom acusatório, Cassie sentia-se envergonhada. Tinha acreditado estar sendo heroica, agindo para o bem da Sra. Rossi e suas filhas. Agora, descobria que tinha cometido um erro grave e tinha começado com o pé esquerdo com Maurice. Como assistente pessoal da Sra. Rossi, ele obviamente era uma figura influente na vida dela.

Suas visões de um futuro estágio subitamente pareciam menos certas. Cassie não suportava pensar que seu sonho talvez já tivesse sido comprometido graças a suas próprias ações imprudentes.

– Temos um dia muito agitado hoje. A Sra. Rossi prefere começar cedo. Agora, se não se importa, eu gostaria de entregar isso a ela antes que esfrie.

Ele bateu na porta respeitosamente e, no momento seguinte, ela foi aberta.

– *Buongiorno, Signora*. Como está nesta manhã?

A Sra. Rossi estava vestida, perfeitamente montada. Usava um par de botas diferente hoje; este era cor de cereja com grandes fivelas prateadas.

– *Molto bene, grazie*, Maurice. – Ela tomou o café dele.

A troca de gentilezas em italiano parecia ser uma formalidade antes que a conversa mudasse para o inglês, Cassie percebeu, conforme Maurice continuou.

– Está frio lá fora. Devo ligar o aquecedor no seu escritório?

Até agora, Cassie não soubera que Maurice era capaz de sorrir, mas agora o rosto dele se esticava em um sorriso adulator e ele praticamente espumava com o desejo de agradar.

– Não ficaremos lá por muito tempo. Tenho certeza que a temperatura está adequada. Traga meu casaco, sim?

– É claro.

Maurice pegou o casaco de colarinho de pelos no mancebo de madeira perto da porta do quarto. Seguindo-a de perto, ele começou a falar, animado.

– Espere só até você ouvir o que preparamos para a Semana da Moda. Tivemos uma reunião excelente ontem com a equipe francesa. Eu gravei tudo, é claro, mas também tenho as atas e um resumo preparado.

Cassie deu-se conta de que a Sra. Rossi não dissera uma palavra a ela. Devia tê-la visto parada ali, mas sua atenção estivera completamente focada em Maurice. Agora, os dois seguiam em direção ao escritório onde Cassie tinha sido entrevistada no dia anterior.

Não achou que a Sra. Rossi estivesse deliberadamente a ignorando – pelo menos, esperava que não. Era mais como se ela estivesse completamente distraída por seu trabalho, com sua atenção plena no dia de negócios à sua frente.

– Tenho o relatório de vendas da semana passada, e chegou uma resposta dos fornecedores da Indonésia.

– Espero que sejam boas notícias – disse a Sra. Rossi.

– Acho que sim. Eles estão exigindo mais informações, mas parece positivo.

Maurice praticamente adulava a Sra. Rossi e Cassie não fazia ideia se ele a ignorava sem querer ou de propósito, talvez para mostrar o quanto ele era mais importante na vida dela do que Cassie.

Ela seguiu-os até o escritório, trilhando alguns passos atrás, esperando o momento certo em que houvesse um intervalo na conversa, para então perguntar sobre os horários das crianças.

Logo ficou evidente que não haveria um intervalo. Com as cabeças encurvadas diante do computador de Maurice, nenhum deles sequer olhava em sua direção. Cassie teve certeza que Maurice estava a ignorando de propósito. Afinal de contas, ele sabia que ela estava ali.

Pensou em interrompê-los, mas ficou nervosa. A atenção deles estava focada demais e Cassie não queria deixar a Sra. Rossi brava, especialmente já que a conversa que ouvira por acaso no dia anterior tinha provado que a empresária tinha um pavio curto.

Depois de ser contratada, ela tinha se sentido no topo do mundo, sendo elogiada por essa mulher influente. Esta manhã, era como se ela não existisse para a Sra. Rossi.

Dando as costas, Cassie sentiu-se insegura e desencorajada. Tentou afastar os pensamentos negativos e lembrou-se com firmeza que sua função era cuidar das crianças, e não monopolizar a atenção da Sra. Rossi quando ela estava tão ocupada. Com sorte, Nina e Venetia saberiam a respeito de seus horários.

Quando Cassie foi até o quarto das meninas, encontrou-os vazios. Ambas as camas tinham sido arrumadas imaculadamente e os quartos estavam organizados. Imaginando que elas deviam ter descido para o café da manhã, Cassie dirigiu-se à cozinha e ficou aliviada ao encontrá-las lá.

– Bom dia, Nina e Venetia – ela disse.

– Bom dia – elas responderam educadamente.

Nina sentava-se na cadeira enquanto Venetia, atrás dela, amarrava um elástico em seu rabo de cavalo. Cassie deduziu que Nina já fizera o mesmo em sua irmã, porque o cabelo de Venetia já estava amarrado.

Ambas as meninas vestiam batas escolares cor-de-rosa e brancas. Tinham preparado torradas e suco de laranja, dispostos sobre o balcão.

Cassie ficou impressionada pelo modo como elas pareciam se comportar em conjunto. Pelo que vira até agora, elas tinham um relacionamento harmonioso; não havia sinais de brigas ou provocações. Imaginou que, por terem a idade tão próxima, elas pareciam mais gêmeas do que uma irmã mais nova e uma mais velha.

– Vocês duas são tão bem organizadas – Cassie disse, com admiração. – Vocês são espertas, cuidando de si mesmas. Querem que eu pegue algo para passar na torrada? O que vocês comem, geralmente? Geleia, queijo, manteiga de amendoim?

Cassie não sabia ao certo o que havia na casa, mas deduziu que o básico devia estar à disposição.

– Gosto de torrada só com manteiga – disse Nina.

Cassie presumiu que Venetia fosse concordar com a irmã. Mas a menina mais nova olhou para ela com interesse, como se considerasse as sugestões.

Depois, disse:

– Geleia, por favor.

– Geleia? Sem problema.

Cassie abriu os armários até encontrar o que queria. Estavam em uma prateleira alta – alta demais para crianças alcançarem.

– Tem geleia de morango e de figo. Qual você quer? Ou então, tem Nutella.

– Morango, por favor – Venetia disse, educada.

– Não temos permissão para comer Nutella – Nina explicou. – É só para ocasiões especiais.

Cassie assentiu. – Isso faz sentido, já que é tão bom.

Passou a geleia para Venetia e se sentou.

– O que vocês farão esta manhã, meninas? Parecem prontas para a escola. Devo levar vocês? Que horas começa, e vocês sabem o caminho?

Nina terminou a bocada de sua torrada.

– A escola começa às oito, e hoje saímos duas e meia, já que temos aula de canto. Mas temos um motorista, o Giuseppe, para nos levar e buscar.

– Ah.

Cassie não conseguiu esconder sua surpresa. O arranjo era muito mais organizado do que ela esperara. Sentiu que sua função era redundante e se preocupou se a Sra. Rossi perceberia que poderia sobreviver sem ela, e talvez não precisasse dela para os três meses completos de contrato. Ela precisava se fazer útil. Com sorte, quando as crianças voltassem da escola, elas teriam lição de casa e Cassie poderia ajudá-las.

Ponderando sua estratégia, Cassie levantou-se para preparar café.

Quando olhou para as meninas de novo, viu que já haviam terminado seu café da manhã.

Nina empilhava os pratos e copos na lava-louças e Venetia tinha colocado um banquinho diante do armário. Enquanto Cassie observava, ela subiu e estendeu o braço até onde conseguiu para devolver a geleia ao seu lugar.

– Não se preocupe, eu faço isso.

Venetia pareceu balançar no banquinho e Cassie apressou-se até lá, prevendo que isso poderia acabar em desastre.

– Eu faço isso.

Venetia agarrou-se ainda mais ao pote de geleia, recusando-se a deixar Cassie tomá-lo.

– Não tem problema, Venetia. Eu sou mais alta.

– Eu preciso fazer isso. – A menina mais nova soava intensa. Mais que isso, parecia desesperada para conseguir sozinha.

Nas pontas dos pés, com Cassie rondando ao seu redor, pronta para agarrá-la se a cadeira caísse, Venetia guardou a geleia, empurrando o pote cuidadosamente para o lugar exato onde estivera antes.

– Muito bem – Cassie a elogiou.

Supôs que a independência feroz devia ser parte do temperamento da menina e de sua criação. Parecia incomum, mas nunca havia trabalhado para uma família de tanto calibre antes.

Ficou parada, observando Venetia manobrar o banco de volta à sua posição exata. A esta altura, Nina tinha devolvido a manteiga à geladeira e o pão à vasilha. A cozinha parecia imaculada, como se o café da manhã não tivesse sido consumido lá, afinal.

– Giuseppe vai chegar logo – Nina relembrou sua irmã. – Precisamos escovar os dentes.

Elas saíram da cozinha e foram para seus quartos no piso superior, com Cassie assistindo, maravilhada. Cinco minutos depois, voltaram carregando as mochilas escolares e casacos e saíram da casa.

Cassie seguiu-as, com os pensamentos sobre segurança ainda predominantes em sua mente, mas uma Mercedes branca já vinha em direção à casa. Instantes depois, o carro parou na entrada de automóveis circular e as meninas entraram.

– Tchau – Cassie exclamou, acenando, mas elas não deviam ter ouvido, pois nenhuma das crianças sequer acenou em resposta.

Quando Cassie entrou novamente, descobriu que a Sra. Rossi e Maurice também tinham saído. Nenhum outro funcionário da casa parecia estar em serviço no momento.

Cassie estava inteiramente sozinha.

– Isso não é o que eu esperava – ela disse a si mesma.

A casa estava quieta demais e estar aqui sozinha era inquietante. Presumira que teria muito mais afazeres, muito mais envolvimento com as crianças. Toda essa configuração parecia estranha, como se genuinamente não precisassem dela.

Reconfortou-se de que se tratavam dos dias iniciais e que ela deveria agradecer por ter tempo sozinha. Era provável que essa fosse a calma

antes da tempestade e que, quando as crianças voltassem da escola, ela ficaria de pernas para o ar.

Cassie decidiu que usaria o tempo para dar prosseguimento à pista que recebera ontem. A manhã livre inesperada que desfrutava agora poderia ser sua única chance de descobrir onde Jacqui estava.

Ela não tinha muito. O nome de uma cidade não era muito.

Mas era tudo o que possuía e estava decidida que seria o bastante.

*

Usando o Wi-Fi da casa, Cassie passou uma hora conhecendo a cidade onde Jacqui morava – ou, de qualquer forma, que havia dito ao barman, Tim, que estivera morando algumas semanas atrás.

A seu favor estava o fato de que Bellagio era uma cidade pequena, não um lugar enorme. Uma cidade pequena significava menos hotéis e albergues, havendo também uma chance melhor de que as pessoas conhecessem os negócios uns dos outros e que uma linda mulher americana pudesse ser lembrada.

Outra vantagem era se tratar de um destino turístico – um lugar cinematográfico às margens do Lago Como que oferecia paisagens dramáticas, bem como inúmeras lojas e restaurantes.

Conforme pesquisava, imaginou como seria viver naquela cidade. Calma, cinematográfica, movimentada por turistas no auge do verão. Imaginou Jacqui hospedando-se em um dos pequenos hotéis ou apartamentos de aluguel – provavelmente um lugar pequeno, com vista para uma rua de paralelepípedos, acessível através de uma escadaria íngreme de pedras e com uma jardineira na janela repleta de flores coloridas.

Demorou duas horas até que Cassie, apropriadamente familiarizada com o lugar, fizesse uma lista extensa de albergues e hospedarias, inúmeros Airbnbs e imobiliárias que alugavam apartamentos. Sabia que era provável ter deixado escapar alguns lugares, mas torcia para que as probabilidades estivessem a seu favor.

Então, era hora de começar a telefonar.

Sua boca estava seca. Compilar a lista havia aumentado suas expectativas. Cada nome, cada número representava uma nova chance. Agora sabia que suas expectativas seriam destruídas outra vez, conforme a lista de lugares onde Jacqui poderia estar fosse diminuindo mais e mais.

Cassie ligou para o primeiro número, uma pousada no centro da cidade. – Alô – ela disse. – Estou procurando uma moça chamada Jacqui Vale. Ela é minha irmã. Perdi meu telefone e não lembro onde ela estava hospedada. Estou na Itália agora e quero me encontrar com ela.

Embora não fosse a verdade, Cassie decidira que era uma razão plausível para suas ligações. Não queria embarcar em uma história longa e complicada, já que temia que os donos das pousadas pudessem ficar impacientes ou até mesmo desconfiados.

– Talvez ela tenha feito a reserva como Jacqueline. Teria sido nos últimos dois meses.

– Jacqueline? – Fez-se um breve silêncio e Cassie sentiu o coração acelerar. Então, suas esperanças se espatifaram quando a mulher disse – Ninguém com esse nome ficou aqui.

Cassie descobriu tratar-se de uma tarefa longa, frustrante e demorada. Algumas das hospedarias recusavam-se a ajudá-la por questões de privacidade. Outras estavam ocupadas, então precisaria reservar tempo para ligar novamente.

Foi descendo pela lista de opções até chegar quase no final. Só sobravam três números e, depois disso, ela teria que admitir derrota.

Ligou para o antepenúltimo número, frustrada, como se a presença elusiva de Jacqui estivesse lhe provocando.

– *Posso aiutarti?* – Perguntou o homem do outro lado da linha.

Cassie aprendera que a frase significava “Posso ajudar?”, mas o homem não soava prestativo. Soava impaciente e estressado, como se tivesse tido um péssimo dia. Cassie achou que ele seria uma daquelas pessoas que diziam não poder passar informações em razão da confidencialidade. Diria isso só para desligar o telefone, pois tinha hóspedes à espera ou estava de saída.

– Estou procurando por Jacqui Vale. Ela é minha irmã. Planejei me encontrar com ela enquanto estava na Itália, mas meu celular foi roubado ontem e não lembro onde ela ficou hospedada. – Cassie subiu o nível de drama na história, esperando receber mais empatia. – Estou fazendo algumas ligações para tentar rastreá-la.

Ela ouviu o homem digitando em um teclado.

Então, Cassie quase caiu da cadeira quando ele falou.

– Sim, nós tivemos uma Jacqui Vale conosco. Ela esteve aqui há duas semanas, depois mudou-se para um apartamento compartilhado, eu acho,

porque estava trabalhando lá perto.

O coração de Cassie saltou. O homem conhecia Jacqui – tinha a visto, falado com ela. Era um grande avanço em sua busca.

– Agora me lembro, ela trabalhava meio-período em uma boutique na esquina, chamada Mirabella. Gostaria do número da loja?

– Isso é incrível, não acredito que vou conseguir encontrá-la – Cassie transbordou. – Muito obrigada. Por favor, me passe o número.

Ele pesquisou para ela e ela anotou o número. Sentia-se tonta de empolgação. Sua busca tinha resultado em sucesso. Havia encontrado o local onde sua irmã trabalhara recentemente. Havia a chance de que ela ainda estivesse lá.

Com as mãos trêmulas, sentindo-se sem fôlego, ela ligou para o número que ele lhe dera.

Foi atendido por uma mulher italiana de mais idade e Cassie sentiu uma pontada de decepção por não ter sido a própria Jacqui atendendo, pois era o que tinha imaginado que aconteceria.

– O que posso fazer por você? – Perguntou a mulher em um inglês com forte sotaque, uma vez estabelecendo que Cassie não era italiana.

– Estou falando com Mirabella?

– Sim.

– Mirabella, meu nome é Cassie Vale. Estou tentando contatar minha irmã, Jacqui. Perdi contato com ela há um tempo, mas descobri que ela trabalhava para você. Ela ainda está aí, por acaso? Caso contrário, poderia me passar o número dela?

Fez-se uma pausa.

Cassie imaginou Mirabella chamando Jacqui ao telefone e ficou desapontada quando a mulher falou novamente.

Ela soou curta e arrependida, mas profissional.

– Sinto muito, mas Jacqui Vale está morta.

Houve um clique e a ligação foi encerrada.

CAPÍTULO NOVE

Cassie derrubou o telefone. Ou melhor, ele caiu de sua mão, fazendo barulho ao bater na mesa. Ela nem sequer notou. Estava paralisada devido ao choque brutal das palavras.

A dona da boutique lhe dissera que Jacqui estava morta.

Dissera as palavras com uma certeza severa e franca. Não havia espaço para dúvida ou confusão, detalhes ou explicações. Somente a frieza dos fatos, depois a ligação desconectada.

Cassie sentiu os soluços subindo dentro dela, tão profundos e viscerais que teve medo de soltá-los, pois sabia que a dor, o luto e a culpa não poderiam ser controlados.

Sua irmã não estava mais viva.

O que tinha acontecido? Cheia de confusão, lembrou-se que ela tinha estado viva há apenas algumas semanas. Tanto Tim, o amigável barman, quanto o dono do albergue em Bellagio haviam confirmado isso.

Ela estivera doente, sofrendo de uma condição mortal? Ou sua morte fora acidental, uma tragédia repentina e inevitável, com seu corpo mutilado em um acidente de carro, ou sufocado em um vazamento de gás, ou apanhado durante um assalto ou um roubo?

Cassie apertou a testa. Suas têmporas latejavam de estresse. Tinha chegado tão perto. Tinha estado a um fio de cabelo de encontrar sua irmã, só para descobrir que ela se fora para sempre.

– Ah, Jacqui – ela sussurrou. – Sinto muito. Eu tentei, de verdade.

Com o choque das palavras sendo absorvido, o luto veio em seguida e Cassie viu-se chorando descontroladamente.

Enterrou a cabeça nas mãos e, por um tempo, tudo o que pôde fazer foi suportar a dor enquanto chorava. A perda parecia insuportável. A agonia era aguda como uma facada. As palavras da mulher abriram nela as bordas de um luto que ela temia nunca poder ser curado.

Pareceu ter se passado um longo tempo quando Cassie levantou a cabeça novamente. Sentia-se fraca e drenada e, por agora, não tinha mais lágrimas para chorar.

Foi até o banheiro, espirrou água no rosto e esfregou os olhos. Olhando para seu reflexo de olhos inchados, percebeu que tinha ultrapassado o estágio de aceitação e choque. Agora, sua mente estava cheia de perguntas.

Quão recente era a morte? Houve um funeral, Jacqui tinha sido enterrada? Quem tinha assumido o controle durante o evento trágico?

Outra pergunta importante – por que Mirabella tinha desligado o telefone depois de dar uma notícia tão devastadora? Por que não tinha permanecido na linha e conversado com Cassie, explicado o que aconteceu? Afinal de contas, Cassie tinha se apresentado como irmã de Jacqui. Mirabella soubera que estava falando com a família dela.

Agora que Cassie começava a pensar com mais clareza, não conseguia inventar uma razão válida para o comportamento de Mirabella. Era irracional, confuso e também cruel ao extremo.

Com uma onda de pavor, Cassie se perguntou se não estaria lembrando da conversa direito.

E se, na realidade, a mulher tivesse explicado o que acontecera com sua irmã e, no estresse do momento, Cassie tivesse sofrido um branco em suas memórias, esquecendo o que fora dito?

Aquilo fez suor despontar em suas palmas, porque ela sabia que era possível; já tinha acontecido antes, geralmente engatilhado por estresse extremo.

O tipo de estresse que alguém poderia sentir ao ser informada que sua irmã tinha morrido.

Só havia um jeito de descobrir. Precisaria telefonar para Mirabella outra vez e perguntar mais detalhes sobre a morte de sua irmã.

Pegou o telefone de novo, sentindo-se enjoada e apavorada, e iniciou a ligação.

Para sua confusão, Mirabella não atendeu. Não foi nem para o correio de voz, simplesmente tocou e tocou.

Ela desligou, perguntando-se se haveria alguma falha na conexão. Enquanto ligava novamente, fez o máximo para organizar seus pensamentos.

Não estava enlouquecendo. Tinha certeza que não estava se lembrando errado da conversa. E estava convencida de que sua irmã não poderia estar morta. Não em um intervalo de tempo tão curto, quando ela tinha estado viva e bem tão recentemente.

Talvez Mirabella estivesse cansada de pessoas perguntando por Jacqui, talvez Jacqui tivesse um ex-namorado insistente que estava irritando a todos, ou talvez ela tivesse saído da boutique após uma situação desagradável e, por birra, Mirabella decidira dizer aquela coisa medonha.

Isso deu a Cassie um vislumbre de esperança, mas o único problema era que não poderia confirmar. Mais uma vez, o telefone tocou sem ser atendido e, em seguida, o clique e o raspar da porta de entrada se abrindo informou Cassie de que as crianças estavam em casa.

Após sua manhã solitária e o choque da descoberta com a qual tivera que lidar, ficou contente em ver Nina e Venetia. Ficou grata pela companhia delas, que proporcionava uma distração de seus pensamentos frenéticos.

– Tiveram um dia bom na escola? – Ela perguntou.

Elas tinham a aparência tão bem-cuidada quanto ao saírem. Cassie tinha vagas lembranças de seus dias na escola, quando tinha chegado em casa em um estado de desalinho após perder seu elástico de cabelo ou seu casaco, ou ter quebrado sua mochila.

– Meu dia foi bom, obrigada – Nina disse, educada.

Venetia estava mais falante.

– Eu tive um teste de matemática e terminei como primeira da turma – ela disse, o que incitou Nina a falar outra vez.

– Tem uma competição de soletração amanhã. Estou ansiosa. Nosso time ganhou a última.

– Parabéns pelo teste de matemática, Venetia, e tenho certeza que seu time vai se sair bem, Nina. Posso te ajudar a praticar mais tarde, se quiser. Agora, vocês duas já almoçaram?

– Sim, almoçamos – Nina respondeu.

– Então, por que não trocam o uniforme da escola? E, depois, que tal encontrarmos uma atividade divertida para fazer antes de escurecer?

As meninas trocaram olhares. Era algo que Cassie notou que faziam com frequência, com se precisassem verificar uma com a outra antes de dizer que sim.

– Tudo bem – Nina disse.

Conforme as meninas subiam as escadas obedientemente para trocar de roupa, Cassie sentiu-se perplexa com o excessivo comportamento formal. Havia esperado, a essa altura, que elas relaxariam, assumindo suas personalidades normais. Era como se as meninas constantemente

mantivessem Cassie à distância e ela se preocupava se talvez ressentissem sua presença, embora ela não soubesse por quê.

Isso tornava a interação com elas difícil; era como se elas fossem dois pequenos robôs, perfeitamente obedientes. A única conversa verdadeira que tinham oferecido até agora fora sobre as tarefas escolares.

Somente uma pessoa poderia mudar essa situação, e era ela. Sem dúvida, as crianças não estavam acostumadas a serem cuidadas por pessoas comuns, que não eram algum especialista altamente inteligente ou um líder empresarial, mas ela não podia ser ninguém além de si mesma.

A ideia de ajudá-las com a lição de casa passou pela sua mente, mas era uma tarefa sem graça e, em todo caso, as meninas pareciam preferir realizar seus afazeres de forma independente, sem ajuda.

E que tal brincar de algum jogo com elas? Cassie pensou. Era o que parecia estar faltando na vida excessivamente séria e de alta potência que elas tinham. Elas podiam ser brilhantes, destinadas ao sucesso, mas ainda tinham só oito e nove anos e precisavam brincar.

Satisfeita por pensar em uma atividade que elas poderiam aproveitar, na qual poderia contribuir com sua própria energia e imaginação, ela subiu as escadas para vestir seu casaco.

– Parece que vai chover, mas o tempo está firme por enquanto, então que tal irmos brincar no jardim? – Ela perguntou à Nina.

Nina ergueu os olhos para ela de forma educada.

– Normalmente não fazemos isso – ela disse.

O coração de Cassie afundou. As crianças estavam a afastando.

Venetia apareceu na porta do quarto de Nina.

– Eu gostaria de brincar – ela disse.

Cassie viu que havia alguns brinquedos na prateleira acima da estante de livros de Nina. Estavam altos demais para as crianças alcançarem, mas havia uma linda boneca, que mais parecia um item de colecionador caro do que um brinquedo, e um quebra-cabeças ainda na caixa, além de uma bola macia e colorida.

– Querem brincar de queimada lá fora? – Ela sugeriu, estendendo a mão para a bola.

Outra vez, as meninas trocaram olhares, como se chegassem a uma decisão.

– Não temos permissão para brincar com esses brinquedos – Nina disse.

Em um momento de frustração, Cassie quase perdeu a cabeça e gritou com as meninas. Estava emocionalmente destruída após a descoberta da morte de Jacqui e começava a sentir que essa barreira entre elas era um ataque pessoal.

A ponto de explodir, ela foi capaz de se agarrar ao último fio esfarrapado de autocontrole.

– Tudo bem – ela disse, injetando em sua voz o máximo de alegria forçada que conseguia reunir. – Não têm permissão para brincar com aqueles brinquedos, mas gostariam de brincar de alguma coisa, mesmo assim?

– Sim – Nina assentiu, mostrando entusiasmo pela primeira vez, e Venetia pulou várias vezes, sorrindo, empolgada.

Cassie ficou aliviada por não ter explodido. Muito provavelmente, as meninas não tinham nada contra ela em particular, mas eram só tímidas e muito conscientes das regras da casa.

– Tem outros brinquedos em outro lugar? Ou podemos brincar de um jogo sem brinquedos.

– Vamos brincar sem brinquedos – Nina disse.

Cassie vasculhou seu cérebro em busca da melhor ideia enquanto desciam as escadas. O que seria o mais divertido e faria com que ela se aproximasse das crianças?

– Que tal brincar de pega-pega?

Cassie decidiu simplificar, já que as nuvens estavam se assomando e ela não achava que teriam muito tempo antes que começasse a chover.

– O que é pega-pega? – Nina perguntou, curiosa.

Cassie não conhecia a expressão em italiano, então optou por uma rápida explicação.

– Podemos correr para qualquer lugar do jardim. Desde a parede desse lado até o canteiro de flores lá do outro lado. Eu vou começar como “pega” e vou contar até cinco para vocês correrem.

As crianças assentiram. Venetia parecia empolgada, enquanto Nina parecia confusa, mas intrigada.

– Ok, vamos lá – Cassie deu as costas para elas e fez a contagem de forma dramática. – Um, dois, três, quatro, cinco!

Ela girou e começou a perseguição.

Nina saiu correndo, mas Venetia foi mais lenta, aparentando não entender o jogo. Quando Cassie começou a correr em sua direção, ela

pareceu perceber que estava em apuro e se afastou.

Cassie só teve tempo de ver que ela parecia realmente assustada depois de ter dado o bote.

– Peguei! Está com você!

Ao invés dos gritos e risos que esperava, Venetia se esquivou e Cassie viu que ela tentava conter as lágrimas.

Parou, consternada pela reação inesperada da menina. Nenhuma ideia dela parecia dar certo.

– Você está chateada? Todo mundo vai ser pego. Você só tem que pegar alguém agora.

Quando Venetia apertou os lábios e balançou a cabeça, Cassie pensou em outra coisa.

– Machuquei você? Desculpe. Acho que te segurei mais forte do que pretendia. Posso ver?

Ao apanhar a mão de Venetia, notou que as unhas da menina mais nova estavam roídas até a pele. Ela vestia uma blusa cor-de-rosa de manga-longa aveludada e Cassie arregaçou o tecido macio no braço dela.

– Estou vendo a marca. Parece que vai ficar machucado. Sinto muito.

Observando o leve vergão roxo no braço de Venetia, Cassie ficou horrorizada, pois a primeira coisa que fizera havia sido causar um machucado.

– Começou a chover – Nina disse quando a garoa enevoadada virou em uma chuva gelada.

– Vamos entrar e brincar de outra coisa – Cassie disse, desesperada para compensar sua falta de jeito. Não tinha apertado Venetia com tanta força, mas também estava esperando que ela corresse, e não se encolher e se afastar com medo.

Começava a achar que, debaixo do exterior controlado, Venetia era uma criança sensível, tanto física quanto mentalmente.

– Já brincaram de esconde-esconde? – Perguntou às crianças assim que estavam a salvo na entrada, com a porta da frente fechada.

Ambas balançaram a cabeça, mas pareciam animadas, e não desconfiadas.

– Vou explicar. Vocês podem se esconder em qualquer lugar da casa. Qualquer lugar. Eu vou fechar os olhos e contar até cinquenta para vocês acharem um esconderijo, depois vou gritar, “Prontas ou não, aqui vou eu”.

Quando eu encontrar alguém, o jogo acaba e essa pessoa tem que procurar na próxima rodada. Entenderam?

Nina assentiu. Venetia parecia recuperada de seu trauma de antes e sorriu, animada.

– Certo, vou fechar os olhos – Cassie pôs as mãos sobre os olhos, mostrando estarem mesmo fechados. – Agora, vou contar – terminou a contagem e gritou. – Prontas ou não, aqui vou eu!

Andando pela casa, Cassie falava em voz alta.

– Onde será que essas meninas se esconderam? Meu Deus, elas se esconderam bem. Não as vejo em lugar nenhum. Talvez elas ficaram invisíveis. Eu realmente achei que já teria encontrado a Nina, afinal, ela é a mais alta.

Verificou debaixo da mesa da sala de jantar e entrou na sala de estar. Seu olhar foi imediatamente atraído pelo enorme móvel otomano de veludo no canto oposto. Era um esconderijo brilhante e ela teve certeza de que encontraria uma das meninas ali.

Cassie caminhou naquela direção, esticando a tensão do momento.

– Acho que vou ter que desistir. Essas espertinhas se esconderam tão bem. Mas, espere só, tem um último lugar que eu posso olhar!

Ela segurou a tampa do otomano e abriu.

Dentro, encolhida em uma bola minúscula, estava Nina.

Ela se desdobrou com um grito agudo de empolgação, enquanto Venetia saltava de trás de umas das elegantes cortinas azul-escuro.

– Você foi pega! Você foi pega! – Venetia gritava.

Ambas estavam rindo. Cassie percebeu que era a primeira vez que as ouvia rir.

– Sua vez, Nina. Conte!

Assim que Nina começou a contar, tanto Cassie quanto Venetia correram para o andar de cima. Venetia dava risadinhas, ofegante, tagarelado sem parar enquanto buscava seu próximo esconderijo. Cassie estava satisfeita em ouvir o som de vozes alegres.

Ela engatinhou para debaixo da cama de Nina, imaginando que poderia ser encontrada primeiro, mas, no final, Nina descobriu Venetia, que havia se escondido atrás do cesto de roupas sujas do banheiro, em meio a gritos e risos.

Cassie estava preparada para parar ao primeiro sinal de tédio, mas as meninas não pareciam ficar entediadas. Em vez disso, pareciam cativadas

pela brincadeira. Risos e gritos ecoavam pela casa toda vez que alguém era pego e, conforme brincavam, rodada após rodada, Cassie se convenceu de que elas não se divertiam tanto há muito tempo.

Verificando o horário no celular no bolso de seu casaco, viu que tinham brincado por quase duas horas. O tempo voou e, no processo, ela viu muitas outras partes da casa. Os únicos lugares fora dos limites, por uma regra implícita, eram o escritório e o quarto da Sra. Rossi.

Cassie havia se escondido nos outros quartos de hóspedes, na sala de estar do piso superior e na pequena cozinha adicional que encontrou no piso inferior, além da área de entretenimento coberta, com enormes janelas de vidro com vista para o pátio. Tinha se escondido até mesmo na adega no andar de baixo, acessível através da sala de jantar, mais um lugar do qual ela não sabia.

Dessa vez, abriu a porta em um corredor que levava a uma dispensa com prateleiras cheias de toalhas e roupas de cama. Só havia espaço suficiente para se apertar lá dentro e fechar a porta. Não estava de fato fechada, mas talvez Nina, que estava procurando dessa vez, não notasse.

Achou que Venetia provavelmente tinha permanecido no andar de baixo. De todo modo, o andar superior estava muito silencioso.

Cassie segurou a respiração, esperando pelos gritos que significavam que Venetia fora descoberta ou pelo som de passos que significava que ela seria encontrada.

No fim das contas, ouviu os passos – o clique de sapatos no piso – e tentou ficar o mais quieta possível, esperando que Nina passasse.

Mas, ao ouvir os passos do lado de fora da dispensa, soube que a brincadeira acabara.

Cassie abriu a porta, rindo.

– Muito bem! Eu estava segurando a respiração, torcendo para você não-

O riso e as palavras se encerraram ao perceber com quem estava falando.

Nina não estava em lugar algum.

A Sra. Rossi estava parada na frente da dispensa. Seus braços estavam cruzados sobre o peito e ela tinha o rosto levemente franzido.

Ela gelou, pois, embora a mulher parecesse calma, Cassie sentia uma raiva intensa e silenciosa emanando dela.

CAPÍTULO DEZ

– Oh... olá – Cassie gaguejou diante da empresária. Seu rosto se inundava de culpa, mesmo não sabendo por que, já que estiveram apenas brincando. – Não ouvi a senhora voltar para casa.

A Sra. Rossi observou-a sem dizer nada por mais alguns instantes, durante os quais Cassie ficou mais e mais desconfortável. Queria explicar como tinham se divertido, que as crianças tinham descarregado as energias apesar da chuva, que tinham sido obedientes e mantiveram a casa em ordem, sem nada quebrado ou fora do lugar.

A expressão no rosto da Sra. Rossi a silenciou antes que as palavras fossem ditas.

Cassie abaixou a cabeça, encarando o chão. Sentia-se envergonhada, embora não fizesse ideia do motivo de sua contravenção.

Eventualmente, a Sra. Rossi disse:

– Por favor, vá para o seu quarto. Pode ficar lá esta noite, a cozinheira levará o seu jantar.

Ela saiu, seus saltos cor de cereja fazendo barulho no piso enquanto ela andava.

Cassie ficou parada até que a Sra. Rossi tivesse ido embora, tentando processar o que acabara de acontecer.

Sentiu-se humilhada. Como fora capaz de cometer um erro tão terrível com uma simples brincadeira inocente? Por que isso não era permitido? Não havia sido informada de alguma regra que proibisse atividades dentro da casa.

Conforme voltava para o seu quarto, perguntou-se se talvez a Sra. Rossi ocasionalmente trazia sócios para casa durante o expediente e não queria um ambiente barulhento ou crianças correndo. Era a única razão em que conseguia pensar e esperava que as crianças não estivessem em apuros como resultado das ações dela.

Depois de alguns instantes de aflição, os pensamentos de Cassie retornaram à desastrosa notícia da morte de Jacqui.

Verificando a hora, viu que eram 17h30. Não fazia ideia até que horas a boutique de Mirabella ficaria aberta, mas tentou ligar para o número novamente, só para garantir.

Apenas tocou, igual a antes.

Cassie começou a se perguntar se a boutique teria um identificador de chamadas e Mirabella não estava atendendo ao ver o número de Cassie na tela.

Ou talvez a boutique somente fechara mais cedo.

De qualquer maneira, Cassie viu-se incapaz de aceitar a notícia que a mulher lhe dera mais cedo naquele dia. Não podia acreditar que sua irmã morrera tão recentemente. Sentia, bem no fundo, que ela devia estar viva. Talvez Mirabella cometera um erro ou pensara em outra Jacqui. Talvez tivesse inventado aquela história porque sua irmã estava se escondendo de um ex-namorado abusivo, fugindo de cobradores ou se escondendo de alguma outra ameaça.

Se Cassie não conseguisse falar com Mirabella no telefone, teria que ir até lá e conversar cara a cara. Pessoalmente, tinha certeza que a mulher não acharia tão fácil mentir e Cassie teria tempo para descobrir a verdade.

Enquanto Cassie calculava a distância para dirigir até a cidade, que parecia uma jornada de no mínimo duas horas de onde estava, ouviu uma batida na porta.

– Entre – ela exclamou, depois se deu conta que a cozinheira talvez não a entendesse.

Levantou-se, mas antes de alcançar a porta, ela se abriu.

Esperou ver a cozinheira, mas a própria Sra. Rossi estava na soleira da porta, segurando uma bandeja coberta por uma tampa prateada.

Quando ela entrou no quarto, Cassie viu-se recuando.

A Sra. Rossi fechou a porta atrás de si e colocou a bandeja sobre a escrivaninha.

Em seguida, sentou-se em uma das cadeiras de estofado dourado no canto do quarto, gesticulando para que Cassie se sentasse na outra.

– Por favor, sente-se. Precisamos conversar – ela disse.

Embora o convite fosse educado, Cassie descobriu-se tremendo de nervoso ao se empoleirar na ponta da cadeira adornada.

A personalidade da empresária era muito intimidadora e ela detinha tanto poder. Criar problemas com ela parecia mais sério do que levar uma bronca de uma pessoa comum. Cassie desejou ter pensado melhor ou, no

mínimo, ter pedido permissão antes de brincar com as crianças. Sob o olhar severo da Sra. Rossi, ela sentia-se inadequada, como se tivesse falhado em realizar o que era esperado dela.

– Serei paciente com você – a Sra. Rossi disse, calma. – Porque posso ver que você não entende.

– Não. Não entendo e sinto muito – Cassie agarrou ferozmente a chance apresentada.

– Minhas meninas possuem vidas diferentes das pessoas às quais está acostumada. Vivemos em um mundo muito diferente do seu. Brincadeiras infantis não tem espaço na vida delas.

– Mas foi tão divertido para elas – Cassie sussurrou, sentindo que precisava tentar explicar, não importando o quanto suas palavras parecessem patéticas ou fracas.

– Veja, você entendeu errado outra vez. Minhas meninas se divertem, mas não do jeito que você conhece. Elas gostam de suas aulas de canto e de andar a cavalo.

Cassie assentiu com relutância conforme a Sra. Rossi continuava.

– No entanto, correr pela casa, participar em brincadeiras destrutivas, não é algo que quero que elas aprendam. Esse comportamento rebelde não deve ser encorajado. Você viu como elas são quietas e bem-disciplinadas, não é mesmo?

– Sim, elas são.

Cassie desejava se levantar em defesa das crianças, explicar que, em seu modo de ver, lições e brincadeiras eram coisas diferentes e que brincar era igualmente importante para ajudar as meninas a crescerem e se tornarem adultas felizes e plenas. Afinal, brincar tratava-se de usar a imaginação e aprender através dos erros. Lições eram apenas instruções.

O problema era que Cassie não tinha no que basear esse argumento. Não tinha qualificações no cuidado de crianças, nenhuma experiência, de fato. Se a Sra. Rossi a desafiasse, onde estariam suas credenciais e como poderia provar que sua versão tinha qualquer peso?

A Sra. Rossi era altamente qualificada e devia ter acesso aos melhores especialistas no assunto. Então, talvez, ela soubesse o que estava dizendo e as crianças pudessem ser felizes mesmo que não brincassem.

– Eu entendo – ela disse, sua voz pequena.

– Você não teve as vantagens das quais minhas filhas desfrutaram. E posso ver que também não teve o benefício de uma educação tradicional

como a que elas estão recebendo. Eu sabia que isso era um risco quando te contratei, mas presumi que você se provaria superior. Não quero que você afunde as minhas filhas com a sua incompetência e as torne inferiores ao que devem ser.

Cassie viu-se murchando com o criticismo. Era como se a Sra. Rossi a chamasse de estúpida e malcriada deliberadamente, explicando como ela estava prejudicando as crianças apenas por ser como era. As palavras da empresária cortavam profundamente, mesmo Cassie tendo certeza que ela não tinha essa intenção – tinha?

– Eu sinto muitíssimo – ela disse e sua voz soava pequena e nervosa. – Agora que explicou, entendo onde errei. Estou contente por termos tido essa conversa para que eu possa ter certeza que vou obedecer às regras.

– Que bom. Estou certa de que não será difícil para você mudar sua conduta. Lembre-se, você me impressionou sendo uma jovem inteligente e foi por isso que arrisquei te contratar.

Cassie sentiu uma faísca de orgulho com o elogio, mas depois a empresária continuou.

– Apenas se lembre, os meus padrões e das minhas filhas são altos e não vou comprometê-los. Você tem muitas expectativas a cumprir. Já me decepcionou uma vez. É melhor que não o faça de novo.

Seu tom endureceu outra vez e Cassie entendeu a ameaça em suas palavras.

CAPÍTULO ONZE

A Sra. Rossi ficou de pé e Cassie pulou, ansiosa para mostrar respeito conforme a mulher se dirigia até a porta e saía do quarto.

Quando a porta se fechou, Cassie afundou na cadeira, tremendo-se toda. A raiva dessa mulher era uma força poderosa e ela sentia-se esfolada por suas palavras. Cassie sabia que faria qualquer coisa para não arriscar desagradá-la novamente – ou, como ela dissera, decepcioná-la.

Nem se atrevia a sonhar com o estágio agora. Graças ao estrago que fizera, imaginava que a oferta não estivesse mais na mesa, a menos que pudesse encontrar uma maneira de se redimir de novo.

Levantando a tampa prateada da bandeja, Cassie encontrou um jantar suntuoso. Parecia que a Sra. Rossi providenciara o suficiente para duas pessoas. Além de um prato grande de risoto de frango, havia um prato com pães, molhos, vegetais assados e queijos.

Não conseguiria comer tudo de jeito nenhum. Isso a deixava em um dilema, pois tinha sido instruída a permanecer no quarto a noite toda, então não poderia devolver as sobras à cozinha. Após forçar-se a comer metade do risoto, transferiu o restante da comida para o prato extra e o colocou dentro do pequeno frigobar ao lado da escrivaninha.

Sem mais nada para fazer, Cassie decidiu se deitar mais cedo. O dia tinha sido estressante e ela decidiu que dormir cedo poderia lhe fazer bem.

Uma vez na cama, descobriu que não conseguia dormir. Virou de um lado para o outro, agonizando a questão de Jacqui estar viva ou morta, com seus pensamentos retornando de novo e de novo para as crianças sob seus cuidados.

Era injusto que elas não tivessem permissão para serem crianças. Era o que elas eram, não? Cassie não conseguia imaginar que todos os líderes empresariais e gigantes da indústria tivessem sido criados de um só jeito. Tinha certeza que a maioria tinha sido criada normalmente. Sim, a Sra. Rossi tinha filhas excepcionalmente bem-comportadas graças aos seus métodos, mas elas eram felizes? Pareciam tão reservadas, como se estivesse quase... Amedrontadas, Cassie supôs, em expressar suas personalidades.

Certamente, esse excesso de disciplina sobre uma criança criaria uma seguidora, e não uma líder.

Mas talvez fosse isso o que a Sra. Rossi almejava – duas crianças obedientes que fariam o que ela mandasse enquanto ela permanecesse no comando de sua empresa.

Com esse pensamento deprimente em mente, Cassie conseguiu cair em um sono profundo.

*

Somente ao abrir os olhos ela percebeu que esquecera de configurar o despertador na noite anterior. Sentando-se subitamente, grogue e desorientada com o sono sem sonhos, ela agarrou o celular, em pânico.

Eram quinze para as oito; deveria ter levantado meia hora atrás. Seu despertador não estava programado para os sábados, mas parecia que sábado era um dia escolar aqui, pois ontem Nina lhe contara sobre seu teste.

As crianças precisavam ser preparadas para a escola e Cassie não poderia contar que elas fizessem o próprio café da manhã todos os dias. Ontem poderia ter sido uma exceção.

Revirou o quarto, arremessando suas roupas, e correu para o banheiro para arrumar o cabelo. Depois, saiu correndo para os quartos das crianças.

Nina não estava no quarto, mas sua cama estava feita. Venetia, já vestida para a escola, guardava livros em sua mochila. Ao dizer bom dia, Cassie notou que o rabo de cavalo da menina mais nova estava mais bagunçado do que no dia anterior e deduziu que ela mesma tivesse o feito. Talvez ela e a irmã nem sempre se ajudassem. Cassie perguntou-se se a brincadeira de esconde-esconde poderia tê-las feito brigar.

– Gostaria que eu amarasse seu cabelo? – Perguntou.

– Obrigada – Venetia disse.

Cassie pegou a escova e alisou os cabelos escuros dela antes de passar o elástico em volta.

– Está apertado demais? – Perguntou.

– Está bom. Obrigada.

O estômago de Venetia retumbou de forma audível, lembrando Cassie que o café da manhã ainda precisava ser organizado.

– Vou descer e começar a preparar a comida – ela disse. – De que você gostaria? O mesmo de ontem, torradas e geleia? Suco de laranja?

Venetia balançou a cabeça. – Não estou com fome, obrigada.

– Não está com fome? – Cassie franziu a testa, perguntando-se se o barulho no estômago de Venetia significava que ela comera algo estragado ou tinha uma virose. – Sem fome alguma? Está se sentindo bem?

– Sim, mas não vou comer.

Talvez Venetia não comesse muito de manhã. Algumas pessoas não comiam. Ainda assim, ela deveria ter algo para levar.

– Vou embrulhar um lanche – Cassie disse. – Gostaria de um sanduíche? Mas Venetia insistiu. – Não, obrigada.

Cassie observou-a mais atentamente. Ela não devia estar se sentindo bem.

– Você bebeu alguma coisa, pelo menos? – Recordou-se que desidratação era um risco com uma virose.

– Sim, bebi água.

– Tem certeza que está bem?

Cassie ficou frustrada, pois parecia que a criança tinha revertido ao modo excessivamente educado e fechado. Achava que tinham avançado e se conhecido melhor ontem, mas tinha dado dois passos para frente e um para trás, ao que parecia.

– Estou bem.

Desistindo da discussão, Cassie desceu para a cozinha. Não tinha certeza de qual era situação com o almoço para viagem. Quem preparava? A cozinha parecia ser gerida pela cozinheira, que só trabalhava meio-período. Não sabia se tinha permissão para assaltar a geladeira e preparar almoço e lanches para viagem.

No andar de baixo, encontrou a Sra. Rossi na cozinha com Maurice rondando por perto. Ela estava discutindo com a cozinheira. Claramente, ela trabalhava hoje também.

– Bom dia – ela cumprimentou Cassie, que ficou aliviada por seu tom ser amigável. Maurice não a cumprimentou. Ele estava ocupado checando algo em seu iPad.

Cassie esperara ver Nina na cozinha. Onde ela estava?

Como se lesse sua mente, a Sra. Rossi falou. – Nina foi mais cedo para a escola hoje.

– Ah, certo, obrigada. Estava me perguntando onde ela estava. Acho que ela queria se preparar para a competição de soletração – Cassie disse,

esperando que a Sra. Rossi se impressionasse com seu conhecimento sobre a rotina delas.

Mas ela não parecia impressionada. Ela deu as costas e continuou a discussão com a cozinheira em italiano.

– Hum, será que posso pegar alguns lanches na geladeira? – Cassie perguntou.

Odiava interromper, mas estava preocupada que o motorista fosse chegar a qualquer momento para levar Venetia à escola.

– Está com fome? – Indagou a Sra. Rossi.

– É para a Venetia. Ela não quis o café da manhã.

– Então, não há necessidade. Ela tem dinheiro para comida e pode comprar algo.

Cassie foi dispensada com um olhar. Bastou um olhar da Sra. Rossi e seus pés a levaram para fora da cozinha por conta própria.

Venetia não mencionara dinheiro algum, mas Cassie também não havia perguntado.

Ao chegar ao corredor, viu Venetia descer as escadas correndo de encontro ao motorista.

– Até mais tarde – Cassie disse.

Instantes depois, a Sra. Rossi passou por ela, indo para a garagem. Maurice vinha logo em seguida, carregando uma grande maleta de couro e falando no celular enquanto andava.

– *Salve, Ronaldo!* – Ela ouviu-o dizer. – Sim, estamos a caminho.
Arrivederci!

Mais uma vez sozinha, Cassie percebeu que tinha mais uma manhã longa e solitária pela frente. Não havia perguntado às crianças que horas estariam de volta. Não tivera a chance de falar com Nina porque perdera a hora e, na correria de tentar organizar o lanche para Venetia, não tinha verificado o horário que a escola acabaria hoje.

Ontem, tinham voltado para casa às 14h30, após uma aula de canto, então a escola provavelmente tinha acabado por volta de 13h, 13h30.

Significava que talvez ela tivesse tempo o suficiente para dirigir até Bellagio, conversar com Mirabella em sua boutique e voltar antes das crianças retornarem.

Cassie correu para o andar de cima e passou um tempo avaliando a rota, consultando seu GPS e tentando levar em conta paradas para gasolina ou ficar perdida e tudo o mais que poderia dar errado. Estava desesperada para

descobrir a verdade sobre sua irmã, mas não poderia arriscar fazer besteira em seu emprego novamente. Pensar na desaprovação da Sra. Rossi ou, pior ainda, em sua raiva, era aterrorizante demais.

Mesmo contando com os possíveis atrasos, Cassie calculou que poderia conseguir. Havia tempo suficiente. Poderia ir e voltar.

Ficou sem fôlego com a empolgação ao pegar sua bolsa, colocar seu celular e carregador dentro e vestir a jaqueta nos ombros. Apertando as chaves do carro na mão, desceu as escadas.

Cassie dirigia-se para a porta de entrada quando ouviu um barulho, quase inaudível. Somente com a casa tão silenciosa ela conseguiu identificá-lo.

Uma menina estava falando, a voz fraca, mas inconfundível.

Falava suavemente, em um ritmo monótono, mas Cassie não conseguia ouvir ninguém lhe respondendo.

Cassie ficou parada, prendendo a respiração, seu coração acelerado com a estranheza do som.

O que seria? Alguém tinha deixado a TV ligada?

Mas isso não era o ruído de fundo de uma televisão. Era mais aleatório; um apanhado de palavras intercalado com silêncio.

Sua espinha arrepiou-se enquanto escutava.

Sabia que estava fantasiando, mas ouvir a voz suave e incorpórea estava lhe fazendo se perguntar se a casa poderia ser mal-assombrada.

Era o que parecia, uma voz fantasmagórica vinda de lugar nenhum.

Cassie deu um passo atrás, sentindo-se totalmente assustada. E se uma garotinha tivesse morrido aqui, décadas atrás?

– O que diabos está acontecendo? – Sussurrou.

Cassie não queria chegar nem perto daquele som. Queria ir para bem longe e torcer para que tivesse desaparecido quando ela voltasse. Mas, ao mesmo tempo, precisava saber o que era, porque era ela quem passava horas sozinha nessa casa.

Apressou-se até a cozinha, perguntando-se se a cozinheira poderia saber o que era.

A cozinha estava vazia. Embora houvesse ingredientes separados para preparar uma refeição, não havia ninguém de serviço. O mais provável era que a cozinheira trabalhasse menos horas aos finais de semana. Isso significava que Cassie estava sozinha na casa com a voz fantasmagórica.

Sorradeira, voltou ao local onde ouvira a voz, sentindo os nervos ficando mais retesados a cada passo que dava.

– Olá? – Chamou, suavemente. Podia ouvir o quanto soava assustada.

Aguardou e escutou, mas a voz suave continuava. Era como se quem estivesse falando não tivesse a ouvido. Ou não conseguisse ouvi-la.

A decisão sensata seria sair de uma vez dessa casa, mas, ao invés disso, ela viu-se girar e caminhar nas pontas dos pés no corredor em direção à voz.

Havia uma porta à esquerda, mas ela sabia para onde levava; havia se escondido lá durante o esconde-esconde no dia anterior. A porta se abria para um pequeno armário que aparentava ser usado como um guarda-casacos para visitas.

O mais silenciosamente possível, Cassie abriu a porta e, com a mão trêmula, tateou e acendeu a luz.

Não havia ninguém no cômodo e tudo o que ela pôde ver foi o próprio reflexo em um espelho grande na parede do fundo. Mas algo parecia errado no reflexo – estava distorcido.

Cassie prendeu a respiração ao perceber que o espelho não era somente um espelho.

Na realidade, era uma porta espelhada na parede dos fundos do cômodo. Agora, a porta estava levemente entreaberta.

A voz diminuta estava claramente audível agora, vinda de trás daquela porta.

Reunindo toda a sua coragem, Cassie atravessou o cômodo sorrateiramente. Viu seu reflexo se aproximar no espelho; seu rosto pálido emoldurado por cabelos castanho-avermelhados, seus olhos preocupados, sua mão trêmula se estendendo para o vidro.

Empurrou a porta e ela rangeu ao abrir.

Cassie não conseguiu se controlar. Solto um grito ofegante, horrorizada ao ver o que tinha imaginado.

Dentro do pequeno e escuro cômodo, sentava-se uma menina vestida em uma camisola branca, sua cabeça abaixada, de costas para a porta.

Ela estava falando sozinha em uma voz pacata e monótona.

CAPÍTULO DOZE

Enquanto Cassie recuava da aparição, a garota levantou a cabeça e olhou ao redor.

– Que diabos? – Cassie não pôde conter a exclamação aguda que irrompeu dela.

Perguntou-se se estava sonhando, talvez até mesmo alucinando, porque isso era impossível, além de sua compreensão.

Não era um fantasma. Era uma criança de verdade.

Na realidade, era Nina, ainda vestindo sua camisola, seu cabelo emaranhado.

– N-Nina? – Ela gaguejou. – Você está bem? O que você está fazendo aqui?

Sentia-se pega de surpresa pela presença da criança nesse cômodo. Não era nem para ela estar em casa; tinha ido para a escola mais cedo. Será que ela tinha sonambulado até aqui, ou se escondido?

A porta não estivera trancada, nem mesmo inteiramente fechada, portanto ela não estava presa. Poderia ter aberto a porta a qualquer momento e saído. O que estava acontecendo?

– Venha para fora – ela disse, dando um passo para dentro do cômodo.

Era pequeno e claustrofóbico, cheirava úmido e mofado. O chão de puro concreto estava gélido. Nina ficaria doente sentada na superfície fria. Mas por que ela não estava se mexendo?

– Vamos, Nina, você precisa de uma bebida quente e roupas adequadas. Por que não está na escola? E o seu teste de soletração?

Cassie não queria passar sequer mais um instante nesse lugar arrepiante. Quanto antes voltasse à luz e ao calor da casa, melhor. Mas quando pegou o braço da menina para ajudá-la a se levantar, Nina deu um puxão para se afastar.

– Vou ficar aqui – ela disse e Cassie se surpreendeu com a firmeza na voz dela.

– Mas você não pode! É dia de escola. Você ao menos tomou café da manhã?

Já que a garota não parecia disposta a se mover, Cassie abaixou até o chão, ao lado dela.

– Vamos, não está pronta para levantar agora? Você deve estar com fome.

Pegou a mão da menina e percebeu que estava fria. Com um choque, Cassie notou que os pés dela estavam descalços.

Sua mente alucinava com a estranheza da situação. Parecia que a realidade se deformava a sua volta. Por que estava tendo que convencer a criança a deixar esse cômodo pequeno, escuro e desconfortável?

De repente, Cassie pensou em uma possibilidade perturbadora. Nina poderia estar sofrendo de graves problemas psicológicos que a levavam a se comportar dessa maneira anormal.

– Não estou com fome. Preciso ficar aqui – Nina insistiu.

– Sua mãe sabe que não foi para a escola? – Cassie perguntou.

A menina não respondeu, apenas olhou para o chão.

Cassie inclinou-se para frente, esperando que Nina olhasse para ela e fizesse contato visual, o que poderia permitir uma comunicação mais sincera, mas a garota manteve o olhar fixo no chão.

– Por que você entrou aqui? – Cassie perguntou, suavemente.

Não teve resposta. Viu que os lábios de Nina estavam pressionados, como se ela não se permitisse falar nada.

– Pediu a alguém se podia faltar à escola? – Cassie tentou outra vez, mas o silêncio foi sua única resposta.

Cassie sacudiu a cabeça. Como a Sra. Rossi poderia não saber disso? Afinal, era ela quem contratara o motorista que levava e buscava as crianças na escola. Se Nina não estava lá quando o motorista viera lhe buscar, Cassie tinha certeza de que sua mãe seria informada de imediato.

Cassie sentiu um acesso de raiva pela explicação desprezível que tinha recebido de que Nina tinha ido para a escola mais cedo. Tinha parecido tão plausível que ela não havia questionado. Agora, se perguntava por que haviam mentido para ela.

Será que a Sra. Rossi estava em negação quanto à sua filha estar mentalmente instável? Se ela sabia, por que não tinha feito nada a respeito disso? Em uma família tão rica, Nina poderia ter acesso aos melhores terapeutas que o dinheiro poderia comprar. Não precisava estar presa em um quarto escuro, falando sozinha daquele modo estranho e monótono.

E, ainda assim, aqui estava ela, recusando-se a se mover.

Cassie não poderia obrigá-la a sair do cômodo, a menos que a arrastasse para fora, e tinha a sensação de que aquilo causaria mais prejuízo à Nina do que ficar lá.

– Nina, você pode ficar aqui, se quiser, mas vou trazer um travesseiro e um cobertor. Ficar no chão frio desse jeito te deixará doente e eu te proíbo de fazer isso. Está entendendo?

Por um instante, achou que Nina não fosse responder, mas, em seguida, ela fez um pequeno aceno com a cabeça.

Aliviada por ter conseguido negociar uma pequena vitória, Cassie correu para o andar de cima e pegou um dos travesseiros da cama de Nina. Agarrou o roupão e os chinelos dela no guarda-roupas e também encontrou um cobertor de lã.

Tinha abandonado qualquer pensamento de realizar sua viagem para investigar sobre Jacqui. De modo algum poderia sair da casa agora.

Cassie desceu as escadas depressa, desviando até a cozinha para preparar uma xícara de chocolate quente.

Depois, carregando as roupas de cama debaixo do braço e a bebida em sua mão, retornou ao cômodo escondido.

Não parecia que Nina tivesse movido um só músculo no tempo em que estivera longe.

– Aqui está – Cassie empurrou a porta para deixar entrar um pouco de luz. – Agora, não vou negociar. Coloque os chinelos e o roupão. Sente-se no travesseiro. Depois, você precisa beber o chocolate quente imediatamente, para eu levar a xícara embora comigo.

Para o seu alívio, Nina obedeceu. Cassie percebeu que ela tremia de frio.

Ajudou Nina a se ajeitar no travesseiro e ficou de pé, observando ansiosamente até que a menina tivesse drenado a última gota do leite quente.

Então, pegou a xícara dela e a enrolou no cobertor.

– Quando estiver com fome, me chame. Vou preparar comida quente, depois um banho.

Ela saiu do cômodo escuro e gélido, deixando a porta entreaberta, e levou a xícara de volta para a cozinha.

Deu-se conta de que não possuía o número do trabalho da Sra. Rossi, já que havia excluído a foto do anúncio de au pair de seu celular. Tinha certeza

de que poderia encontrar o número em algum lugar, mas se a empresária já soubesse que isso estava acontecendo, não adiantaria ligar para contar a ela.

Cassie suspirou. Só restava uma opção e ela já estava receosa.

Quando a Sra. Rossi voltasse para casa, ela precisaria convocar uma reunião e discutir o sensível tópico do estranho comportamento de sua filha mais velha.

CAPÍTULO TREZE

Cassie passou o resto do dia aflita com o que deveria dizer e como deveria iniciar a conversa, o que tinha certeza que não seria fácil. Durante o intervalo entre suas visitas regulares ao andar de baixo para checar Nina, ela compilou uma lista de pontos que considerava importantes.

Tinha certeza de que, se conduzisse isso de um modo organizado, as coisas sairiam melhores com a Sra. Rossi.

Em primeiro lugar na lista estava o fato de que Nina deveria ter ido à escola.

Em segundo, estava sua recusa em sair do cômodo.

Em terceiro, tinha algumas ideias do que poderia ser feito – uma visita a um psicólogo para determinar a causa raiz, talvez uma reunião com os professores escolares dela, para o caso de Nina estar sofrendo bullying ou outros problemas.

Armada com a lista como guia, Cassie esperava que a conversa fosse produtiva.

Ainda assim, sentiu-se paralisada de nervosismo quando, no fim da tarde, ouviu o clique e o barulho da porta de entrada e soube que a Sra. Rossi tinha chegado.

Cassie desceu as escadas depressa, aliviada ao ver que Venetia havia chegado em casa com sua mãe. A Sra. Rossi devia tê-la buscado de sua atividade extracurricular. Ela estivera preocupada com a menina mais nova, porque agora já eram mais de cinco da tarde.

– Boa tarde – ela saudou a Sra. Rossi. – Olá, Venetia.

Venetia respondeu com um aceno de cabeça e Cassie pensou que ela estava pálida e triste.

Para a frustração de Cassie, Maurice Smithers entrou na casa depois delas. Claramente, ainda havia trabalho a ser feito e isso significava que ela precisaria esperar.

Conforme a Sra. Rossi e seu assistente se dirigiram ao escritório, Venetia subiu as escadas.

– Você praticou algum esporte hoje? – Cassie perguntou enquanto a seguia.

– Fiquei na biblioteca fazendo lição de casa – Venetia lhe contou.

– A tarde toda?

Venetia assentiu.

– Você deveria ter me contado! – Cassie sentiu-se péssima por ela ter ficado na escola o dia todo, especialmente em um sábado. Mesmo que o motorista estivesse ocupado, ela poderia ter ido buscar Venetia na escola e a menina poderia ter feito a lição no conforto de casa.

A Sra. Rossi poderia estar com raiva dela por não tomar a iniciativa de perguntar se poderia buscar sua filha; o pensamento encheu Cassie de apreensão.

– É melhor você se trocar antes do jantar – disse a Venetia.

– Não estou com fome – Venetia disse.

Cassie encarou-a, estupefata.

– Não está? Mas você não tomou café da manhã.

Lembrou-se que a Sra. Rossi tinha dito que Venetia poderia comprar comida na escola, então talvez ela tivesse comido muito no almoço.

– Tem certeza de que não quer comer?

Venetia assentiu.

– Vou deitar na minha cama e ler agora – ela disse.

– Tudo bem, então.

Cassie saiu do quarto e fechou a porta. Estava se sentindo mais e mais perturbada pelo modo como as crianças se comportavam, preocupada de que esse comportamento poderia ter sido desencadeado por sua presença na casa, de alguma forma.

Já que era perto das seis horas, apressou-se até o andar de baixo e tranquilizou-se em ver que Nina, em seu chinelo e camisola, havia saído do quarto escondido e estava sentada no balcão da cozinha.

Passos e vozes no escritório lhe informavam que Maurice estava de saída novamente. Um instante depois, a Sra. Rossi se juntou a elas.

A cozinheira colocou uma bandeja fumegante com frango, legumes e polenta sobre o balcão.

– Se me der licença, vou levar meu prato para o escritório. Preciso terminar um trabalho antes de ir ao lançamento – a Sra. Rossi disse.

Ela colocou um pouco de comida em um prato, deu as costas e saiu da cozinha.

Cassie decidiu aproveitar o momento. Não poderia esperar até que a Sra. Rossi retornasse, o que bem poderia ser muito tarde.

– Volto em um minuto – disse a Nina.

Saindo da cozinha, correu atrás da empresária, seguindo o delicioso aroma de comida pelo corredor.

Antes que Sra. Rossi pudesse fechar a porta do escritório, Cassie a alcançou.

– Por favor, preciso conversar com você – ela disse. – É urgente.

A Sra. Rossi parou. Depois, fez um pequeno aceno com a cabeça.

– Tudo bem – ela disse. – Entre.

Ela depositou o prato de comida na mesa, mas não convidou Cassie a se sentar.

– Sra. Rossi, não sei se está ciente de que Nina não foi para a escola hoje – ela disse.

Estava tão nervosa que sua voz estava alta e estridente, mas ao menos tinha conseguido falar.

A testa da Sra. Rossi ficou ainda mais franzida.

– É claro que ela foi. De manhã cedo, um de seus professores lhe dá carona até a escola.

– Acho que, se verificar, vai descobrir que ela não foi – Cassie disse, mantendo-se firme.

A Sra. Rossi ergueu as sobrancelhas.

– O que quer dizer? – Ela perguntou. Depois, com um suspiro, adicionou – É melhor se sentar.

A mulher pegou o prato de comida e sentou-se em sua imponente cadeira de couro enquanto Cassie sentava-se diante dela.

– Encontrei Nina em casa esta manhã – Cassie se esforçou para encontrar as palavras certas. A Sra. Rossi estando ciente ou não, era difícil contar a uma mãe que sua filha tinha sérios problemas psicológicos.

– Em casa?

A Sra. Rossi fatiou o peito de frango e comeu um pedaço. A pele estava tão crocante que Cassie ouviu o barulho sob a faca. O cheiro acentuado do molho preencheu o cômodo.

– Atrás do guarda-casacos do andar de baixo, tem um pequeno anexo. O espelho é a porta.

– Sim, eu sei. Não tenho certeza do motivo para estar lá, se os antigos donos queriam ampliar o cômodo ou se até mesmo usassem como um

quarto do pânico ou um quarto secreto.

A empresária comeu mais uma garfada de frango enquanto Cassie continuava.

– Encontrei a Nina lá. Estava sentada no chão, falando com uma boneca velha e quebrada.

Agora as sobrancelhas da Sra. Rossi se ergueram. – Ela estava lá?

– Sim.

– Isso não faz sentido. Ela estava presa? Não, não pode ser, porque aquela porta não tranca. Por que você não a tirou de lá e a mandou para a escola imediatamente?

Cassie deu de ombros, desejando que tivesse sido mais firme com Nina e agido da maneira como a Sra. Rossi esperava dela.

– A porta estava entreaberta. Mas ela se recusou a sair e eu não quis forçá-la, já que eu não tinha certeza do motivo para ela estar lá, para começar.

Pensativa, a Sra. Rossi assentiu enquanto mastigava o frango.

Ela terminou a bocada e baixou o garfo deliberadamente. Ele fez um pequeno barulho no prato de porcelana.

Cassie preencheu o silêncio com o item número três da lista, apesar de sua sensação de inquietação por estar falando sem ser autorizada.

– Eu fiquei me perguntando se ela talvez não precise de ajuda, de alguém para conversar, ou se os professores dela precisam ficar cientes. Talvez haja um problema de bullying.

Cassie queria falar mais, mas suas palavras foram diminuindo, silenciadas pelo olhar da Sra. Rossi enquanto ela a observava por cima de seus óculos de tartaruga.

– Eu tenho outra ideia – ela disse.

– Qual... Qual é?

Pegando o garfo, a Sra. Rossi fatiou cuidadosamente e comeu outra bocada de frango antes de falar de novo.

– Acho que a sua brincadeira de ontem foi prejudicial para ambas as minhas filhas.

O estômago de Cassie se fechou com as palavras.

– Você... você realmente acha?

– Infelizmente, sim. As consequências são óbvias. Venetia perdeu o apetite e não parece bem, e agora Nina faltou à escola e passou o dia se

escondendo. – O olhar da Sra. Rossi se intensificou – Se escondendo. Esconde-esconde.

Cassie sentiu seu rosto queimando de vergonha.

– Você deve se lembrar – a Sra. Rossi continuou e espetou outro pedaço de frango. – Embora minhas filhas sejam extremamente bem-disciplinadas, elas também são apenas crianças, propensas aos medos infantis. Eu te informei claramente quando começou a trabalhar que já tivemos incidentes. Uma invasão à casa e um incidente de tentativa de sequestro.

Cassie engoliu em seco, vendo para onde isso estava indo.

– Minhas filhas precisam de ordem e estrutura em suas vidas. Mas você chegou e virou o mundo delas de ponta-cabeça com uma brincadeira que só poderia servir para perturbá-las.

– Ah, não – Cassie sussurrou, horrorizada.

– Você não se deu conta de que elas já realizaram treinos com especialistas em segurança, para aprenderem como se esconder caso haja uma invasão na casa?

Cassie prendeu a respiração.

– Apesar de serem necessários por segurança, esses treinos deixam uma impressão duradoura em crianças pequenas; causam ansiedade e cicatrizes mentais. Sua brincadeira de ontem, de modo tão irresponsável, deve tê-las lembrado disso. Agora, estamos sofrendo as consequências.

– Sinto muito – Cassie exclamou.

A Sra. Rossi pegou uma garfada de vegetais, brilhando com molho, e espalhou polenta neles cuidadosamente.

– Todos nós cometemos erros. O que exijo de você, daqui para frente, é obedecer às regras. Se não tiver certeza, é só perguntar. Mas, se estiver incerta, é sempre melhor ser cautelosa do que imprudente, não é?

Cassie assentiu miseravelmente, observando-a mastigar e engolir.

– Quando te contratei, pensei que você era a pessoa certa e que teria os instintos corretos para ajudar a cuidar das minhas filhas. Vejo agora que eu estava errada. Você fez com que eu me arrependesse da minha decisão e, agora, precisa se provar para mim de novo. Não cometa outro erro. Você já recebeu uma chance a mais do que merecia.

Subitamente, a voz dela era como um chicote.

– Pode se retirar. As crianças não precisam de você hoje à noite. Vá para o seu quarto. Eu vou verificar as meninas quando eu voltar, mais tarde.

– Sinto muito – Cassie disse novamente.

Ficou de pé, sentindo-se atordoada como se estivesse saindo de um ringue de boxe.

De alguma forma, conseguiu passar pela porta antes de começar a chorar.

Ela tinha causado tudo isso. Fora irresponsável, exatamente como a Sra. Rossi dissera. Tinha sido uma completa idiota, tomando decisões equivocadas em seus esforços para se afirmar e fazer as crianças gostarem dela.

Não estivera colocando Nina e Venetia em primeiro lugar, de forma alguma.

Cassie sentia-se envergonhada ao pensar no que os treinos de segurança poderiam ter causado em uma criança pequena e quanto medo elas poderiam estar suprimindo, sabendo que teriam que se esconder para salvar suas vidas se alguém invadissem a casa.

Ela havia sido informada sobre as preocupações com a segurança e não tinha escutado, e agora tinha fracassado com as crianças e também causado trauma duradouro.

Cassie cambaleou no caminho para a cozinha. Nina já tinha saído, lavado seu prato e seu copo, mas a comida ainda estava no balcão.

Sem apetite, Cassie cobriu a refeição e guardou-a na geladeira. Depois, subiu as escadas vacilando.

Precisando de algum conforto, entrou debaixo do chuveiro, onde ficou por um longo tempo, deixando as agulhas quentes de água acalmarem os arrepios de vergonha e inadequação que sentia.

Parada sob o chuveiro, encontrou-se lembrando um jogo que Jacqui e ela tinham brincado, há muito tempo.

Na época, Cassie devia ter nove anos. Foi depois de assistirem a uma palestra na escola, dada pelo departamento de polícia local. Os xerifes uniformizados tinham passado em cada sala de aula, explicando o que fazer se houvesse algum ato de terrorismo ou tiroteio.

As crianças tinham sido instruídas a empurrarem suas mesas até a parede da sala de aula, agachar debaixo delas o máximo que pudessem e permanecer no lugar, em completo silêncio.

Todas as crianças tinham ficado assustadas, pois um mundo de possibilidades que elas nunca pensaram existir havia sido aberto. Cassie já sabia que violência podia ocorrer em sua casa. Mas, na escola? Até então, aquele havia sido um lugar seguro.

Quando Jacqui e ela chegaram em casa, conversaram sobre o que a polícia dissera e, depois, começaram a brincar, revezando quem se escondia debaixo da mesa da cozinha enquanto a outra irrompia cômodo adentro.

Aquele tinha sido o jeito delas de lidar com as coisas. Cassie não tinha se sentido tão amedrontada com a possibilidade de ter que entrar debaixo da mesa na escola depois que Jacqui e ela tinham transformado aquilo em uma brincadeira.

Se uma brincadeira havia ajudado as duas, como uma brincadeira poderia ter prejudicado tanto as crianças de que ela cuidava? Especialmente já que elas não tinham aparentado estarem chateadas na hora.

Desligando o chuveiro, Cassie sentiu o peso da culpa se levantar, só um pouco.

Mesmo tendo sido advertida a fazer o contrário, ela decidiu ir falar com as crianças. Elas saberiam se tinham sido traumatizadas ou não e, se tivessem sido, qual era o sentido em ignorar? De certo, seria melhor conversar sobre isso.

Cassie vestiu um agasalho e enxugou os cabelos com uma toalha. Agora que estava se sentindo mais positiva, percebeu que estava com fome e lembrou-se das sobras do jantar de ontem no frigobar. Retirou o prato e atacou o risoto gelado, esfomeada, acabando com ele em algumas bocadas.

Enquanto devorava a comida, percebeu como estava faminta e como tinha comido pouco durante o dia. Pensou novamente em como era estranho ter recebido uma refeição tão grande ontem à noite – suficiente para duas pessoas – e, ao se lembrar do enorme prato de comida, uma ideia veio a ela.

Não era um conceito completamente desenvolvido, era mais uma suspeita sombria, mas, uma vez em sua mente, não conseguiu mais tirá-la de lá.

Começava com a forma como a Sra. Rossi tinha continuado a comer enquanto Cassie contava a ela sobre o que sua filha mais velha fizera naquele dia. Ela tinha se dito chocada, mas não aparentava estar. Apesar da notícia perturbadora que recebera, a mulher comera calmamente, até mesmo em deleite, como se as palavras de Cassie não fossem mais do que um entretenimento de fundo. Cassie estivera distraída demais pelo que precisava dizer para perceber o quanto o comportamento da mulher tinha parecido inapropriado, mas agora isso a inquietava.

Quanto mais pensava na reação da Sra. Rossi e nas atitudes estranhas das meninas naquele dia, mais Cassie começava a temer que estivesse

errada sobre tudo, desde o princípio.

CAPÍTULO QUATORZE

Cassie retirou do frigobar o restante da comida que tinha sobrado e atravessou os corredores até a ala das crianças, depois bateu na porta de Venetia.

A jovem menina ainda estava lendo. Parecia cansada, de olhos pesados, e Cassie achou que ela pudesse ter chorado.

– Sua mãe saiu. Trouxe um lanche, caso esteja com fome – Cassie sussurrou.

Os olhos de Venetia se acenderam ao ver a comida.

– Obrigada – ela sussurrou de volta.

Sentando-se na cama, ela atacou o prato, devorando cada bocado de comida que havia. Dos pães ao molho, das fatias de presunto cru aos nós de mozzarella. Venetia engoliu ferozmente, como se fosse uma criança passando fome.

Cassie começou a entender que isso era exatamente o que ela era.

– Venetia, se está com tanta fome agora, por que não comeu hoje? – Ela sussurrou.

Venetia sacudiu a cabeça, enfiando o último pedaço de abóbora assada na boca.

– Você ficou chateada depois do esconde-esconde? – Cassie perguntou.

– Não, eu gostei do esconde-esconde – ela disse. – Mas não temos permissão para brincar de novo. – O rosto dela parecia solene e Cassie pressentiu que ela estava se fechando em sua casca.

A Sra. Rossi estava errada. O trauma não fora causado pelo esconde-esconde.

Cassie lembrava-se, agora, da maneira como Venetia se esquivara dela enquanto brincavam de pega-pega. Ela havia se culpado, pensando que machucara a menina. Havia um hematoma visível que ela presumira que ela mesma tinha provocado.

Machucados levavam tempo para crescer. Uma marca vermelha seria instantânea, mas um hematoma demorava mais para aparecer. Portanto, ela não causara aquele machucado.

– Posso ver o seu braço? – Pediu gentilmente.

Cassie prendeu a respiração enquanto ela empurrava a manga da camisola.

Agora, o hematoma havia piorado e havia mais de um. O braço de Venetia aparentava ter sido apertado ou beliscado, fazendo com que dois machucados profundos agora estivessem de cor preta e azulada.

Cassie sentiu-se enjoada enquanto olhava para eles.

Ela havia sofrido aquilo na infância, quando seu pai estivera com raiva, bêbado ou sem paciência com ela. Depois, seu namorado Zane provara-se um agressor, agarrando o braço dela, furioso, fazendo com que um machucado muito similar aparecesse. Foi naquele momento que Cassie decidiu que precisava fugir – de Zane, de sua vida, de sua própria incapacidade de escapar do ciclo destrutivo. Olhando para as marcas lívidas em seu braço, ela havia percebido que, caso não fizesse grandes mudanças imediatamente, talvez nunca fosse capaz de fazê-las.

Cassie tinha escapado. Agora, vendo a mesma marca no braço de Venetia, ela teve a terrível suspeita de que essas meninas estivessem exatamente onde ela tinha estado.

– Você sabe como conseguiu esse machucado? – Cassie perguntou, gentilmente.

A resposta de Venetia parecia ensaiada.

– Eu caí do meu cavalo – ela disse.

Cassie ergueu as sobrancelhas. Começava a se perguntar se andar a cavalo era algo utilizado como uma desculpa conveniente para explicar machucados e marcas.

– Alguém agarrou o seu braço para tentar te impedir de cair?

Venetia negou com a cabeça e Cassie viu a inexpressividade nos olhos dela outra vez.

– Não me lembro – ela disse.

Cassie decidiu deixar para lá. Após o dia longo e faminto que tivera, Venetia não merecia ser interrogada agora.

– É hora de você dormir. Gostaria que eu lesse uma história para você primeiro?

– Não, obrigada.

Venetia parecia exausta, como se, depois da comida tão necessária, seu corpo estivesse desesperado para descansar. Ela virou-se e encolheu-se em uma bola antes de Cassie sair.

A mente de Cassie girava conforme ela apagava a luz. Como era a vida dessas meninas? O que as tornara as pessoas que eram? Ela começava a suspeitar que isso não tivesse nada a ver com moldá-las para serem líderes empresariais, e tudo a ver com algo mais sombrio e maligno.

Venetia sem comer, ficando na escola o dia todo quando não era necessário. Nina sentada sozinha com uma boneca quebrada em um cômodo frio.

Ela não tinha causado isso com sua brincadeira de esconde-esconde.

As crianças eram vítimas e Cassie estava disposta a apostar dinheiro no fato de que isso estava acontecendo muito antes de sua chegada.

Bateu na porta de Nina e encontrou-a na cama, quase dormindo, com o livro que estivera lendo aberto sobre o seu peito.

Cuidadosamente, Cassie removeu o livro e o colocou sobre a mesa de cabeceira; Nina piscou, olhando para ela, confusa pelo cansaço.

Torcendo para que o estado sonolento da menina pudesse torná-la mais relaxada para ser questionada, Cassie perguntou, casualmente:

– Você foi para aquele cômodo sozinha hoje de manhã? Ou alguém te mandou ir para lá?

– Não sei – Nina sussurrou.

– Você já foi para lá antes?

Nina não respondeu. Somente a encarou em silêncio e Cassie soube que o questionamento era inútil. As meninas não iam falar e pressioná-las para além disso faria Cassie sentir-se desconfortavelmente próxima de uma tirana.

– Boa noite – Cassie disse.

Andou de volta até seu quarto e fechou a porta.

Cassie sentia que seu mundo tinha sido virado de ponta-cabeça.

A poderosa mulher que a impressionava e intimidava não era nada além de uma mãe abusiva que atormentava as crianças por conta de qualquer mínima infração.

Cassie suspeitava disso; na realidade, tinha certeza. Porém, sem provas concretas ou uma confissão das crianças, estaria tão impotente para impedir isso quanto elas.

Na manhã seguinte, Cassie acordou às seis horas. Vestiu-se depressa, mantendo a luz apagada, mas as cortinas abertas para que pudesse observar o quarto das crianças do lado oposto do pátio.

Resolveu que, a partir daquele momento, manteria olhos de águia nas meninas até que obtivesse respostas ou provas.

Hoje era domingo, então elas não iriam para a escola e poderiam dormir até mais tarde. Talvez a Sra. Rossi estivesse por perto por mais tempo e, nesse caso, aquilo lhe daria a chance de ver como elas interagiam como uma família.

Ela sentia-se tensa, como se estivesse se preparando para uma luta, e se perguntava se era assim que aquilo acabaria. Ela não queria se opor a alguém tão poderosa quanto a Sra. Rossi, mas não poderia continuar fechando os olhos para o que estava acontecendo, de forma alguma.

As luzes nos quartos das crianças foram acesas pouco depois das sete horas, mas, para a frustração de Cassie, as cortinas permaneceram fechadas. Ela mesma precisaria entrar no quarto delas, desejar bom dia e abrir as cortinas.

Naquele momento, Cassie foi alertada pela movimentação do lado de fora. Espiando através da escuridão, viu que era o assistente pessoal, Maurice, chegando, como de costume. Se ele trabalharia hoje, talvez significava que a Sra. Rossi também estaria ocupada.

De repente, Cassie percebeu que esta era uma oportunidade de ouro.

Maurice Smithers deveria saber o que estava acontecendo.

Provavelmente, ele era o visitante mais frequente e tinha uma relação de trabalho mais próxima com a Sra. Rossi do que os funcionários da casa.

Cassie saiu de seu quarto correndo, chegando à porta dos fundos justamente quando Maurice a abria.

Ele ofereceu-lhe um olhar azedo.

– Bom dia – ele disse e parou, com o café na mão, esperando que Cassie saísse do caminho.

– Preciso te perguntar uma coisa – Cassie disse.

Maurice olhou para os sapatos brilhantes, depois voltou a encará-la, e ela se perguntou se ele suspeitava do que ela queria com ele.

– O que é? – Ele respondeu em voz baixa. – Eu realmente não tenho tempo para isso. A *Signora* comparecerá a uma seleção de modelos esta manhã e precisamos sair em meia-hora.

Cassie manteve-se firme e observou Maurice trocando seu pé de apoio. Ele não parecia impaciente, ela pensou. Ele parecia apreensivo. Ela suspeitou que, talvez, ele já tivesse adivinhado o que ela ia dizer.

Decidiu que tentaria introduzir o assunto indiretamente, do modo menos hostil possível.

– Você passa bastante tempo na casa? Quero dizer, aqui no escritório da *Signora*?

Ele suspirou, impaciente.

– Olha, depende do dia. Cada dia é diferente. Normalmente, passamos uma ou duas horas aqui pela manhã e, muitas vezes, uma ou duas horas à noite, além das ocasiões em que trabalharmos aqui o dia todo, se a *Signora* não tiver compromissos no escritório ou eventos para comparecer.

– Você já teve a chance de interagir com a família?

Maurice deu de ombros.

– Não posso dizer que tive. Você já viu como as coisas são por aqui. Ficamos a postos de manhã cedo até tarde da noite, já que a *Signora* tem uma agenda muito cheia e eu posso te dizer, cá entre nós, que eu tenho a carga de trabalho de duas pessoas.

Ele estava evitando a linha de questionamento dela, Cassie tinha certeza. Antecipando para onde ela seguiria, ele estava tentando desviar.

– Tenho certeza que deve ser agitado. O motivo de eu estar perguntando é porque só estou aqui há dois dias, mas ando notando algumas coisas bem incomuns acontecendo – ela disse. – Me pergunto se você também notou, talvez?

Observou de perto o rosto de Maurice enquanto falava e, pelo modo como os olhos dele se arregalaram, piscando várias vezes antes de olhar para longe com determinação, ela teve certeza de que ele compreendeu.

– Não posso dizer que notei – ele insistiu.

– Eu notei, particularmente, que as meninas parecem agir de um jeito estranho, às vezes. Por acaso prestou atenção nisso?

Maurice negou com a cabeça. O queixo dele se ergueu, determinado.

– Receio que não tenha visto nada. Eu só faço o meu trabalho e vou embora. Se está me pedindo minha opinião, não será útil para você.

Cassie sentia-se exasperada.

– Maurice, entendo que você é ocupado demais e não quer lidar com isso. Mas tenho certeza que você deve saber como a casa funciona, quais funcionários estão aqui em quais horários. Você pode me apontar na direção

certa, me contar se alguém poderia estar disposto a me dar mais informações?

Maurice se fechou. Cassie via na linguagem corporal dele. A boca dele estava apertada, os olhos estreitos e ele deu um passo à frente, como se fosse passar por ela.

Então, no último momento, ele inclinou-se em direção a ela.

– Deixe-me te dar um conselho. Faça o que a *Signora* mandar, nada mais e nada menos. Não faça perguntas. Não interfira. Se tentar, ela vai te arruinar. Já vi isso acontecer antes.

Depois, ele esbarrou nela e saiu pela porta da cozinha, fora de vista.

CAPÍTULO QUINZE

Enquanto observava Maurice se afastando, Cassie sentiu-se apreensiva, como se tivesse ultrapassado um limite. Maurice nunca tinha sido seu amigo, porém, agora que ela o forçara a escolher um lado, tornava-se claro onde a lealdade dele estava. O aviso era perturbador. Cassie não duvidava que a *Signora* Rossi possuísse poder o suficiente para causar danos a qualquer um que tentasse ir contra ela.

Por outro lado, o que Cassie tinha para se preocupar? Não era importante na vida da Sra. Rossi. Nem sequer havia oferecido referências. Maurice, por outro lado, tinha o risco de perder seu emprego e, presumivelmente, a Sra. Rossi poderia danificar a reputação dele na indústria.

Cassie não precisava se preocupar com isso. Tinha vindo do nada e poderia desaparecer da mesma forma. Não tinha uma carreira com que se preocupar e havia abandonado seu sonho do estágio na moda há muito tempo. O mais provável era que, graças ao erro de Abigail, ela tinha sido a única pessoa a vir para a entrevista e a Sra. Rossi usara aquilo para incentivá-la a aceitar o emprego.

Se o pior acontecesse, poderia voltar para o hostel e procurar por outro emprego. Lavando pratos ou talvez como camareira.

Ouviu vozes no hall de entrada e, em seguida, a porta da frente rangeu. Isso significava que Maurice e a Sra. Rossi tinham saído.

Cassie subiu até os quartos das meninas, onde não ficou surpresa em encontrá-las já acordadas e vestidas.

– Vamos tomar café da manhã – ela disse.

Enquanto comiam, Cassie perguntou a elas sobre a programação para o resto do dia.

– Vocês têm aulas de equitação mais tarde? – Perguntou, lembrando-se que as crianças disseram que andavam a cavalo aos domingos. Para sua surpresa, Nina sacudiu a cabeça.

– Nossa aula dessa semana foi cancelada – ela explicou.

– Por quê? – Cassie perguntou.

Nina deu outra mordida na torrada sem responder, o que fez Cassie achar que cancelar a lição era parte do castigo delas. Se houvesse um motivo genuíno, tinha certeza de que as meninas lhe contariam.

– Bem, o que querem fazer hoje? Querem sair para algum lugar? Querem brincar de alguma coisa?

– Eu gostaria de ficar em casa – Nina disse e Venetia concordou com a cabeça.

Cassie encarou-as, preocupada. Parecia não haver um modo de atingir essas crianças. Elas não permitiriam que ela se aproximasse, pois estavam aterrorizadas com as consequências. Pelo mesmo motivo, não queriam participar de nenhuma atividade que não tivessem sido expressamente instruídas a realizar. De fato, estavam presas aqui e, apesar de não ser ideia delas, eram elas quem se recusavam a sair.

Cassie não podia culpar as garotas. Tudo o que estavam fazendo era tentar evitar um conflito e isso era algo normal. Mas significava que suas mãos estavam atadas. O silêncio delas não ajudava e apenas protegia quem quer que estava abusando delas.

Novamente, Cassie perguntou-se o que havia acontecido ao pai delas. Onde estaria ele e que papel tinha nisso tudo? Ele poderia ser a causa-raiz disso e a mãe delas estava continuando o que ele havia começado.

– Temos lição de casa para fazer – Venetia disse.

Ela soava feliz ao mencionar aquilo. Ao que parecia, a lição de casa era um assunto seguro nesta casa. Algo que não poderiam ser castigadas por fazer.

– Vamos para a sala de jantar menor. Vocês podem trabalhar lá – Cassie disse.

As meninas subiram as escadas e retornaram com suas mochilas escolares. Cassie levou seu celular para a sala de jantar. Se elas estivessem dispostas a falar sobre o que estava acontecendo, seria útil gravar o que dissessem.

– Vocês recebem muita lição de casa? – Perguntou à Nina.

– Não muito. Mas eu pratico o que aprendi na escola. Preciso ficar no topo da classe, então repito os exercícios em casa – Nina explicou.

Cassie sentiu uma pontada de compaixão. Essa parecia ser a vida delas. Trabalho escolar era a única atividade segura que possuíam. Assistiu ao esforço focado de Nina e perguntou-se como ela podia ter imaginado que

uma menina de nove anos escolheria passar o dia inteiro estudando. Tinha sido enganada, acreditando em um cenário completamente falso.

Embora Nina focasse sua total atenção na repetitiva coluna de somas, Venetia parecia cansada e irascível, o que Cassie deduziu que poderia ser por causa de seu longo dia anterior sem comida. Ela tentava se comportar como deveria, mas não tinha a energia para fazer mais do que agir mecanicamente. Venetia abriu seu livro de matemática e seu caderno, mas, após fazer alguns exercícios, ela começou a desenhar nas margens ao invés de estudar.

Olhando para os desenhos, Cassie ficou impressionada com os detalhes exibidos, a atenção às formas e proporções que Venetia claramente possuía.

– Está muito lindo – ela elogiou a menina mais nova.

– Obrigada.

Venetia ofereceu sua resposta educada habitual, mas sua voz soava enfadonha. Cassie tinha certeza de que, a essa altura, qualquer outra criança estaria às lágrimas. Depois do almoço, decidiu que colocaria ambas as meninas para tirar um cochilo. Um descanso lhes faria bem.

No meio tempo, ficou interessada em ver se Venetia poderia gostar de desenhar outra coisa. Arte podia ser uma forma de terapia e, talvez enquanto elas estivessem alegremente distraídas, Cassie poderia perguntar sobre o pai delas e elas se abrissem.

– Você tem um caderno de rascunho na mochila da escola? – Cassie perguntou. – Eu gostaria de ver vocês duas desenhando.

Quando as meninas sacudiram a cabeça – claramente, a mãe delas não considerava arte importante –, Cassie decidiu tomar as rédeas da situação, danem-se as consequências.

Desceu até o andar de baixo, até o escritório da Sra. Rossi. Tinha visto uma impressora e onde havia uma impressora, haveria papel.

Viu a caixa com papéis imediatamente, depositada em uma prateleira no fundo do escritório. Havia um pacote aberto e Cassie pegou algumas folhas.

Cassie prendeu a respiração enquanto saía, porque tinha certeza que isso seria considerado como desobediência às regras e ela ainda se lembrava da maneira furiosa em que a Sra. Rossi demitira a estagiária, sentada naquela mesma cadeira luxuosa de encosto de couro no escritório.

De volta à sala de jantar das crianças, colocou o papel diante delas. Apesar de não terem muitos giz-de-cera coloridos, tinham vários lápis e canetas pretas e azuis, o que Cassie esperava que fosse o suficiente.

– Vamos todas desenhar – ela disse, decidindo que a atividade poderia correr melhor se ela também participasse.

– O que você vai desenhar? – Nina lhe perguntou.

– Vou desenhar minha irmã, vestida para uma festa – Cassie disse.

Imaginou Jacqui, vestida de forma elegante em uma das roupas da Mirabella, onde havia trabalhado. Desenhá-la manteria as esperanças de Cassie vivas. Era uma forma de provar para si mesma que sua irmã não tinha morrido.

– Eu não quero desenhar você – Venetia disparou contra Nina e Cassie teve que se conter para não soltar uma risada surpresa diante da resposta honesta da menina mais nova, presumindo que todos teriam que desenhar a própria irmã. Ficou contente por Venetia estar mostrando ânimo e que ele não tivesse sido esmagado nela.

– Não precisa. Você pode desenhar qualquer coisa que quiser.

– Eu vou desenhar uma flor – Nina disse.

Ela ainda soava reservada. Cassie deduziu que ela estava sendo cuidadosa.

– Tudo bem – Venetia decidiu. – Vou desenhar o meu cavalo. Estou com saudade dele. Eu estava ansiosa para andar nele hoje.

O cavalo do qual você vive caindo, Cassie queria dizer.

Por um tempo, ela focou no próprio desenho, esboçando o rosto de Jacqui e imaginando seus cabelos, agora castanhos, como Tim descrevera, embora não tivesse dito o comprimento. Cassie imaginou-o alguns centímetros abaixo dos ombros e desenhou à lápis as ondas em cascata. Desejando ter mais talento artístico, detalhou os traços de Jacqui, lembrando-se da bondade em seus olhos azuis e como sua irmã sempre adorou usar rímel grosso e delineador para realçá-los.

Desenhou a boca de Jacqui, curvada em um sorriso, enquanto rezava para que sua irmã estivesse viva e feliz.

Já que as crianças estavam entretidas em seus desenhos, ela decidiu iniciar um bate-papo casual.

– Vocês conversam com o pai de vocês? – Ela perguntou.

Nina levantou os olhos de seu desenho.

– Não falamos com Papa há muito tempo – ela disse.

– Desde quando? – Cassie perguntou. – Entendi que ele e sua mãe se separaram?

Vendo Nina franzir o cenho, ela tentou explicar melhor.

– Seus pais não queriam mais ficar casados, então seu pai se mudou?
A testa de Nina ficou ainda mais franzida.

Foi Venetia quem falou.

– Meu pai foi para a prisão. Ele sempre nos tratou bem, mas a Mamãe contou que ele é um homem mau que fez coisas ruins e que também vamos para a prisão se não tentarmos ao máximo ser boas.

Cassie encarou-a, horrorizada, sentindo arrepios na espinha. Isso era realmente o que tinham dito às crianças?

Nina assentiu, confirmando.

– Mama disse que ele ficará na prisão pelo resto da vida, porque fez coisas horríveis, e a culpa de muita coisa que ele fez é nossa. Ela disse que a prisão não permite visitantes e que, se formos lá, vão nos prender e nos obrigar a ficar. Então, precisamos tomar muito cuidado.

Cassie fechou os olhos enquanto absorvia essa revelação chocante. Poderia alguma parte disso ser verdade? O pai das meninas tinha ido para a prisão – por um crime de colarinho branco, ou talvez tivesse causado mal a alguém em um ataque de raiva? Mas a Sra. Rossi não mencionara aquilo ao contratar Cassie, então o mais provável era que essa história fosse uma mentira elaborada que era usada para envenenar as mentes das garotas contra o pai, ao mesmo tempo justificando a razão para ele não fazer mais parte da vida delas.

Ela ficou intimidada pela forma como a Sra. Rossi havia distorcido os supostos fatos, apontando a culpa para as crianças. Não era de se admirar que fossem tão cautelosas e reservadas. Com o pai ausente e o cenário horrível sobre suas cabeças, elas estavam inteiramente sob o domínio de sua mãe.

Cassie desejava poder contar às meninas que a prisão estava bem aqui, dentro destas paredes altas de pedra, nessa casa elegante. Elas estavam encarceradas no interior e ela não fazia ideia de como poderia libertá-las.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Depois que Nina e Venetia repetiram inocentemente a história sobre o pai delas, Cassie decidiu abandonar sua linha de questionamento. Não havia nada que elas pudessem lhe contar sobre a identidade ou paradeiro dele.

Cassie perguntou-se se o direito à visita existia na Itália. Presumindo que o pai das crianças não estivesse na prisão, ele tinha permissão legal para ter acesso às suas filhas e passar tempo com elas? Talvez ele tivesse escolhido não permanecer em contato ou então, mais provavelmente, a Sra. Rossi estava o impedindo.

Cassie terminou o desenho em silêncio, mas seus pensamentos estavam a pleno vapor. Maurice podia estar relutante em falar, mas talvez o pai delas tivesse outro sentimento. Se ela fosse capaz de contatá-lo, ele poderia saber mais ou então estar disposto a investigar.

Repousou a caneta com um suspiro. Com os desenhos das crianças completos, agora era hora do almoço.

– Deixe-me ver – ela espiou o papel de Nina.

A flor fora desenhada com cuidado e precisão; Cassie queria que tivessem giz-de-cera à disposição para que Nina se divertisse colorindo as pétalas.

– Está linda. Que flor bonita, eu ficaria feliz se estivesse crescendo no meu jardim – ela a elogiou.

Tudo o que Nina ofereceu foi um educado – Obrigada.

– Vamos ver o seu cavalo, Venetia – Cassie se levantou e deu a volta na mesa.

Prendeu a respiração ao olhar para baixo. O cavalo, galopando para fora da página, fora desenhado com proporções perfeitas e os traços espessos da caneta de Venetia haviam trazido seu corpo e seus movimentos à vida. Cassie reconheceu que este era um verdadeiro talento, resplandecente no papel. Venetia deveria estar em uma aula de arte, não se concentrando em somas sem sentido.

– Uau, está magnífico – Cassie disse. – O que temos aqui é um pingô de uma magia muito especial. Você deveria desenhar mais, Venetia. Posso ficar

com o desenho?

Venetia encarou seu próprio trabalho.

– Não quero – ela disse, sem entusiasmo.

Ela pegou o desenho.

Cassie esperava que ela fosse lhe entregar. Ao invés disso, Venetia segurou as pontas da página.

– Não! – Cassie gritou ao perceber o que a jovem menina estava prestes a fazer, mas era tarde demais.

Venetia rasgou o desenho ao meio, depois rasgou cada metade ao meio novamente. Então, amassou e jogou os pedaços na lata de lixo no canto da sala.

Cassie esforçou-se para segurar as lágrimas. Estava arrasada, não apenas pela perda do desenho, mas pelo que isso representava a respeito do estado emocional de Venetia. O que havia levado a menina a criar tal obra-prima e depois rasgá-la? O que isso dizia a respeito das experiências negativas que ela suportara e seu próprio senso de autoestima?

Esta jovem menina precisava visitar um terapeuta, mas Cassie sabia que não havia esperança disso acontecer.

Venetia não mostrava sinais de aborrecimento. Sua máscara de tranquilidade estava de volta no lugar, como se a destruição de sua linda criação tivesse sido uma maneira de ventilar sua raiva sem nenhuma consequência indesejada.

Cassie tomou alguns minutos para se recompor, até ter certeza de que seria capaz de falar sem começar a chorar.

– Vamos almoçar – ela disse, eventualmente. – E, depois, acho que vocês duas precisam descansar. Vou ler uma história e depois vocês podem tirar um cochilo.

Cassie resolveu que não ficaria sem fazer nada enquanto elas cochilavam. Já havia invadido o escritório da Sra. Rossi uma vez, à procura de papel, e agora o faria de novo.

Vasculharia a casa e tentaria descobrir mais sobre o pai das meninas – quem era, onde estava e, o mais importante, o que ele sabia.

*

Assim que as meninas adormeceram, Cassie começou.

Antes de verificar o escritório, fez uma breve caminhada pela casa, certificando-se de que a cozinheira e as empregadas não estavam de serviço, pois não queria ser surpreendida por ninguém enquanto procurava. Para seu alívio, parecia que ninguém mais estava em casa.

Entrar no escritório para buscar informações sobre o pai das meninas tinha uma sensação diferente de entrar para pegar papel. Tecnicamente, agora ela estava bisbilhotando e torcia para que Maurice estivesse falando a verdade quando lhe informara que ele e a Sra. Rossi ficariam fora o dia todo.

Embora a Sra. Rossi não estivesse no escritório, sua presença era tangível. Aquela cadeira de couro de encosto alto, a extensão brilhante da escrivaninha branca, as estampas coloridas nas paredes. Contornando a escrivaninha, Cassie notou um mapa da Itália emoldurado, com minúsculos sapatos dourados demarcando algumas das maiores cidades. Deduziu que deveria ser onde a Rossi Calçados tinha seus escritórios.

Cassie perguntou-se como a Sra. Rossi era capaz de sentar naquela cadeira e focar em sua empresa enquanto sabia que sua filha estava com frio e com fome, trancada na escuridão. Ela tinha o menor remorso em sua consciência a respeito desses castigos horríveis?

Imaginou que a Sra. Rossi não tivesse nenhum escrúpulo em fazer o que fazia e que o poder dela era tão grande que passava como um rolo compressor por cima de qualquer pessoa que notasse que havia algo de errado.

Talvez a mulher fosse louca, Cassie pensou enquanto começava sua busca.

De forma metódica, vasculhou o escritório, abrindo as gavetas da escrivaninha e remexendo nas pastas. Não tinha certeza do que estava procurando, então tentou ficar de olhos abertos para qualquer informação, embora não soubesse sequer o nome dele. Esperava desenterrar um antigo cartão de visitas, uma agenda telefônica, documentos legais do divórcio ou qualquer outra prova de que ele tivesse tido problemas com a lei. Precisava haver algo que levasse a ele.

A escrivaninha estava muito bem organizada e Cassie se perguntou se isso era parte do trabalho de Maurice. Tudo estava no lugar. Havia uma caixa de dinheiro na primeira gaveta, mas a chave estava na fechadura. Cassie ficou nervosa quando viu, pois não queria que ninguém soubesse que

ela estivera vasculhando um lugar onde dinheiro era guardado. Fazia Cassie se sentir culpada por associação.

Havia alguns documentos pessoais da Sra. Rossi – uma cópia de seu passaporte na última gaveta da escrivaninha, junto com uma agenda de capa dura do ano passado, cheia de datas de reuniões e planos de viagem anotados de forma organizada.

Cassie folheou a agenda, mas não encontrou nada que ajudasse. Lembrou-se da Sra. Rossi dizendo que tinha se divorciado há alguns meses, mas nada na agenda apontava para isso. Havia tantas reuniões com tantas pessoas da área jurídica que ela não conseguia distinguir quais eram à negócios e quais eram pessoais.

Depois de uma frustrante hora no escritório, ela abandonou sua busca. Se havia qualquer evidência aqui, estava além de sua capacidade de encontrá-la.

O único outro lugar onde poderia procurar era o quarto da Sra. Rossi.

Alguns meses atrás, aquele quarto teria sido ocupado por um casal e talvez ainda houvesse alguns dos pertences dele lá. Cassie se deu conta de que ainda estava depositando suas esperanças em algum cartão de visitas, com o número do trabalho dele e o celular.

Cassie sabia que, se fosse descoberta bisbilhotando no quarto, estaria em apuros, mas se sentiu encorajada pela raiva em favor das meninas. Além do mais, a Sra. Rossi estava fora o dia todo e, se ela voltasse, Cassie ouviria a porta de entrada se abrindo. Conforme Maurice Smithers lhe explicara, a porta barulhenta poderia ser ouvida do andar de cima.

Ela subiu as escadas e hesitou por um momento antes de abrir a porta da suíte master.

No interior, Cassie impressionou-se com a extrema arrumação do cômodo. Não havia sequer uma rusga na colcha rosa-dourada e o lustre de cristal pendurado no teto alto parecia impecável.

Sua segunda impressão foi que o quarto parecia muito feminino, com a mobília pintada de branco, os estofados vermelho-cereja e as obras de artes de flores. Perguntou-se se a Sra. Rossi poderia tê-lo redecorado após seu marido ir embora, o que explicaria a razão de tudo parecer tão novo. Nesse caso, significaria que ela havia retirado todos os pertences dele.

Mesmo assim, ela seguiu adiante com sua busca. Abriu as gavetas das delicadas mesas de cabeceira e remexeu seus conteúdos. Uma estava vazia e a outra continha itens que claramente pertenciam à Sra. Rossi. A cômoda no

lado oposto do quarto era onde cobertores e toalhas eram guardados e a penteadeira continha perfumes e cosméticos.

O closet espaçoso estava cheio de roupas e Cassie nunca tinha visto tantos sapatos na vida. Havia um armário inteiro dedicado a eles e outro armário menor cheio de gavetas onde joias, óculos escuros e acessórios estavam organizados.

Era quase como se o marido dela nunca tivesse existido. Cada traço de sua presença tinha sido apagado da casa da família. Cassie esqueceu o cartão de visitas que tinha esperado encontrar – ela não conseguira ver sequer uma gravata descartada ou um par de abotoaduras.

Desencorajada, saiu do quarto e desceu para a cozinha.

Assim que chegou, ouviu um estranho barulho trinado.

Levou um momento até que percebesse que era o telefone fixo tocando. Era a primeira vez desde que chegara que o ouvia tocar.

Não havia ninguém na cozinha e ela se perguntou se deveria deixar a ligação ir para a secretária eletrônica, mas depois decidiu que seria melhor atender. Precisava de informações e qualquer ligação poderia representar uma oportunidade de coletá-las.

Ela atendeu.

– Residência Rossi, Cassie falando – ela disse, formalmente.

– Eu pensei que deveria te avisar.

Era uma mulher ao telefone, sua voz curta e grossa. Cassie respirou fundo, chocada, ao perceber que era a própria Sra. Rossi na linha.

– Me avisar? De quê?

Sua mente disparou, pensando nas crianças imediatamente. Teria havido uma falha de segurança nas redondezas? As meninas estavam seguras na cama em suas sonecas, ao menos tinham estado há uma hora.

– Tenho câmeras instaladas por toda minha casa – a Sra. Rossi lhe informou e Cassie inspirou subitamente, chocada.

Por quanto tempo ela tinha assistido? O que ela tinha visto? Será que ela iria rever as imagens e descobrir o que Cassie estivera fazendo e a extensão de sua busca?

Cassie assustou-se com a revelação.

– Eu só estava fazendo uma busca rápida... – ela começou, sua voz trêmula, sabendo que não havia justificativa que explicasse suas ações.

A Sra. Rossi não lhe deu a chance de concluir as palavras.

– Aconselho que você cuide da sua própria vida daqui para frente.
Confie em mim quando digo que fazer isso é para o seu próprio bem.
Com um clique, ela desligou.

CAPÍTULO DEZESSETE

Desajeitada, Cassie baixou o telefone, abalada pela revelação de que a casa possuía um circuito interno de vigilância. Em uma casa tão consciente de questões de segurança, ela devia ter adivinhado que haveria câmeras instaladas. Não fazia ideia de onde se localizavam e, agora que tinha sido descoberta, estava com medo de procurar.

Era possível que a Sra. Rossi estivesse lhe observando nesse exato momento.

Com a cabeça baixa, Cassie subiu as escadas de mármore. Foi para o seu quarto e trancou-se lá dentro. Ela esperava que não houvesse câmeras aqui, mas sabia que existia uma possibilidade. Esta era a casa da Sra. Rossi, as regras dela. Cassie tinha cometido um erro imperdoável ao embarcar em sua busca imprudente.

Ela esperava que a Sra. Rossi a demitiria imediatamente. Ela não o fizera, mas não significava que não haveria consequências. É claro que haveria. Agora, teria que esperar para ver como isso se desenrolaria. Sentiu-se enjoada de pavor.

Envergonhada e com medo de estar sob o olhar das câmeras, Cassie escondeu-se no quarto até o início da noite, quando era hora de as crianças levantarem e se vestirem. Após acordá-las, ouviu a porta de entrada se abrir e sentiu o cheiro de comida sendo preparada na cozinha. Parecia que a Sra. Rossi estava em casa esta noite e Cassie sentiu seu estômago se revirar de medo.

No entanto, quando a Sra. Rossi entrou, ela estava ao telefone. Sua voz soava tensa.

– Sim, Maurice. Por favor, peça para a polícia despachar um veículo imediatamente. O carro era uma SUV preta. Infelizmente, não vi a placa. Não, não faço ideia. Talvez não tinha placa na frente do carro.

Cassie debruçou-se sobre o parapeito, agarrando o corrimão, ansiosa, enquanto escutava a conversa unilateral abaixo.

– Sim. Estavam parados na frente da minha casa quando cheguei e, ao me verem, eles pularam para dentro do carro e aceleraram. Precisam

realizar uma busca minuciosa na propriedade. Obrigada, Maurice.

Ela desligou. Olhando para cima, ela viu Cassie.

– Houve uma falha de segurança – ela explicou. – Cheguei e vi um carro estacionado do lado de fora. Dois homens estavam prestes a escalar o muro. Fugiram assim que eu cheguei. Maurice está ligando para a nossa empresa de segurança e para a polícia, que deve estar aqui em alguns minutos.

– Nossa, isso é tão assustador. Não ouvi nada, ninguém invadiu a casa. As crianças estão em segurança. Elas estavam cochilando – Cassie disse.

Subiu as escadas correndo e fechou as cortinas de seu quarto. Encarou a escuridão, aterrorizada ao pensar que a casa ou as meninas pudessem ser alvejadas. A ameaça era séria e os criminosos eram reais. O que teria acontecido se a Sra. Rossi não tivesse lhes visto e eles invadissem a casa?

Ela esperava que eles não estivessem mais lá fora, esperando no escuro. Não era de se admirar que a Sra. Rossi tivesse instalado câmeras e as monitorava com frequência, caso incidentes como esse ocorressem.

Cassie foi para o quarto das crianças e fechou as cortinas. Em seguida, sentou-se com elas em silêncio até ouvir vozes no andar inferior.

Falavam italiano, mas, pelos tons das vozes, ela deduziu que não havia nada de errado.

– *Grazie di tutto* – entreouviu a Sra. Rossi dizer em tom agradecido antes de fechar a porta.

Obrigada por tudo. Cassie lembrava daquela frase em seu livro.

Ela e as crianças desceram as escadas em marcha e sentaram-se na sala de jantar menor.

A Sra. Rossi não fez menção ao incidente. Elas comeram em silêncio. Cassie tremia, tensa, e, embora a comida estivesse saborosa, ela teve que se forçar a engolir. Com o incidente encerrado, sabia que a atenção da Sra. Rossi se redirecionaria para as infrações da própria Cassie e ela antecipava que pudesse ser sumariamente demitida a qualquer momento.

Olhou de Nina para Venetia e vice-versa enquanto a família comia, desejando que as meninas se abrissem com ela. Sentia-se tão encurralada quanto elas no punho de ferro da mulher abusiva que tinha um controle tão apertado sobre elas que nenhuma das crianças dizia uma só palavra.

Nina estava friamente segura de si, comendo bocadas delicadas de sua comida sem emitir som algum. Venetia parecia estar mais irritada. Ela remexia sua comida, inquieta em sua cadeira. Cassie a observava,

preocupada. Não sabia se Venetia estava chateada pelo que havia sofrido no dia anterior ou se simplesmente não tinha gostado do macarrão com camarões que a cozinheira havia preparado. Uma vez que os castigos na casa pareciam envolver retenção de comida, Cassie ficou grata por Venetia ter comido bem na hora do almoço.

Em uma família normal, sabia que esse comportamento certamente seria notado. Cassie imaginou como Venetia seria questionada se estava tudo bem, encorajada a experimentar a comida. Se ela realmente não gostava de camarões, uma mãe carinhosa poderia providenciar uma alternativa simplesmente para garantir que ela não fosse para a cama com fome.

No silêncio desconcertante, Cassie viu-se elaborando sua própria versão da realidade, criando cenários em sua cabeça enquanto comia.

Então, Venetia pegou sua água, mas o copo escapou de sua mão e caiu na mesa com um baque.

A água correu pela superfície de madeira, espirrando sobre o prato de Nina e derramando no colo da Sra. Rossi.

Em horror, Cassie arfou e o som foi ecoado pela respiração aterrorizada da própria Venetia.

– Desculpe – Venetia chiou.

Ela parecia mortificada e Cassie notou que, em sua aflição, a jovem menina olhava para ela como se apelasse por ajuda.

Cassie já estava de pé, apanhando panos de pratos para limpar a água derramada.

– Está tudo bem – ela disse, tentando soar animada. – É só água. Não faz mal.

A Sra. Rossi limpou a garganta, o som fazendo com que Cassie parasse subitamente.

– Você não irá interferir – ela disse em uma voz calma e fria. – Minha filha foi quem fez a bagunça e ela é quem vai limpar.

Venetia pulou, acometida. Cassie notou que Nina mantinha os olhos baixos, claramente muito intimidada para falar uma só palavra.

– Que garotinha desastrada – a Sra. Rossi continuou naquela voz suave e terrível enquanto Venetia começava a limpar. – Você não tem nenhum valor para mim e nem mesmo merece ser chamada de minha filha. Você é uma vergonha para todos nós; para mim, para a sua família.

Cassie cobriu a boca com uma mão, horrorizada enquanto encarava a Sra. Rossi e o terrível discurso abusivo continuava.

– Você estava inquieta e malcomportada durante o jantar todo. Eu sabia que isso ia acontecer. Estava esperando você mostrar a todos o quanto é estúpida e, agora, você mostrou. Na realidade, você não é só estúpida, mas feia, por dentro e por fora. Você me envergonha e não merece ser chamada de minha filha.

Cassie olhava da mãe para a filha e vice-versa. Jamais acreditara que uma mãe pudesse dizer tais coisas – e, além de tudo, na frente de uma estranha?

A Sra. Rossi parecia calma, escolhendo suas palavras com cuidado e sem pressa, e Cassie pressentiu que essa agressão não era simplesmente uma explosão de fúria, mas calculada para causar máximo dano e dor emocional. Venetia fechou-se completamente. Sua boca estava apertada e seus olhos baixos; somente sua respiração rápida e os ombros tremendo mostravam a Cassie a devastação que as palavras estavam provocando.

Subitamente, Cassie compreendeu o porquê de a Sra. Rossi estar falando assim na frente dela. Era porque a empresária sabia que tinha o trunfo nas mãos. Tinha provas de que Cassie remexera seu espaço privado, o que significava que a mulher podia mantê-la cativa.

Agora, a Sra. Rossi estava no controle e não via mais necessidade de esconder o que fazia.

Com um sobressalto, Cassie percebeu que não tinha nada a perder, porque já tinha perdido tudo. Nesse caso, não esperaria mais um só instante enquanto escutava aqueles insultos maldosos sendo atirados sobre a pobre e jovem menina.

– Pare com isso! – Ela exclamou e viu a cabeça de todos virarem em sua direção.

Nina parecia espantada. Venetia parecia grata pela intervenção inesperada. A Sra. Rossi parecia furiosa. Cassie viu a raiva no rosto dela, crua e perversa, antes que a máscara descesse outra vez e a breve demonstração emotiva sumisse.

– Essa é a sua própria filha! Só o que ela fez foi derrubar um copo d’água. Não é um crime. Não manchou. O vidro nem mesmo quebrou – Cassie gesticulou para o cristal intacto de modo impaciente. – Não posso ficar sentada aqui, escutando você criticar injustamente essa garotinha por ter cometido um erro bobo. Foi só isso, um erro. Ela tem oito anos. As mãos dela são pequenas e o copo é grande e pesado. Recuso-me a permitir que

você atire esses insultos por algo que nem foi culpa dela. Não serei mais cúmplice nisso, porque não é nada além de abuso infantil.

Cassie inclinou-se para a outra mulher, gesticulando descontroladamente enquanto cuspiu as palavras finais.

Ninguém disse mais nada e a expectativa no silêncio parecia mais barulhenta do que tinham sido os gritos.

Cassie deixou as mãos caírem e afundou de volta em sua cadeira. Agora que havia retaliado, o medo estava voltando devagar. Ela ousara desafiar uma mulher poderosa e arrogante que tinha se provado ser uma especialista na arte da vingança.

Ela cruzara uma linha proibida e sofreria as consequências. Sentia isso no peso da atmosfera ao redor e via nos olhos da Sra. Rossi enquanto a mulher olhava diretamente para ela.

E o que era pior: Cassie temia que, ao se manifestar, talvez tivesse tornado as coisas ainda piores para Venetia. O pensamento a encheu de culpa e ela desejava ter considerado isso antes de ter pulado da cadeira e começado a gritar no calor do momento.

– Venha comigo, agora, para discutirmos isso em particular – a Sra. Rossi disse em uma voz deliberadamente suave.

Cassie viu-se ficando de pé, arrastando-se antes que as palavras tivessem sido absorvidas.

A Sra. Rossi saiu rapidamente da sala e Cassie a seguiu, apavorada ao pensar no castigo que suas atitudes ganhariam.

CAPÍTULO DEZOITO

Com os pés pesados, Cassie seguiu para o escritório da Sra. Rossi. Aguardou até que a empresária se sentasse e apontasse que Cassie fizesse o mesmo. Em seguida, empoleirada na cadeira, encarou sua empregadora por cima da extensão da escrivaninha.

O rosto dela era inexpressivo e Cassie viu que ela não deixava sua máscara escorregar com frequência, nem por muito tempo.

– As gravações das câmeras foram muito interessantes para mim – a Sra. Rossi começou.

Cassie prendeu a respiração, horrorizada, pois não tinha pensado que o assunto seria abordado tão cedo.

– Eu não fazia ideia que você estava tão curiosa com os pertences do meu escritório e até mesmo do meu quarto – a empresária continuou.

Cassie não conseguiu dizer nada em sua defesa. Suas ações eram indefensáveis. Encarou a superfície polida da escrivaninha, sentindo seu rosto queimar.

Então, as próximas palavras da Sra. Rossi subitamente fizeram sua cabeça se erguer outra vez, consternada.

– É uma coincidência que você tenha sido pega pelas câmeras ao mesmo tempo em que eu chegava e encontrava um carro estranho do lado de fora e intrusos tentando invadir minha casa.

Cassie encarou-a, incrédula.

Será que o veículo suspeito tinha mesmo estado lá, ou a Sra. Rossi inventara os invasores para cimentar a culpa de Cassie? Será que ela havia inventado toda a situação, a descrição do carro, para fornecer mais uma camada de provas quando “descobriu” a filmagem de Cassie vasculhando seus pertences e itens de valor?

– Tenho certeza que você entende o que quero dizer – a Sra. Rossi continuou, sua voz cheia de uma leve satisfação. – É claro, já estou ciente de que alguns itens de valor sumiram.

Cassie puxou uma respiração brusca.

– Mas eu não... – ela começou, mortificada.

A outra mulher ofereceu um pequeno sorriso.

– Sua palavra contra a minha. Em quem a polícia vai acreditar? Já tivemos incidentes como esse no bairro, em que funcionários temporários foram descobertos como informantes para criminosos profissionais. Ou, é claro, eram ladrões mesquinhos agindo por conta própria.

A palavra açoitou Cassie como um chicote.

– Portanto, agora que confirmamos a sua posição nessa casa, vamos seguir em frente. Primeiramente, você não vai mais falar sem ser solicitada. Minhas filhas serão criadas da mesma forma que eu fui. Se eu as castigar, é porque mereceram. Um dia, elas serão adultas ricas e bem-sucedidas, assim como eu. Contudo, não permitirei mais que você trabalhe com elas. Providenciei que minha mãe se mude para cá antes. Ela chegará amanhã e supervisionará as crianças no seu lugar.

A Sra. Rossi lhe encarou por cima dos óculos de tartaruga e Cassie viu frieza em seus olhos.

– Você não vai falar sobre qualquer coisa que tenha visto ou ouvido aqui. Se falar, confie em mim quando digo que a polícia italiana estará à sua procura. Somos uma família de alto escalão, as pessoas nos levam à sério. As coisas terminarão mal para você se eu tiver que explicar como descobri que você estava machucando e castigando minhas filhas.

Cassie sentiu-se murchar por dentro com as palavras.

A Sra. Rossi entendia que estava cometendo abuso. É claro que entendia, e isso mostrou a Cassie que ela sabia o quanto suas ações eram erradas. Se Cassie tentasse expô-la, a Sra. Rossi garantiria que ela recebesse a culpa.

Ela vira como as crianças tinham sido treinadas para permanecer quietas. Cassie tinha certeza que, para proteger a si mesmas, elas acabariam também protegendo sua mãe.

Não havia nada que pudesse fazer. Ela tinha sido derrotada.

– Em quarenta e oito horas, quero que você suma.

A Sra. Rossi abriu sua bolsa e retirou um maço de notas de cem euros. Contou algumas notas da pilha, abriu uma pasta e empurrou o dinheiro por cima da mesa.

– Aqui está o seu salário do mês inteiro. Assine no final da folha, dizendo que recebeu seu pagamento final integral.

Cassie arfou, surpresa.

– Não quero o seu dinheiro. Depois de tudo o que aconteceu? Não vou aceitá-lo de jeito nenhum. Por favor, guarde-o na bolsa.

O olhar da Sra. Rossi a perfurou. Ela falou com calma, mas cada palavra era tão afiada quanto o estalar de um chicote.

– Se recusar o dinheiro, a escolha é sua, mas quero sua assinatura nessa página, dizendo que você aceitou o salário e foi paga de forma integral. Você não vai fabricar um motivo para prestar queixas contra mim. Assine. Agora. Ou vou chamar a polícia e te acusar de roubo.

A mão de Cassie tremia tanto que ela mal conseguiu usar a caneta. Rasurou uma assinatura ilegível no papel, sentindo-se desajeitada e inadequada sob o olhar de intimidador da outra mulher. Não conseguiu se forçar a aceitar o dinheiro. As notas ficaram intocadas sobre a mesa.

– Vá para o seu quarto agora. Eu e as crianças terminaremos o jantar sem você.

Cassie levantou-se e saiu do escritório, atrapalhada. Seus olhos estavam embaçados com lágrimas. Esta situação era completamente terrível. As crianças eram vítimas diretas de abuso. Ela deveria ter percebido antes, ao ver o modo como elas se fechavam e trocavam olhares buscando apoio, e o quanto eram próximas uma da outra, além de sua obediência cega às regras, com medo da punição.

Ela sabia o que elas passavam, pois ela e Jacqui também tinham sofrido aquele abuso.

Jacqui tinha ficado para proteger Cassie por quanto tempo fora capaz de aguentar. Ela só fora embora quando Cassie era adolescente.

Ela não havia abandonado Cassie da forma como Cassie seria obrigada a dar as costas a essas jovens meninas, abandonando-as ao próprio destino.

A cabeça de Cassie estava uma bagunça. Essa situação estava fazendo borbulhar novamente memórias de muito tempo atrás. Ela havia se esquecido do medo e da impotência que sentira, da forma como não ousava retrucar seu pai quando ele estava em um de seus acessos violentos, do jeito como tentava ao máximo se tornar invisível para que ele não lhe notasse e sua mera presença não terminasse o deixando com mais raiva.

Ela lembrava-se de como, quando estava sozinha em casa, ansiava pelo retorno de Jacqui, porque a garota mais velha ofereceria algum grau de apoio e proteção se as coisas acabassem mal. Jacqui era a única pessoa que entendia o que realmente acontecia na casa e aquilo havia forjado um elo entre elas que Cassie sabia que nunca poderia ser quebrado.

Soltando um suspiro, ela andou de um lado para o outro no quarto.

Será que Jacqui estava morta? A incerteza estava pesando sobre ela. A única maneira de descobrir a verdade seria dirigir até Bellagio e confrontar Mirabella em sua boutique. Imaginou que seria capaz de fazer isso mais cedo do que pensava, já que acabara de ser demitida.

O quarto estava claustrofóbico e quente demais. Cassie abriu as cortinas, desejando abrir a janela e deixar entrar um pouco de ar fresco.

Do lado oposto do pátio, viu que as luzes estavam acesas em um dos quartos das crianças. Agora que estava familiarizada com o layout da casa, Cassie percebeu que era o quarto de Venetia.

Venetia estava parada perto da janela – mas o que ela estava fazendo?

A respiração de Cassie estava embaçando o vidro, então ela puxou a janela para abri-la. O ar frio entrou conforme ela olhou para fora, descrente enquanto encarava a cena se desenrolando do outro lado do pátio.

Venetia estava completamente parada no meio do quarto. Seu braço estava estendido em sua frente e ela segurava algo. Um copo, cheio até a borda com água. Cassie via a expressão no rosto dela. Focada, desesperada, tensa e com medo enquanto lutava para manter o copo firme.

Atrás dela, a Sra. Rossi assistia.

– Não – Cassie sussurrou. Não podia acreditar na cena se desdobrando diante de seus olhos horrorizados.

Isso era muito pior que um castigo – era tortura.

O braço fino de Venetia começava a tremer. Seus músculos deviam estar queimando em agonia, o copo virando um peso morto enquanto ela se esforçava para mantê-lo firme.

Cassie mordeu os lábios ao ver que Venetia começava a tremer com o esforço.

Seu braço estremecia e a água espirrava na lateral do copo.

Imediatamente, a Sra. Rossi ergueu a mão. Ela segurava um cinto de couro, grosso e pesado.

Cassie gritou quando ela açoitou as costas da menina com o cinto, um golpe perverso. O corpo de Venetia saltou com a dor.

A Sra. Rossi olhou pela janela. Ela devia ter ouvido o grito. Cassie observou-a olhando através do pátio e soube que a mulher tinha visto a cortina aberta e seu próprio rosto pálido e chocado assistindo ao pesadelo sendo encenado.

O fato de ter uma testemunha parecia não fazer diferença. Com uma terrível sensação de impotência, Cassie percebeu que a empresária sabia que a tinha completamente sob controle.

Calmamente, a Sra. Rossi voltou a atenção ao horror ao qual presidia.

Tornou a encher o copo de água em uma vasilha grande e o devolveu à Venetia, que o segurou novamente, encarando o próprio braço trêmulo em desespero.

Mais uma vez, a água derramou e, novamente, o cinto chicoteou, tão forte que o corpo de Venetia convulsionou.

– Não – Cassie sussurrou.

Memórias surgiram nela. O clamor de raiva de seu pai e a sensação do cinto dele quando ele chicoteava seu braço ou sua coxa – era tão forte e pesado quando um soco de verdade e a dor provocava enjoo. Cassie lembrava-se de como a marca, grossa e vermelha, pulsava e ardia por horas e, depois, ficava sensível por dias antes que a dor diminuísse gradualmente.

A diferença era que o pai dela só lhe batia quando estava com raiva e nunca mais do que uma vez. Muitas vezes, Cassie era rápida em fugir, portanto uma única chicotada com o cinto era um golpe de sorte para ele, quando ela estava encurralada ou ele era rápido demais para ela.

As namoradas dele não usavam cintos. Aquelas mulheres atacaram Cassie fisicamente. O abuso delas era mais assustador, já que era mais fora de controle, mas elas não eram tão fortes quanto seu pai e era mais fácil lutar para se libertar.

Em contraste, o que ela estava assistindo era um tormento deliberado e contínuo. Estava claro que Ottavia Rossi pretendia quebrar sua filha completamente.

Cassie não poderia ficar parada e deixar aquilo acontecer de modo algum.

Nem todas as ameaças do mundo, nem mesmo o que a Sra. Rossi dissera sobre acusá-la de roubo, poderia impedi-la de salvar essa jovem garota. A pessoa que deveria cuidar dela estava a atormentando de uma forma que deixaria cicatrizes permanentes, não só físicas, mas emocionais.

A raiva lhe deu asas e ela saiu correndo do quarto.

A porta de Venetia estava fechada e ela a abriu, irrompendo quarto adentro.

– Pare – ela gritou. – Pare com isso de uma vez!

O braço da Sra. Rossi estava para trás, pronto para açoitar sua filha outra vez. Cassie investiu contra ela, pronta para arrancar o cinto de sua mão, agarrar seu braço ou fazer o que quer que pudesse para impedir que outro golpe acertasse a menina.

Sem palavras, a empresária soltou uma exclamação quando Cassie entrou, um rugido que combinava fúria e frustração. Girando, ela atacou Cassie com o cinto.

Cassie não foi rápida o bastante para se esquivar. A tira de couro larga bateu em seu rosto, a fivela cortando sua pele, e ela gritou em agonia. Estrelas explodiram em sua visão e ela deu um passo atrás, cambaleando.

O cinto a atingiu novamente, batendo na lateral de sua cabeça e fazendo seus olhos lacrimejarem tanto que ela ficou cega.

Cassie sabia que a mulher era demente. Era louca, não se importava com quem machucava ou o mal que provocava. O que aconteceria se Cassie fosse incapaz de tirar o cinto dela? Temia que a Sra. Rossi acertaria sua cabeça de novo e a apagasse, prosseguindo com sua agressão com a mesma intensidade enquanto Cassie estivesse inconsciente no chão.

Piscando para afastar as lágrimas, tentou freneticamente agarrar o cinto e, por pura sorte, conseguir enroscar seu dedo na fivela.

Puxou com força, quase derrubando a Sra. Rossi de seus saltos plataforma. A empresária xingou violentamente, soltando sua arma improvisada e se agarrando à cômoda para se salvar. O móvel balançou, mandando a vasilha de água para o chão; ela caiu com um tinido e a água escorreu pelo piso.

– Pare! – Cassie gritou.

Seus olhos fumegavam com a dor do golpe, mas ela segurou o cinto com ambas as mãos, apertando-o com toda sua força. De jeito nenhum a outra mulher o tomaria dela agora. Não mesmo.

A Sra. Rossi xingou violentamente de novo. Ela soltou o cinto e saiu do quarto, furiosa, batendo a porta atrás de si.

Cassie respirava com dificuldade e seu sangue cantava em seus ouvidos. De alguma forma, sua intervenção tinha comprado um fim para o horror – ou será que tinha?

Será que essa ogra pegaria outro cinto ou alguma outra arma e voltaria para continuar seu ataque? Ela esperou, observando a porta, com medo de ouvir o retorno do clique dos saltos altos.

No próximo instante, a porta da frente rangeu e bateu.

A Sra. Rossi tinha saído.

Cassie soltou uma respiração longa e trêmula. Toda estremeçada, seu rosto latejava por causa do golpe. Quando ergueu sua mão até a bochecha, ela ficou com uma mancha de sangue. Mas seus problemas não eram importantes agora, eles podiam esperar.

– Você está bem, Venetia?

A jovem garota tinha abaixado o copo e se escondido atrás da cama assim que Cassie tinha tentado intervir.

Agora, ela estava de pé. O rosto dela estava branco como um papel e ela tremia tanto quanto Cassie.

– Está tudo bem – Cassie estendeu os braços.

A jovem menina atravessou o chão encharcado e correu para os braços de Cassie, abraçando-a com toda força enquanto soluçava.

Gentilmente, Cassie alisou os cabelos de Venetia, querendo abraçá-la, mas sabendo que as costas dela estariam em agonia após a tortura pela qual tinha passado e que qualquer toque provocaria dor.

– Obrigada por me ajudar – ela disse.

– Tudo bem – Cassie fungou com força.

– Não sei por que a Mamãe fez aquilo – Venetia sussurrou. – Eu cometi um erro. Por que ela me castigou tanto assim?

– Acho que ninguém sabe a resposta. Não é certo e pessoas normais não fazem esse tipo de coisa – Cassie disse, explicando da melhor forma que pôde. Não queria contar honestamente para Venetia que sua mãe era um monstro abusivo, mas precisava deixar claro que esse comportamento era inaceitável e ela jamais o toleraria.

– Sempre vou tentar te ajudar, não vou permitir que alguém te machuque desse jeito – Cassie prometeu, mas sentia o gelo do medo por dentro, porque tinha sido ordenada a ir embora.

Em mais um dia, ela iria embora e sabia que os castigos e o maltrato continuariam normalmente – ou talvez aumentariam, caso a Sra. Rossi sentisse que precisava provar seu ponto.

Proteger essas garotas por meio de sua própria intervenção física era uma solução de curto prazo, como colocar um curativo por cima de uma unha encravada.

Cassie resolveu que, antes de partir, faria tudo ao seu alcance para salvá-las.

CAPÍTULO DEZENOVE

Cassie ficou preocupada que a Sra. Rossi, após sair furiosa de casa, pudesse retornar mais tarde e continuar oprimindo suas filhas. Seu pai tinha feito a mesma coisa muitas vezes e ela se lembrava do medo que sentia ao ouvi-lo voltar para casa, mais bêbado e mais furioso do que quando tinha saído. Ficou agradecida por nesta casa haver uma porta de entrada que fazia o barulho de estalo arranhado ao abrir, pois ao menos isso lhe daria um aviso prévio.

Ela deixou a porta de seu quarto entreaberta e dormiu um sono irregular, acordando com um pulso sempre que ouvia algum som. Por volta da meia-noite, a porta de entrada se abriu e fechou. Imediatamente, a casa dava a sensação de ser um lugar ameaçador de novo.

Cassie saiu da cama e foi até a porta nas pontas dos pés para ouvir melhor, prendendo a respiração enquanto escutava, mas, para o seu alívio, a empresária foi diretamente para o quarto dela. Verificando pela janela, viu que os quartos das crianças permaneceram escuros.

Ela retornou para a cama e tentou ao máximo dormir, mas estava tão energizada pela ansiedade que sequer estava sonolenta. Pelo resto da noite, virou-se de um lado para o outro, aflita com o que aconteceria pela manhã, repassando possíveis cursos de ação em sua mente.

De manhã, quando saiu do quarto, ouviu Maurice chegando. Ele bateu na porta da suíte master, desejando um bom dia à *Signora*.

– Eu trouxe o seu café – a voz dele se propagou pelo corredor.

Cassie não queria ver ou falar com a Sra. Rossi nunca mais. Esperou até ouvi-los indo até o escritório antes de ir para o quarto das crianças. Era fácil coordenar o momento certo, porque Maurice não parava de falar e a voz dele se propagava.

– A videoconferência com a gerência da Harrods correu muito bem. Semana que vem, vou voar até lá para que tudo seja assinado, mas deve ser apenas uma formalidade. Falando de algo mais próximo, a *Signora* já decidiu a configuração que prefere na reforma dos escritórios Rossi?

Cassie perguntou-se se Maurice estava falando especialmente alto para que ela pudesse ouvir. A voz dele soava tão cheia de autocongratulação. Sua antipatia por ele cristalizou-se em ódio. Como ele podia se vangloriar de coisas insignificantes como reuniões com donos de lojas e reformas de escritórios, quando se recusava a interferir em um caso claro de abuso que estava destruindo duas jovens vidas?

Ficou contente quando eles se afastaram para longe de seus ouvidos e ela não precisou mais escutar o discurso pomposo dele.

Quando foi para o quarto das meninas, descobriu que Nina e Venetia já estavam prontas para a escola e Cassie as saudou de forma calma, tentando agir normalmente na frente das duas meninas e não transparecer o quanto se sentia impotente e em pânico.

– Vamos preparar o café da manhã – ela disse e elas desceram até a cozinha.

Notou que Nina olhou de relance, com cautela, para a porta do quarto de sua mãe enquanto passavam. Cassie sentiu-se soterrada por desespero, pois estava se dando conta da extensão do medo com o qual as crianças tinham que conviver. Elas não tinham ninguém do lado delas e não havia ninguém que podia defendê-las do abuso. Maurice era um cúmplice ao mesmo tempo em que os funcionários da casa entravam e saíam sem parecer interagir muito com as crianças.

– O que posso pegar para vocês? Torradas? Geleia?

Cassie ajudou as crianças a prepararem o café da manhã, garantindo que as tarefas fossem divididas entre as três.

– Você pode ficar encarregada das torradas, Venetia. Nina, por que você não fatia um pouco de queijo hoje?

Ela não queria que as crianças sentissem a pressão de ter que fazer todas as coisas sozinhas, com a ameaça de punições por qualquer erro que cometessem.

Apesar de se esforçar ao máximo para infundir calma e ânimo na preparação do café da manhã, Cassie percebeu que ela e as crianças estavam andando no fio da navalha. O que acontecera na noite anterior parecia um assunto inacabado e ela tinha certeza que a Sra. Rossi pretendia trazê-lo de volta, ao seu modo e no seu tempo. Cassie viu-se desejando que a chegada da avó pudesse ser adiada e que ela pudesse ficar para protegê-las por mais tempo, até que tudo isso tivesse passado. A esta altura, qualquer dia a mais parecia uma vitória.

Quando Cassie ouviu um barulho na porta, virou-se preparada para um conflito. Nina derrubou a faca e Venetia também se virou, ansiosa para ver quem tinha chegado.

Maurice estava na porta.

Cassie encarou-o, apreensiva, notando o sorriso arrogante no rosto dele.

– Bom dia a todas – ele as saudou. – Entendo que você nos deixará amanhã, Cassie?

Humilhada, pois o tom de Maurice deixava claro que ele sabia que ela fora demitida, Cassie assentiu.

– A Signora gostaria de te relembrar que a mãe dela chega hoje e estará aqui por volta das duas da tarde. Os funcionários da casa foram instruídos a preparar uma cama no quarto de hóspedes na ala das crianças. A Signora só voltará mais tarde, mas queria instruir vocês a darem as boas-vindas à Nonna.

Tentando soar friamente educada, Cassie respondeu.

– Faremos isso, obrigada.

Sabia que não tinha soado como havia pretendido. Ela soara assustada. Pior do que isso, soara fraca.

O sorriso de Maurice se alargou.

– Aqui está o meu cartão de visitas. A Signora pediu para entrar em contato se a Nonna precisar de qualquer coisa. Organizarei para ela, já que ela está muito ocupada hoje.

Cassie pegou o cartão.

Maurice continuou em tom alegre.

– Bom dia para vocês. Provavelmente não vou te ver de novo, Cassie, então te desejo o melhor na sua futura busca de emprego. Espero que você encontre uma posição adequada. Adeus e *buona fortuna*.

A frase, que Cassie reconheceu como “boa sorte”, soava deliberadamente insincera.

Maurice deu as costas e foi embora.

Nina encarou Cassie, horrorizada.

– Você vai embora? – Ela perguntou e Cassie conseguia ouvir o tremor na voz dela.

Tanto ela como Venetia parecia a ponto de chorar.

– Não vou a lugar nenhum até garantir que vocês duas estejam seguras e que ninguém fará nada de mal a vocês – Cassie disse com firmeza.

Sentia-se enjoada, pois não fazia ideia de como manteria sua palavra. Poderia ter feito uma promessa falsa às crianças, que apenas aumentaria o seu trauma. Imagine se a única pessoa que as tivesse defendido e jurado ajudá-las sumisse de suas vidas para sempre? O que aconteceria com elas? Elas já não tinham razões para confiar em adultos, uma vez que a pessoa que deveria protegê-las havia se tornado seu algoz.

– Vocês conhecem bem a Nonna? – Ela perguntou. – Gostam de passar tempo com ela?

Nina negou com a cabeça, sem dizer nada, mas Venetia ofereceu:

– Ela não conversa muito conosco. Ela quase não fala.

Cassie sentia-se cada vez mais perturbada, especialmente já que a mulher era a mãe de Ottavia Rossi. A empresária poderia ter aprendido sua atitude abusiva com ela e, nesse caso, significaria que as crianças estariam em uma situação pior do que antes.

Ainda assim, apegou-se à esperança de que uma avó de rosto redondo e coração aquecido fosse chegar às duas horas.

Nenhuma das crianças comeu o café da manhã inteiro e Cassie podia ver que elas estavam chateadas e amedrontadas novamente. Ela também não tinha apetite e se sentia nauseada com a tensão. Precisava fazer algo para ajudá-las.

– Giuseppe vai chegar logo – Nina disse; elas subiram as escadas para pegar suas mochilas.

Um minuto depois, em silêncio, saíram da casa em fila e Cassie viu-se sozinha outra vez.

Ela encostou-se no balcão da cozinha e enterrou a cabeça nas mãos enquanto pensava furiosamente. Devia haver um serviço de proteção infantil ou uma assistente social para quem pudesse ligar. Não fazia ideia de por onde começar e não queria ficar na casa enquanto investigava, porque estava preocupada com o que as câmeras poderiam registrar.

Poderia dirigir até a cafeteria mais próxima e fazer sua pesquisa lá. Contatar as autoridades relevantes seria a melhor e mais eficaz maneira de ajudar essas crianças.

Sentindo-se motivada por sua decisão e aliviada por estar tomando uma ação positiva, Cassie pegou sua bolsa e saiu pela porta.

Enquanto entrava em seu carro, percebeu que essa seria a primeira vez que sairia da propriedade desde que chegara, o que a fez entender o quanto as crianças eram isoladas. Com o motorista as levando e buscando,

remunerado pela Sra. Rossi e claramente leal a ela, a vida das crianças parecia sombria e restrita. Onde estavam as brincadeiras, as saídas, os amigos indo e vindo, ou até mesmo a permissão para passear pelo bairro?

Certamente, à luz do dia, o lugar era seguro e amigável, não? Com certeza tinha parecido assim quando ela chegara. Na realidade, ela tinha ficado empolgada para dar uma volta pelas avenidas cinematográficas ladeadas por árvores, presumindo que seria algo que faria com as crianças se conseguisse o emprego. Lembrava-se que havia um pequeno parque a alguns quarteirões de distância, bem conservado, cercado com ferro forjado preto, com gramado bem cuidado e trilhas pavimentadas. Ela tinha notado brinquedos – uma gangorra e alguns balanços. As crianças nunca tinham permissão para ir até lá e se divertirem?

Dirigindo até o portão, Cassie parou, olhando preocupada para o sedã preto estacionado do lado de fora, na entrada da garagem. De repente, todas as suas preocupações com a segurança voltaram. Seria possível que os criminosos vigiarão a casa tão descaradamente, em plena luz do dia? O que ela faria se os visitantes alegassem terem sido contratados para consertar o fogão ou ler o hidrômetro? Deixaria que eles entrassem?

Cassie decidiu que iria até o portão perguntar. Com a estrutura alta, com barras de aço, entre elas e os visitantes, com sorte ficaria segura o bastante.

Desceu do carro, hesitando quando a porta do sedã se abriu.

Para o alívio de Cassie, uma mulher com cabelos loiros longos emergiu do carro.

Ela aparentava ter por volta de trinta anos de idade e se vestia muito melhor do que Cassie. Ela parecia irritada.

A mulher marchou até o portão.

– Olá – ela disse em voz alta, com um inglês de sotaque rico. – Você poderia dizer ao Maurice que estou esperando? Ele me pediu para vir aqui hoje de manhã e eu acabei de perceber que só tenho o número do escritório. Ou o interfone toca no escritório da casa?

– Maurice não está aqui – Cassie contou a ela. – Ele e a Sra. Rossi saíram há cerca de vinte minutos. Não sei para onde estavam indo.

Ela não sabia o porquê, mas essa mulher parecia familiar.

A loira bufou, irritada.

– É sério? Ele não está aqui? Ele me disse ontem para vir aqui antes das dez horas buscar o meu comprovante do imposto de renda e a capa do laptop que emprestei a ele. Ele especificamente disse que estaria na casa.

– Ele não mencionou que você viria – Cassie disse, mas, em seguida, seu cérebro confuso juntou dois mais dois. – Espere. Acho que já falei com você antes. Por acaso você é a Abigail?

As sobrancelhas perfeitamente desenhadas da mulher se ergueram.

– Sim, sou eu. Quem é você?

– Foi você quem atendeu a minha ligação quando respondi ao anúncio de emprego e me disse que a vaga tinha sido ocupada. Então, me liguei de volta e disse que ainda estava disponível – Cassie abaixou a voz. – Depois, ouvi a Sra. Rossi te demitindo no telefone. Ou estou errada?

– Ah, sim. Agora eu lembro. E você não está errada.

Abigail parecia contente por encontrar alguém para escutá-la.

– Eu sei que você é empregada dela e tudo o mais, mas eu preciso te dizer, essa mulher é uma bruxa. Ela é completamente psicótica. Ela é agressiva e irracional, ninguém nunca sabe onde está pisando com ela. Em um minuto, eu era a assistente de marketing dela, o braço direito confiável, tão valorizada. No minuto seguinte, fui demitida por algo que eu nem sequer sabia.

Abigail passou as mãos sobre os cabelos em um gesto de frustração.

– Quer dizer, não foi nem minha culpa! Eu nem sabia sobre aquele anúncio. Eu só atendi ao telefone porque Maurice estava ocupado em outra ligação. Ele me falou o que dizer, então foi um deslize dele, não meu.

– É sério? – Cassie perguntou, preocupada.

– O Maurice é o menino dos olhos dela. Ele aguenta todas as birras dela. Ele nem mesmo é contratado da Rossi, foi contratado diretamente por ela.

– Mas ela é a dona, não é? – Cassie disse.

– Sim, ela é a dona, mas, desde a reestruturação, o conselho da diretoria assumiu a maior parte da responsabilidade na condução da empresa. Em minha opinião, fizeram isso para que ela não possa continuar tomando decisões estúpidas que prejudicam a marca. Exceto me demitir, é claro. Infelizmente, isso estava no âmbito dela, já que é encarregada pela equipe de marketing. Caso contrário, as principais obrigações dela são comparecer em reuniões e funções corporativas ou seleções de modelos. Dizer a garotas que são feias, que não são boas o bastante para representar seus produtos. Parece que ela gosta de fazer isso.

Cassie encarou Abigail, horrorizada.

– Isso é terrível – ela disse.

– É novidade para você? – Abigail soava cínica.

– Não. De jeito nenhum – Cassie deu um passo para se aproximar. – Eu também fui demitida. Só estou aqui até amanhã. Mas já vi como ela trata as filhas dela e estou extremamente preocupada em deixá-las. Ela é uma mãe abusiva. O modo como as castiga é totalmente exagerado e sádico, por coisas que nem mesmo foram culpa delas.

Abigail franziu o cenho.

– Isso é terrível. Ser tóxica no trabalho é uma coisa, mas maltratar as próprias filhas é outra. Você vai chamar a polícia? O que planeja fazer?

Cassie hesitou. Torceu para que compartilhar seus planos com a descontente assistente de marketing não fosse um tiro que sairia pela culatra. Porém, precisava confiar em alguém e não parecia haver razão para Abigail delatá-la para a Sra. Rossi.

– Pensei em denunciá-la para as autoridades de proteção às crianças antes de ir embora. Vou pedir para investigarem.

– Parece uma boa ideia – Abigail concordou.

– Eu estava saindo para encontrar uma cafeteria e pesquisar. Não tenho certeza de qual departamento lida com isso aqui, ou onde fica sua base.

– Talvez eu possa te ajudar nisso – Abigail disse. Colocou a mão dentro do carro e tirou sua bolsa, remexendo até encontrar seu celular. – Temos uma página de mídia social para expatriados morando nas redondezas com informações disponíveis na internet. Tenho certeza que me lembro de algo sobre crianças na lista. Definitivamente, tem bombeiros, serviço de coleta de lixo e polícia. Deixe-me ver.

Ela deslizou o dedo no celular enquanto Cassie aguardava, ansiosa. A chegada de Abigail se mostrava ser um golpe de sorte que lhe permitiria ajudar as crianças no tempo que lhe restava.

– Aqui está. Parece que é isso. Qual é o seu número?

Cassie informou em voz alta e Abigail enviou uma mensagem com as informações para ela.

– Bem, boa sorte – Abigail disse. – É melhor eu ir para o escritório agora e ver se consigo localizar o Maurice. Com sorte, ele vai estar lá durante a manhã.

– Espero que consiga encontrá-lo – Cassie disse. – Por favor, não diga que falou comigo.

– Não direi uma palavra.

Abigail entrou no carro outra vez e partiu.

Cassie colocou o endereço em seu celular e mapeou a rota. A mansão Rossi localizava-se no sul de Milão e o Serviço Social ficava perto do centro da cidade. Imaginou que fosse demorar no mínimo meia hora para dirigir até lá. Saiu apressada, incerta sobre como o processo funcionaria, mas esperando que talvez precisasse esperar na fila quando chegasse.

Cassie desejava poder ter tirado fotos ou mesmo filmado os terríveis abusos que tinha testemunhado na noite anterior. Mas, assim que tinha percebido o horror que se desenrolava, tinha corrido para ajudar Venetia e não tinha pensado em gravar. Filmar poderia ter lhe permitido coletar evidências valiosas, mas cada momento de demora significaria mais dor para a jovem menina. Além disso, a cena tinha acontecido do outro lado do pátio, com iluminação ruim. Não tinha certeza se o seu celular barato teria feito uma gravação que pudesse utilizar.

Ela teria que fazer o máximo para descrever o incidente conforme havia testemunhado. Se investigassem rapidamente, descobririam que os hematomas nas costas de Venetia corresponderiam com a sua descrição do que ocorrera.

Ziguezagueando pelo caminho até o centro, Cassie ficou mais e mais nervosa. Esperava conseguir denunciar anonimamente, sem que lhe perguntassem suas informações pessoais. Perguntou-se quando agendaria a visita à casa, torcendo para que não fosse hoje. A Sra. Rossi saberia instantaneamente quem tinha feito a denúncia, então ela não queria estar lá quando as autoridades chegassem.

Cassie apertou o volante, tentando se tranquilizar de que nada daria errado e que sua última tentativa de salvar as crianças não sairia pela culatra.

CAPÍTULO VINTE

Apesar dos riscos, Cassie estava comprometida a fazer a denúncia ao Serviço Social. Sabia que precisaria fazer o máximo para garantir que a levassem a sério. As crianças sofreriam terrivelmente se esse nível de abuso continuasse e, ao longo do tempo, suas personalidades seriam deformadas no mesmo molde aterrorizante. Elas perderiam qualquer esperança de ter uma vida normal e feliz ou de ter sequer uma infância. Invés disso, seriam forçadas, por meio do medo e da tormenta, a se tornarem réplicas de sua mãe.

Cassie gelou ao pensar nas meninas um dia tratando seus filhos da mesma maneira, pois era tudo o que conheciam, tendo sido condicionadas a um ciclo de crueldade.

Enquanto dirigia para o centro, Cassie tranquilizou-se imaginando as crianças em uma vida melhor, dentro do carro com ela. Isso era o que sua função deveria ter incluído desde o começo. Ela deveria ter dirigido com elas para todo lado – para um corte de cabelo, para comprar roupas, visitar amigos ou mesmo para um passeio especial visitando uma das atrações da cidade.

Milão como um todo era um banquete visual. Supunha que Nina e Venetia considerariam a cidade normal, tendo crescido nela, mas ela ficava constantemente maravilhada com a história e a cultura evidentes a cada curva da estrada. Construções majestosas em tons de terra e pedra, com pináculos de arquitetura gótica subindo em meio à névoa. Janelas adornadas, decoradas com tijolos coloridos. Gárgulas e estátuas de pedra, cada uma delas obras de arte únicas.

Lá estava. Para seu alívio, ela reconheceu o característico edifício de pedra com as janelas e balcões elaborados a partir da foto no mapa. Impressionou-se com a estrutura imponente e histórica, deduzindo que, em uma cidade onde estilo e arquitetura eram celebrados, até mesmo os serviços locais mundanos se alojavam com beleza.

Após buscar um lugar para estacionar, ela encontrou uma vaga estreita algumas ruas adiante. Espremendo o carro nela, apressou-se para a entrada

principal. Parou na porta, tremendo com o ar frio da manhã, enquanto organizava seus pensamentos.

Precisava ser vista como calma, responsável e verossímil. Fazer uma denúncia incoerente ou tornar-se emotiva seria falhar com as crianças, o que poderia afetar a vida delas por sempre.

Uma vez que estava segura de que seus pensamentos estavam em ordem, Cassie entrou.

– Preciso do Serviço de Proteção Infantil, por favor – ela pediu à recepcionista na entrada. – Estou aqui para denunciar um caso de abuso.

– Endereço? Que parte de Milão? – A recepcionista perguntou.

Cassie pesquisou o endereço da casa em seu celular e leu em voz alta.

A recepcionista apertou alguns botões em seu telefone e falou em italiano rápido antes de voltar-se para Cassie.

– Por favor, sente-se. Estamos com muito movimento hoje, portanto há uma pequena espera.

O inglês dela possuía um forte sotaque e ela parecia aborrecida e cansada da vida, como se tivesse visto muitos casos do tipo que Cassie descrevia.

Cassie sentou-se em um dos bancos desconfortáveis. A ampla sala de espera estava fria e cheirava à poeira antiga misturada ao verniz do piso. Ela começava a se preocupar com quanto tempo isso demoraria, especialmente já que todos os outros que chegavam pareciam receber uma senha. Em intervalos, os números eram chamados em um alto-falante e piscavam em uma tela.

Ela não tinha recebido uma senha e não sabia por que, mas imaginou que pudesse ser devido à natureza de sua reclamação. As outras pessoas à espera poderiam estar na fila para serviços rotineiros, ao passo que uma denúncia de abuso era mais séria. Ou a recepcionista havia cometido um erro? Cassie checou o horário em seu celular e decidiu que, se esperasse por mais de meia hora, retornaria à recepcionista para perguntar de novo. Precisava estar em casa antes da chegada da Nonna, senão a Sra. Rossi ficaria irritada e começaria a questionar onde tinha estado.

Os avisos nas paredes eram em italiano e Cassie passou um tempo tentando desvendar o que diziam. Percebeu que, graças aos livros que comprara, já era capaz de entender algumas frases básicas e imaginou quanto tempo demoraria até atingir um nível onde poderia ser contratada como garçone. A partir de amanhã, estaria desempregada e precisaria

encontrar hospedagem e outro emprego. Primeiro, planejava dirigir até Bellagio para descobrir a verdade sobre sua irmã.

Os pensamentos de Cassie desviaram para Jacqui e ela se pegou imaginando o que teria acontecido se alguém tivesse denunciado seu pai às autoridades quando as duas eram crianças.

Duvidava que a guarda teria sido retirada dele, porque o sistema era sobrecarregado demais. Sem nenhum outro parente próximo, ela imaginava que a assistência social julgaria que ter um dos pais era melhor do que não ter nenhum, especialmente já que ele era capaz de se manter empregado com frequência. O mais provável era que alguém visitaria a casa regularmente para garantir que Jacqui e ela estivessem recebendo os cuidados adequados, não estavam apanhando, tinham comida e estavam indo para a escola.

Cassie não sabia que diferença teria feito, mas o conhecimento de que alguém estaria inspecionando em intervalos regulares poderia ter coibido as atitudes mais violentas de seu pai e também as agressões infligidas por suas namoradas horríveis. Ou assim ela esperava.

O que aconteceria com a família Rossi nessa sociedade diferente?

O pai existia, ainda que não estivesse por perto. As crianças tinham ouvido o que Cassie suspeitava serem mentiras terríveis sobre ele, mas tinham dito que ele era uma pessoa bondosa. A custódia do pai seria uma opção para essas meninas? Ou os assistentes sociais prefeririam que as crianças ficassem com a mãe enquanto supervisionavam a situação na casa?

Cassie estava preocupada que a Sra. Rossi pudesse continuar escondendo o que fazia. Hematomas debaixo das roupas não podiam ser vistos e privar uma criança de comida não era algo que um assistente social ficaria sabendo, a não ser que fosse informado.

Exames físicos poderiam ser feitos para verificar hematomas, mas outros castigos poderiam não ser detectados porque as crianças estariam aterrorizadas demais para revelá-los. Antes de partir, precisaria passar um tempo sozinha com Nina e Venetia e explicar a elas sobre a importância de confiar em um assistente social.

Se eles estivessem com receio de cooperar, Cassie imaginou que outras organizações poderiam ajudar. Achava que o único outro porto de escala seria a polícia.

– Senhorita Cassie Vale?

A voz de um homem interrompeu seus pensamentos.

Cassie ergueu o olhar para ver um agente baixo e de cabelos escuros esperando à sua frente. Ele segurava uma prancheta e tinha um crachá de segurança em um cordão ao redor do pescoço.

– Srta. Vale, sou o Sr. Dellucci, o diretor do departamento de Serviço Social. Venha por aqui, por favor.

Encorajada que o próprio diretor estivesse cuidando do caso, Cassie saltou do banco duro e seguiu o Sr. Dellucci através da recepção e ao longo de um corredor, entrando no que ela deduziu que fosse o escritório dele. Era apertado, cheio e bagunçado demais. Fileiras de prateleiras continham pastas de papelão e registradores estilo fichário, enquanto certificados e avisos impressos brigavam por espaço nas paredes.

– Por favor, sente-se.

Ele contornou sua escrivaninha compacta e pegou um gravador e um bloco de notas.

– Você está aqui para denunciar um caso de abuso infantil?

– Isso mesmo – Cassie disse.

– A recepcionista me passou o endereço. Está correto?

Ele repetiu e ela confirmou com a cabeça.

– Qual é o seu nome, data de nascimento e número de passaporte? Por favor, anote aqui para mim, no topo da página.

Ele passou o papel para ela.

– Naturalmente, permanecerá confidencial, mas exigimos as informações para o relatório.

Cassie retirou o passaporte da bolsa e copiou o número antes de anotar as outras informações. Não se sentiu confortável em fazê-lo, mas não tinha escolha.

– Obrigado. Agora, por favor, informe o nome da família envolvida.

– Rossi – Cassie disse, hesitante.

Ela sabia que o nome era famoso e temia a reação do diretor, mas ele só assentiu, permanecendo inexpressivo.

– Por favor, descreva, em detalhes, o que você testemunhou.

– Bem, envolve as duas crianças. São meninas, com oito e nove anos, Venetia e Nina. A mãe delas se divorciou há alguns meses e fiquei com a impressão de que o abuso piorou desde então.

Cassie fez uma pausa, percebendo que suas palmas estavam úmidas. Isso era suposição. Ela precisava se ater aos fatos.

– Observei uma das crianças sendo forçada a ficar sem comida por um dia inteiro. Também testemunhei uma das crianças ser confinada em um cômodo anexo pequeno e frio por um dia inteiro. Ouvi enquanto uma das crianças sofria abusos verbais após cometer um erro, de forma a provavelmente causar sérios danos psicológicos. E também vi uma das crianças sendo forçada a segurar um copo de água diante dela, sendo violentamente chicoteada nas costas com um cinto toda vez que a água derramava.

Cassie viu-se repassando as cenas macabras em sua mente enquanto relatava as punições ao diretor. Conseguia ouvir como sua voz tremia – parcialmente porque estava nervosa, mas também porque a inundação de memórias a enchia de horror novamente.

– E quem foi a pessoa cometendo esse abuso? – Ele perguntou, seu tom sério.

– A Sra. Rossi. A mãe das crianças – Cassie explicou, rezando para que acreditassem nela.

Agora, as sobrancelhas dele se ergueram.

– A mãe das crianças? Isso é um assunto sério. Você tem alguma evidência fotográfica de que isso ocorreu?

– Não, nenhuma – Cassie confessou, sentindo-se envergonhada. – Infelizmente, não tive tempo de filmar as chicotadas com meu celular.

– Nenhuma foto? E quanto a gravações de voz? Ou as crianças forneceram qualquer informação escrita?

– Infelizmente, não tenho nada – Cassie disse, percebendo que tinha sido uma idiota. Tivera tempo de sobra para filmar Nina, sentada em sua camisola e descalça no chão duro e frio do cômodo secreto.

– Tem certeza absoluta que não tem nenhuma prova gravada de nada disso?

O Sr. Dellucci entrelaçou as mãos e pôs os cotovelos sobre a mesa. Ele estava muito sério.

– Não tenho. Sinto muito – Cassie disse e, de repente, receou que sua intervenção não ocorreria da forma como planejara. Parecia que evidências fotográficas era praticamente uma exigência para a denúncia e ela não obtivera nenhuma.

Ela não entendia essa importância. Devia haver muitas pessoas incapazes de obter provas concretas, especialmente se eram visitantes na

casa de alguém ou tinham testemunhado o abuso na presença do agressor. Não poderia ser imprescindível, podia?

– Posso tirar uma foto mais tarde e enviar – Cassie ofereceu. – Venetia, a garota de oito anos, apanhou seriamente ontem à noite e o cinto pode ter deixado marcas.

Lembrou-se de suas ações da noite anterior e levou sua mão ao rosto.

– Este corte foi provocado pela fivela do cinto, apesar de não dar para ver que foi isso – ela disse, tocando a ferida. Já estava com casca, mas ainda estava sensível e ardia.

– Entendo.

O Sr. Dellucci escrevia rapidamente. Ela esperava que o machucado visível em seu rosto ajudasse a apoiar o que ela dizia, embora não pudesse provar como tinha ocorrido.

– Qual é a sua função na família? – O diretor perguntou e Cassie hesitou, pensando no que deveria dizer, porque estavam em território perigoso agora.

– É importante que saiba disso? – Ela tentou.

– É uma exigência – ele explicou. – Temos que completar um dossiê abrangente.

Com relutância, Cassie assentiu. Ela deduziu que, na ausência de qualquer filmagem, todas as informações precisariam ser incluídas.

– Sou a au pair. Isso permanecerá confidencial, não é?

O Sr. Dellucci assentiu.

– Há quanto tempo trabalha para a família? – Ele perguntou.

– Somente há três dias. Vou embora amanhã, porque a mãe da Sra. Rossi virá cuidar das crianças, mas isso também me preocupa. Ela é um membro da família que, pelo que presumo, compartilha a mesma visão sobre a criação das crianças e estou preocupada que ela faça vista grossa para o abuso da mãe.

Cassie torcia para estar soando calma e racional. O gravador estava sobre a escrivaninha e o diretor rabiscava anotações detalhadas. Ela precisava garantir que elas continham informações suficientes, então forneceu mais detalhes.

– A Sra. Rossi estava batendo violentamente em Venetia com o cinto ontem à noite. Eu vi por acaso, então intervi e consegui impedir. Foi por isso que fui demitida. Estou preocupada com o que acontecerá com as crianças daqui em diante e acho que o Serviço Social precisa fazer uma

inspeção surpresa para checar o bem-estar delas. Veja, elas têm medo de dizer alguma coisa, o que é compreensível. Tenho certeza que você vê isso o tempo todo.

O Sr. Dellucci inclinou a cabeça.

– Você tem experiência cuidando de crianças? Qualificações?

Mais uma pergunta surpreendente. Ela não tinha pensado que a visita envolveria um interrogatório tão completo, mas, se fosse ajudar as crianças, ela precisava ser honesta com o diretor.

– Tenho uma experiência limitada cuidando de crianças. Fui ajudante em uma creche por um mês nos Estados Unidos. Sem qualificações.

– Então, com o que trabalhava nos Estados Unidos?

– Fui garçonne, principalmente.

– Entendo. Diga-me, você ou sua família já se envolveram em algum abuso? Você foi uma vítima no passado?

Cassie pulou com a pergunta, animada. Finalmente, uma chance para se explicar.

– Sim. Minha irmã mais velha e eu crescemos morando só com o nosso pai, e ele era abusivo. Eu sei como é ficar com medo da pessoa cuidando de você e dos amigos dela, e como é apanhar de alguém furioso, que é maior e mais forte do que você.

– Obrigado – o diretor disse. – Isso ajuda muito.

– Você pode fazer alguma coisa? – Cassie perguntou. – Estou preocupada com elas.

– Não precisa se preocupar. Farei o que eu puder para ajudar neste caso – ele disse.

Alívio preencheu Cassie.

– Fico feliz que possa ajudar – ela disse. – É um enorme peso que tiro dos meus ombros.

O Sr. Dellucci levantou-se.

– Obrigado pela visita.

Cassie voltou para o seu carro depressa, empolgada com o sucesso de sua viagem. O próprio diretor havia prometido fazer o máximo para ajudar. Com o olhar das autoridades focado na mansão Rossi, Cassie esperava que a Sra. Rossi tivesse dificuldades em continuar com seu terrível abuso e, com sorte, a avó das crianças receberia diretrizes firmes para seguir.

Se as crianças desenvolvessem uma boa comunicação com a assistência social, poderiam se abrir sobre o seu passado e a situação presente. Dessa

forma, as autoridades seriam capazes de monitorar quaisquer mudanças e ter consciência caso o problema começasse novamente. Quando chegasse em casa, Cassie decidiu que conversaria em particular com as meninas e explicaria o quanto era vital que elas confiassem na assistente social.

Cassie podia estar demitida, mas isso não importava mais. As crianças estariam seguras e suas guardiães seriam monitoradas.

Agora, ela poderia partir com a consciência limpa, sabendo que tinha feito o máximo para melhorar suas vidas. Dali em diante, o Serviço Social assumiria e, com o diretor cuidando do caso, Cassie tinha certeza de que receberia a atenção necessária.

Sentindo como se um peso tivesse sido erguido de seus ombros, ela entrou no carro.

O caminho de volta para casa demorou mais do que a ida. O tempo havia fechado e uma chuva de granizo caía, dificultando a visibilidade. Cassie passou por dois acidentes, com o tráfego engatinhando.

Passou o tempo pensando sobre o que diria às crianças. Era vital que elas expusessem toda a situação à assistência social. Como poderia explicar a duas garotinhas assustadas que as autoridades tinham poder sobre a mãe delas?

Tudo o que elas sabiam era que sua mãe tinha poder sobre elas.

Cassie dirigiu, passando pelo portão ornamentado da casa, assegurando-se de que ele se fechara atrás dela. Depois, estacionou em seu espaço designado e correu até a porta de entrada, sua cabeça abaixada contra o aguaceiro frio e cortante.

Derrubou suas chaves da porta da frente e se curvou para pegá-las, porém, ao fazê-lo, percebeu que a porta estava se abrindo.

Cassie ficou ereta e seu coração pulou na boca quando se viu de frente com a Sra. Rossi.

Não esperava que ela estivesse em casa. Maurice dissera que o dia estava cheio e, por isso, lhe dera o seu cartão de visitas. Agora, a empresária alta estava parada na soleira da porta, bloqueando o caminho de Cassie. Ela usava um par elegante de botas de couro decorado com miçangas coloridas, com saltos pontiagudos prateados que pareciam longos e afiados como agulhas de tricô.

Nervosa, Cassie olhou para ela. Por que ela estava parada na soleira da porta? Ela tinha acabado de chegar em casa ou estava saindo? Por um momento, perguntou-se se a Nonna havia chegado mais cedo do que o

esperado. Cassie estaria em apuros por ter saído ao invés de esperar em casa? Bem, já fora demitida, então não havia muito o que a outra mulher pudesse fazer.

O rosto da Sra. Rossi não entregou nada. Ela parecia severa, porém calma.

– Onde você estava? – Ela perguntou. – Conte-me. Estou interessada em ouvir isso.

Seu tom de voz alertou Cassie de que havia perigo pela frente. Suas mãos estavam frias como gelo ao perceber que Abigail devia tê-la traído, porque estava claro que a Sra. Rossi já sabia.

CAPÍTULO VINTE E UM

Preparada para encarar o ataque de fúria da Sra. Rossi, Cassie resolveu não perder a coragem. A Sra. Rossi poderia estar simplesmente tentando coagi-la a fazer uma confissão. Neste caso, tudo o que precisava fazer era se manter firme sob pressão e manter segredo.

– Estive cuidando de alguns assuntos – ela disse, tentando soar casual e despreocupada.

– É mesmo? – A Sra. Rossi sorriu e o nó no estômago de Cassie se apertou. O sorriso de quem sabia de algo não era uma expressão gentil ou agradável. – Não foi o que meu amigo, o Sr. Dellucci, disse quando me ligou agora há pouco – ela continuou no mesmo tom calmo e presunçoso.

Horrorizada, a mão de Cassie voou para sua boca.

Sua intuição estivera certa. Ela havia sido traída, mas a traição viera de uma fonte diferente e completamente inesperada. O Sr. Dellucci havia lhe entregado. O homem encarregado do bem-estar das crianças tinha deliberadamente escolhido informar a mãe delas ao invés de agir com a informação que Cassie lhe dera. Ela sentia como se suas palavras desabassem ao seu redor. Como isso podia ter acontecido?

– Felizmente, eu tenho um bom relacionamento com as autoridades – a empresária continuou.

O sorriso dela se alargou, dando a Cassie uma indicação clara de como esse relacionamento funcionava. A Sra. Rossi estava subornando as pessoas para fazer vista grossa. Isso era corrupção, pura e simples, e isso a abalou profundamente.

– Por sorte, ele me ligou e explicou que você desperdiçou o tempo dele com as suas acusações inúteis e infundadas, tagarelando sobre a sua própria infância. Ele ligou para me alertar porque, muitas vezes, pessoas que sofreram abuso no passado podem se tornar abusadores. Ele perguntou se deveria vir realizar uma inspeção surpresa esta tarde, já que você passou bastante tempo sozinha com as crianças.

Cassie repreendeu-se por não ter percebido que algo estava errado a partir do momento que sua visita não foi registrada no sistema. Ela não

tinha recebido uma senha, então não haveria registro oficial de sua denúncia. Ela desejou que tivesse sido mais desconfiada quando a conversa seguiu outro rumo e ele começou a lhe fazer aquelas perguntas irrelevantes. Agora, a culpa estava sendo apontada para ela. O conluio havia lhe despedido de todo o poder – na realidade, até mesmo de sua credibilidade – e ela não tinha dúvida que os dois poderiam facilmente fabricar um caso contra ela, se quisessem.

Como um assistente social podia dar as costas para crianças necessitadas? Sentia-se profundamente abalada pela injustiça da escolha dele, especialmente após ter descrito os horrores em detalhes tão gráficos. Ele havia decidido que o dinheiro extra, a recompensa conferida a ele por esta mulher rica e influente, era mais importante do que as necessidades de crianças inocentes e desamparadas e que o suborno justificava ignorar o infortúnio delas.

Após uma pausa, que Cassie deduziu ter sido deliberadamente calculada para garantir que as palavras fossem absorvidas, a Sra. Rossi continuou.

– Conteí a ele que, já que você vai embora amanhã, não há necessidade de uma inspeção. Mesmo assim, decidi vir para casa para te avisar pessoalmente que você está perdendo o seu tempo tentando causar problemas. Quem você gostaria de tentar a seguir? A polícia, talvez?

Triunfante, ela encarou Cassie, que baixou o olhar. Furiosa e humilhada, ela percebeu que havia falhado com as crianças e que todos os seus esforços foram em vão.

– Acredite, tenho amigos na polícia local. Duvido que você conseguirá abrir um caso contra mim e, além disso, meu advogado imediatamente interviria com uma forte contra-acusação de roubo. Roubo cometido por você enquanto eu assistia as filmagens.

Cassie cerrou os dentes. Desejava poder pular na Sra. Rossi, agarrá-la pela garganta e esganá-la para estancar o fluxo de palavras de provocação. Nunca tinha conhecido alguém tão maldoso. Conhecia pessoas falhas, arrogantes e abusivas, mas nunca ninguém que tinha ido tão longe para garantir que fosse imune a consequências e pudesse continuar atormentando as filhas sem a menor mancha em sua reputação. Tarde demais, Cassie deu-se conta que as palavras de Maurice tinham sido acertadas. Esta mulher não hesitaria em arruinar qualquer pessoa em seu caminho e tinha os meios e a influência para fazê-lo.

– Eu já disse o que queria. Agora, vá para dentro – a empresária lhe ordenou. – Não quero você sozinha com as crianças, então pode ir diretamente para o seu quarto e fique lá até minha mãe chegar. A cozinheira levará o seu almoço.

Ela deu um passo para o lado e Cassie entrou. Enquanto passava pela Sra. Rossi, ficou tentada a bater com a mão no peito dela e empurrá-la para que ela descesse daquele ridículo salto alto. Mas sabia que as crianças sofreriam por qualquer coisa que fizesse. O mais provável era que seus esforços de hoje para ajudar tinham garantido longas horas de dor e medo para as duas garotas, quando a Sra. Rossi ventilasse sua raiva nelas.

Cassie marchou até o seu quarto e colocou algumas coisas na mala, fervilhando de raiva e impotência. Não suportava o fato de estar sendo forçada a partir. Sentia-se como um rato preso em um labirinto, incapaz de pensar em como escapar da situação – se é que havia uma maneira. Olhou mais uma vez para o número que Abigail lhe dera mais cedo, perguntando-se se deveria tentar chegar ao chefe do Sr. Dellucci. Talvez pudesse explicar para aquela pessoa o que estava acontecendo e pedir para investigar o departamento inteiro.

Sacudindo a cabeça, com relutância, Cassie abandonou a ideia. Que chance tinha de persuadir um desconhecido que tinha um histórico e uma relação de trabalho com todo o departamento? Em quem era mais provável acreditarem, seu colega confiável ou uma estranha? De todo modo, o Sr. Dellucci já havia preparado uma versão alternativa de que Cassie desperdiçara o tempo dele com uma denúncia incoerente e que ela era a provável agressora.

Ademais, não havia garantia de que o departamento não fosse podre desde a base até o topo. Não se diz que o exemplo vem de cima? A Sra. Rossi poderia muito bem ter realizado pagamentos a muitos níveis diferentes para garantir que fizessem vista grossa para o seu abuso.

Raiva ferveu dentro dela ao se dar conta do que devia ter acontecido. Sem dúvida, encontros especiais fora da agenda oficial tinham sido arranjados, estritamente individuais. Ela podia imaginar a história plausível oferecida pela mulher embelezada com joias e roupas caras.

– Estou sendo alvo de uma empregada descontente. Naturalmente, pode-se saber que ela quer provocar um escândalo. Afinal, é tão fácil para um indivíduo ameaçar a reputação impecável de uma empresária quando se sente injustiçado. Sei que me entendem e espero contar com vocês caso eu

suspeite de algo errado com as minhas filhas. O departamento de vocês faz um trabalho maravilhoso. Como mostra da minha gratidão, por favor, aceite este presente, meu, pessoal. Seu trabalho é ingrato e eu gostaria de mostrar minha apreciação.

Dinheiro, poder, charme. Cassie cerrou os dentes ao pensar sobre a injustiça disso tudo. Por que os ricos saíam impunes a tais coisas? Porque sabiam exatamente o que fazer. Era como se regras ocultas se aplicassem e todos entendessem como elas funcionavam.

Não era de se admirar que o Sr. Dellucci havia sido tão persistente perguntando se ela tinha fotos, já que ele precisava confirmar com certeza que não havia registros. Agora, ela estava certa de que, se tivesse dito que sim, ele pediria para ver seu celular e imediatamente as destruiria para que não restasse nenhuma evidência das transgressões de sua “amiga”.

De forma cínica, Cassie tinha certeza que o departamento investigava outros casos, envolvendo crianças de pessoas mais pobres, com toda a força das leis ao seu dispor, ao passo que os ricos se removiam dos processos com facilidade.

Andar de um lado para o outro parecia uma admissão de sua derrota e Cassie descobriu-se incapaz de continuar. Empurrando sua mala para fora do caminho, ela afundou na cama e deitou, encarando o teto, vasculhando seu cérebro em busca de outra avenida que fornecesse um milagre para as crianças no último minuto possível.

Seus pensamentos infrutíferos foram interrompidos por uma batida na porta. A cozinheira havia lhe trazido um prato de macarrão com queijo.

– Obrigada – Cassie disse.

A cozinheira colocou o prato sobre a escrivaninha sem dizer nada, depois voltou a sair pela porta sem um sorriso ou cumprimento, sem sequer olhar Cassie nos olhos. Ela entendia agora que os funcionários da casa tinham aprendido a ser cegos e surdos para evitar problemas e manter seus trabalhos.

Ela olhou para o prato, sabendo que terminaria jogando a comida fora porque o fiasco da manhã roubara o seu apetite.

Justo quanto a cozinheira fechava a porta, Cassie ouviu o toque do interfone do portão. Deduziu que devia ser a chegada da Nonna.

Era um tiro no escuro, mas a única esperança que restava a Cassie era que a Nonna teria compaixão pelo dilema das crianças. De todo modo,

Cassie tentaria explicar a ela o que estava acontecendo. Uma avó bondosa poderia ser a resposta que ela buscava, chegando de última hora.

Cassie calçou os sapatos e desceu as escadas, correndo. A porta de entrada estava aberta e uma van branca estava parada do lado de fora.

O motorista ajudava a Nonna a descer do banco do passageiro, segurando um grande guarda-chuva para protegê-la do aguaceiro enquanto duas empregadas retiravam as bagagens da traseira da van.

A primeira impressão de Cassie foi que a Nonna era muito mais frágil do que ela esperara. Parecia encolhida, adoentada e confusa. Ela escorou no motorista enquanto atravessava o pavimento, oscilando.

– *Dove andiamo?* – Ela perguntou, queixosa.

Embora Cassie não tivesse ouvido a frase ser falada antes, ela tinha feito o seu melhor praticando a pronúncia correta em seu livro de frases. Significava, “Aonde vamos?”.

Ela franziu o cenho, confusa, perguntando-se por que a Nonna estaria perguntando aquilo. Talvez, com sua noção muito básica da frase, ela tivesse entendido mal as palavras da senhora.

– Estamos na minha casa, Mama.

Envolta em um casaco branco de pelos, a Sra. Rossi apressou-se na chuva e tomou a outra mão de sua mãe. Cassie encarou, chocada, enquanto ela continuava.

– Lembre, eu te disse que você viria morar aqui. Mencionei quando te visitei da última vez, e também da vez anterior e quando te liguei ontem.

– Eu não me lembro. *Non ricordo* – a Nonna insistiu e Cassie, em horror, ficou boquiaberta.

A Nonna não era apenas frágil por ser idosa, embora Cassie imaginasse que ela devia ter por volta de setenta anos. Ela era frágil porque estava doente e sofria de demência avançada. Nessa condição, ela não lembraria sequer de ajudar as crianças com a lição de casa ou seus cuidados de rotina, e certamente não ajudaria em caso de uma emergência.

De modo algum ela poderia defender as crianças de qualquer abuso. Na realidade, observando a senhora idosa subir a escada de mármore com dificuldade, com ajuda da filha e do motorista, Cassie percebeu que ela nem mesmo era capaz de cuidar fisicamente de si mesma.

A Nonna nunca devia ter sido trazida para cá, supostamente para cuidar das crianças, quando era ela quem precisava de cuidados.

Cassie virou de costas, sentindo-se enjoada com esta revelação. Sem dúvida, a Sra. Rossi havia planejado tudo cuidadosamente. Cassie começava a suspeitar que a presença de um adulto na casa deveria ser uma exigência obrigatória para as crianças e, tendo cumprido isso, a empresária não se importava se o adulto era capacitado ou não.

Esta devia ser a razão pela qual a Sra. Rossi nunca havia encorajado Cassie a se envolver pessoalmente com as crianças. Na realidade, era provável que a Sra. Rossi ficaria feliz se Cassie permanecesse em seu quarto e nunca interagisse com as meninas. As exigências legais ainda seriam cumpridas, da mesma forma que seriam cumpridas agora que a frágil Nonna estava na residência.

Com um lampejo de raiva, Cassie previu que as garotas terminariam tomando conta da própria avó. Seria fácil demais para a Sra. Rossi delegar o trabalho servil e exigente de cuidar da senhora para as meninas. Aquilo, por sua vez, só aumentaria o fardo das meninas e tornaria a vida delas ainda pior.

Olhando de relance para o lado, a Sra. Rossi notou Cassie parada, assistindo.

– Preciso ir até a cozinha, Mama, volto em um minuto – ela disse à senhora idosa. Depois, para Cassie, ela disse – Você, venha aqui e ajude minha mãe até o quarto.

Com relutância, Cassie andou até lá e pegou o braço da mulher de cabelos grisalhos. Dava para sentir os ossos e ela tremia enquanto lutava para subir a longa escadaria.

– Estamos na casa de Stefano? *Dove è antado?* – A Nonna perguntou.

Ela perguntava onde Stefano estava, mas Cassie não tinha ideia do que dizer, ou mesmo quem era essa pessoa. Perguntou-se se talvez fosse o marido da Nonna, mas, se fosse, devia ter falecido há algum tempo, já que a Sra. Rossi não dissera nada sobre a mãe ter se tornado viúva recentemente.

– Não tenho certeza – ela disse, gentilmente. – Você está na casa da sua filha agora. É aqui que você vai ficar.

– Por que ela não me contou que isso ia acontecer? Onde está a Ottavia agora? Está aqui?

Cassie encarou-a, chocada. A Sra. Rossi literalmente estivera segurando o braço dela dois minutos atrás e a mãe dela não se lembrava?

Agora, esta mulher frágil, com uma memória de curto prazo inexistente, era a única proteção que as meninas tinham contra sua mãe louca, abusiva e

manipuladora.

Cassie sentiu lágrimas de derrota ardendo em seus olhos.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

A Nonna foi alocada a um quarto pequeno e aconchegante em um anexo próximo ao quarto das crianças. Enquanto Cassie a ajudava a se sentar em uma poltrona com vista para o pátio e o jardim abaixo, as empregadas desfaziam as malas com os pertences dela.

– Onde está Stefano? – Ela perguntou novamente. – *Portalo qui.*

Ela estava pedindo para Cassie trazê-lo aqui? Ela não tinha certeza do que a senhora queria dizer. Talvez a Nonna também não soubesse. Tentando soar calma e firme, sem revelar seu espanto, Cassie fez o melhor para tranquilizar a frágil mulher.

– Você está com a sua filha, agora. Vai passar um tempo com a Nina e a Venetia, suas netas. Lembra delas?

A senhora encarou-a, inexpressiva, sem responder.

– Lembra-se das duas garotinhas? – Tentou outra vez.

– As crianças devem ser castigadas – a Nonna disse, suavemente.

Sem palavras, Cassie encarou-a, pânico surgindo dentro dela.

Naquele momento, a Sra. Rossi apareceu na soleira da porta e o rosto da Nonna se iluminou.

– Ah, Ottavia. Aí está você. Eu estava perguntando onde você tinha ido.

Cassie deu um passo atrás, sentindo-se completamente confusa. A menção da Nonna aos castigos tinha sido uma incoerência ou era deliberadamente em referência às duas meninas? A senhora idosa soava confusa antes, porém, logo em seguida, quando a Sra. Rossi entrou, ela parecia ter recuperado sua clareza mental.

– Eu estava falando com a cozinheira, Mama. Ela fará *minestrone* para você esta noite. E Nina e Venetia chegaram em casa. Elas devem vir cumprimentá-la?

– *Si, si.* Elas podem vir.

Cassie seguiu a Sra. Rossi para fora do quarto, ansiosa para ver como as crianças reagiriam durante o encontro.

– Crianças – a mãe delas chamou, bruscamente. – Podem dar as boas-vindas à Nonna agora.

Carregando suas mochilas da escola, as duas meninas subiram as escadas em fila e andaram ao longo do corredor até o quarto isolado e aconchegante de sua avó. Elas não pareciam empolgadas para ver a Nonna, e sim hesitantes e aterrorizadas.

Cassie imaginou que a demência fosse assustadora para as jovens meninas, já que a Nonna provavelmente agia de forma errática e chamar pessoas que estavam mortas há muito tempo era perturbador. Se a Nonna já não tivesse mencionado castigar crianças, Cassie poderia ter pensado que era simples assim, mas, agora, suspeitava que havia algo a mais no medo delas.

– Lembrem-se de falar em inglês com a Nonna, já que ela quer que vocês melhorem a habilidade de vocês – a Sra. Rossi alertou as crianças. Para Cassie, ela disse – Minha mãe ficou fluente em inglês desde muito jovem e frequentou um colégio interno de prestígio nos arredores de Londres por toda sua vida escolar.

Cassie assentiu, perguntando-se se o regime do colégio interno naqueles dias havia sido rígido, o que poderia ter contribuído para o estilo de educação dos Rossi.

Ela ofereceu a Nina um sorriso apoiador, mas ficou surpresa em ver que a garota a ignorou, olhando para frente enquanto entrava no quarto da avó. Cassie percebeu que as crianças não tinham lhe cumprimentado depois de voltarem para casa ou sequer falado com ela diretamente. Esse comportamento lembrava o modo como a cozinheira havia tratado Cassie antes. Ela teve certeza de que tinham sido advertidas a não falar com ela, ameaçadas de castigos caso desobedecessem.

– Vamos comer às seis – a Sra. Rossi contou às crianças. – Já que a Nonna tem dificuldade com a escada, os funcionários vão trazer a sala de jantar menor para o salão do andar de cima esta tarde. Agora, vão cumprimentar sua avó. Cassie retornará para o quarto dela agora, para terminar de fazer as malas.

Dispensada com um olhar, Cassie se afastou. Estava frustrada por não poder passar tempo sozinha com as meninas antes de partir. A Sra. Rossi estava se esforçando para bloquear todas as vias de comunicação entre elas.

Cassie lamentou amargamente que seu quarto ficasse tão longe do das crianças. Agora, entre elas havia não só a Sra. Rossi, mas também a Nonna, que parecia ter momentos de coerência em meio à confusão mental. Havia uma chance de que ela ouvisse Cassie passando, então a Sra. Rossi saberia

que ela tentara se esgueirar para os quartos das crianças. Cassie talvez não sofresse as consequências, mas elas sofreriam.

Quando retomou a arrumação das malas, estava cheia de desespero.

Cada item que colocava na mala parecia uma admissão de derrota. Estava partindo, não tinha feito nada para ajudar e as crianças sofreriam terrivelmente no futuro. Com o Serviço Social – e a polícia local, pelo que a Sra. Rossi deixara implícito – subornado, todas as avenidas oficiais de ajuda estavam fechadas. Não tinha como contatar ninguém que pudesse ser capaz de salvá-las ou, ao menos, interferir.

Após fechar sua mala, Cassie olhou novamente para a lista de acomodações que tinha feito quando rastreara Jacqui. Deduziu que, quando fosse despejada da mansão Rossi, no dia seguinte, dirigiria até lá para tentar, mais uma vez, descobrir se sua irmã estava viva ou morta. Agora que estava pesquisando para si mesma, ao invés de simplesmente fazer uma lista de acomodações, percebeu como tudo era caro na cidade cinematográfica à beira do lago.

A pousada onde Jacqui se hospedara foi o primeiro lugar para onde ligou, mas estava completamente lotada. Ela tentou outros lugares mais baratos – embora “barato” em Bellagio ainda fosse muito além de seu orçamento – com resultados similares. Acomodações acessíveis nessa cidade pareciam inexistentes.

Com um suspiro, Cassie expandiu sua busca para incluir cidades a uma pequena distância de carro, que não fossem tão cinematográficas ou bem-localizadas. Ainda estava ocupada com a lista quando percebeu que eram quase seis horas, hora do jantar.

Cassie ficou fortemente tentada a pular o jantar. Afinal de contas, a Sra. Rossi tinha falado com as meninas, e não com ela, quando disse onde iriam jantar. Então, percebeu que, se ela não estivesse lá, a Sra. Rossi provavelmente aproveitaria a oportunidade para punir uma das crianças por alguma infração inexistente e elas passariam o jantar sofrendo, com fome. Ao menos esta noite, ela seria capaz de estar lá para impedir que isso acontecesse.

Com pavor do que a próxima hora traria, ela saiu do quarto e foi até o salão.

A mesa da sala de jantar havia sido posta com cinco lugares. A Sra. Rossi estava ocupada sentando sua mãe e Nina e Venetia já estavam em suas cadeiras.

– Pronto, Mama. Está confortável? Posso te servir água ou talvez um pouco de vinho?

A Sra. Rossi já estivera bebendo. Havia uma garrafa aberta de vinho tinto sobre a mesa. Ela não o ofereceu a Cassie, mas completou a própria taça e serviu meia taça à sua mãe.

– Nina, pode nos servir – ela disse à sua filha.

Com o rosto apertado em tensão, Nina se levantou e removeu a pesada tampa de vidro da panela de *minestrone* sobre a mesa lateral.

Com uma concha, ela serviu a sopa de legumes em cinco tigelas e, em seguida, com a máxima concentração, carregou cada tigela até a mesa. Claramente, derramar uma só gota causaria a pior consequência possível.

Embora as mãos de Nina tremessem de nervosismo, ela colocou a tigela de Cassie diante dela com tanto cuidado que Cassie mal ouviu-a tocar a mesa.

– Obrigada – ela sussurrou. Ela queria muito apertar a mão da jovem menina e lhe dizer “muito bem”, mas sabia que isso seria sair da linha.

Uma vez satisfeita por sua filha não ter derramado a sopa, a Sra. Rossi cortou uma fatia de pão ciabatta, passando-o adiante.

Cassie nunca tinha sentido menos fome em sua vida, mas forçou-se a comer a sopa saborosa e o pão com manteiga obedientemente.

O jantar foi silencioso. A avó parecia ocupada com a simples tarefa de cuidar da sua comida. Ela parecia capaz de comer, mas só isso – tinha que segurar a colher com ambas as mãos para completar a jornada trêmula até sua boca. Cassie assistia, nervosa a cada bocada, preocupada que, se algo fosse derramado, a Sra. Rossi encontraria um jeito de culpar as filhas.

Nina e Venetia comiam em silêncio e, pelo modo como seus olhos observavam a colher da avó, Cassie teve certeza que elas compartilhavam de seu medo. Qualquer gota derramada receberia um castigo e elas sofreriam o impacto.

A Sra. Rossi terminou seu vinho, mas a mãe dela bebericava sua taça só de vez em quando, bebendo apenas um pouco.

– A cozinheira fez *tiramisu* para a sobremesa, Mama – a Sra. Rossi disse. – Você e eu vamos comê-lo no seu quarto, com café.

Claramente, as crianças não estavam incluídas no convite para a sobremesa, mas Cassie achou que elas não se importavam e pareciam aliviadas quando sua mãe disse:

– Nina e Venetia, vocês têm permissão para deixar a mesa.

Cassie imaginou que isso a incluísse. Percebeu que a Sra. Rossi não lhe dissera uma só palavra durante todo o jantar. Ignorá-la tão deliberadamente era uma forma de insultá-la e menosprezá-la diante da família, deduziu. Era como se, aos olhos dela, Cassie já tivesse partido.

Ela levantou-se e saiu seguindo as crianças, piscando para afastar as lágrimas novamente ao pensar que era assim que todos os jantares seriam daqui em diante – caso corressem bem. Se corressem mal, Cassie não suportava pensar no que aconteceria.

De volta ao seu quarto, ela pegou um lenço, limpou os olhos e assoou o nariz, somente para começar a chorar outra vez. Estava devastada por saber que havia falhado e estaria as abandonando.

Um barulho leve a retirou de seu sofrimento. Seria uma batida quase inaudível na porta?

Cassie secou os olhos e respirou profundamente, trêmula, fazendo o melhor para se recompor antes de atender.

– Entre – ela disse em voz baixa, supondo que fosse a cozinheira ou a empregada chegando para retirar o almoço intocado.

A porta foi aberta e Venetia entrou. Parecia pálida e acometida. Imediatamente, ela virou-se para fechar a porta atrás dela.

– Por favor, não vá – ela sussurrou. Ela correu até Cassie e a abraçou com força. Sentindo os pequenos braços ao redor de si, Cassie sentiu as lágrimas retornarem com força total.

Por um tempo, Cassie só conseguia ouvir os soluços e fungadas abafados enquanto as duas lutavam para retomar o controle sem fazer barulho.

– Eu não quero ir – ela sussurrou para Venetia. – Não quero deixar vocês. Sei que precisam de mim, mas é impossível, agora que sua mãe me demitiu. Estou tentando pensar no que fazer e em como posso ajudar vocês.

– Estou tão assustada – Venetia lhe contou. – Fico com medo o tempo todo agora, Nina também. Eu não dormi ontem à noite. Não quero ficar aqui. Cassie, você acha que eu posso fugir e ir com você?

A ideia era tentadora, mas Cassie a descartou imediatamente. Aquilo seria sequestro e entregaria de mão beijada à Sra. Rossi o que ela queria, a desculpa que precisava para realizar acusações criminais contra Cassie.

Era tão injusto, ela pensou, que esse abuso contínuo por parte da própria mãe das crianças estivesse sendo tão descaradamente ignorado, mas

qualquer tentativa por parte de Cassie para ajudar, caso ultrapassasse a lei, seria considerada um crime.

– Não podemos fazer isso. Fugir não vai ajudar e eles nos encontrariam rápido. Você não deve fazer isso, mesmo depois que eu for embora.

Ela lembrou-se de sua experiência com Vadim. Coisas terríveis podiam acontecer a essas crianças se elas se tornassem desesperadas e fugissem de casa. Podiam ser sequestradas ou traficadas, acabando presas em outra situação da qual nunca escapariam.

Com a depressão pesando sobre ela, Cassie sabia que não podia oferecer a Venetia o milagre que ela esperava. Nem sequer podia oferecê-la uma solução viável.

– Fugir é perigoso demais – ela sussurrou, mantendo a voz firme. – Você não deve fazer isso. Tem algum professor na escola que pode te ajudar? Se puder falar com os seus professores, talvez eles possam fazer algo.

Como ir ao Serviço Social, ela pensou, onde o caso seria “investigado” pelo Sr. Dellucci, que garantiria que ele fosse enterrado para sempre.

– Não sei qual professor poderia nos ajudar – Venetia sussurrou. – Eu tentei pedir ajuda para uma delas antes do Natal, mas ela contou para a minha mãe e ela ficou muito brava, daí eu fui obrigada a ficar sem comer nada no dia do Natal. Agora, não temos permissão para brincar com os nossos brinquedos. É por isso que estão no alto da prateleira.

– Ah, Venetia.

Cassie espremeu as pequenas mãos com força. Que outra solução poderia haver? Venetia confiava nela para ajudá-la. Essa era sua última chance de pensar em alguma coisa.

Enquanto vasculhava seu cérebro por uma resposta, um grito badalou pelo corredor e as duas pularam.

– Você vai fazer isso! – Gritou a Sra. Rossi. – Você nunca, jamais dirá não a mim. Você deve obedecer!

Cassie escutou, com Venetia como uma estátua em seus braços, sem ousar respirar enquanto ouvia o barulho da briga seguido de um tapa ardido.

Então, um grito agudo badalou.

– Nina? – Venetia exclamou, sua voz pequena e desamparada.

Cassie saiu do quarto, correndo em direção ao barulho antes de considerar a sabedoria de suas ações.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Os gritos ficaram mais altos conforme Cassie corria pelo piso de porcelanato. Ouviu mais um tapa e outro grito.

– Entre naquele quarto! – A voz da Sra. Rossi estava carregada de fúria.

– Por favor, não! Não me obrigue! – Nina soava desesperada e o terror era audível em sua voz. – Não consigo!

– Você vai ajudar a sua vó a tomar banho agora, depois vesti-la para dormir. Essa será sua tarefa diária, então você deve se acostumar a fazê-la.

– Não sei fazer isso. Tenho medo dela.

Enquanto Cassie dobrava o corredor, viu a Sra. Rossi avultando-se sobre a jovem menina, que estava amontoada, de joelhos. Inclinando-se para frente, a empresária estapeou Nina no rosto.

Nina chorou, enterrando o rosto nos braços, mas a Sra. Rossi distribuiu mais golpes nela, estapeando e socando seus ombros, enquanto gritava seu discurso furioso.

– Você vai me obedecer sempre. Como ousa me desafiar! Vou te castigar por isso, você vai sofrer, sua garotinha inútil, deplorável, desprezível!

Cassie arquejou diante da visão apavorante. A Sra. Rossi gritava, furiosa, determinada em machucar Nina. Em cima de seus saltos ridículos, martelando os punhos na filha que chorava, a Sra. Rossi parecia mais do que uma mãe abusiva. Ela revelava ser uma maluca, que tinha uma satisfação perversa em machucar pessoas menores e mais fracas do que ela.

– Não bata nela! – Cassie correu até lá e agarrou o braço dela, esperando conseguir segurá-la por tempo suficiente para Nina fugir e se trancar em algum lugar, mas arfou com a força de aço na estrutura alta e sólida da Sra. Rossi.

– Você não me dará ordens na minha própria casa!

A Sra. Rossi arrancou seu braço e empurrou Cassie para trás.

Sem equilíbrio, Cassie escorregou e caiu, batendo a cabeça na quina de uma mesa de mogno postada do lado de fora do quarto extra.

O golpe era uma intensa agonia. A dor cortou através de seu crânio e estrelas explodiram diante de seus olhos.

Sua cabeça girava e, por alguns momentos, só conseguiu ficar deitada, estatelada, até que o teto ornamentado sobre ela voltasse ao foco. Seu sangue pulsava em seus ouvidos. Atordoada, ela se levantou.

A Sra. Rossi arrastava Nina pelo chão, segurando seu braço direito esticado. A criança gritava histericamente, chutando em protesto. Com a outra mão, Nina tentou agarrar a moldura de uma porta aberta quando passaram diante de um dos quartos de hóspedes, mas os pequenos dedos dela não tinham aderência e sua mãe lhe puxou facilmente.

– Você vai descer para o quarto do castigo e ficar lá um dia e uma noite inteiros – ela prometeu. – Sem comida, sem água, sem luz. Vai se sentar no escuro, no frio, e refletir sobre o que fez. Depois, quando sair do quarto do castigo, vai se mudar para o quarto da Nonna, dormir na mesma cama que ela e cuidar dela de manhã e de noite.

A voz da Sra. Rossi estava áspera de raiva e Nina uivava em protesto, abandonando todo o autocontrole enquanto sucumbia a gritos histéricos.

Cassie sentia-se fisicamente enjoada com o que estava acontecendo.

Aquilo tinha saído do controle. Não importava que a outra mulher fosse mais forte do que ela, ela precisava afastar as meninas. Talvez conseguisse trancá-las a salvo em algum lugar, ou então levá-las até uma delegacia e descrever exatamente o que havia transcorrido.

Se a polícia local tivesse sido subornada, ligaria para os superiores. Não pararia – de jeito nenhum – até essas crianças estarem protegidas desse abuso perverso.

Disparando atrás da Sra. Rossi, agarrou o braço dela de novo e, desta vez, foi capaz de puxar a mulher alta, desequilibrando-a. Com um palavrão, ela soltou a filha e Nina, soluçando, engatinhou para fora de seu alcance.

No momento seguinte, Cassie viu fogos de artifício novamente quando a Sra. Rossi estapeou seu rosto, tão forte quanto uma martelada.

O choque do impacto lhe tirou o fôlego e, antes de conseguir se endireitar, outro tapa cruel virou sua cabeça para trás.

A Sra. Rossi batia nela metodicamente e Cassie podia ouvi-la grunhindo com o esforço, sua respiração bufando a cada tapa que acertava. Os golpes ricocheteavam em suas bochechas, seu pescoço, sua boca. Ela caiu de joelhos, agachada e encolhida.

Ouviu sua própria voz, uma lamúria ofegante.

– Por favor, pare! Pare com isso, está me machucando. Pare!
Mas os socos e tapas continuaram.

Subitamente, Cassie foi levada de volta para quando tinha nove anos de idade. Uma jovem aterrorizada e desamparada, ela havia se agachado no canto da cozinha enquanto recebia chutes e empurrões. Quem a atacou gritava abusos incoerentes com o álcool fedorento emanando a cada palavra arrastada.

Não tinha sido o seu pai, não daquela vez. O ataque tinha vindo da mais agressiva e instável das namoradas dele, Elaine, a mulher loira com a risada aguda e estridente. Cassie havia desconfiado dela à primeira vista e rapidamente passara a odiá-la e temê-la.

Na ocasião, não tinha escolha a não ser aguentar o abuso – embora a impotência forçada tivesse deixado profundas cicatrizes emocionais. Agora, Cassie lembrava-se daquelas primeiras experiências, como tinham lhe feito se sentir pequena, completamente sozinha e sem poder, e como prometera a si mesma, ao sair de casa, que nunca, jamais, deixaria isso acontecer de novo.

Nunca, jamais, ela havia decidido, permitiria que outra pessoa a machucasse daquele jeito.

Agora, estava acontecendo de novo e Cassie sentiu algo dentro dela estourar, como se a Sra. Rossi tivesse cruzado um limite que Cassie sequer soubera, até aquele momento, existir.

De alguma maneira, ela conseguiu ser rápida para evitar o próximo golpe, desviando para que o soco brutal passasse por cima dela, inofensivo. Em seguida, com a Sra. Rossi sem equilíbrio, Cassie ficou de pé em um salto e empurrou-a para trás.

A mulher alta andou para trás, tropeçando em seus saltos altos enquanto Cassie esticou a mão e acertou o rosto dela com toda sua força.

O golpe soou como o estalo de um chicote e a cabeça da Sra. Rossi girou para o lado. Agora, ela gritava em um tom diferente conforme Cassie atacava. Toda a raiva, a frustração com o tratamento obsceno das meninas, fervilhava dentro dela. O próximo soco, no pescoço da Sra. Rossi, levou a mulher aos joelhos.

Cassie empurrou os braços agitados da mulher para longe. Acertou mais um soco na lateral de sua mandíbula. Enquanto ela tropeçava, desequilibrada, Cassie chutou o joelho dela com toda força. A Sra. Rossi caiu com um clamor estridente de dor e ultraje, esparramada no chão.

Saltando para o ataque, Cassie chutou-a novamente, dessa vez na cabeça.

Subitamente, os gritos da Sra. Rossi pararam.

Cassie parou sobre ela, ofegante, incapaz de acreditar no que acabara de acontecer. A mulher alta respirava rapidamente, mas seus olhos estavam semicerrados e sangue gotejava de seu nariz. Cassie pensou que o chute na cabeça devia tê-la deixado atordoada.

Ficou tentada a chutá-la mais uma vez, bater o pé com toda força na cabeça de cabelos escuros perfeitamente arrumados, mas sua fúria cega estava diminuindo. Ela tinha feito o bastante. Tinha lutado contra a mulher, sendo melhor do que ela, e ela fora derrotada.

Agora, sua principal prioridade era as crianças.

Precisava levá-las a um local seguro o mais rápido possível, depois ligar urgentemente para que as autoridades intervissem.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

– Nina? Venetia? – Cassie chamou. Apressou-se de volta pelo corredor, esperando que as garotas estivessem bem e que não tivessem ficado traumatizadas demais pelo que tinha acontecido. Se Nina estivesse machucada pelo espancamento prolongado, poderia atrasar o plano de fuga delas.

Elas estavam ali, amontoadas debaixo da mesa de mogno no corredor, fazendo o melhor que podiam para se manterem longe do perigo.

– Venham, meninas – ela disse, ofegante, inclinando-se para ajudá-las a sair do abrigo temporário. – Nina, você está bem? Não está muito machucada?

– Acho que estou bem. Aonde nós vamos? – Nina perguntou, sua voz aguda e trêmula.

– Precisamos encontrar um lugar seguro. Eu vou... – Cassie hesitou, pensando rápido. Agora, a responsabilidade pela segurança delas repousava em seus ombros. – Vou levar vocês para a delegacia – ela disse. Uma vez que estivessem no carro, ela poderia dirigir para o lado oposto da cidade e, com sorte, encontraria uma delegacia onde a polícia não tivesse sido comprada. – Vocês vão ter coragem suficiente para descrever o que aconteceu com vocês e pedir para a polícia impedir que aconteça de novo?

– Vou fazer isso – Venetia assegurou-a e Nina assentiu.

– Eu também – ela prometeu.

– Tudo bem.

Cassie estava tremendo por conta das consequências da briga. Sentia-se agredida, sua cabeça latejava, seu rosto estava sensível e dolorido, e ela tinha certeza de que teria hematomas onde fora atacada. Apesar disso, tinha revidado e vencido, o que comprara alguns minutos preciosos para sair e encontrar um lugar seguro.

Mas conforme ajudou Venetia a sair de baixo da mesa, o rosto da garota se contorceu de medo.

– Cuidado! – Ela chorou.

Os olhos dela focaram atrás de Cassie e o tilintar dos saltos se aproximando a alertou, tarde demais, que sua adversária não havia sido derrotada.

Pânico surgiu dentro dela. Ela girou, mas estava desequilibrada e o ataque foi repentino e cruel demais para que ela conseguisse se proteger.

A Sra. Rossi segurava no alto um grande vaso de porcelana e, quando Cassie se virou, ela o quebrou na cabeça dela.

Cassie gritou, andando para trás. Sentia como se sua cabeça estivesse partida ao meio. Estilhaços se espalhavam ao redor e ela caiu na mesa. A beirada pontiaguda machucou sua lombar.

– Pare! Espere! Só espere. Isso é loucura. Precisamos nos acalmar – Cassie exclamou, mas sua voz parecia vir de longe e ela percebeu que a situação já tinha descido ladeira abaixo, além de qualquer controle.

Ignorando suas palavras, a Sra. Rossi saltou sobre ela, berrando ameaças furiosas. Cassie percebeu que só tinha duas escolhas agora – correr ou revidar. Correr estava fora de questão, porque as mãos da outra mulher, com as unhas longas como garras, agarrando e furando como lâminas, a pregavam contra a mesa.

Cassie retorceu-se para longe a tempo de impedir que uma das unhas perfurasse seu olho, em vez disso arranhando sua bochecha. Ela chutou e lutou, mas estava se defendendo contra a loucura e, toda vez que abria os olhos, via a mão com formato de garra vindo em sua direção.

A Sra. Rossi agarrou sua mão, encurvando seu dedo para trás tão forte que Cassie pensou que ele quebraria. A dor foi tão repentina e cruel que era nauseante. Em seguida, a mulher estava com as mãos ao redor da garganta de Cassie e ela se ouviu engasgando, sem ar, enquanto dedos apertados esmagavam sua laringe e apertavam sua traqueia.

Aterrorizada, Cassie percebeu que a Sra. Rossi estava fazendo mais do que tentar subjugar-la; estava de fato tentando matá-la. Aqueles dedos ossudos pareciam aço, mordendo fundo em sua pele, e ela não conseguia soltá-los. Cassie sentiu a escuridão se formando nos cantos de sua visão e o sangue pulsando atrás dos seus olhos.

Então, a Sra. Rossi foi arrancada para trás e rugiu em fúria.

O aperto mortal no pescoço de Cassie se afrouxou e, depois, cedeu. Enquanto Cassie puxava o ar, viu que Nina havia atacado sua mãe por detrás. Tinha pulado nas costas dela e agarrado seus cabelos com as duas

mãos. Nina estava puxando os cabelos e chutando a mulher alta nas coxas e nos joelhos com toda a força.

Cassie engasgou, incapaz de falar e quase sem conseguir respirar. Atordoada, ela cambaleou e ficou de pé.

A Sra. Rossi girou, agarrando o vestido de sua filha, mesmo enquanto Nina espancava seu braço desesperadamente. Com um empurrão violento, desalojou-a.

– Como ousa! – A mão dela voou e atingiu Nina com força no rosto. Depois, ela girou, atacando Cassie enquanto proferia palavrões e ameaças que gelavam o sangue de Cassie. – Você não vai escapar disso, sua vagabunda. Você assinou o seu atestado de morte. Como ousa virar as minhas filhas contra mim e me atacar na minha própria casa! Pergunte a qualquer pessoa que já esteve contra mim. Vou pisar em você e te destruir. Sua vida acabou!

Seus planos de resgatar as crianças estavam arruinados. Agora, parecia que nenhuma delas sairia da casa e Cassie só podia imaginar o que a Sra. Rossi faria como vingança.

Desesperada, ela agarrou o braço da mulher alta, mas ela era rápida demais. Suas unhas se enterraram no punho de Cassie, retorcendo-o perversamente.

Cassie gritou, dobrando-se de lado para tentar salvar seu punho.

– Solte! – Ela exclamou, mas a Sra. Rossi perfurou seu punho com toda a força e a dor queimou enquanto Cassie sentia a junta sendo puxada a ponto de quebrar.

– Não! – Venetia chorou. – Pare! É você que está nos machucando e eu te odeio!

Em uma fúria de membros girando, a jovem menina lançou-se contra a mãe, colidindo com a barriga dela e lhe tirando o ar.

Cassie arrancou o punho para longe. Essa mulher era imparável. Ela precisava abatê-la de novo, tentar bater a cabeça dela no chão e, dessa vez, chutá-la com força suficiente para que ela não conseguisse levantar. Pensamentos alucinados giravam em sua mente, sobre amarrá-la com um de seus próprios cintos para dar a elas a chance de escapar.

– Fique longe! – A Sra. Rossi gritou com a filha, mas Venetia se esquivou, evitando as mãos em garras de sua mãe, e esmurrou seu estômago novamente, de modo que a Sra. Rossi recuasse, cambaleando para trás.

Essa era sua chance.

Cassie lançou-se contra ela com os braços estendidos. Essa era sua chance de agarrar o pescoço dela e trazê-la ao chão.

De trás dela, ouviu Nina gritar algo e, no instante seguinte, Cassie percebeu que a luta as levava até o topo da escadaria alta.

Desequilibrada e ofegante, a Sra. Rossi balançou na beirada, seu salto alto prateado a um fio de cabelo de distância do primeiro degrau da escada de mármore.

Cassie abaixou a cabeça, fechou os punhos e lançou-se para frente. Do canto de seu olho, viu Nina correndo para o lado dela.

A Sra. Rossi gritou, consternada.

Cassie assistiu à mulher tombar e cair das escadas. Com peso, ela aterrissou de costas. O ímpeto torceu a cabeça dela de lado e seu grito foi abruptamente cortado. Depois daquilo, foi como assistir a uma boneca de pano saltar e rolar – em um silêncio alastrado e desossado, até atingir o último degrau e ficar lá, imóvel.

Cassie encarou as próprias mãos. Punhos cerrados, braços estendidos diante dela.

O que tinha acontecido? Suas mãos tremiam violentamente e ela as abaixou, absorvendo a figura lá embaixo, aos pés da escadaria de mármore. Parecia amassada e pequena.

Sua cabeça girava e ela segurou a balaustrada para se apoiar enquanto Nina agarrava-se nela por trás, abraçando-a com toda sua força.

– Não caia, não caia – Nina implorou enquanto o mundo de Cassie se entortava e balançava e sua mão, escorregadia de suor, deslizava pelo corrimão. Agarrou-o com toda sua força, ofegando quando uma onda de náusea a atingiu.

Seus olhos foram atraídos para a forma ao pé da escadaria, deitada tão imóvel, mas se sentia incapaz de absorver a realidade da situação.

A empresária só estava aturdida, não estava?

A qualquer momento, ela ficaria de pé, oscilando, e a luta cruel prosseguiria.

– Sra. Rossi? – Cassie mal reconheceu o sussurro rouco e embargado arranhando sua garganta dolorida e machucada. – Sra. Rossi? Sra. Rossi? Por mais que escutasse, Cassie só ouviu silêncio como resposta.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

– Por favor, tome cuidado para descer.

Cassie ouviu a voz preocupada de Nina, mas parecia vir de muito longe. Ela desceu um degrau, vacilando, segurando no corrimão com toda a força.

– Nós precisamos... precisamos ver.

A escadaria parecia interminável, vertiginosa. Seu olhar chocado focou em minúsculos detalhes pelo caminho.

Alguns fios de cabelos escuros e ondulados jaziam no mármore.

Uma mancha vermelha. Sangue ou batom? Contra a superfície pálida, a aparência era escura e enferrujada.

Uma estaca prateada – demorou um instante para Cassie perceber que era um dos saltos das botas estilosas. Havia quebrado e agora jazia no meio da escadaria de mármore.

Abaixo dele, alguns fragmentos de vidro brilhavam. De onde tinham vindo?

Mais um degrau abaixo e Cassie arfou ao ver o rosto da Sra. Rossi.

Os olhos dela estavam arregalados, sem vida. Sua boca estava aberta, sem movimento, e o sangue que escorria do nariz dela havia secado, ficando escuro e enferrujado. Após a briga física, Cassie ainda arquejava em busca de ar, mas o peito da Sra. Rossi estava parado. Não parecia estar respirando.

O braço direito dela estava retorcido em um ângulo terrível e a superfície de seu relógio dourado havia se quebrado.

Atordoada, Cassie olhou para ela, incapaz de absorver a verdade do que via.

Lembrou-se de seus próprios braços estendidos, de como havia mudado a forma das mãos. Sua intenção tinha sido agarrar e segurar o pescoço da mulher, mas, depois, tinha fechado as mãos, como se tivesse a intenção de empurrar algo ou alguém para longe. Porém, não se lembrava de realmente ter feito contato.

A Sra. Rossi tinha estado na beirada da escada. Ela se desequilibrara, apesar do aviso berrado por Nina. Não poderia ser, de modo algum, que Cassie tinha lido a situação e, em uma fração de segundo, feito seu peso

colidir contra a mulher, levando-a a tombar e rolar em cambalhotas pela escadaria íngreme.

A Sra. Rossi havia caído antes de Cassie alcançá-la, certo? O sapato dela devia ter sido danificado na briga, o salto quebrado, então ela havia oscilado e desabado escada abaixo.

Por mais que tentasse, uma voz fria e insistente dentro da cabeça de Cassie continuava dizendo que não tinha acontecido daquela forma. Que ela havia aproveitado o momento e empurrado a mulher escada abaixo com toda sua força, desejando machucá-la e torcendo para causar danos duradouros e permanentes a ela.

Percebendo toda a intenção por trás de suas ações, Cassie sentiu os soluços subindo dentro dela. Seu peito arquejou quando as implicações lhe atingiram. A Sra. Rossi tinha caído de encontro à sua morte e Cassie tinha sido quem a empurrara.

Então, soltou um choro ao se dar conta de que as garotas tinham visto tudo. Haviam lutado ao lado dela. Elas tinham assistido à própria mãe morrer. Apesar do abuso, dos castigos terríveis, ela ainda era a mãe delas. As garotas colocariam a culpa nela. É claro que sim, independente do que ela tinha feito por elas no passado. O melhor que Cassie poderia fazer era chamar a polícia e se entregar, fazendo uma confissão completa.

Como algum dia essas jovens meninas poderiam se recuperar do que acabavam de testemunhar?

Cassie piscou, afastando as lágrimas. Não suportava olhar para o corpo retorcido por mais um instante – os membros esparramados, os olhos encarando o vazio e aquele sapato quebrado. Representava o fim da linha, o resultado final de suas ações, de onde não havia retorno.

Cassie esticou as mãos diante de si novamente, olhando para suas palmas estreitas e seus dedos afunilados e esguios.

Poderia ter empurrado uma mulher de encontro à morte? Poderia ter feito isso?

Com medo, Cassie elevou o olhar, subindo ao longo da escada de mármore. No topo, viu as duas meninas paradas, observando-a em silêncio.

Cambaleando, Cassie subiu um degrau, depois outro. Temia o que iria acontecer quando as alcançasse. Como daria a notícia a essas crianças? Elas já deviam suspeitar, mas estavam esperando que ela confirmasse a verdade.

Um arrependimento amargo a preencheu. As consequências eram irreversíveis. Isso não tinha volta e, se ela fosse capaz de repetir a cena no

topo da escada, Cassie sabia que teria feito diferente, porque o fim da vida da mãe delas mudava a vida das crianças, e a dela, para sempre.

Sua mente recuou diante do confronto, da culpa furiosa e das lágrimas e gritos que se seguiriam. Ela sabia que não tinha forças para lidar com isso. Nenhuma desculpa no mundo poderia reparar o desastre que havia causado. Teria que reunir forças para sobreviver ao pesadelo dos próximos minutos. Depois disso, a polícia tomaria conta.

A polícia fazia perguntas que ela precisaria responder. Como responderia quando ela mesma não se lembrava com clareza do que havia ocorrido?

Cassie chegou ao último degrau. Respirou fundo e forçou-se a olhar as crianças nos olhos. Elas mereciam sua honestidade e total transparência sobre o que aconteceu e porquê. Ela precisaria carregar a responsabilidade. Não havia outra opção.

– Meninas – ela disse. Sua voz nada mais era que um sussurro ofegante.

Nina olhou para ela e Cassie não viu nada além de confiança em seus olhos castanhos arregalados.

– Meninas, eu sinto muito. Sinto muito mesmo. Sua mãe está morta.

O silêncio a seguir cercou seus ouvidos.

Viu as crianças se virarem uma para a outra, trocando olhares do jeito que ela estava acostumada a ver, como se estivessem confirmando algo entre elas, silenciosamente.

Então, Nina olhou para ela novamente.

– Eu sei – ela concordou, sombria. – Ela não está se mexendo, definitivamente está morta. Acho que deveríamos limpar a bagunça antes que alguém veja.

Cassie ficou boquiaberta ao encarar a jovem menina, que a examinava calma e solenemente.

Estaria alucinando após a terrível experiência? Ou Nina realmente havia sugerido que elas deveriam encobrir as evidências da briga?

Nina devia estar em choque, Cassie decidiu. Provavelmente, não tinha absorvido o que tinha acontecido e sugeria, por reflexo, que elas arrumassem tudo.

– Não podemos fazer isso. Não se trata apenas de nós, entende.

Precisamos ligar para a polícia – Cassie disse, sua voz aguda e ofegante.

Agora, as meninas trocaram outro olhar perturbado.

– A polícia não pode saber que estávamos brigando com a Mama – Nina disse. – Talvez não deveríamos ligar para eles.

– Quando alguém morre ou quando estamos em um terrível apuro, devemos ligar para a polícia – Cassie explicou, embora soubesse que não tinha como evitar o apuro que explodiria em sua vida depois de fazer a ligação.

Nina balançou a cabeça.

– Então, não devemos contar a eles tudo o que aconteceu. Se dissermos que houve uma briga, eles vão ficar furiosos e nos colocar na cadeia. Mama nos avisou sobre isso. Eu não quero ir para a cadeia, então precisamos limpar tudo.

Venetia assentiu.

– Mama sempre dizia, “Vocês devem dizer para a polícia que foi um acidente e que caiu do cavalo. Deve dizer que está tudo bem, que não tem nada errado”.

Para o espanto de Cassie, as meninas continuaram em uníssono, como se as instruções estivessem memorizadas.

– “Vocês devem dizer a mesma coisa toda vez que perguntarem, sem mudar o que disseram. Mesmo quando perguntarem de um jeito diferente, porque estão tentando enganar vocês”.

Elas olharam uma para a outra solenemente, como se confirmassem que isso era o correto.

– Podemos dizer à polícia que a Mama tropeçou e caiu – Nina adicionou, em tom prestativo.

A cabeça de Cassie girava. A estratégia da mãe delas era clara. Mentir para a polícia ou sofrer as consequências. Isso poderia até mesmo ter acontecido no passado e, agora, as crianças repetiam automaticamente as frases que tinham sido ensinadas.

Isso era muito mais sério do que encobrir um espancamento. Isso era uma morte – um assassinato.

E ela era uma adulta, não uma criança desinformada sobre os procedimentos corretos a seguir.

Cassie começou a tremer novamente ao pensar nas consequências. A polícia viria. Para o bem ou para o mal, ela precisaria ligar e responder às perguntas deles quando chegassem. A Sra. Rossi não era uma pessoa comum, e sim a dona de um enorme império da moda. A morte dela seria rigorosamente investigada.

O que ela escolheria?

Transparência total e honesta da briga que havia ocorrido e seu próprio envolvimento na queda terrível?

Ou o cenário que as próprias meninas haviam sugerido?

Reescrever o passado, apagar o conflito. Arrumar tudo e fingir que tinha sido um acidente horrível, uma queda mal calculada, a quebra daquele salto fino prateado que causou a queda da mulher, provocando sua morte.

Cassie respirou fundo.

Não achava que era certo encobrir tudo. Na realidade, achava que era uma loucura – uma jogada arriscada que, caso fosse descoberta, lhe colocaria em problemas ainda maiores do que dizer a verdade. Mas, pelo menos, lhe dava uma chance.

Se ela confessasse que houve a briga e dissesse ter estado no topo da escada e empurrado a Sra. Rossi, sem dúvidas ela seria acusada de assassinato. Era um ato deliberado que ela tinha escolhido cometer.

Passaria semanas ou meses na prisão, e como seria capaz de pagar por um advogado que faria sua versão dos eventos ser sustentada contra a gigantesca força de equipe jurídica que o império Rossi colocaria em ação? A tempestade na mídia que acompanharia a tornaria famosa pelos motivos errados.

Cassie sabia que pouquíssimas pessoas estavam cientes do abuso das crianças e aqueles que sabiam não estavam dispostos a falar. A polícia local havia sido subornada para ignorar reclamações e o Serviço Social tinha sido comprado. Aos olhos do mundo, a Sra. Rossi tinha sido a mãe perfeita e aquilo significava que Cassie automaticamente seria percebida como culpada, que havia dado início a uma briga física, depois empurrado uma mulher inocente para sua morte.

Ademais, tinha que pensar no futuro das meninas. O escândalo resultante de um veredito de assassinato as traumatizaria ainda mais e durante mais tempo do que se todos concordassem ter sido um acidente trágico.

Sua vida inteira estava em jogo. A decisão que tomasse agora afetaria a ela e as crianças para sempre. E precisava tomá-la imediatamente, pois cada momento contava.

– Vamos arrumar tudo – ela disse às duas meninas.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

As meninas começaram a tarefa de limpar a bagunça de forma metódica e Cassie as seguiu. Nina pegou os fragmentos maiores do vaso quebrado enquanto Venetia buscava a pá e a vassoura.

Cassie sentia-se estranhamente dissociada, como se estivesse em algum lugar distante, assistindo a si mesma realizar a tarefa. Se pensasse demais a respeito da realidade do que estava fazendo, sabia que entraria em pânico e congelaria, incapaz de continuar.

Adulterar uma cena do crime deliberadamente era um ato altamente ilegal que lhe traria um mundo de problemas caso fosse descoberta. Uma mulher assassinada jazia ao pé da escada. Elas deviam ter ligado para a polícia imediatamente. Agora, era tarde demais. Enquanto varria os fragmentos de porcelana na pá de lixo de plástico, Cassie sabia que não tinha escolha a não ser prosseguir com a decisão que havia tomado.

Após as lascas serem varridas, elas atravessaram o corredor, examinando o piso em busca de qualquer sinal da briga.

Venetia pegou um tufo de cabelos longos e escuros. Nina devia tê-lo arrancado do couro cabeludo da Sra. Rossi durante o ataque cruel que Cassie agora percebia que poderia ter salvado sua vida. Ela não acreditara que a mulher pararia de sufocá-la e achava que ela teria continuado até asfixiar Cassie e tirar a vida de seu corpo.

Muito provavelmente, se Cassie tivesse morrido, a mulher estaria limpando a cena da mesma maneira, forçando as crianças a ajudá-la e se livrando do corpo de alguma forma. Talvez o sempre disposto Maurice teria organizado a escavação de uma “trincheira de drenagem” no jardim enquanto a Sra. Rossi largava o carro de Cassie em algum lugar bem longe.

Pensar no cenário alternativo fez Cassie se sentir melhor e mais forte.

Elas sobreviveram. Pelo menos, no fim das contas, elas ainda estavam vivas. Muitas pessoas que entravam em conflito com pessoas abusivas não tinham tanta sorte.

Porém, ao lembrar que a polícia ainda viria e que a morte da empresária de alto escalão seria investigada de perto, Cassie sentiu-se horrorizada

novamente.

Teria sido mais seguro deixar a cena intocada e alegar que não se lembrava.

Porém, se a polícia percebesse que uma briga tão física tinha ocorrido, Cassie sabia que eles não aceitariam a perda de memória e tentariam juntar os pedaços do que tinha acontecido. Eles perceberiam que ela, e talvez as crianças, tinham se envolvido na luta, mas, como a única adulta, Cassie receberia o peso das consequências.

Venetia apontou para uma mancha de sangue no piso.

– Vou limpar. Você tem sangue no seu cabelo também – ela disse a Cassie.

Cautelosamente, Cassie tocou seu couro cabeludo. Foi agonia pura e seus dedos ficaram vermelhos.

– Vou lavar o meu cabelo agora – ela disse.

– Talvez você deveria dizer para a polícia que estava no banheiro quando a Mama caiu – Nina sugeriu e Cassie ficou surpresa novamente com a lógica fria dela.

– Eu estava no banheiro – ela concordou. – Eu tinha acabado de tomar banho enquanto vocês passavam um tempo com a mãe de vocês e eu vim correndo quando ouvi você gritar.

– Nós íamos comer tiramisu com a Nonna – Venetia ofereceu.

Cassie parou de súbito, com a espinha contraída, horrorizada.

No turbilhão dos eventos, havia se esquecido completamente da senhora idosa, agora escondida no quarto isolado ao final do corredor. A Nonna estava esperando a filha para comer tiramisu com ela. Agora, seria informada que ela estava morta.

Cassie sabia que não seria capaz de dar essa notícia, de modo algum. Ela já estava emocionalmente destruída e havia um risco real de dizer a coisa errada se a Nonna estivesse coerente e começasse a fazer perguntas. Esse era um trabalho para a polícia. Por enquanto, tentaria permanecer o mais calma possível e colocaria a idosa na cama antes de ligar para eles.

Porém, quando Cassie bateu na porta do quarto e entrou, viu que o quarto estava vazio.

– Nonna? – Ela chamou, suavemente. Sua voz ainda estava rouca do estrangulamento que sofrera mais cedo. Não houve resposta.

Onde a senhora poderia ter ido? Voltado à sala de jantar, talvez?

Aterrorizada por já ter esperado demais para chamar a polícia e que eles perceberiam que houve o atraso quando examinassem o corpo, Cassie correu até a sala de jantar, esperando encontrar a Nonna lá.

A sala estava vazia.

Foi só no caminho de volta que Cassie a viu.

Ela havia saído do quarto dela e estava sentada na beira da cama em um dos quartos de hóspedes.

Olhando da senhora idosa para o topo da escada, Cassie percebeu, horrorizada, que o quarto oferecia uma visão perfeita da escada.

A Nonna devia ter visto tudo.

Cassie ficou sem fôlego quando a realidade da situação a atingiu. Sua cabeça girou e o quarto pareceu se fechar ao redor dela. Agarrou a parede, segurando até a vertigem passar, forçando-se a não apagar ou desmaiar, pois ainda havia muito que precisava ser feito.

Primeiro, e mais importante, era preciso descobrir a extensão do problema em que estava.

Nas pontas dos pés, entrou e falou suavemente.

– Olá, Nonna.

A mulher idosa levantou os olhos para encará-la, mas sua expressão era ilegível.

Cassie hesitou. Não sabia se a Nonna estava genuinamente cansada e confusa, ou se testemunhar o conflito havia a deixado chocada, em silêncio. De qualquer forma, Cassie precisava descobrir.

– Está aqui há muito tempo? – Perguntou, esperando que isso esclarecesse a sequência dos eventos.

– O que está dizendo? *Non capisco* – a Nonna respondeu, franzindo o cenho.

– Este quarto. Você entrou aqui agora?

– Não sei – a mulher idosa respondeu. Parecia desorientada e Cassie deduziu que ela não tivesse entendido a pergunta.

Temia que a Nonna tivesse se arrastado para fora de seu quarto assim que a Sra. Rossi começou a brigar com Nina, talvez perturbada pelo barulho. Presas no conflito, nenhuma delas teria notado.

A Nonna sussurrou algo inaudível.

– Não entendi isso. Desculpe.

Cassie inclinou-se para perto quando a Nonna soltou as palavras novamente e seu estômago apertou ao ouvir a palavra “polícia”. A Nonna

estava pedindo para chamá-los? Se sim, ela não apenas tinha visto como também havia compreendido o que acontecera.

Ou Cassie ouviu mal e a Nonna dissera outra coisa?

– Faça isso agora – a Nonna disse e, desta vez, sua voz estava mais clara.

Cassie ofereceu um aceno de cabeça tranquilizador, mas seu estômago se agitava com ansiedade. Foi incapaz de distinguir o que a Nonna havia dito. Decidiu que seria mais seguro fingir não ter ouvido nada, colocá-la na cama e torcer para que ela, mesmo que tivesse visto a briga, se esquecesse dos detalhes quando a manhã chegasse.

– Você teve um dia longo e já são sete e meia – ela disse, verificando a hora em seu celular. – Posso te ajudar a voltar para o quarto, ir para a cama? Com certeza, você deve estar cansada.

A mulher idosa olhou diretamente para ela e Cassie sentiu seu corpo suar porque, pela expressão dela, teve certeza de que a Nonna sabia. Estava certa disso.

– Onde está Stefano? – Ela perguntou e Cassie expirou devagar, seu coração batendo forte. Ela devia estar confusa; ou não tinha visto o incidente, ou não tinha entendido o que viu.

– Definitivamente, é hora de ir para a cama – Cassie tranquilizou-a, aliviada que ela não tivesse perguntando onde estava Ottavia, o que teria levado Cassie além de seu limite.

Na atual conjuntura, ela conseguiu manter o que esperava ser uma aparência de normalidade. Em silêncio, ajudou a senhora a ficar de pé. Não se sentia emocionalmente forte o bastante para ser capaz de responder até mesmo a mais simples das perguntas.

Guiou a Nonna de volta através do corredor para seu quarto pequeno e aconchegante. Rapidamente, Cassie procurou pela camisola dela em um armário e ajudou a senhora a se deitar.

O tempo estava passando e ela estava preocupada de que seus esforços para fazer as coisas do jeito das crianças já haviam falhado. Com um sentimento de condenação, Cassie percebeu que criar uma versão alternativa estava longe de ser simples. Bastaria um deslize.

– Seu banheiro fica do lado oposto da cama. Vou deixar a porta aberta e a luz acesa para conseguir encontrá-lo à noite. Posso te trazer água ou uma xícara de chá?

– Não – a Nonna disse.

Outra vez, ela ofereceu a Cassie um olhar penetrante e debochado que a desestabilizou por completo.

– Virei checar você mais tarde – Cassie prometeu, fechando a porta.

Estressada a ponto de chorar, ela voltou correndo para o seu quarto. Vislumbrando seu reflexo no espelho, ela parou, horrorizada.

O sangue em seu cabelo tinha criado um enorme emaranhado e havia escoado sobre sua orelha e têmporas esquerdas. Ela viu um arranhão em carne viva na sua bochecha, uma ferida e um hematoma escuro na sua maçã do rosto causado pelo golpe do cinto que recebera no dia anterior. Seu cabelo estava uma bagunça e seu olhar era feroz. Seu pescoço estava carmesim vivo por causa da tentativa de estrangulamento.

Cassie encarou-se, horrorizada. Sua aparência era de completa culpa, como se tivesse se envolvido em uma briga cruel. Foi assim que a Nonna tinha a visto, como poderia se lembrar dela.

Não fazia ideia de como se faria apresentável antes da polícia chegar.

Cassie ficou parada debaixo do chuveiro e se encolheu de agonia conforme a água respingou na ferida sensível e profunda em seu couro cabeludo. A água escorria vermelha, depois rosa e, finalmente, limpa, mesmo que a ferida ainda escorresse sangue.

Saindo do chuveiro, partiu seu cabelo para o outro lado e o escovou para cobrir o corte. Lágrimas brotaram em seus olhos ao tocar o machucado ardido com a escova. Secou o cabelo por alguns minutos – mesmo em temperatura baixa, era uma agonia escaldante – até ter certeza de que permaneceria no lugar. Não queria secá-lo demais porque, de acordo com a versão delas, ela estivera no banho quando a Sra. Rossi caiu.

Aquilo também tornava difícil cobrir o arranhão e o machucado no seu rosto. Ninguém passaria maquiagem depois do banho, então precisava manter a camuflagem sutil para que a polícia não notasse. Em pânico, Cassie perguntou-se se deveria pensar em uma história diferente para onde estivera – porém, isso apenas confundiria a situação e qualquer história teria alguns furos. Mentir e encobrir não era fácil e Cassie teve cada vez mais certeza de que seria descoberta.

O hematoma escuro precisou de muita maquiagem para ser coberto e Cassie aplicou um pouco na outra bochecha para que ficassem da mesma cor. Fez uma nota mental para não tocar seu rosto, pois o corretivo borraria facilmente e, então, o hematoma ficaria à mostra.

Seu pescoço era o maior problema, pois a vermelhidão não havia diminuído. Cassie viu que até mesmo as marcas individuais de cada dedo podiam ser vistas.

Ela tinha colocado suas coisas na mala, mas agora era hora de desfazê-la. Cassie jogou seus pertences para fora, procurando pela única vestimenta que poderia cobrir isso – uma blusa bege com gola polo.

Vestindo-a e olhando para o espelho, nervosa, ela ficou aliviada pois a blusa escondia a pior parte da evidência.

Foi verificar as crianças. Nina e Venetia tinham terminado de limpar e o corredor do andar superior estava pristino, como se a versão delas fosse a correta desde o princípio. As duas estavam no quarto de Venetia, amontoadas na cama, e olharam para ela com ansiedade quando ela abriu a porta.

– Vou ligar para a polícia agora – Cassie disse.

Foi até o telefone, sentindo-se enjoada pelo nervosismo.

Somente quando já tinha discado e a ligação foi atendida, ela se lembrou de que, embora a polícia local tivesse sido subornada ou “encorajada” a ignorar o abuso, não significava que não sabia o que estava acontecendo.

É claro que tratariam a morte como suspeita.

E a primeira suspeita imediata seria a própria Cassie.

CAPÍTULO VINTE E SETE

A detetive Francesca Falcone tinha acabado de concluir uma reunião da equipe quando recebeu a ligação.

Vinha da área no sul de Milão onde sua unidade normalmente não operava, mas houvera um assalto armado com tiroteios em um supermercado nas redondezas mais cedo naquela noite e todos os policiais do departamento local estavam na cena do crime. Portanto, a ligação foi redirecionada para ela.

Ela verificou o relatório. Morte acidental. A Sra. Rossi, uma mulher de cerca de quarenta anos, tinha caído de um lance de escadas e morrido. A ligação tinha sido feita por uma mulher jovem que soava ser estrangeira, de língua inglesa, e trabalhava na casa.

Falcone sabia que podia ser um caso de rotina, mas, quando uma pessoa jovem e, ao que tudo indicava, saudável, morria em um “acidente” doméstico, sempre havia a possibilidade de haver algum podre envolvido.

– Podem pegar o equipamento que precisamos? Vou buscar o carro – ela disse para dois membros de sua equipe antes de sair do escritório.

Dois minutos depois, estavam na estrada, com o detetive júnior passando um rádio para o médico legista enquanto Falcone dirigia.

A casa ficava em um bairro afluente e era guardada por um portão de ferro forjado alto. Não havia necessidade de apertar a campainha, pois a jovem mulher já aguardava atrás do portão, amontoada em uma jaqueta velha com o capuz cobrindo a cabeça.

Assim que viu o carro chegar, ela abriu o portão e direcionou a equipe para a entrada da garagem.

Falcone desceu do carro.

– Boa noite – ela cumprimentou a mulher.

– B-boia noite.

– Sou a detetive Falcone – estendeu a mão, surpresa ao notar que a outra mulher recuou quando ela disse a palavra “detetive”.

– Sou Cassie Vale.

A mão dela estava gelada e tremia visivelmente.

– Pode me mostrar onde está o corpo, por favor? – Falcone pediu. Parada diante da porta de entrada, colocou as proteções nos sapatos e as luvas antes de entrar.

Ficou parada no hall de entrada, absorvendo a cena macabra diante dela.

Ao final do hall de entrada lindamente decorado e ornamentado, havia uma escadaria alta de mármore com uma réplica gigante de um sapato elegante à direita. O corpo jazia ao pé da escada, amarrotado e imóvel.

Com precisão instantânea, Falcone absorveu o resto da cena.

Nada parecia fora do lugar. O hall de entrada parecia imperturbado. Não havia pegadas ou marcas de arranhados na superfície do piso polido diante dela e a casa estava silenciosa.

Ela caminhou lentamente até o corpo e olhou para o topo da escadaria de mármore.

Era alta e inclinada o suficiente para a queda ter sido mortal, mas mulheres saudáveis de quarenta anos normalmente não caíam sem motivo de suas próprias escadas.

Mas espere. O olhar dela se tornou mais agudo, notando que uma das botas elegantes da mulher estava faltando um salto. Ela deduziu que era o que estava brilhando na metade da escadaria. O sapato havia quebrado e causado a queda? Ou havia quebrado durante a queda?

Lembrando-se do nome da falecida e observando aquelas botas extraordinárias e a enorme réplica ao pé da escada, perguntou-se brevemente se a mulher poderia fazer parte da família rica que era dona da Rossi Calçados. Se sim, essa seria uma investigação de alto escalão e ela e sua equipe não podiam se dar ao luxo de cometer o menor erro.

Ela inclinou-se e sentiu o pulso da mulher. Não esperava encontrá-lo, e não havia um. A pele dela estava gelada, mas a rigidez cadavérica ainda não havia se firmado.

A ligação chegara meia hora atrás e o intervalo de tempo não levantava nenhum alarme. No entanto, conforme ela se abaixou e olhou mais de perto, notou que havia uma grande marca de arranhão na bochecha da mulher morta. Sangue seco escurecera na ferida, de modo que ela se destacada no rosto pálido. Havia uma contusão na sua maçã do rosto, seu nariz havia sangrado e seu cabelo estava emaranhado.

Tomando gentilmente a mão da mulher bem-vestida, a detetive Falcone notou que os nós dos dedos dela estavam ralados.

Olhou para o topo da escadaria novamente.

Essas lesões possivelmente poderiam ter ocorrido durante a queda – mas rosto, cabeça e nós dos dedos eram locais que acionavam alarmes para ela. Indicavam uma briga ou luta.

– Você não interferiu na cena do crime de modo algum? – Perguntou à garota, que estava parada a alguns metros de distância, torcendo as mãos e mudando de um pé para o outro. Ela parecia extremamente ansiosa e, mais uma vez, Falcone perguntou-se se a ansiedade dela era desproporcional ao que havia ocorrido.

– Não. Não toquei em nada – ela disse.

Dessa vez, Falcone descobriu que ela era americana. Uma mulher americana trabalhando na casa. Ela era uma empregada ou uma au pair? Quem mais morava aqui?

– Tem mais alguém em casa esta noite? – Perguntou gentilmente.

– A Sra. Rossi tem duas filhas, Nina e Venetia. Elas estão no andar de cima, nos quartos. Elas sabem o que aconteceu. Depois, tem a Nonna, a mãe da Sra. Rossi. Ela chegou hoje, mais cedo, e está em um dos quartos de hóspedes. Ela ainda não sabe. Parece que ela sofre de demência e eu não fui capaz de contar a ela.

Falcone assentiu.

– Ela sofre de demência? Tem alguém para cuidar dela?

Cassie Vale franziu o cenho, preocupada, e Falcone perguntou-se por que a pergunta dela tinha causado essa reação.

– Eu... bem, na realidade, não. A Sra. Rossi teria cuidado dela, mas ela caiu... – As palavras dela esmaeceram e ela encarou o corpo por alguns instantes antes de puxar uma respiração profunda, como se estivesse lutando para se recompor emocionalmente. – Eu ajudei a Nonna a colocar a camisola e garanti que ela fosse para a cama – ela contou à Falcone.

Falcone ficou de pé. O corpo oferecia pistas. Algumas ela tinha lido e outras o médico legista forneceria durante o exame, mais tarde naquela noite. O que a interessava era que a garota também parecia que tinha estado em uma briga.

Debaixo da luz brilhante do lustre do hall de entrada, Falcone podia ver claramente um arranhão na bochecha dela e havia uma sombra na maçã do rosto que ela achou que poderia ser um hematoma coberto por maquiagem. Ela tinha visto muitas lesões parecidas e tentativas de escondê-las em casos de violência doméstica nos quais trabalhara.

– O pai das crianças? Onde ele está?

A mulher de cabelos castanho-avermelhados sacudiu a cabeça e encarou Falcone, desamparada.

– Não sei. Eles se divorciaram ano passado, pelo que entendi, e as crianças não tiveram aceso a ele desde então. Nem mesmo sei o sobrenome dele. Rossi é o nome dela. Ela é... era dona de uma empresa de sapatos.

Falcone assentiu. Seu palpite estava certo. A falecida era, de fato, uma empresária conhecida e de alto escalão.

– Pedirei para alguém da minha equipe localizá-lo e entrar em contato – ela disse.

Falcone afastou-se do corpo e subiu as escadas. Lentamente, degrau por degrau, manteve o olho aberto para qualquer evidência que pudesse se apresentar ao longo do caminho.

Havia alguns fios de cabelo nas escadas. Novamente, incomum para uma queda e mais sintomático de uma briga. Manchas – sangue, batom, quem sabe? A equipe legista testaria quando chegasse.

Havia um salto prateado pontiagudo nas escadas, parecendo uma unha comprida.

Falcone amava sapatos e moda; ela supunha que isso estivesse escrito no DNA italiano. Fora do expediente, ela amava se vestir bem e gastar muito dinheiro – provavelmente, dinheiro demais, se estivesse sendo honesta consigo mesma – em roupas de alta qualidade. Havia alguns pares de sapatos Rossi em seu próprio guarda-roupa, mas nem mesmo ela teria usado botas tão na moda e pouco práticas. Podia haver gerações de costureiras entusiasmadas em seu sangue, mas ela precisava equilibrar isso com as exigências de seu emprego.

O pai dela havia sido um detetive por muitos anos. Ele se aposentara do departamento após uma cirurgia do coração e agora liderava a equipe local no vilarejo para onde ele fora realocado, em uma tranquila área rural nos arredores de Roma.

Ele sempre encorajara Falcone a seguir os seus passos e ficara demasiadamente orgulhoso com a decisão dela quando ela finalmente entrou para a polícia. Desde jovem, ele havia a encorajado não só a olhar, mas a ver. Notar, observar. Muitas vezes ele havia dito a ela, e mostrado através de seu exemplo, que um agente da lei, às vezes, precisava entrar em seu papel a qualquer momento, estando de serviço ou não.

Como resultado, Falcone descobriu que suas escolhas de sapatos acabavam sempre optando pela praticidade tanto quanto pela beleza. Saltos

eram permitidos, dentro do razoável, mas sempre que vestia um calçado, sua primeira pergunta era: Eu poderia correr nele, se precisasse?

Aquilo descartava designs mais extremos, embora ela tivesse orgulho da velocidade que era capaz de atingir com um par de saltos altos. Contudo, aqueles sapatos? Eles eram insanos. Eram como protótipos de passarela que seriam adaptados antes de ser vendidos nas principais lojas.

Falcone tentou imaginar o que aconteceria se o salto subitamente quebrasse, talvez se a mulher colocasse o peso todo sobre ele.

Com um salto tão alto, aquilo definitivamente desestabilizaria a mulher. Falcone teria imaginado que uma grave lesão no tornozelo, uma torção ou mesmo uma fratura, seria mais provável do que uma queda, mas sabia que dependia das circunstâncias.

– Você testemunhou a queda? – Ela chamou a Srta. Vale, que esperava no hall abaixo, mantendo alguns metros de distância da escada, ainda torcendo os dedos com nervosismo.

– Não. As crianças, sim.

– Elas realmente viram? – Falcone não conseguiu retirar a preocupação de sua voz. – As crianças se aproximaram da mãe depois? Elas estão bem?

Sua mão foi para o celular em seu bolso, pronta para fazer uma ligação chamando uma enfermeira ou conselheira imediatamente.

A Srta. Vale pareceu indecisa por um momento, como se não tivesse certeza de como deveria responder àquilo.

– Elas estão bem. Obviamente, estão abaladas, mas eu... eu acho que ainda não absorveram.

– Quantos anos elas têm?

– Oito e nove anos.

As sobrancelhas de Falcone se ergueram. Ela teria esperado histeria imediata; duas crianças chocadas e inconsoláveis correndo direto para a mãe, sacudindo-a, tentando reanimá-la e, inadvertidamente, contaminando a cena do crime enquanto faziam de tudo para acordá-la.

Não fazia sentido a au pair dizer que aquilo não havia acontecido. Talvez as crianças tinham ido até a mãe, mas ela não tinha visto, já que, de acordo com ela, ela não estava lá na ocasião. Falcone sabia que a ansiedade também poderia afetar a lembrança dos eventos.

Ainda assim, Falcone sabia, havia algo muito errado aqui.

CAPÍTULO VINTE E OITO

– Tem um lugar onde podemos nos sentar? – A detetive Falcone perguntou a Cassie Vale.

Ela estava curiosa para se aprofundar na história incompleta que a au pair fornecera até agora. Pela atitude nervosa dela, Falcone estava preparada para que sua versão fosse desordenada, cheia de inconsistências e meias verdades, mas sabia que mentiras muitas vezes podiam ser tão reveladoras quanto a honestidade, podendo guiar um entrevistador perceptivo para o que realmente havia acontecido.

– Tem... tem um cômodo no andar de cima. Era um salão, mas foi transformado em uma sala de jantar hoje para que a Nonna, a avó das crianças, pudesse ter acesso. Ela lutou para subir as escadas quando chegou.

A Srta. Vale tomou uma respiração trêmula, como se as palavras tivessem a relembrado de como as escadas podiam ser letais.

– Por favor, fique na extrema direita quando for subir – Falcone aconselhou. A Sra. Rossi tinha caído no lado esquerdo das escadas. Ela observou a jovem mulher cuidadosamente enquanto ela subia. Pressionada contra o corrimão, ela parecia precisar dele para se apoiar e desviou o olhar do corpo ao passar.

Com tranquilidade, a equipe legista já se movimentava em sua operação. A próxima pessoa no comando estava ocupada passando informações ao legista, que acabara de chegar. Eles iriam fotografar a cena e retirar amostras forenses antes de remover o corpo.

Falcone trabalhava com esses detetives e esse legista há anos. Confiava neles para fazer o melhor trabalho, sem que ela ficasse em cima ou interferisse. Ela sabia que seu ponto forte era a entrevista, já que tinha uma habilidade excepcional de notar a linguagem corporal e fazer as perguntas certas.

Uma vez que completasse a entrevista, ela dividiria suas primeiras impressões com sua equipe. O mais provável era que eles já teriam notado alguns dos mesmos pontos que causavam preocupações nela.

– Há quanto tempo trabalha aqui? – Falcone ficou curiosa, de repente. Pressentia que a au pair parecia fora de lugar, de alguma forma.

– Eu? Apenas três dias.

Falcone franziu o cenho enquanto entrada no cômodo do andar de cima que, a julgar pela decoração cheia de poltronas alinhadas na parede dos fundos, tivera sua função adaptada.

Puxando uma cadeira na mesa de jantar, ela notou uma sopeira e cinco tigelas vazias empilhadas de forma organizada sobre o aparador, ao lado de uma garrafa de vinho tinto vazia. Claramente, a família havia jantado aqui mais cedo. A seguir, o inimaginável tinha acontecido.

Falcone retirou o bloco de notas e o gravador de sua bolsa.

Após confirmar o nome completo e as informações da mulher nervosa, ela perguntou – Posso ver seu passaporte, por favor?

Um espasmo de ansiedade cruzou o rosto bonito da mulher.

– Meu passaporte? Isso é necessário? Você precisa retê-lo ou vai me devolver?

– É o procedimento padrão obter prova fotográfica da identidade de todas as testemunhas que não são familiares diretos – Falcone a tranquilizou.

Ainda assim, ficou intrigada com o quanto a Srta. Vale parecia preocupada em entregar o passaporte e o quanto aparentou ficar na defensiva.

Após Falcone folhear o documento, fotografar as páginas relevantes e devolvê-lo, novamente ficou surpresa com a forma como a jovem o arrancou dela de súbito e imediatamente guardou-o, fechando o zíper do bolso lateral de sua bolsa.

Falcone procedeu com a entrevista.

– Então, você chegou três dias atrás? Foi quando foi contratada?

– Sim.

– Por que precisavam de uma au pair? Você estava substituindo alguém que saiu?

– Hã, não, acho que não. A Sra. Rossi me disse que havia se divorciado, depois ficou muito ocupada com o trabalho e precisava de alguém para ficar com as crianças.

– E por quanto tempo foi contratada?

Falcone endireitou a postura ao ver que a pergunta tinha atingido o alvo. Cassie Vale pareceu perturbada. Ela mordeu os lábios, olhou para baixo,

olhando para a porta, como se talvez uma cavalaria imaginária pudesse entrar para salvá-la. Depois, perturbada, encarou Falcone de novo.

– Originalmente, por três meses. Até que a Nonna, a avó, pudesse se mudar para cá. Depois... hum... depois ela conseguiu se mudar mais cedo. Então, eu iria embora amanhã, na verdade.

O olhar de Falcone travou no de Cassie. Essa informação poderia ser uma peça-chave. Claramente havia um motivo para a chegada antecipada da avó. A questão era se isso estava relacionado aos eventos que se desenrolaram esta noite. Falcone suspeitava que sim.

– O que aconteceu hoje, mais cedo, e como ocorreu? Por favor, descreva os eventos do seu ponto de vista.

– Bem, a Nonna chegou depois do almoço. Eu tinha acabado... – Aqui, a Srta. Vale hesitou, como se escolhesse as palavras com cuidado. – Eu tinha acabado de voltar. Cheguei antes dela, por volta das duas da tarde, e as crianças voltaram da escola cerca de meia hora depois. Fiquei fazendo as malas a tarde toda. As empregadas mudaram a mesa para o andar de cima nesse tempo. Então, fui até a sala de jantar às seis horas, onde nós todas jantamos.

Falcone não conseguiu entender essa versão dos eventos. A au pair estava consumida por nervosismo. Ela gaguejava, estava inquieta e falava em uma voz trêmula. Porém, o que mais deixou Falcone confusa foi o motivo para ela não ter passado a tarde com as crianças.

Que malas uma au pair possuía? Uma ou duas? Isso significava uma hora fazendo as malas. Por que ela havia levado a tarde inteira e por que não tinha supervisionado as crianças – brincado com elas, ajudado com a lição de casa ou feito qualquer uma da miríade de tarefas que ela certamente havia sido remunerada para realizar?

Falcone sentiu um peso se assentar dentro dela. Algo estava errado aqui. Ou a Srta. Vale havia deliberadamente escolhido não passar a tarde com as crianças, ou então tinha sido instruída a isso pela sua empregadora. E isso levantava mais perguntas, que infelizmente não podiam ser respondidas pela Sra. Rossi.

Falcone esperava que as crianças fossem falar. Sabia que precisaria ter sensibilidade quando as interrogasse. Poderia demorar e exigiria paciência. Talvez ela não obtivesse todas as informações que precisava hoje à noite, especialmente se estivessem traumatizadas.

– Vocês jantaram, e depois?

– As crianças iam comer tiramisu com a Sra. Rossi e a mãe dela. Voltei para o meu quarto. Terminei de fazer as malas e tomei banho.

Fazendo as malas de novo? Falcone esforçou-se para esconder sua descrença perante a natureza hercúlea dessa tarefa.

A au pair continuou com a voz baixa e trêmula.

– Após o banho, quando estava no quarto... não, eu ainda estava no banheiro. Logo que sai do chuveiro, ouvi as crianças me chamando. Nina estava gritando o meu nome e parecia que algo estava errado, então me vesti e corri o mais rápido que pude até elas. Foi quando vi. Ela.

Segurando o rosto nas mãos, Cassie Vale explodiu em soluços profundos e dolorosos.

Falcone esperou. Ela não ofereceu compaixão, apesar de não conseguir evitar senti-la, enquanto observava a evidente angústia da mulher. Simplesmente se sentou em silêncio até que ela recobrasse o controle, para depois continuar.

– Como as crianças pareciam?

– Chocadas. Definitivamente, estavam em choque.

A au pair assentiu como se confirmasse o fato para si mesma.

– Onde elas estavam?

– Onde elas estavam? – Ela repetiu a pergunta de Falcone em um tom agudo, em pânico. Em seguida, fez uma pausa antes de continuar. – No topo das escadas. Próximas do topo. Para ser sincera com você, não notei. Eu... no instante que vi o corpo deitado lá, foi como se eu não conseguisse ver mais nada.

Ela olhou para Falcone, que percebeu o apelo mudo nos olhos azuis tingidos de lágrimas.

– Você perguntou a elas o que aconteceu? – Falcone continuou.

Ela assentiu.

– Disseram que ela caiu. Acho que pode ter acontecido por causa do sapato quebrado, mas as crianças não tinham certeza.

– Ela estava subindo ou descendo as escadas?

– Eu... eu não sei. Não perguntei. Talvez descendo. Talvez estivesse indo buscar o tiramisu.

Falcone lembrou-se da garrafa vazia de vinho.

– Ela bebeu no jantar?

Agora, Cassie Vale assentiu com a cabeça, compreensiva.

– Sim. Ela abriu a garrafa antes do jantar. Achei que ela estivesse comemorando a chegada da mãe. Ela serviu uma pequena taça à Nonna e acho que ela bebeu o resto.

Vinho, somado àqueles saltos matadores e uma escadaria íngreme. Tudo fazia sentido e, ainda assim, não fazia.

Falcone encarou Cassie diretamente.

– Notei que você tem um corte no rosto. Por favor, poderia explicar como e quando isso aconteceu?

A mão da jovem au pair voou para o seu rosto e ela parecia perturbada.

– Um corte?

Falcone achou que a surpresa dela era tão falsa quanto a cobertura sobre o machucado dela.

– Como você ganhou isso? – Ela pressionou.

– Eu... nossa, não tinha nem notado.

Era uma mentira descarada. Falcone tinha certeza. O corte era fundo o bastante para ser claramente visível. De modo algum ela poderia ter deixado de vê-lo, já que estaria óbvio até mesmo com um vislumbre rápido em um espelho. E qualquer que fosse a maneira como ela obteve o corte, teria sido dolorida.

– Pode ter sido enquanto eu estava brincando de esconde-esconde com as meninas ontem – a Srta. Vale procedeu a seguir. – Engatinhei para debaixo de um arbusto com espinhos e notei que minhas roupas estavam rasgadas.

Falcone precisava admitir que, no frio congelante da área externa e na empolgação da brincadeira, o rosto dela pudesse estar adormecido o suficiente para que não notasse, mas não explicava por que ela não havia visto.

Reflexivamente, ela não confiava no testemunho da jovem mulher. Ela estava visivelmente preocupada e parecia incerta a respeito de sua história. Podia ser que seu estado de ansiedade dificultasse suas lembranças. Falcone havia entrevistado muitas testemunhas que reagiam de modo similar e lutavam para recordar após um evento estressante.

No entanto, a Srta. Vale não estaria estressada brincando de esconde-esconde no dia anterior. Se acreditasse nela, tudo tinha estado perfeitamente normal até o momento em que as crianças a chamaram enquanto estava no quarto. Ou no banheiro, como ela mesma se corrigiu. Só então o evento

estressante havia ocorrido, o que teria sido apenas meia hora atrás, de acordo com a linha do tempo dela.

E, embora devia ter sido chocante ver a mulher morta, ela nem sequer tivera o trauma de precisar consolar as crianças histéricas. De acordo com o relato dela, elas não tinham estado gravemente afetadas. Parecia que a casa toda tinha mantido um nível de calma que faria agentes de primeiros socorros sentirem vergonha.

Falcone sacudiu a cabeça.

Havia algo a mais. Estava convencida disso. Contudo, ela percebeu que a Srta. Vale provavelmente não ofereceria nenhuma resposta. Ela esperava que as crianças preenchessem as lacunas e que a reação e o comportamento delas ajudariam a dar sentido à situação perturbadora.

– Posso falar com as meninas? – Ela perguntou. – Só vai levar alguns minutos, apenas para estabelecer alguns fatos básicos, se elas não estiverem chateadas demais.

A au pair pareceu excessivamente aliviada que a entrevista tivesse terminado, pelo menos por enquanto, de todo modo.

– Claro, claro – ela pulou da cadeira, seu rosto enrubescendo.

Enquanto a seguiu ao longo do espaçoso corredor de piso frio, Falcone ficou pessoalmente convencida de que a leitura da situação da au pair se provaria falsa – ou, de qualquer forma, imprecisa. Tinha certeza de que a visita às crianças torceria a situação de volta à realidade.

A única filha de Falcone era uma menina que, com sete anos, era apenas um pouco mais nova que essas duas garotas. Ela amava a menina além de palavras e via como aquele amor era recíproco. Só podia imaginar o horror pelo qual sua filha passaria se tivesse assistido Falcone cair de encontro à morte.

Haveria lágrimas – é claro que sim, e Falcone sabia que ela própria lutaria para não desabar quando testemunhasse a devastação dessas duas garotas cujo mundo havia mudado para sempre, ao mesmo tempo em que oferecia palavras reconfortantes que só dariam um consolo vazio.

Quando se dirigiu aos quartos, Falcone sentiu um lampejo de raiva diante do fato dessa situação estar sendo mal representada, de alguma forma. Se a au pair tivesse provocado isso e, através de suas ações, essas duas meninas tivessem sido roubadas de sua mãe, Falcone resolveu que Cassie Vale sofreria toda a ira da lei.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

A detetive Falcone bateu na porta do quarto da menina mais velha e esperou que ela respondesse.

Este era o quarto de Nina. Aqui, encontrava-se uma garotinha assustada e sozinha, provavelmente chorosa, cujo mundo havia mudado súbita e brutalmente. O que quer que Falcone fizesse, nada traria a mãe dela de volta. Fechou os olhos por um momento, absorvendo o terror da situação e o contendo dentro de si. Preparou-se para lidar com o interrogatório com todo o tato e sensibilidade que seriam exigidos.

A au pair parou atrás dela, trocando os pés, nervosa.

Falcone considerou instruí-la a voltar para a sala de jantar, mas decidiu pelo contrário. Primeiro, queria ver a reação das meninas à Srta. Vale, já que poderia lhe oferecer elucidações valiosas.

– Entre – uma voz baixa respondeu.

Falcone abriu espaço e permitiu que Cassie Vale abrisse a porta. Conforme abria, ela absorveu a cena.

Era um lindo quarto de casa de boneca – espaçoso, bem-decorado, perfeitamente arrumado. Brinquedos repousavam em uma prateleira alta demais para qualquer criança alcançar. Aquele fato prendeu a atenção de Falcone apenas por um momento, antes de focar nas duas garotas, ambas neste quarto.

Vestidas em camisolas beges, elas sentavam-se lado a lado na cama e liam juntas um livro com gravuras. Elas elevaram o olhar quando as duas adultas entraram e Falcone foi imediatamente atingida pela calma e compostura delas. Isso parecia estar completamente fora do lugar – quase de forma misteriosa, ela pensou.

A au pair limpou a garganta, nervosa.

– Nina e Venetia, essa é a detetive Falcone, que veio fazer algumas perguntas a vocês.

– Boa noite – as garotas disseram em um coro uníssono.

Elas pareciam estar à vontade com a au pair e não pareciam assustadas, mas Falcone já tinha estabelecido que suas reações estavam longe do

normal. O que ela ainda não sabia era o porquê.

– Boa noite, Nina e Venetia – Falcone disse, gentilmente. Ela virou-se para Cassie. – Eu prossigo a partir daqui. Você pode voltar para a sala de jantar e esperar, por favor.

Quando Cassie fechou a porta, Falcone caminhou até a cama.

– Posso sentar com vocês?

Empoleirou-se na beirada da cama para ficar no mesmo nível das garotas.

– Sinto muito pela mãe de vocês – ela disse.

Agora que estava mais perto, podia ver que as garotas, de fato, tinham chorado. Os olhos delas estavam vermelhos e os rostos manchados de lágrimas. Portanto, talvez fossem muito introvertidas ou tinham sido ensinadas a não demonstrar emoções em público.

– Também sentimos muito. Foi um grande choque, estamos traumatizadas – Nina disse, calmamente.

Pela escolha de palavras, Falcone percebeu que ela tinha uma eloquência incomum para sua idade.

– Posso conversar com você à sós, depois com Venetia? – Ela perguntou.

– É claro.

Venetia levantou e saiu do quarto e, mais uma vez, Falcone notou que não havia relutância ou histeria. As garotas pareciam impecavelmente disciplinadas.

– Pode me contar o que aconteceu esta noite? – Falcone perguntou.

Ela esperou enquanto Nina, franzindo o rosto, pensou por um tempo antes de responder.

– Todas nós jantamos com a Nonna, que tinha acabado de chegar – ela disse, falando em voz alta e clara, mesmo que Falcone estivesse sentada ao lado dela na cama. – Depois, Mama disse que comeríamos tiramisu com a Nonna no quarto dela, antes de dormir. Ela foi buscar o tiramisu. Decidimos ir também, caso ela precisasse de ajuda, então a seguimos. Eu a vi no topo da escada, depois ela escorregou, de repente, e eu ouvi barulhos e soube que ela tinha rolado até lá embaixo. Foi horrível. Eu não sabia porque isso tinha acontecido ou se ela estava bem. Chamei Cassie gritando e ela veio rápido.

– Você não correu para a sua mãe? – Falcone perguntou.

– Fiquei assustada demais para descer a escada. Fiquei com muito medo que ela tivesse morrido – Nina disse, ainda com a voz alta e clara.

– Sua mãe disse alguma coisa ou gritou antes de cair?

Nina pensou por um momento.

– Não me lembro de nada – ela disse. – Aconteceu muito rápido.

– Quando Cassie se retirou do jantar?

– Ela levantou da mesa assim que terminamos e disse que ia tomar banho e continuar arrumando as malas.

Falcone assentiu, frustrada que a história estivesse se encaixando perfeitamente com o que Cassie Vale contara e que a compostura de Nina parecia impenetrável.

– Sua mãe era bondosa com você? – Ela perguntou.

– Ela era uma pessoa muito bondosa e gentil – Nina respondeu, suavemente, dando outra fungada. – Vou sentir muita falta dela.

– E por que Cassie Vale ficou com vocês por tão pouco tempo? – Falcone tentou.

– Ela ia embora amanhã. Não sei por quê.

Falcone lembrou-se da versão de Cassie e se perguntou, subitamente, como uma mulher com demência poderia possivelmente cuidar de duas crianças. Ela não seria capacitada e a Sra. Rossi devia saber disso. Havia mais na história? De repente, ela perguntou-se se Cassie Vale teria sido instruída a cuidar da senhora idosa como parte de seus deveres e havia se recusado, depois ficado irritada quando a Sra. Rossi insistira.

– Houve alguma briga entre a sua Mama e Cassie Vale, a au pair? – Perguntou.

Nina pensou por um momento.

– Eu nunca vi Mama e Cassie brigando, nem ouvi nenhuma discussão – ela disse com clareza.

Subitamente, porém tarde demais, Falcone foi atingida pela percepção, como um raio cortante e chocante, de que a clareza do discurso de Nina e a projeção de sua voz – nada disso era feito para o benefício dela. Era feito para que sua irmã pudesse ouvir o que ela dissesse e oferecer a mesma versão.

Falcone tinha certeza – na realidade, apostaria um milhão de euros – de que, caso fosse silenciosamente até a porta fechada do quarto e a abrisse, encontraria Venetia parada do lado de fora com a orelha pressionada contra a fechadura. E ela já estava convencida de que, quando fosse para o quarto ao lado e fizesse as mesmas perguntas à Venetia, receberia respostas idênticas, palavra por palavra.

Ela não fez isso. Parcialmente porque tinha sido sua própria culpa. Ela devia ter antecipado que as crianças poderiam entrar em conluio. E parcialmente porque, quaisquer que fossem as reais circunstâncias, elas tiveram uma noite infernal. Embora as duas meninas fossem inacreditavelmente seguras de si, elas tinham chorado em particular e sofriam o trauma e a perda que nenhuma criança tão jovem deveria suportar. Ela não estava disposta a estender isso ao expor algo que as duas garotas tinham planejado com sucesso, mesmo que fosse vergonhoso para uma investigadora experiente ser superada por duas crianças com menos de dez anos.

– Muito obrigada – ela disse. – Agora, vou fazer algumas perguntas para Venetia.

Falcone teve certeza que ouviu passos rápidos se afastando da porta.

Venetia estava sentada em sua cama, de forma inocente, quando Falcone entrou. Este quarto era uma imagem espelhada do de sua irmã. Os mesmos móveis e a mesma estante alta com brinquedos intocados.

– Eu sinto muito pelo que aconteceu – Falcone disse, compreensiva.

Ela colocou uma mão reconfortante nas costas da jovem garota enquanto se empoleirava ao lado dela na cama.

Para sua surpresa, Venetia recolheu-se e Falcone viu um espasmo de dor cruzando a expressão dela.

– Você está bem? Suas costas estão doendo? – Ela perguntou, preocupada. Esta era a primeira resposta honesta e espontânea que recebera das crianças. Não estava esperando aquilo. Elas tinham apanhado ou sido abusadas de alguma forma?

– Eu caí do meu cavalo – Venetia respondeu. – Vou melhorar logo.

– Entendi. Espero que não tenha se assustado. E espero que você não esteja muito chateada depois do que aconteceu hoje à noite.

– Foi um grande choque. Estamos muito chateadas – Venetia respondeu. – Mama era uma pessoa bondosa e gentil e vamos sentir muita falta dela.

Quase palavra por palavra, como Falcone suspeitava.

Pegou-se lembrando do histórico de outros casos, identificando o comportamento incomum dessas meninas e comparando-o com outros casos mais antigos que tinha cuidado e com o treinamento que ela mesma tinha recebido.

Essa compostura de ferro que precisava ser mantida a qualquer custo, o modo como as meninas pareciam mais velhas do que eram e o espasmo de

dor quando ela tocou as costas de Venetia. Depois daquilo, a garota havia se fechado novamente e a queda do cavalo soava como uma desculpa ensaiada.

Falcone começava a se perguntar se essas meninas eram vítimas de abuso.

Após concluir sua entrevista com Venetia, sua última parada foi no quarto que fora apontado para ela – o quarto onde Nonna, recém-chegada, tinha sido instalada.

Falcone bateu na porta gentilmente, percebendo que a senhora de idade não sabia, ainda, que algo havia acontecido com a filha. Seria uma tarefa difícil contar a ela. Se ela ficasse muito chateada, Falcone talvez precisasse convocar uma policial fardada para ficar com ela durante a noite, tranquilizando-a e garantindo que ela não se machucasse em seu pesar.

Não houve resposta, então ela abriu a porta e entrou silenciosamente.

O quarto estava escuro e ela ouviu uma respiração áspera e rasa vinda da cama.

Apertou o interruptor de luz e viu que a Nonna estava de costas, de boca aberta, em um sono profundo. Falcone ficou surpresa com a aparência frágil e pálida da senhora idosa. Com certeza, ela não estava bem.

– Sra. Rossi? – Ela perguntou, suavemente.

Atravessando o quarto, ela apertou gentilmente a mão fina e óssea da mulher.

– Consegue falar?

A avó murmurou algo incoerente e caiu no sono novamente.

Falcone retornou à porta. Precisaria deixar essa entrevista para outra hora. Com a mudança, a senhora idosa havia suportado um dia cansativo. Amanhã, ela estaria descansada e poderia ser capaz de se lembrar e contar o que tinha visto.

*

Cassie esperou na sala de jantar, sentindo mais e mais nervosismo a cada segundo que passava. Desejava saber o que a detetive estava perguntando e se sua atitude gentil e perceptiva tinha rompido a história das meninas, expondo a verdade, de fato.

Se sim, ela estaria em sérios apuros. Ocultar evidências e deliberadamente adulterar uma cena de crime era um crime em si mesmo.

Ainda que ela fosse, por algum milagre, exonerada das acusações de assassinato, essas outras ainda poderiam se aplicar e havia algo na atitude quieta e rigorosa da investigadora que sugeria a Cassie que ela não desistiria caso suspeitasse que algo sinistro tivesse ocorrido.

A situação toda, desde o momento em que ela chegara, tinha sido sinistra. Cassie arrependia-se amargamente de não ter sido honesta logo de cara. Que decisão insana, tentar esconder os fatos.

Enquanto esperava, ela descobriu-se repassando a cena em sua mente.

Como poderia ter contado a verdade, quando ela própria não tinha certeza de qual era?

Toda a cadeia de eventos tinha transcorrido em tanto pânico. Após a briga prolongada, Cassie havia operado sob uma onda de adrenalina, sustentada pelo instinto. Não houvera espaço para pensamentos racionais.

Pensou novamente em Nina lançando-se para frente e, de repente, essa ação parecia ser mais significativa.

A jovem menina havia empurrado sua mãe da escada?

Ou tinha sido a própria Cassie que, no calor do momento, percebendo a posição vulnerável da Sra. Rossi, a empurrara ao invés de segurá-la?

Ela simplesmente foi incapaz de se lembrar. Não era sequer um borrão; aquele momento havia se tornado um completo apagão. Repassava-o de novo e de novo em sua mente, desesperada para obter clareza. Estava aflita para ter certeza de qualquer coisa, até mesmo da resposta que temia, e acabou se lembrando de seus punhos esticados batendo na Sra. Rossi, empurrando-a para trás em cambalhotas.

Cassie respirou profundamente, sentindo uma onda de náusea com o pensamento.

O salto quebrado dela poderia ter causado a queda. Afinal, ele havia estourado de forma indiscutível. Cassie rezou para que tivesse sido o salto. O salto absolvía a todos de qualquer culpa. Caso contrário, ela sabia que o peso da culpa esmagadora nunca iria embora.

Ela sentou-se ao ouvir os passos leves e rápidos da detetive retornando e encarou a mulher de cabelos escuros com apreensão quando ela entrou na sala. O que as crianças disseram?

A detetive apenas disse – Obrigada pelo seu tempo. Verifiquei com a minha equipe e já terminaram tudo lá embaixo. A cena está liberada e estamos prontos para sair, então vocês podem utilizar a escadaria normalmente de novo.

– Tudo bem – Cassie disse, sentindo-se fraca com o alívio de estarem indo embora sem prendê-la na hora.

– Entramos em contato com o pai das meninas, mas ele está fora do país e só conseguirá chegar aqui amanhã à noite. Está disposta a ficar aqui hoje à noite e amanhã, e se sente capaz de tomar conta da avó e das crianças? – A detetive Falcone perguntou.

Cassie assentiu. – Sim, é claro. Sem problema algum.

– Se você está em dúvida, posso pedir que uma policial durma aqui esta noite para te ajudar.

– Ficarei bem. De verdade.

Falcone assentiu.

– A mãe da Sra. Rossi estava dormindo pesado, então eu não a incomodei. No entanto, significa que ela ainda não sabe sobre a morte da filha. Voltarei amanhã de manhã, então será melhor me esperar antes de contar a ela. O pai das crianças disse que ele está providenciando uma enfermeira para cuidar dela em casa até que uma alternativa seja viável, portanto alguém estará à disposição para ajudá-la a partir de amanhã à noite.

– Obrigada. Irei esperar você voltar, então.

– Entraremos em contato amanhã cedo. Vou embora agora e, se quiser, pode trancar tudo, por segurança.

– Quer levar as chaves? – Cassie ofereceu. – Dessa forma, você e a sua equipe podem entrar e sair conforme precisarem. Tem um molho extra de chaves na cozinha se eu precisar sair, mas as crianças não irão para a escola amanhã, eu acho.

– Obrigada.

Cassie entregou a chave da porta de entrada e o controle do portão para a detetive Falcone.

Então, a detetive deu as costas e se afastou.

Cassie seguiu-a, sentindo ansiedade novamente e profundamente preocupada que a detetive suspeitasse dela, afinal. Falcone parecia altamente inteligente, mas era quieta e reservada, e Cassie não fazia ideia do que ela estava pensando. Poderia tão facilmente juntar as peças do que realmente acontecera e expor a frágil tentativa delas de acobertar tudo.

Caminhando ao longo do corredor, Falcone parou, olhou para o chão e se inclinou.

Cassie não ousava respirar, sentindo-se tonta quando Falcone pegou uma fina lasca de porcelana. Elas tinham deixado passar aquele fragmento longo e branco quando limpavam.

– O que é isso, você sabe? – Ela perguntou, virando-se para Cassie.

Pânico fervilhou dentro dela.

– Eu... não sei. Não sei, sinto muito, não sou capaz de te explicar. De onde pode ter vindo isso? – Ela tagarelou.

– Eu também me pergunto – a detetive disse.

Ela abriu sua maleta e retirou uma pequena sacola de evidências, soltando o caco lá dentro, ainda com a expressão contemplativa, como se estivesse prestes a juntar dois mais dois e obter a resposta correta.

Então, ela fez algo que virou o mundo de Cassie de ponta-cabeça.

A detetive Falcone olhou para a discreta câmera de segurança no topo da escada e deu um pequeno e enfático aceno de cabeça.

Sem falar com Cassie outra vez, ela fechou a maleta e desceu as escadas.

CAPÍTULO TRINTA

Cassie conseguiu esperar até que a detetive tivesse fechado a porta atrás dela.

Então, afundou no chão de joelhos, sentindo que suas pernas tivessem virado água.

Aquelas filmagens teriam gravado cada detalhe fielmente. Ela esquecerá completamente aqueles olhos discretos, ocultos pela casa. De jeito algum as gravações mentiriam. A posição daquela câmera significava que teria gravado cada detalhe da briga e da queda fatal. Havia outra câmera, mais adiante no corredor, que teria capturado o corpo a corpo que a precedera.

Arrematada por horror, percebeu que a filmagem também mostraria a limpeza subsequente, o chão sendo varrido enquanto elas verificavam se havia algum sinal que tinham deixado passar, recolhendo um tufo de cabelos no corredor e limpando marcas de arranhões.

Sabia que as câmeras funcionavam porque a Sra. Rossi vira Cassie nelas, com clareza o bastante para distinguir exatamente o que ela estivera fazendo enquanto vasculhava a casa.

Isso era uma catástrofe. O único fator que ela não havia considerado destruiria qualquer esperança de sucesso que tinha com esse plano louco e irresponsável.

A filmagem poderia condená-la, provando sua culpa além de qualquer dúvida.

Cassie enterrou a cabeça nas mãos, mas seu cérebro estava trabalhando dobrado e ela se viu pensando freneticamente.

Quando a Sra. Rossi ligou para casa naquele dia, ela tinha sido capaz de acessar as filmagens pessoalmente. Ela havia dito que estava assistindo quando ligou. Não tinha mencionado que a companhia de segurança havia telefonado, então talvez houvesse um servidor ou gravador na própria casa, onde a filmagem era gravada.

Onde poderia estar? Como poderia encontrá-la? Haveria chance de conseguir se conectar e apagar as filmagens?

Cassie levantou a cabeça, sentindo uma pequena centelha de encorajamento em meio à escuridão de seu desespero.

O problema era que aquele servidor poderia estar em qualquer lugar e, se ela procurasse e não encontrasse, as câmeras gravariam sua busca e apenas tornaria as coisas piores.

– Eu sei! – Ela disse em voz alta.

Ela correu para o seu quarto.

Havia uma pessoa que trabalhava com a Sra. Rossi intimamente e sabia, sem dúvidas, onde as filmagens eram salvas. O assistente dela, Maurice Smithers. Naquela mesma manhã, ele havia entregado a Cassie o seu cartão de visitas e ela tinha certeza que, se ligasse do telefone fixo, ele atenderia.

Rezando para não ter jogado o cartão fora enquanto fazia as malas, Cassie procurou-o em sua bolsa, mas não conseguiu encontrá-lo em lugar nenhum.

Ela devia tê-lo jogado fora, talvez por acidente enquanto limpava alguns papéis velhos e lixo de sua bolsa e sua mala. Tinha jogado muito lixo fora sem checar tudo e pensou que não precisaria daquele cartão nunca mais.

Será que Abigail sabia?

Cassie sacudiu a cabeça. Abigail tinha vindo até a casa porque não sabia o número pessoal de Maurice. Ela se lembrava da conversa delas e pensou, na ocasião, que Maurice não dava seu número a muitas pessoas. Imaginou que era o motivo dele ter feito tanto alarde ao entregar o cartão a Cassie.

Agora, tarde demais, ela se arrependia amargamente por tê-lo jogado fora. Não havia outro meio de acessar as filmagens esta noite e aquilo significava não haver esperanças de apagá-las. Ficariam esperando, guardadas no servidor, mais perto de destruí-la a cada segundo que passava.

Com um suspiro profundo, Cassie levantou-se.

As crianças precisavam dela. Ela devia fazer seu trabalho e colocá-las na cama, tentando parar de se preocupar sobre o que o dia seguinte traria.

Com passos pesados, ela atravessou a casa até o quarto delas. Esperava que estivessem calmas após a entrevista com a policial. A detetive Falcone havia prometido que a entrevista seria curta e, de fato, não demorou; ela havia prometido não aborrecer as meninas – mas tinha aborrecido Cassie.

Exausta como estava, Cassie forçou-se a ser forte e não demonstrar o quanto estava devastada. Precisava focar em reconfortar as meninas e estar

completamente presente para elas. Não poderia se deixar sofrer por causa das filmagens da câmera que aniquilariam seu futuro.

Ela bateu na porta de Nina e entrou.

As meninas estavam sentadas na cama, juntas, e Cassie ficou surpresa em ver que elas tinham descido todos os brinquedos da prateleira alta. Não queria pensar exatamente em como as duas tinham feito isso. Devia ter envolvido colocar uma cadeira sobre a escrivaninha e subir nela. De todo modo, nenhum osso estava quebrado e agora os brinquedos faziam uma fila colorida sobre a escrivaninha.

As duas meninas estavam falando uma com a outra suavemente, com uma linda boneca sentada na cama entre elas. Nina trançava o cabelo da boneca enquanto Venetia escolhia uma troca de roupas no pequeno guarda-roupa que estivera na caixa da boneca.

Elas olharam para cima quando ela entrou e Nina a encarou, ansiosa, como se estivesse instintivamente preocupada de que poderia estar encrencada por brincar com a boneca.

– Estão se divertindo? – Cassie fez o melhor para soar alegre e calma. Ficou contente ao ver a tensão deixando o rosto de Nina, sendo substituída por um sorriso cauteloso.

– Estamos, sim – Nina disse. – Fazia muito tempo que não brincávamos com Allegra, nossa boneca. Olhe como ela é bonita.

– A pobrezinha estava presa na caixa, vestindo as mesmas roupas há tanto tempo, e estava entediada com elas. Ela nos contou isso – Venetia sussurrou de forma conspiratória. – Ela precisa de uma roupa nova, então escolhemos uma para ela.

Alívio preencheu Cassie enquanto as assistia brincar, pois viu que as meninas começavam a perceber que seu aprisionamento havia acabado e que o abuso terrível que mutilava suas vidas estava no passado agora.

– A polícia conseguiu falar com o pai de vocês – ela contou a elas. – Ele não estava na prisão, e sim fora do país. Ele chega amanhã à noite.

Cassie tinha esperado que as meninas ficassem alegres com suas palavras, mas não tinha imaginado a euforia que demonstrariam.

Nina arfou, maravilhada. A boca dela literalmente ficou aberta, crescendo em um sorriso de deleite.

– Sério? – Ela perguntou. – É verdade, Cassie?

– Sim – Cassie disse.

– Nossa, estou tão contente. Estou muito feliz. Isso é melhor que o Natal.

O rosto dela era pura alegria. Venetia começou a pular na cama, empolgada.

– É melhor que Natal e aniversários – Venetia exclamou. – Papai vai voltar! Ele está a salvo e vamos vê-lo logo! Mal posso esperar!

– Tenho certeza que ele também mal pode esperar para ver vocês – Cassie disse. Lembrou-se, com uma pontada de tristeza, de que não estaria aqui para testemunhar a reunião. A essa altura, as filmagens já teriam sido examinadas e ela teria sido mandada para a cadeia.

– Agora, vocês precisam dormir, meninas. Está tarde e vocês devem estar cansadas. Posso preparar um copo de chocolate quente para ajudá-las a dormir?

– Sim, por favor – Nina disse e Venetia também assentiu.

– Trarei em dez minutos. Quando eu voltar, vocês duas estarão na cama?

– Estaremos, a gente promete – Nina disse.

Cassie saiu do quarto, maravilhada com a mudança assombrosa nas duas. Era como se suas personalidades tivessem sido trancadas em conchas, de onde agora emergiam. Se elas já se sentiam tão bem, esperava que fossem capazes de deixar o abuso para trás sem experimentar tantos danos de longo prazo por causa dele. Com alguma sorte, elas não teriam cicatrizes permanentes e seriam capazes de superar este capítulo horrível de suas vidas.

Ela entrou na cozinha, acendeu a luz e prendeu a respiração.

Lá estava o cartão de visitas de Maurice, em cima do balcão, ao lado da chaleira.

– Não acredito! – Ela disse em voz alta.

Era como um milagre. Poderia jurar que se lembrava de colocá-lo em sua bolsa, mas Cassie sabia muito bem que o estresse causava lacunas em sua memória ou que não se lembrasse completamente das coisas. Ao invés de levar o cartão consigo, havia o colocado no balcão e ele permanecera lá. Apesar de a cozinheira ter entrado e saído desde então, Cassie imaginou que ela deveria ter sido instruída a não mexer em nada que parecesse relacionado a trabalho, de modo que ela havia deixado o cartão no lugar.

Apanhou o cartão e a fagulha de esperança dentro dela resplandeceu em resolução determinada. Era tarde, já passava das nove e meia da noite, mas

essa era sua única chance, pois tinha certeza que a inteligente detetive estaria de volta de manhã cedo. Cassie precisava obter aquelas filmagens primeiro.

Pegou o telefone da cozinha e discou o número, desejando que Maurice atendesse e torcendo para que ele entrasse em ação em um pulo por ser tratar do telefone fixo da Sra. Rossi.

Depois de apenas dois toques, Maurice atendeu com entusiasmo.

– Signora? Como posso ajudar?

Com um choque, Cassie lembrou que ele não sabia nada sobre o que tinha acontecido naquela noite. Maurice acreditava que a Sra. Rossi estava viva e bem, ligando para ele a respeito do trabalho. Ela teria que dar a notícia a ele, depois perguntar sobre as filmagens de uma forma que não levantasse as suspeitas dele.

Cassie receava que isso exigisse um nível de tato e agilidade mental além de sua capacidade no momento. A esta altura da noite, ela sabia que seu tanque estava vazio e que estava rodando com suas últimas energias.

Ainda assim, não tinha escolha a não ser tentar. Improvisar nunca tinha sido seu forte, porém, com o desespero batendo à porta e o relógio correndo inexoravelmente, Cassie forçou-se a encontrar Maurice na frequência dele.

– Sou eu, a Cassie. Que bom que você atendeu.

Ela permitiu-se soar ofegante e estressada.

– O que é? – Maurice estourou. O tom prestativo que ele adotara ao atender tinha sumido.

– Maurice, um terrível e trágico acidente ocorreu. A Sra. Rossi... não sei como te contar isso, é horrível demais. Ela está morta.

– O quê? – O tom de Maurice era estridente. – Está de brincadeira! A Signora? Não acredito nisso. Estou destruído. Por favor, deixe-me sentar.

Ele devia estar com amigos, Cassie percebeu, ou talvez jantando. Ouviu-o pedir uma cadeira e o burburinho de vozes preocupadas ao fundo.

– O que aconteceu? Você tem certeza que ela está... – Maurice não conseguia dizer a palavra. – Tem certeza que ela faleceu?

– Tenho certeza, sim. Foi confirmado pela polícia – Cassie falou suavemente.

– O que aconteceu? Conte-me. Sim, por favor, encha meu copo, estou precisando.

Cassie deduziu que seus companheiros de jantar estivessem se agrupando ao redor dele.

– Não sei. Eu estava no banho na hora, mas as crianças viram. Ela estava descendo as escadas depressa, para buscar tiramisu. Acredito que elas iam comer sobremesa no quarto da Nonna. E as crianças acham que o salto dela pode ter quebrado. De qualquer forma, foi uma queda feia e ela quebrou o pescoço.

– Ah, Deus – Maurice disse em tom abafado. – Foram aquelas botas Grattacielo que ela estava usando, não é? Aquelas de saltos prateados?

– Sim, isso mesmo.

– Tão lindas, mas nada práticas – ele murmurou. – Tentei alertá-la que ela deveria ter cuidado ao vestir esses protótipos de passarela pela casa. – Então, com a voz mais alta – Sim, ela é minha patroa, Suzanne... ou era. Eu era o funcionário particular dela, então significa que estou sem trabalho agora. Era uma oportunidade tão especial, única. Eu amava cada dia e o salário era... bem, era uma compensação extremamente justa para os meus esforços e talentos e tudo o que eu entregava.

A voz dele tremeu de emoção.

Cassie podia ouvir o coro de vozes compassivas ao fundo e sentiu pânico surgir dentro de si. Maurice tinha as informações sobre o incidente e, com sua patroa agora morta, não havia razão para que ele continuasse na linha com ela. Ela pressentiu que ele estaria impaciente para voltar ao seu vinho e ao conforto de seu grupo de amigos.

As próximas palavras dele confirmaram isso.

– Bem, obrigado por ligar. Como tenho certeza que você pode ouvir, estou em um evento social e não posso deixar essa terrível notícia perturbar mais a noite, então, se você não...

– Espere! – Cassie praticamente berrou.

Era isso. Ela não o teria de volta se ele desligasse o telefone. Ele não atenderia de novo, de jeito nenhum. Ele estaria ocupado demais sentindo pena de si mesmo.

– O quê? – Agora Maurice soava irritável.

– Maurice, te liguei porque estou completamente traumatizada com isso e as meninas também. Pensei que ajudaria se eu pudesse dar uma olhada nas filmagens das câmeras. Você sabe que a casa inteira possui câmeras de vigilância?

– Bem, sim, eu sei, mas não sei como isso pode ajudar.

– As meninas estavam chorando mais cedo. Venetia estava se culpando, dizendo que, se não tivesse falado com a mãe dela enquanto ela descia as

escadas, ela não teria olhado para trás e não teria caído. Nina insistiu que ela não olhou para trás. Eu disse que verificaria a filmagem, mas não sei onde está gravada. Eu gostaria de fazer isso por elas. Seria terrível para Venetia ter que viver com essa culpa.

Cassie sabia exatamente como seria terrível e sentiu enjoo ao falar. Ela rezou para que ninguém jamais descobrisse que ela tinha contado essa mentira elaborada para Maurice.

– Não tenho certeza – Maurice disse. – Talvez esteja no laptop dela. Era de onde ela monitorava as câmeras. O computador dela está no escritório e a senha é Rossi, com R maiúsculo. – Maurice fez uma pausa. Então, na primeira demonstração de empatia que ela vira dele, ele adicionou – Talvez seja melhor dizer à menina que a mãe dela não olhou para trás, mesmo se tiver olhado. Só mostre a ela uma imagem congelada da câmera, se for preciso. Caso contrário, ela vai se culpar para sempre, não vai?

– Sim, sim, ela vai. É um excelente conselho. Agradeço muito. Muito obrigada, Maurice.

Cassie desligou o telefone, aturdida tanto pela conversa que acabara de ter quanto pelo fato de que seria capaz de acessar as filmagens.

Em algum ponto durante a ligação, a chaleira fervera. Ela sequer notara. Rapidamente, Cassie preparou o chocolate quente das meninas e os levou para o andar superior. Conforme tinham prometido, ambas já estavam na cama, prestes a dormir.

– Boa noite – ela sussurrou para as duas, colocando as canecas nas mesas de cabeceira. Agora, não havia mais tempo a perder.

Cassie sentiu-se sem fôlego com a tensão ao descer as escadas até o escritório da Sra. Rossi.

Abriu a porta silenciosamente. Estava escuro e, de um modo estranho, Cassie sentia como se a presença tirânica da mulher, que sempre parecera tão tangível ali, ainda estivesse à espreita no cômodo. Ela ficou desconfortável ao entrar.

Silenciosamente, Cassie acendeu a luz e deu a volta na mesa, na ponta dos pés.

Lá estava o laptop, um modelo prateado e caro.

Sentando-se na cadeira de couro em pelúcia da Sra. Rossi, Cassie abriu-o e digitou a senha, rezando para que funcionasse e que ela não tivesse cometido um erro.

A tela acendeu e ela inclinou-se para frente ansiosamente. Agora, onde as filmagens estariam armazenadas?

Ela buscou ícones na tela. Lá estava. Era o que ela estava procurando.

Cassie moveu o cursor sobre ele e, ao fazê-lo, sentiu que havia uma sombra na soleira da porta.

Sua cabeça ergueu-se rapidamente e ela encarou, horrorizada, a detetive Falcone.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Cassie soube imediatamente porque a detetive Falcone tinha voltado tão cedo e ido direto para o escritório da Sra. Rossi. Era para acessar as filmagens, é claro. Agora, ali estavam, abertas e à espera na tela. Cassie sentiu-se esmagada pela condenação, pois sua presença nesse cômodo sublinhava sua própria culpa.

Ela tinha sido lenta demais, apenas um minuto atrasada, e a recriminação a si própria queimou em seu interior ao pensar sobre como poderia ter acelerado a conversa com Maurice, ou mesmo corrido direto para o escritório, levando o chocolate das meninas mais tarde.

Agora era tarde demais e ela sabia que a detetive Falcone podia ler sua culpa tão claramente quanto se Cassie gritasse sua confissão. Com uma sensação de enjoo, Cassie percebeu que sua presença aqui poderia até ter acelerado o trabalho de Falcone, uma vez que ela já tinha inserido a senha, de forma prestativa, algo que Falcone poderia ter demorado um tempo para descobrir.

– Boa noite – a detetive a cumprimentou. Cassie podia sentir a raiva por trás de sua atitude calma. – Parece que viemos aqui pelo mesmo motivo.

Rapidamente, ela contornou a escrivaninha e Cassie levantou-se da cadeira, cambaleando.

– Não vá a lugar algum – a voz suave de Falcone fez Cassie congelar. – Pelo que vejo, você estava prestes a acessar as filmagens. Que pena que eu não sabia que elas estavam aqui antes. Presumi que a empresa da segurança manteria as gravações, mas, quando liguei para eles, me disseram que, após o divórcio da Sra. Rossi, ela as desvinculou dos servidores deles.

– Entendi – Cassie disse, apesar de não fazer ideia de por que a Sra. Rossi teria feito aquilo ou por que a detetive Falcone lhe contava sobre isso agora. Ainda assim, ela precisava inventar uma desculpa para o porquê de estar ali. A história que funcionara com Maurice não daria certo com a detetive, pois Falcone já tinha falado com as meninas. – Eu... eu queria dar uma olhada. Venho me sentindo terrível sobre essa tragédia. Estou tão perturbada, de luto. Queria ver por mim mesma como aconteceu, se acaso

eu ou as meninas não lembrássemos de algo direito. Sei que isso pode acontecer comigo, sob estresse.

Cassie sabia que estava tagarelando, mas não conseguia evitar. Quando Falcone visse as filmagens incriminadoras, nada que ela dissesse importaria. Ela seria presa instantaneamente e Falcone presumiria que ela forçara as meninas a oferecer uma história falsa para protegê-la.

O ícone piscou, depois um quadro de imagens preencheu a tela. Doze câmeras diferentes, doze ângulos diferentes da casa, incluindo o que mostrava ela e Falcone ali, no escritório. Mas os olhos de Cassie foram imediatamente atraídos para o quadrado que mostrava o topo das escadas.

A imagem colorida era clara e nítida e Cassie mordeu o lábio tão forte que sentiu o gosto de sangue conforme imaginava como a luta pareceria quando Falcone apertasse “Replay”.

De sobressalto, Cassie percebeu que Falcone só precisaria voltar um pouco mais para ver as imagens de Cassie vasculhando este escritório e o quarto – procurando dentro das gavetas, abrindo armários e até mesmo espiando nas caixas aveludadas de joias.

Juntas, aquelas duas gravações criariam um motivo sólido de sua culpa. Ela estivera roubando sua empregadora rica, que havia lhe confrontado. Elas tinham brigado e Cassie a empurrara escada abaixo – não apenas por raiva, mas para esconder seu crime anterior.

Cassie não tinha dúvida que Falcone realizaria sua busca em toda a filmagem à sua disposição. Claramente, ela era uma pessoa minuciosa e já suspeitava do motivo de Cassie ter sido empregada por tão pouco tempo. Ela estaria à procura de evidências que explicassem a curta duração do trabalho e que iluminassem o suposto acidente. Ela as encontraria e isso seria mais do que suficiente para destruir Cassie para sempre.

Lágrimas encheram seus olhos quando ela percebeu que isso colocaria um fim em sua busca pela irmã. Jamais saberia se Jacqui estava viva ou morta, nem seria capaz de investigar a informação chocante dada pela dona da boutique. Este havia sido seu objetivo ardente e sua razão para ter vindo para a Itália. Como tudo podia ter acabado em tanto desastre?

Piscando, furiosa, Cassie olhou para baixo, incapaz de assistir enquanto a detetive Falcone rolava as imagens, sentindo os segundos se prolongarem em torturante lentidão. Esses eram os últimos momentos de sua vida em que ela seria presumida inocente.

Então, no que pareceu uma eternidade depois, Falcone ofereceu um suspiro de frustração.

– É só a imagem ao vivo. Não grava as imagens, em lugar nenhum – ela disse, consternada.

Cassie sugou o ar de forma audível. Reclinou-se contra a mesa, incapaz de acreditar no que acabara de acontecer. Este respiro era impossível. Era surreal e ela esperava que a qualquer momento Falcone fosse dizer: “Ah, é claro, eu estava errada. Aqui estão as filmagens”.

Ela assistiu enquanto Falcone checava pela última vez.

– Nada – a detetive disse.

Ela fechou o quadro com as imagens da câmera e, a seguir, fechou a máquina com um suspiro exasperado.

Naquele momento, Cassie entendeu por que nenhuma filmagem estar salva em lugar algum.

Era porque aquelas câmeras teriam flagrado a própria Sra. Rossi abusando de suas filhas. Os horrores teriam ficado gravados e ter aquelas imagens salvas em algum lugar era simplesmente arriscado demais. Tudo o que a empresária precisava era da capacidade de ficar de olho no que acontecia na casa, portanto podia monitorar as imagens ao vivo quando sentia vontade.

Pensando rápido, Cassie supôs que isso significasse que, após o divórcio, o abuso havia piorado. Antes do divórcio, as câmeras eram conectadas à central de segurança e o pai das meninas ainda estivera presente na casa.

Cassie pulou ao perceber que Falcone a encarava com curiosidade.

– Será que você poderia dar a sua versão dos eventos de novo? – A detetive pediu.

– Eu... sim, é claro. Por quê?

O rosto de Cassie queimou ao perceber que ela acabara de questionar a decisão da investigadora. Não era sua intenção. Em sua confusão, as palavras tinham apenas escapado.

Falcone não explicou o porquê. Pegou o gravador em sua bolsa e gesticulou para que Cassie se sentasse na cadeira do lado oposto.

Esse era exatamente o lugar onde se sentara quando chegou para sua entrevista e Cassie sentiu um senso de irrealidade ao tomar o lugar. Na ocasião, ela sentira-se esperançosa a respeito de iniciar um novo trabalho, positiva de que encontraria sua irmã, sentindo que poderia lidar bem com

essas crianças e essa família. Lembrou-se de seu otimismo quando a Sra. Rossi havia sugerido a possibilidade de um estágio após o término do contrato de au pair.

Naquele respeito, seus sonhos estavam acabados e, agora, ela encarava a detetive que instintivamente sabia haver uma tentativa de encobrir algo, cuja inteligência inquiridora não descansaria até desvendar a verdade dos fatos.

– Onde quer que eu comece? – Cassie perguntou.

– Por que você trabalhou aqui somente três dias?

– Porque a Nonna conseguiu vir mais cedo.

– Mais cedo? Por quanto tempo seria sua contratação original, supostamente?

– Uma semana – Cassie disse. Pensou que, se dissesse ter sido contratada por menos tempo, faria com que sua saída após três dias parecesse mais plausível.

Ao dizer a mentira deslavada, lembrou-se, para seu horror, que a detetive já havia feito a mesma pergunta na sala de jantar, apenas algumas horas atrás. Na ocasião, ela fora honesta e dera a resposta correta. Mudar sua história agora apenas levantaria as suspeitas da detetive e provaria que ela era uma mentirosa.

– Desculpe. Não te entendi direito. Quero dizer... quero dizer, dois meses – ela emendou. – Dois a três meses.

– E você foi dispensada após três dias?

– Como eu disse, a Nonna chegou antes.

– Mas a Nonna sofre de demência. Então, quem cuidaria dela?

– Só me disseram que ela estava se mudando para cá, então eu podia partir – Cassie insistiu.

– O que aconteceu esta manhã? – A detetive perguntou. – Desde quando você acordou. Pode me dar uma descrição do seu dia?

– Eu perdi hora – Cassie disse. – Meu despertador não estava configurado para a hora certa, então a manhã foi corrida. As crianças foram para a escola. Não... não havia muita coisa para eu fazer. Fui até a cidade para resolver algumas coisas. Quando voltei, a Sra. Rossi já estava se preparando para a chegada da mãe dela. Ela disse às empregadas para mudar os móveis da sala de jantar para o andar de cima, para que a Nonna não precisasse descer.

Cassie franziu o cenho.

– Não, não, isso aconteceu depois que a Nonna chegou. Foi quando ela viu como a mãe teve dificuldades com as escadas. De todo modo, eu fui fazer as malas, depois jantei com a família. Então, voltei para o meu quarto, tomei banho e logo depois ouvi as crianças me chamando.

– Qual delas? – Falcone perguntou.

– Como assim?

– Qual das crianças te chamou?

– Eu... não soube dizer na hora. Elas soam muito parecidas. Pode ter sido as duas.

O rosto de Cassie queimou. Tinha certeza de que dera uma versão diferente na entrevista anterior, mas não conseguia se lembrar dos detalhes por nada no mundo, de quem ela tinha dito ter sido. Sabia que a detetive tinha percebido a disparidade. Podia ver na expressão cheia de consideração dela, no rosto notável e inteligente.

Esperava que a detetive fosse acusá-la instantaneamente de um crime ou que exigisse que ela fosse até a delegacia para continuar o interrogatório, mas ela não o fez.

Ela simplesmente disse “Obrigada” em uma voz calma e desligou o gravador.

De alguma forma, isso fez Cassie se sentir ainda pior.

*

No caminho de volta para o quartel-general, Falcone considerou os fatos à disposição. Seu pai sempre enfatizara que as evidências eram como um quebra-cabeça. Era preciso encaixar as peças perfeitamente. Com a aplicação da lógica, era possível encaixar facilmente algumas peças enquanto outras pareceriam fora do lugar. Seu pai também lhe dissera que nem todas as peças do quebra-cabeça eram necessárias para ver a imagem completa. Enquanto algumas delas estivessem na posição correta, a imagem começaria a ficar clara.

Falcone suspirou. A imagem neste caso era clara e, ao mesmo tempo, não era. Havia muitas coisas faltando e algumas peças pareciam não se encaixar. Havia uma ausência gritante de evidências e ela estava frustrada pela história coordenada das duas meninas, que ela suspeitava ser falsa, e pela ausência das filmagens das câmeras.

Falcone perguntou-se brevemente por que as filmagens de segurança haviam sido canceladas. Talvez a Sra. Rossi não fosse tão consciente a respeito da segurança quanto seu ex-marido; mas, nesse caso, para que sequer ter câmeras?

A questão da filmagem não podia ser respondida. Então, o que sabia com certeza ser verdade?

Falcone lembrou-se do modo como a menina mais nova, Venetia, encolhera-se com seu toque. As costas dela estavam doloridas. Uma reação de dor não poderia ser escondida. Ela havia explicado que caíra do cavalo, mas aquilo soara para Falcone como algo loquaz e ensaiado.

As crianças estavam sofrendo abuso?

Se sim, de quem?

A Sra. Rossi teria visto Cassie Vale batendo nelas? Aquilo teria levado a uma briga?

Ela lembrou-se mais uma vez do caco de porcelana, do número desproporcional de machucados e arranhões que a Sra. Rossi tivera em sua queda e do arranhão machucado no rosto de Cassie Vale, não muito bem escondido. A história dela estava repleta de inconsistências e, após ouvir duas versões no espaço de poucas horas, Falcone estava convencida de que nenhuma delas era verdade.

Uma mãe que descobrira que as filhas estavam sendo abusadas ficaria furiosa e esse confronto poderia ter levado a uma briga, uma queda – ou então, um empurrão. Mas então por que as crianças não estavam mais chateadas? Era possível que elas tivessem sido intimidadas pela au pair, mas luto genuíno ainda daria um jeito de escapar e Falcone não tinha visto aquilo.

O outro cenário era que a Sra. Rossi estivera abusando de suas filhas, Cassie Vale tinha descoberto e estava tentando protegê-las.

Falcone perguntou-se se a família Rossi tinha algum histórico documentado de abuso ou comportamento violento. Decidiu que a primeira coisa que faria pela manhã seria contatar a polícia local e o Serviço Social e talvez descobrir algum incidente ou denúncia anterior.

Então, outra ideia lhe ocorreu. Talvez ela pudesse descobrir algo sobre Cassie Vale. Quando fotografara o passaporte dela para fins de identificação, tinha notado um visto de trabalho francês ainda na validade e também que ela havia recentemente passado um tempo no Reino Unido.

Falcone começava a se perguntar se a ansiedade extrema de Cassie Vale diante da perspectiva de ser afastada de seu passaporte significava que ela já tivera algum problema com isso antes. Talvez tivesse sido confiscado no passado por agentes nas fronteiras ou até mesmo pela polícia. Isso teria sido recente, já que ela saíra dos Estados Unidos há apenas alguns meses.

Dois dos detetives na equipe dela tinham bons contatos internacionais. Um era ex-funcionário da Europol e outro tinha trabalhado na França e na Alemanha. Falcone decidiu pedir a eles que investigassem a jovem au pair com suas redes de contatos para descobrir se o nome dela surgia em algum lugar.

Afinal de contas, agressores geralmente eram reincidentes, mas assassinos também eram.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Toda vez que fechava os olhos, Cassie era levada de volta ao terrível e irreversível momento nas escadas. Havia o repassado em sua cabeça incontáveis vezes, mas, em seus esforços para se recordar dos fatos nebulosos, ela mudava sua versão de novo e de novo.

Em uma delas, ela empurrara a Sra. Rossi deliberadamente, mas, apesar de tentar ao máximo, Cassie não conseguia se lembrar de suas mãos esticadas terem feito contato. Contudo, isso não significava que não tinham o feito, apenas que ela não se lembrava. Em outra versão, Nina tomara a frente e empurrara a mãe com toda sua força. Nina havia corrido para frente, isso era verdade, mas do empurrão, de fato, Cassie não conseguia se lembrar.

Achou que devia ter fechado os olhos quando aconteceu, embora não tivesse recordações de ter feito isso. Sentia-se totalmente confusa. Era como se todas as versões fossem verdadeiras, de alguma forma, mas, no momento seguinte, nenhuma delas parecia certa.

A Sra. Rossi tinha gritado. Ela ameaçara Cassie de morte. Tinha berrado que iria matá-la, que Cassie não escaparia da casa viva. Ela tinha se lançado para frente em uma tentativa de agarrar Cassie e estrangulá-la.

Não, aquilo não tinha acontecido nas escadas, ela tinha feito aquilo mais cedo.

Como a briga se movera para aquela área após o quase estrangulamento de Cassie, quando ela estivera pressionada contra a mesa de mogno no corredor? Cassie tinha andado até lá? Ou, ainda pior, a outra mulher havia se afastado e Cassie a perseguiu com as palmas abertas, empurrando-a escada abaixo enquanto ela estava de costas?

Aquele era o pior cenário de todos e toda vez que Cassie pensava nisso ficava gelada e sentia-se encolhendo por dentro, pois aquilo seria assassinato deliberado, a sangue frio. Se ela tivesse feito aquilo, não teria havido nenhum elemento de autodefesa.

E, sim, ela se lembrava de suas mãos esticadas. Era a única memória perfeitamente clara que possuía, cauterizada em sua mente. Punhos

cerrados, mãos unidas. Ela estava prestes a empurrar, já tinha empurrado ou a Sra. Rossi caíra para sua morte durante a briga? E o que Nina fazia em meio a tudo isso?

Toda vez que Cassie pensava na jovem menina e tentava repassar as ações dela, parecia que Nina havia desempenhado um papel maior, até que Cassie eventualmente teve certeza de que ela havia empurrado sua mãe ou estava tentando fazê-lo enquanto Cassie lutava com a mulher.

Ela havia feito o máximo para ajudar Cassie e protegê-la, mas quão longe seus esforços tinham chegado?

Cassie virou-se e socou o travesseiro para tentar torná-lo mais confortável. O sono fugiu dela a noite toda, apesar de ter dobrado sua medicação antes de ir para a cama em uma tentativa vã de conter sua ansiedade esmagadora, portanto não achava que fazer algo com seu travesseiro ajudaria.

Com um suspiro de derrota, ela verificou a hora.

Era sete e meia. Hora de acordar as meninas e parar com essa inquietação infundável. Ela já havia oferecido à investigadora a sua versão. Não poderia voltar e mudá-la agora. Seu destino estava fora de suas mãos. Dependia do que a detetive calma e inteligente seria capaz de descobrir e de como ela escolheria usar a informação que encontrasse.

Cassie saiu da cama e engoliu mais um comprimido, esperando que a dose extra a ajudasse a ficar calma e lidar com as surpresas que o dia pudesse trazer. Vestiu-se depressa e foi acordar as crianças.

Apesar do estresse agonizante, seu coração se elevou ao ouvir as vozes felizes ao final do corredor.

– Bom dia, meninas – ela disse.

Em algum momento durante a noite, Venetia devia ter vindo para o quarto de Nina, pois elas se aninhavam juntas na cama de Nina, folheando uma revista de pôneis.

– Bom dia – elas fizeram coro.

– Quem quer café da manhã? Pensei que poderíamos comer torradas com Nutella esta manhã e ver na geladeira se tem bacon e salsichas – Cassie ficou aliviada pelo modo calmo como soava e que as crianças não pareciam perceber o turbilhão que a consumia.

– Eba! – Venetia guinchou. – Huum.

– Adorei – Nina concordou.

– Certo. Vou começar e vocês podem se vestir, meninas. Pensem no que gostariam de fazer hoje, já que o pai de vocês só chega à noite.

Cassie desceu as escadas, aliviada por poder olhar na geladeira sem se sentir como se estivesse ultrapassando um limite. Agora que a Sra. Rossi partira, Cassie percebia como suas regras de ferro e sua obsessão por controle afetavam toda a casa. Embora as crianças fossem as maiores vítimas, a mentalidade dela devia ter afetado a todos que entravam pela porta.

A cozinheira não tinha chegado e Cassie se deu conta de que os funcionários ainda não sabiam o que havia acontecido. Ela não sentia que era sua função dar a notícia, o que seria difícil com a barreira de idioma. Quando a detetive voltasse, Cassie decidiu que pediria a ela para fazer isso. Ela seria capaz de dar a eles a versão oficial e em italiano.

Abrindo a geladeira, Cassie encontrou um pacote de salsichas. Fritou-as na frigideira de ferro fundido que tinha visto a cozinheira usar e, dez minutos depois, como se atraídas pelo delicioso aroma, as crianças desceram as escadas.

– Salsichas no café da manhã – Nina respirou, como se isso não fosse nada menos que um milagre.

– Não comemos salsichas faz séculos – Venetia disse.

– Porque elas fazem muita sujeira – Nina explicou. – E porque a Mama disse que precisamos lavar e arrumar tudo depois do café da manhã. Ela costumava vir examinar a cozinha.

– Sério? – Cassie perguntou, colocando as salsichas em um prato com um garfo. Ela estava contente porque as crianças pareciam prontas para compartilhar as experiências desagradáveis que tinham suportado.

– Sim, e se tivesse alguma migalha no balcão, significava que não teríamos almoço – Venetia adicionou. – Eu ficava com muita fome, na maior parte do tempo, depois que o Papa foi embora.

– Se usássemos a comida planejada para as refeições por engano, ela costumava ficar brava, daí não tínhamos janta e éramos obrigadas a fazer coisas como arrumar e limpar a geladeira toda – Nina disse. – Por que ela era assim, Cassie, você sabe? Por que ficava tão brava com a gente?

– E por que ela não queria que a gente comesse? – Venetia adicionou. Cassie balançou a cabeça, compassiva.

– Não é normal tratar crianças desse jeito. Era ela quem estava fazendo a coisa errada, não vocês – ela disse, decidindo deixar no ar.

Não era de se admirar que as crianças só escolhiam torradas e manteiga como a opção mais segura. Ela havia se perguntado por que elas tinham um gosto tão simples. Tinha sido corajoso da parte de Venetia sequer pedir a geleia e, agora, Cassie entendia porque ela tinha insistido em guardá-la sozinha com tanta determinação.

Parecia que a Sra. Rossi deliberadamente empurrava as crianças para o fracasso, para que ela pudesse ter a satisfação de puni-las. Embora as ações de Cassie tivessem sido terríveis, ela estava aliviada por terem salvado as crianças de ter que suportar isso. A vida delas já havia se transformado em um inferno na terra e só teria se tornado pior.

– Mas lembre-se, não podemos contar para a moça, a detetive – Nina relembrou sua irmã.

Venetia assentiu de forma conspiratória e Cassie entendeu que essas meninas manteriam o segredo. Obviamente, elas haviam decidido que era o curso de ação mais seguro.

Saber disso não aliviava o enjoo de tensão que Cassie sentia por dentro. Não importava o que as meninas escolhessem fazer, elas eram menores de idade e inocentes e, caso a verdade fosse descoberta, elas não estariam em apuros. Cassie estaria, e talvez ainda estivesse.

Tudo dependia do quanto a Detetive Falcone fosse capaz de descobrir.

*

A detetive Falcone começou o dia às cinco e meia com uma corrida. Nessa época do ano, seu exercício era feito no escuro e, neste dia em particular, na chuva fina com neblina. Ela adorava correr. Sua mente se energizava e sua cabeça clareava para o dia por vir. Sua rota habitual a levava pelas ruas sinuosas dos subúrbios de Milão, cruzando o parque onde, aos finais de semana, trazia sua filha para brincar. Durante a hora da corrida, frequentemente tinha ideias e fazia descobertas de casos mais complicados. Falcone deduzia ser por conta da oxigenação de seu corpo.

Quando ela começou a correr, após o nascimento de sua filha, seu marido, Marco, tinha brincado dizendo que certamente ela poderia energizar o cérebro com cafeína e açúcar, então por que não aproveitar seu tão necessário sono e curtir um cappuccino forte e doce para ter os mesmos resultados? A provocação era ainda mais ultrajante considerando que ele

costumava levantar tão cedo quanto ela, saindo para andar de bicicleta por duas horas, na maioria dos dias.

Ela não podia acreditar que já fazia quase cinco anos da morte dele. Seu mundo tinha sido despedaçado. Semanas de preocupação frenética vieram após o devastador golpe da perda, acompanhadas de meses de trauma emocional.

Ninguém sabia por que seu marido, um advogado ambicioso e bem-remunerado de trinta e poucos anos, tinha desabado e entrado na UTI após reclamar por semanas que se sentia mal. Teste após teste havia sido realizado, mas os resultados continuavam inconclusivos. Os rins dele estavam danificados, seu fígado falhava e sua pele começava a mostrar lesões. Ele começara a ter convulsões, sua pressão sanguínea estava nas alturas e ele era incapaz de segurar a comida.

Falcone, em sua antiga vida, também era uma advogada, trabalhando em uma firma de ações de natureza civil. Ela tirou uma licença prolongada para permanecer ao lado da cama dele, assistindo à condição dele se deteriorar diariamente, com surtos frenéticos de esperança em tentativas de novos tratamentos, seguidos de desespero devastador quando falhavam.

Finalmente, eles tinham um diagnóstico e era um que destruía o mundo dela.

Logo antes de sua última e fatal convulsão, novos testes foram realizados e uma causa para a estranha aflição foi encontrada. Seu marido, Marco, vinha por muito tempo sofrendo de uma sistemática intoxicação por metais pesados.

Falcone acelerou a corrida, levando-se ao seu limite enquanto se lembrava do horror e da descrença com o diagnóstico. Como isso poderia ter acontecido? Marco não se expunha a produtos químicos em seu trabalho e, como aspirante a ciclista profissional – ou, de todo modo, medalhista de ouro da liga amadora – ele possuía extrema boa forma.

A polícia havia investigado e ela tinha sido a principal suspeita, como beneficiária do seguro de vida dele. Lutando para lidar com o luto e as demandas de sua filha pequena, Falcone teve a casa vasculhada, virada de ponta-cabeça não só uma, mas inúmeras vezes. Ela mesma havia sido testada, interrogada, tido seu celular e computador apreendidos e feito múltiplas viagens até a delegacia para vários interrogatórios.

O constante apoio de seu pai e a necessidade de tomar conta de sua filha pequena tinham a salvado de um grave colapso, apesar de saber como

estivera perto de um. Fatos emergiram – hediondos, terríveis e inesperados. Essas surpresas tinham a devastado tanto que ela pensava que nunca mais se recuperaria.

Marco estivera em um grave conflito com um dos sócios de sua firma de advogados, que queria comprar a parcela dele na sociedade ou forçá-lo a se retirar, mas ele se recusara.

Para destruir ainda mais sua alma, ela descobrira que Marco tivera um caso com uma de suas secretárias logo após o nascimento da filha deles. O caso tinha ficado mais sério e ela pressionara Marco a deixar Falcone. Naquele estágio, seis meses antes de sua morte, Marco desmanchara o caso, mas a mulher descontente havia permanecido na firma.

Com a cabeça baixa e as pernas queimando, Falcone atravessou o parque correndo. A trilha reta e plana era onde ela testava seus limites. Lembrou-se de seu horror enquanto seu mundo se esmigalhava ao seu redor. A vida que ela pensava ser tão perfeita acabara sendo uma fraude. De certo modo, sua própria feliz ignorância era o pior de tudo. Como uma mulher inteligente com formação em Direito poderia não saber a respeito de nada disso? Como ela estivera tão imersa em seu próprio mundo que se tornara desatenta a ele?

Gradualmente, como uma terrível nuvem escura, a investigação havia passado, mas deixara apenas incerteza em seu rastro, pois os resultados foram inconclusivos. A polícia não fora capaz de conectar ninguém à morte de Marco. No fim, a teoria que escolheram foi que ele havia tomado suplementos musculares contaminados.

Falcone vira por si mesma quantos pós e comprimidos ele tomava em seus esforços para ganhar boa forma e força que faziam a diferença entre ganhar e perder. Ela o provocara por conta disso muitas vezes, mas ele insistia que seu sonho era se tornar profissional, não importava o custo.

Nem todos os suplementos que ele comprava eram propriamente registrados, a polícia dissera. Alguns foram obtidos com amigos de amigos, outros de produtores sem licença. Uma overdose com uma remessa contaminada durante vários meses poderia ter causado o envenenamento fatal e irreversível, mas não havia nenhum pó à disposição para testagem nos frascos vazios de produtos que Marco tinha continuado utilizando, mesmo após começar a se sentir muito fraco para pedalar.

Até então, Falcone sempre tinha sido impaciente com a vocação de seu pai em ser um servidor público. Depois daquilo, quando seu mundo mudou,

ela percebeu que, para obter paz mental e o encerramento do qual precisava, ela não tinha escolha a não ser seguir os passos dele.

Logo depois, Falcone pediu demissão de seu emprego e entrou para a unidade da polícia local como uma policial fardada. Rapidamente subira de categoria, sendo promovida a detetive apenas dois anos depois e a chefe do departamento um ano depois disso. Seu histórico como advogada lhe dava uma vantagem valiosa no departamento, mas eram suas próprias experiências passadas que lhe davam a determinação obstinada para resolver seus casos, perseguir todas as vias possíveis e nunca ignorar qualquer evidência, por menor que parecesse.

Chegando ao fim de sua corrida, Falcone reduziu a velocidade, ofegando. Achava que poderia ter alcançado um recorde pessoal naquele treino e estava ansiosa para checar seu relógio Fitbit quando chegasse em casa. O único problema era que, ao tentar correr das lembranças ruins que haviam se esgueirado tão inesperadamente, ela sequer dera atenção ao seu caso mais recente. O ar fresco não tinha sido usado para acender a faísca de inspiração da qual precisava.

Bem, onde a inspiração não chegava, trabalho duro era um bom substituto.

Após o habitual caos matinal do café da manhã e após vestir sua filha e esperar que o ônibus escolar dela chegasse, Falcone foi para o trabalho. Estava animada para ver se sua intuição do dia anterior havia rendido algo e se os detetives locais ou o Serviço Social tinham alguma informação útil para dar a ela.

Assim que entrou, o detetive Bianchi apressou-se para encontrá-la. Ele parecia empolgado.

– Bom dia – ele a saudou. – Estive no telefone e na internet desde cedo nesta manhã e encontrei informações sobre a suspeita, Cassandra Vale.

Falcone sentiu uma onda de empolgação. Isso poderia fornecer o avanço que ela precisava ou, no mínimo, colocar a investigação no caminho certo. Poderia revelar um padrão ou comportamento que a ajudaria a montar as peças desconexas do quebra-cabeça.

– Conte-me, por favor – ela disse, ansiosamente seguindo Bianchi enquanto ele se dirigia ao seu pequeno escritório.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Falcone sentou-se diante de Bianchi, notando, como sempre, o quanto a mesa dele era arrumada; o reflexo de uma mente altamente organizada e metódica. No entanto, aquela não era a maior força de Bianchi. Ela achava que era a simpatia dele, que o permitiu trabalhar como um respeitado investigador internacional em três países além da Itália e manter relacionamentos próximos com as equipes mesmo depois de ter se afastado.

– Meus colegas franceses me informaram sobre um caso em andamento. Talvez você tenha ouvido falar dele. Pierre Dubois, acusado de assassinar sua noiva. O caso está em audiência.

Falcone assentiu lentamente.

– Acho que lembro de ouvir mencionado, ou talvez eu li sobre isso. O nome parece familiar.

– É um caso interessante. Há evidências circunstanciais, mas faltam provas concretas e o promotor tem dúvidas de que ele será condenado. Porém, no tribunal, quem sabe? É sempre imprevisível.

– Como Cassie Vale está envolvida?

– Ela trabalhava para a família como au pair na ocasião. Esteve lá por menos de uma semana.

Falcone ofegou.

– No depoimento dele, Pierre Dubois disse que testemunhou pessoalmente Cassie Vale em uma luta física com a vítima, Margot Fabron. Ela morreu mais tarde naquela noite, caindo de uma sacada alta.

Ou foi empurrada, Falcone pensou, com uma onda de empolgação. Isso soava como uma sinistra coincidência.

– Mais uma coisa – o detetive adicionou. – Alguns dias atrás, Pierre Dubois testemunhou que alguém remexeu o quarto dele e destruiu filmagens particulares de segurança que ele guardava lá. Cassie Vale era a única ocupante na casa da família à época, além das crianças.

Aparentemente, câmeras operavam no quarto dele.

– Por que não a chamaram para testemunhar? – Falcone perguntou.

– Dubois só descobriu que as filmagens foram perdidas ao ser solto da cadeia. Ele teve a fiança negada por um tempo por ter se tornado agressivo após sua prisão e ter tentado agredir um dos detetives. A essa altura, a polícia havia a liberado e ela havia saído da França.

– E, agora, aqui está ela.

– Olhe, ela não está na lista de testemunhas deles. Ela não é mais suspeita. O testemunho dela foi usado, mas é só isso. Poderíamos detê-la em nome deles, mas achei melhor esperar as suas ordens primeiro. No caso improvável que ela tenha permissão para testemunhar, pode complicar o nosso caso se ela for enviada para a França.

– Sim, isso nos atrasaria e, como você diz, é improvável que as cortes francesas permitiriam isso nesse estágio final. Concordo, é muito interessante e os paralelos nas duas situações são estranhos. As filmagens na mansão Rossi não ficam gravadas, são só ao vivo, mas Cassandra Vale estava no escritório procurando por elas. Não consigo parar de pensar no que ela estava tentando apagar.

Bianchi assentiu.

– O momento em que a Sra. Rossi caiu de encontro à morte, eu deveria dizer. Pelo que você diz, tudo aponta que ocorreu uma briga – ele disse.

– Exato. Uma briga violenta, mas por quê? A Sra. Rossi estava abusando as filhas e Cassie Vale estava as defendendo, ou foi o contrário? A au pair transgrediu, bateu nas crianças, roubou de sua empregadora, e isso causou a briga? O que foi?

Falcone sentiu a velha frustração fervendo dentro dela, o desconforto de não saber a verdade, de ter que conviver com dúvidas e suspeitas que nunca poderiam ser afastadas, pois a vida era incerta e confusa e até mesmo as motivações das pessoas raramente eram claras ou fáceis de ler.

– Isso indica, no mínimo, que essa garota é um imã de problemas, que ela tenta ofuscar os fatos e também que ela não tem medo de entrar em uma briga física – Bianchi sugeriu.

Falcone assentiu, concordando enquanto ele continuava.

– Ainda precisamos de provas e há uma gritante ausência delas nesse caso, até agora. Então, para onde vamos a partir de agora?

– Vou realizar meus telefonemas para o Serviço Social e a polícia local

– Falcone disse. – Talvez eles possam fornecer mais uma peça do quebra-cabeça.

Ela dirigiu-se ao longo do corredor até seu escritório. Era uma sala apertada – apesar de ter os pensamentos organizados, Falcone não tinha o bom hábito da limpeza e percebera que, quanto maior o espaço, pior ele aparentava e mais rápido ele chegava ao estágio onde parecia impossível manter a arrumação.

Então, ela havia optado por um espaço compacto onde poderia manter um controle mais rigoroso sobre a montanha de papelada que parecia constantemente aumentar.

Ao entrar em seu escritório, seu telefone tocou. Atendendo, ela se viu conversando com o presidente da Rossi Calçados. Ela havia deixado uma mensagem na noite anterior pedindo a ele que retornasse o telefonema com urgência. Agora, Falcone imaginava-o sentado em um escritório luxuoso, acenando os braços com aflição enquanto ela dava a notícia, com um cappuccino intocado repousando em uma bandeja de prata à frente dele.

– Isso é terrível, uma tragédia. Pode me dizer o que aconteceu? – Ele exclamou.

– A Sra. Rossi caiu das escadas em sua casa ontem à noite e morreu.

– Isso é inacreditável! Como algo assim aconteceu? – O presidente perguntou.

– Ainda estamos investigando. Pode ter sido um acidente. O salto do sapato dela quebrou.

Fez-se um silêncio retumbante e Falcone percebeu, tarde demais, que essa teoria não seria bem recebida pelos acionistas da Rossi.

– Está dizendo que o sapato quebrou, o que ocasionou a queda e a morte dela? Tem alguma prova disso? – Ele perguntou cuidadosamente.

– Não há provas – Falcone tranquilizou-os. – O sapato pode ter sido danificado durante a queda – ela ouviu um suspiro de alívio quando continuou. – Ainda estamos reunindo os fatos e interrogando os suspeitos.

– Você faz soar como se pudesse ser assassinato? – O presidente soava horrorizado outra vez.

– Ainda não descartamos isso.

A voz dele tremia ao responder – De nossa parte, a Sra. Rossi era uma mulher visionária e de habilidades únicas. Ela pegou a marca que era uma empresa familiar e a transformou em um nome importante de destaque dentre os grandes da indústria. Pode nos oferecer mais detalhes sobre o suspeito do assassinato? Como um crime desses pode ter ocorrido?

Falcone percebeu que estava em viva voz. Ajustou sua imagem mental para uma sala de conferência com uma longa mesa cheia de cadeiras de couro com encosto alto. Ouviu vozes preocupadas. As pessoas murmuravam sobre o preço das ações e vários contratos internacionais prestes a serem firmados.

– Um assassinato vai colocar tudo a perder – ouviu a voz de uma mulher, alta e aguda. – Os contratos estarão em risco. Os preços das ações sofrerão.

Falcone apertou os lábios. Normalmente, ela tinha pouca compaixão para as dificuldades de grandes corporações, mas, nesse caso, não podia evitar compreender como a situação era delicada e quanta responsabilidade repousava nela e na realização de seu trabalho com a maior meticulosidade possível.

Se ela e sua equipe acabassem acusando alguém de assassinato, precisariam de provas irrefutáveis e, preferencialmente, de uma testemunha ocular.

Caso contrário, com interesses corporativos em jogo, a polícia seria acusada de cometer erros e isso refletiria mal em todos os envolvidos, adversamente afetando a reputação de sua equipe. Falcone estava ciente de que o povo italiano tinha uma adoração muito maior pelo mundo da moda e as icônicas marcas locais do que tinham pelos esforços incansáveis dos agentes da lei.

– Posso me encontrar com você esta manhã, às onze horas – ela disse. – Devemos ter mais informações até lá e posso te dar uma ideia mais clara da direção que tomaremos.

– Está bem, detetive. Obrigada por essa reunião. Posso te perguntar se pode comparecer ao nosso escritório, para que a diretoria possa estar presente?

Falcone concordou. Mais uma vez, ouviu o burburinho de vozes preocupadas e compreendeu que uma coletiva de imprensa já estava sendo organizada para o meio-dia. Claramente, o conselho administrativo da Rossi queria ter a dianteira e dar a notícia publicamente antes que qualquer rumor que prejudicasse o preço das ações ou os contratos no horizonte pudesse circular.

Após concluir a conversa, Falcone leu o relatório do médico legista que acabara de chegar. Confirmava que a Sra. Rossi possuía um alto nível de álcool no sangue na hora de sua morte e que a queda resultara em um

pescoço quebrado que a matou instantaneamente. O legista confirmou que os outros machucados no rosto e na cabeça tinham incorrido mais ou menos na mesma hora, mas não conseguiu estabelecer com certeza se haviam sido causados pela queda.

Falcone acenou com a cabeça quando fechou o documento, pressionando os lábios em frustração. De forma realista, ela não havia esperado que o relatório fornecesse algum entendimento milagroso, mas apenas confirmasse o que eles já tinham observado. Ela continuou com suas verificações rotineiras para descobrir se houvera alguma denúncia a respeito da mansão Rossi no passado. Seu primeiro telefonema foi para a polícia local.

Quando Falcone declarou seu nome e o motivo de sua ligação, o sargento que atendeu disse que a transferiria para o comandante da delegacia.

Falcone aguardou um minuto, depois encontrou-se falando com o sargento outra vez.

– Infelizmente, o comandante está fora hoje. Contudo, olhei no nosso sistema para você. Não recebemos nenhuma denúncia daquele endereço.

– Obrigada – Falcone disse.

Foi somente após desligar o telefone que ela começou a pensar que a conversa tivera algo de estranho. O sargento que forneceu a informação com uma rapidez que Falcone nunca imaginaria ser possível. Mesmo com sistemas computadorizados, a busca tinha sido misteriosamente rápida.

Tão rápida que ela começava a suspeitar que nem sequer tinha sido realizada.

Arquivando essa linha de questionamento, Falcone decidiu prosseguir com o comandante pessoalmente quanto tivesse mais tempo, explicando que a equipe dele poderia estar tomando atalhos e ele deveria investigá-los.

Então, Falcone fez sua próxima ligação, para o Serviço Social, onde teve mais sorte em conseguir falar com a pessoa que precisava. Foi encaminhada diretamente para o diretor do departamento, o Sr. Dellucci.

– Como posso ajudá-la, detetive? – Ele perguntou.

– Estou liderando uma investigação – ela começou. – Houve uma morte acidental que acredito ter ocorrido sob circunstâncias suspeitas. Gostaria de saber se recebeu alguma denúncia sobre o endereço relevante ou por acaso foi consultado. Talvez alguém te alertou recentemente?

– Por favor, me dê os detalhes.

Ela notou, surpresa, que o Sr. Dellucci subitamente soou menos animado e mais reservado.

– O nome é Sra. Rossi. Aqui está o endereço.

Cuidadosamente, Falcone leu em voz alta.

– Alô? – Ela disse, franzindo o cenho ao se perguntar se a ligação tinha sido cortada, já que só havia silêncio do outro lado. – Ainda está aí?

– Sinto muito – o diretor falou rapidamente. – Acabo de ser chamado para uma reunião urgente. Esteja certa, detetive, retornarei assim que possível com qualquer informação relevante.

Ele desligou rapidamente e o franzir do rosto de Falcone se aprofundou.

Ele não havia sequer perguntando o número do telefone dela. O que estava acontecendo?

Ela tentou ligar de novo, mas não ficou surpresa ao ser informada, ao solicitar o diretor, que ele não estava disponível.

Falcone tomou um momento para considerar o que acabara de acontecer.

Podia se tratar simplesmente da ineficiência e burocracia habitual dos departamentos governamentais em funcionamento. O diretor do Serviço Social poderia realmente estar estressado e trabalhar demais, e ter sido chamado para uma reunião urgente. Ela teria acreditado nisso prontamente se o tom de voz dele não tivesse mudado durante a conversa, quando percebeu do que ela estava falando.

A outra explicação era que o nome e o endereço levantavam uma bandeira vermelha tanto na polícia quanto no Serviço Social, porque outra pessoa já havia abordado os agentes a respeito deles. Falcone sabia muito bem que tais coisas aconteciam, reconhecidamente.

A Sra. Rossi teria interferido no processo e subornado certos departamentos para evitar que quaisquer queixas fossem registradas?

Se fosse o caso, Falcone sabia que seria difícil de provar. Agentes corruptos que aceitavam suborno eram escorregadios como enguias e eram especialistas em encobrir seus rastros, garantindo que nenhum registro incriminador ficasse disponível. Como resultado, geralmente era impossível rastrear a ocorrência disso, a não ser que a pessoa que prestasse a queixa buscasse a ajuda de um departamento ou unidade de polícia fora do raio de influência do subornador.

Contudo, o Sr. Dellucci soava em pânico. O que aquilo significava?

Falcone balançou a cabeça. Tudo se provava ser frustrantemente inconclusivo.

A essa altura, tudo o que tinha era uma pista de que a au pair estivera envolvida em problemas antes e que alguém poderia estar agredindo as crianças Rossi.

Havia mais uma avenida que poderia perseguir, que era interrogar a avó idosa que acabara de se mudar para a residência da família.

Falcone verificou seu relógio. Era hora de fazer outra visita à casa e ver se a Nonna, sua última esperança, poderia fornecer informações ou, ainda melhor, um testemunho ocular útil. Afinal, ela estivera presente na casa na ocasião. Talvez essa senhora pudesse fornecer as peças que faltavam do quebra-cabeça e dar a Falcone o que ela ansiava – provas irrefutáveis que confirmassem sua forte suspeita.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Após as crianças comerem, Cassie preparou uma bandeja de comida para a Nonna e a levou até o andar de cima. Bateu na porta do quarto, temendo o momento em que teria que entrar. Sua boca estava seca e seu estômago apertado com a tensão.

Se a Nonna estivesse acordada, parecesse coerente e perguntasse onde estava sua filha, então Cassie teria que enrolar até que a polícia chegasse para dar a notícia.

Ela percebeu que a condição mental da Nonna tornava os movimentos dela imprevisíveis. Ela entrara em um quarto diferente na noite anterior sem que ninguém notasse. Cassie esperava que ela estivesse na cama, a salvo, e não tivera nenhuma dificuldade durante a noite. Imagine se a senhora idosa tivesse saído da cama durante um episódio de delírio e se machucado.

Cassie estava contente por esse ser o último dia que passaria aqui como encarregada. A partir desta noite, quando o pai das garotas chegasse, o bem-estar da idosa seria responsabilidade dele e não estaria mais sobre os ombros dela.

Quando a porta abriu, ela viu a Nonna sentada na cama, com olhos iluminados e alerta.

– *Buongiorno* – Cassie a cumprimentou, tentando soar alegre.

Apesar dessa mulher provavelmente também ser uma mãe abusiva, família era família, sangue era sangue. Se a Nonna perguntasse algo a respeito da filha, Cassie seria capaz de evitar as perguntas sem entregar nada ou mesmo sem desmoronar completamente?

Enquanto colocava a bandeja sobre a mesa de cabeceira, Cassie se perguntou que danos físicos e psicológicos a Sra. Rossi tinha suportado pelas mãos de sua mãe, e se isso havia ajudado a transformá-la na mãe violenta e dominadora que ela se tornara.

– Nonna, gostaria de tomar café da manhã? Eu trouxe chá, torradas e algumas fatias de salsicha.

A Nonna assentiu. Embora o corpo dela fosse uma casca frágil, seus membros emaciados e trêmulos, ela parecia coerente esta manhã.

Encarando Cassie, ela sussurrou suavemente.

Cassie inclinou-se para frente.

– O que disse? Sinto muito, não ouvi.

– Eu vi tudo – os olhos da Nonna estavam vagos agora, mas sua voz era firme. – Vi o que você fez ontem à noite.

Cassie congelou, encarando a mulher idosa em pânico. Os olhos escuros e irascíveis da Nonna estavam fixos nela agora.

– Eu... eu não entendo – ela sussurrou, rezando para que a Nonna quisesse dizer outra coisa e não estava insinuando o que Cassie temia.

– Eu vi vocês lutando ontem à noite – a Nonna descascou e Cassie viu-se inclinando para frente, atraída por aqueles olhos rasos e escuros. – Você brigou com a minha filha. Eu assisti ao seu ataque. Foi sua culpa, tudo sua culpa. Você estava como uma maluca. Você começou a briga, depois terminou. Você fez isso com as mãos.

A Nonna levantou seus membros trêmulos. Apesar de suas mãos terem formato de garras por conta da artrite, Cassie viu, horrorizada, que ela imitava a forma como ela segurara os punhos em sua frente; a única memória clara que possuía após a confusão violenta da briga.

– E você a empurrou. Escada abaixo. Acho que você a matou, não foi? Você, mocinha, é uma assassina. *Assassina*.

Ela apontou o dedo trêmulo na direção de Cassie.

Horror entrou em erupção dentro de Cassie. Frágil como era, essa mulher idosa falava com perfeita clareza. Na voz e nas palavras dela, sentia a mãe brutal e dominadora que a Nonna fora uma vez.

– Você está errada – ela sussurrou. – Não aconteceu desse jeito. Não mesmo.

– Ah, sim, aconteceu. Eu vi tudo, *con i miei occhi* – a Nonna apontou para os seus olhos.

– Não. Ottavia me atacou. Ela estava agredindo a Nina e ficou louca quando tentei impedi-la. Todo o resto foi autodefesa. Eu não quis empurrá-la. Ela estava tentando me matar e eu estava a impedindo. A queda foi um acidente – Cassie implorou.

Ela não fazia ideia se a demência da Nonna fazia que ela lembrasse das coisas sem exatidão ou se ela propositalmente estava exagerando o que acontecera para colocar a culpa em Cassie.

Ou, pior ainda, uma terceira opção ocorreu a ela. E se ela própria tivesse a memória falha e a versão da Nonna fosse a completa verdade?

Cassie olhou para baixo. Não conseguia encarar o olhar brilhante da mulher idosa. Culpa a esmagou novamente enquanto se perguntando o quanto não se lembrava direito e como os eventos haviam se desenrolado durante aqueles momentos caóticos.

Não importava o quanto era verdade, sabia que o relato da Nonna poderia destruí-la. Se a polícia o ouvisse, juntamente às outras evidências circunstanciais, seria o bastante para virar a balança.

– *Assassina. Assassina* – a Nonna repetiu.

Cassie ficou horrorizada com o modo como a mulher idosa parecia quase provocá-la com o conhecimento. Instintivamente, ela agarrou um travesseiro. Queria colocá-lo sobre a boca dela para sufocar as terríveis palavras – ou realmente sufocá-la.

Ela era idosa, frágil; quem iria saber? Ela não poderia relutar ou resistir e o travesseiro felpudo abafaria suas exclamações. Em apenas alguns momentos, estaria morta e a única testemunha ocular desse ato terrível seria removida.

O aperto de Cassie no travesseiro aumentou. Alguns momentos e um pouco de determinação bastariam. Os resmungos ofegantes e as provocações sussurradas que ainda preenchiam o quarto seriam silenciados.

– *Sei colpevole.*

Cassie encarou-a com o olhar vazio, incapaz de distinguir o que as palavras significavam, apesar de a acusação no tom da Nonna ser inequívoca.

– Sim, você é culpada – a Nonna continuou, como se pressentisse a confusão de Cassie e trocasse para o inglês para garantir que ela entendia. – Como se sentiu fazendo aquilo? Pensou que escaparia ilesa? Você é uma assassina agora. Ottavia estava apenas tentando se defender do seu ataque. Você irá sofrer pelo resto da vida por isso, na prisão.

– Pare! – Cassie silvou de volta e a mulher idosa ofereceu uma risada demente resmungada.

O travesseiro era macio e pesado nas mãos de Cassie. Ela ergueu-o, colocando a outra mão atrás da cabeça da mulher idosa. Esse era o único curso de ação restante, se queria se salvar. Não importava se a versão da Nonna fosse verdade ou exagero, ela enterraria Cassie para sempre.

Agora, em um breve minuto, Cassie poderia enterrá-la.

Respirando fundo, ela levantou o travesseiro, o sangue batendo em seus ouvidos.

Então, percebeu que não poderia fazer aquilo.

Cassie ficou toda estremeada ao soltar o ar novamente.

Ela não era aquela pessoa. Mesmo para salvar a si própria, realizar esse ato deliberadamente era impossível. O pensamento havia lhe oferecido uma tentação momentânea, mas a realidade era algo diferente. Não era quem ela era. Não mesmo. Se o testemunho ocular da Nonna pudesse garantir que ela fosse condenada por assassinato, que assim seja. Ela seria condenada.

Cassie ajeitou o travesseiro atrás da cabeça da Nonna, empurrando-o para o lugar de modo que a mulher idosa estivesse confortavelmente inclinada. Enquanto o fazia, sentiu um estranho alívio em saber que não tinha a capacidade de sufocar outro ser humano, mesmo uma pessoa velha, fraca e que estava a provocando com um conhecimento que poderia destruí-la. Não era uma assassina a sangue frio, não importavam as circunstâncias.

Ao mesmo tempo em que pensava naquilo, com a Nonna ainda gargalhando aquela risada estridente e provocante, ela ouviu a porta de entrada se abrir.

Falcone havia chegado no pior momento possível.

Cassie saiu apressada do quarto, esperando conseguir desviar da atenção da detetive, apesar de não ter ideia de como fazê-lo. Se Falcone tivesse cumprido os planos que havia compartilhado ontem, as ações de Cassie seriam expostas em alguns minutos por uma mulher frágil, porém vingativa, que tivera uma janela de clareza exatamente na hora errada.

– Bom dia – Falcone a saudou.

Seu olhar afiado perfurava através dos esforços patéticos de Cassie em manter a calma, diretamente até seu coração aterrorizado e culpado.

– Bom dia – ela respondeu, perguntando-se se Falcone podia ouvir a rapidez com que seu coração martelava.

– Como vão as crianças? – Falcone perguntou.

– Estão bem. Parecem calmas e tiveram uma noite de descanso.

Gostaria de falar com elas? Precisa perguntar mais alguma coisa?

Cassie duvidava que sua tentativa de prolongar o momento funcionaria, já que não havia razão para a detetive conduzir uma segunda entrevista com as crianças. Sabia que seu rosto estava em chamas com o estresse e que Falcone certamente notaria.

– A Nonna está acordada?

Cassie sentiu seu estômago revirando-se com pavor. Sentindo como se estivesse dizendo suas últimas palavras, respondeu:

- Ela está acordada. Acabei de levar uma bandeja para ela.
- Bom. Então, irei diretamente até o quarto dela para entrevistá-la.

Sem mais troca de gentilezas, a detetive subiu a escadaria de mármore cheia de propósito.

Cassie sentia como se as palavras de provocação da mulher idosa ainda pairassem no ar e que Falcone poderia pressenti-las no momento em que entrasse. A Nonna ficaria contente em ter uma nova audiência com quem compartilhar suas observações. Cassie estava certa de que seria uma entrevista muito curta e muito produtiva. Seria seguida de sua prisão imediata.

De súbito, Cassie percebeu que não poderia suportar esperar até que o golpe viesse, a terrível minúcia do processo que se seguiria. Haveria outra entrevista na delegacia – a essa altura, ela teria desabado na histeria que já podia sentir crescendo. Seu passaporte seria apreendido e isso significaria azar pela terceira vez para ela.

Cassie pensou sobre a viagem até o quartel-general da polícia. O pânico, o isolamento, a humilhação de ser revistada e ter as digitais tiradas, sabendo que ela tinha sido a principal suspeita o tempo todo. E que, agora, eles possuíam evidências para condená-la.

Não poderia fazer isso. Havia tempo para criar outro plano. Ela iria fugir. Poderia sair da casa, sair da região antes de a detetive perceber que ela partira. Ela poderia dirigir até a fronteira com a Suíça. Certamente, não levaria mais do que algumas horas para sair da Itália. Ela seria capaz de cruzar a fronteira antes que a polícia fizesse alarde.

Depois, ela pegaria o primeiro avião de volta aos Estados Unidos e fugiria, de volta à segurança, bem longe da catástrofe que suas viagens haviam se tornado.

Em silêncio, Cassie caminhou rapidamente até seu quarto. O maior desafio seria sair com sua mala sem que a detetive notasse. Com sorte, ela entrevistaria a Nonna a portas fechadas, dando mais tempo e privacidade à idosa.

Cassie revirou o quarto, agarrando seus pertences e enfiando-os na mala. Esvaziou as poucas prateleiras do que havia retirado da mala e, no último minuto, lembrou-se de seus comprimidos, guardados no fundo da gaveta. Ela estaria em apuros ainda maiores se deixasse os medicamentos para trás. Ela reuniu os frascos e jogou-os no compartimento com zíper de sua bolsa.

Um barulho na porta a fez pular e olhar ao redor.

Nina e Venetia estavam paradas lá, observando-a.

– Por que está fazendo as malas, Cassie? – Nina perguntou.

Cassie tentou um sorriso inseguro. Parecia forçado e falso.

– Preciso ir embora. Vocês ficarão bem agora, meninas. O pai de vocês estará aqui hoje à noite.

Assim que disse as palavras, tentando tranquilizar as garotas, Cassie percebeu que, ao partir agora, ela estaria as abandonando quando estavam mais vulneráveis. Elas seriam forçadas a passar um dia incerto e solitário na casa, sem supervisão e cuidados.

O rosto de Venetia desabou.

– Ah, Cassie, por favor, não vá! Pensei que passaria o dia com a gente hoje. Nós duas estamos tão empolgadas. Viemos te encontrar para perguntar o que poderíamos fazer agora, já que estamos com algumas ideias de jogos e atividades.

– Você não pode ir embora – Nina adicionou. – Entendo que está assustada depois do que aconteceu, mas nós também estamos com medo de ficar sozinhas. Por favor, fique com a gente até Papa chegar.

Cassie encarou-as, dividida pela indecisão.

Cada momento que passava aqui com as garotas significava que a janela de oportunidade para sua fuga se estreitava.

Ainda assim, havia mesmo uma janela? A detetive era eficiente e planejada à frente. Com a sorte de Cassie, bloqueios na estrada seriam montados antes que ela pudesse sequer chegar na rodovia e, se alcançasse a fronteira, seria detida juntamente com seu passaporte.

Pior ainda, as crianças nunca entenderiam por que ela havia partido.

Claro, caso fosse presa, também partiria repentinamente – mas então elas saberiam o porquê. Se acontecesse daquele jeito, ela poderia garantir que Falcone chamasse alguém para ficar com as meninas e a Nonna. Seria a coisa responsável a se fazer.

Se ela simplesmente fugisse, não seria capaz de garantir nada.

Cassie piscou, afastando as lágrimas ao pensar em como seria insensível e egoísta colocar a mala no ombro, abrir caminho no meio destas duas crianças confusas e sair da vida delas para sempre.

– Não, bobinhas – ela disse. – Não vou embora agora. Só estou preparando minhas malas para quando seu pai chegar. Por que não vamos brincar de queimada lá fora? Não está muito frio e as nuvens passaram.

Nina correu para buscar a bola grande e colorida e as três desceram as escadas, saindo para o jardim. Quando saiu ao ar livre, Cassie percebeu que poderia ser a última vez que veria o sol e sentiria o vento por um longo tempo.

As meninas pareciam entusiasmadas para queimar suas energias reprimidas e Cassie teve certeza de que correr e se mexer as ajudaria a liberar a tensão do que tinham vivido por tantos meses. Elas brincaram por vinte ofegantes minutos, com Cassie fazendo o máximo para esquecer os terrores e estar completamente presente com as crianças.

– Jogue para mim, Cassie! Jogue para mim! – Nina berrou.

Cassie jogou a bola alto no ar para que Nina tivesse que correr atrás dela, gritando e rindo, pulando para apanhá-la antes que acertasse o chão. Ela jogou a bola para Venetia, que a pegou com uma mão, berrando em deleite com sua própria genialidade.

Cassie forçou-se a tentar viver o momento, a suprimir a ansiedade nauseante que ameaçava dominá-la. Lembrou a si mesma de que tudo era possível e que resultados positivos, e até milagres, podiam acontecer. Temer o pior significava viver dentro de uma prisão antes mesmo de estar lá, ela disse a si mesma com severidade.

Cassie nunca tinha sido boa em colocar seus medos de lado. Imaginava que sua atitude tivesse sido moldada parcialmente por conta dos abusos que suportara quando criança. Quando todo o poder estava nas mãos de um adulto que o usava de forma irresponsável e imprevisível, não havia escolha a não ser aceitar que o mal podia acontecer.

Enquanto pulava para apanhar a bola, respirando o ar fresco e frio e sentindo o sol brando aquecer sua pele, Cassie lembrou a si mesma que só ela era capaz de mudar sua própria atitude perante a vida. Ninguém mais poderia fazer isso por ela.

Entrar em pânico não a ajudaria agora. Seu destino já estava selado. Mas, se ela fosse capaz de permanecer calma quando a bomba chegasse, talvez houvesse a chance de discutir suas opções. Ela não deveria entrar em pânico. Não devia se desesperar.

Cassie atirou a bola o mais longe que pôde, fazendo Venetia correr atrás dela com um grito agudo, desejando que fosse fácil assim distanciar a si mesma de seus problemas.

Apesar de sua determinação em se manter calma e controlada, quando a porta de entrada se abriu, Cassie sentiu seu estômago se revirar com tanta

força que ela quase vomitou.

A detetive Falcone a chamou com a voz severa.

– Precisarei interromper seu jogo, Cassie. Por favor, venha para dentro.
Preciso falar com você em particular.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Com as palavras de Falcone, Cassie soube que o golpe de martelo havia caído. Esse era o momento que ela temia.

Ela queria desabar em lágrimas ali mesmo, no gramado bem-podado. Foi preciso toda sua força para sorrir para as crianças e fingir que tudo estava bem.

Suas pernas tremiam de medo ao entrar na casa, mas ela conseguiu manter o queixo erguido e não desabar em soluços petrificados.

Falcone pareceu surpresa com a conduta dela, como se não se encaixasse na imagem que ela tinha de Cassie até agora ou no que ela pensou que sua provável reação seria.

– Podemos conversar na sala de estar?

Uma vez lá, a detetive levou um longo tempo abrindo sua maleta e analisando suas anotações. Ela colocou um copo d'água sobre a mesa de centro, com o gravador ao lado. Cassie empoleirou-se em uma poltrona, sentindo a náusea se agitando dentro dela. Sabia que tudo o que podia esperar seria negociar uma pequena vitória em seu favor, de alguma maneira.

Embora não tivesse sido a sangue frio e ela não tivesse percebido o que estava fazendo até o último momento, é claro que ela precisaria pagar por causar a perda de outra vida. Era como funcionava a lei. A lei não se importava que a Sra. Rossi estivesse sistematicamente abusando de suas filhas e que elas estivessem contentes por se verem livres dela. O problema aqui era determinar se as ações de Cassie tinham causado a morte da Sra. Rossi e, agora, Falcone tinha uma testemunha ocular para provar isso.

Talvez, se ela permanecesse calma e cooperasse, a polícia concordaria que ela ligasse do telefone fixo para a boutique de Mirabella uma última vez para tentar descobrir a verdade sobre sua irmã antes de ser levada sob custódia. Se explicasse a situação a Mirabella, talvez a dona da boutique cederia e passaria uma mensagem a Jacqui, se ela ainda estivesse viva.

Um telefonema. Certamente, isso seria permitido? A detetive não parecia agressiva, apesar de não ter certeza a respeito de seus direitos e de

como o processo funcionava. Cassie decidiu que esse seria o favor pelo qual barganharia, ou até imploraria, já que poderia ser sua última chance de completar a busca na qual embarcara.

A detetive Falcone terminou de ajustar suas anotações e olhou para cima.

Cassie forçou-se a encontrar o olhar intenso da outra mulher, encarando seus olhos castanho-escuros.

– Tive uma conversa interessante com a Nonna – ela disse. – Estávamos torcendo por uma testemunha ocular para o que ocorreu.

Cassie conseguiu dar um fraco aceno de cabeça. Seu estômago se agitava audivelmente.

– Gostaria de ouvir sua versão de novo e, desta vez, da forma mais fiel e precisa que puder. Por favor, não continue a mentir para mim, já que isso contará contra você. Em uma corte criminal, o juiz frequentemente oferece penas reduzidas a pessoas honestas que confessaram e, acredite em mim quando te digo, esse é o melhor curso de ação para você agora.

Uma pena reduzida. Cassie sabia que as palavras da Nonna tinham selado sua culpa. Isso havia ultrapassado as suspeitas, indo para o território de um crime grave.

Qual seria o tamanho da redução na pena que uma confissão ganharia? Não a exoneraria completamente. Significaria apenas alguns meses a menos de prisão ou seu tempo na cadeia seria reduzido de forma significativa? Cassie não achava que a detetive lhe contaria se perguntasse. Talvez ela também não soubesse.

Cassie olhou para as próprias mãos. Estavam tão apertadas que seus dedos estavam doendo. Se ela confessasse, Falcone poderia permitir que ela ligasse para a boutique e fizesse uma última tentativa de rastrear sua irmã. Ela lembrou-se de seus pensamentos anteriores, sobre ser calma e cooperar. Agora era a hora de colocá-los em ação.

Cassie elevou o olhar para a detetive e começou a falar. A palavra “Eu” saiu e, então, ela viu um minúsculo sinal, o menor detalhe em algo que ela nunca pensara que seria perceptiva o bastante para notar em uma situação de vida ou morte, após toda sua esperança ter evaporado.

Viu um brilho de empolgação pouco característico nos olhos da detetive.

Cassie fingiu uma tosse repentina, depois pegou o copo sobre a mesa e tomou um gole de água, comprando alguns momentos e tentando

freneticamente descobrir o que isso significava.

Podia haver uma chance – uma minúscula possibilidade – de que Falcone estivesse blefando. Cassie vira, no dia anterior, como a clareza mental da Nonna parecia ir e vir de forma repentina, como uma chama tremeluzente. E se ela tivesse sido incoerente com Falcone ou fornecido uma história remendada que não fizesse completo sentido?

Cassie decidiu que iria assumir o risco.

Manteria sua história original, agarrando-se à esperança desesperada de que não haveria um testemunho útil para contradizê-la.

– Eu já te contei o que aconteceu – ela disse. Sua voz estava ofegante e rouca, mas as palavras foram claras o bastante para o gravador captá-las. – Sei que eu estava perturbada e a minha história foi confusa, mas foi tão precisa quanto consegui me lembrar. Não sei o que quer que eu confesse. Não entendo o que você está insinuando.

Falcone não entregou nada. Ela permaneceu completamente impassível ao falar outra vez.

– Estou te dando uma última chance – ela disse.

Cassie decidiu que já tinha ido longe demais para voltar.

– Já te contei o que aconteceu – ela repetiu e, dessa vez, sua voz soou mais firme.

A detetive deu um leve aceno de cabeça.

– Não consegui obter uma versão clara dos eventos da Nonna – ela disse.

Cassie prendeu a respiração, sentindo as batidas rápidas e fortes de seu coração no peito. Estivera tão perto de ceder e confessar. Tudo poderia ter acontecido de um jeito tão diferente, algo que ela temia que ainda poderia acontecer. Viu-se esperando que a detetive dissesse, “Mas...”, e que ainda soltasse a bomba.

– Demorou muito tempo para explicar a ela que a filha tinha morrido e ainda não tenho certeza que ela entendeu completamente. Ao mesmo tempo, acredito que ela estava tentando me dizer algo importante sobre ontem à noite, mas perdia o fio da meada. Ela parece delirante, apesar de, sem dúvidas, ter seus momentos de coerência – Falcone continuou.

Recompondo-se e usando o resto da determinação mental que tentara conjurar antes, Cassie foi capaz de manter a voz firme quando respondeu.

– Ela está assim desde que chegou. Não sei ao certo quem é Stefano. O falecido marido dela, talvez? De qualquer forma, ela ficou perguntando por

ele ontem à noite.

– Devido à extensão da demência dela, duvido que seu testemunho se sustentaria no tribunal. Certamente, ela não seria interrogada, então não poderíamos chamá-la como testemunha.

– Entendi – Cassie disse. Sua voz soava monótona e rasa, mas ao menos não estava trêmula.

– Além disso, ambas as garotas alegam que testemunharam a queda e que foi acidental.

Cassie assentiu. Sua boca estava tão seca que ela sequer conseguia engolir. O que a detetive diria agora? Como iria incriminá-la?

– O conselho administrativo da Rossi Calçados está ansioso para encerrar isso e para que tudo se resolva sem danos à marca. Minha equipe e eu estamos cientes das consequências negativas de uma acusação de assassinato, caso não possa ser provada além de qualquer dúvida – Falcone suspirou. – Considerando tudo isso, não tenho escolha a não ser retirá-la da lista de suspeitos e oficialmente declarar a morte como um acidente.

Cassie tentou ao máximo não demonstrar nenhuma emoção, mas não conseguiu evitar. Lágrimas de choque e alívio brotaram em seus olhos e ela sentiu os soluços emergindo. Ela tinha sua vida novamente. A detetive devolvera o seu futuro a ela.

– Obrigada – ela sussurrou. Foi tudo o que conseguiu dizer sem desmoronar completamente.

– Fora do registro oficial, só entre nós, o nome Pierre Dubois tem algum significado para você?

A cabeça de Cassie levantou em um disparo. Chocada, ela encarou a detetive de cabelos escuros. Sabia que sua reação já tinha entregado o jogo. Não tinha como escondê-la, nem seu reconhecimento instintivo daquele nome.

A detetive continuou calmamente.

– E quanto ao Sr. Dellucci, do Serviço Social de Milão?

As sobrancelhas de Cassie se ergueram e ela ficou boquiaberta. Para onde isso estava indo? Ela realmente fora inocentada ou isso era um plano desonesto, um truque para que enfim confessasse? Como diabos ela descobrira que Cassie o havia consultado?

O olhar de Falcone era penetrante, como se ela enxergasse a mente de Cassie e lesse seus pensamentos.

– Sua reação me diz que você o conhece. Aconteceu algo mais do que um simples acidente, não foi?

Cassie não ousava se mover ou respirar. O que a detetive diria a seguir? Que ela estava presa, com acusações diferentes?

Então, a detetive fez algo ainda pior.

Ela retirou um pacote de papel de sua bolsa e tirou dele o fino caco de cerâmica que ela havia apanhado na noite anterior.

Cassie olhou para o caco – vermelho brilhante por fora, branco por dentro. Ela lembrou-se de como se sentiu quando o vaso quebrou em sua cabeça, com uma explosão de estrelas em sua visão. Lembrou-se da aparência da Sra. Rossi. Ela estivera enlouquecida de raiva. Ela teria matado Cassie. Tinha certeza disso. Ela teria a matado e quem saberia quais teriam sido as consequências ou como ela teria tentado encobrir o ocorrido?

Provavelmente, ela teria feito um trabalho melhor do que o das meninas e Cassie e não teria deixado passar o caco de cerâmica comprometedor. Ele deve ter caído com o lado branco para cima, ficando quase invisível no piso pálido de granito.

– Parece estranho ter encontrado isso em uma casa tão arrumada, sem mais nada fora do lugar – a detetive continuou na voz enganosamente suave. – Não consigo parar de pensar nisso, no que poderia significar. E não consigo deixar de me perguntar, caso tivessem me contado a verdade, se isso não teria me permitido expor as irregularidades no sistema do Serviço Social, o que poderia salvar outras crianças, algum dia. Talvez você tenha conhecimento dessas irregularidades, por já tê-las vivido na pele?

Vendo que ela esperava alguma resposta, Cassie assentiu, em silêncio. Não sentia segurança em si mesma para falar.

– Sabe, existe uma coisa estranha na aplicação da lei – a detetive continuou, quase em tom de conversa. – Às vezes, o mesmo nome aparece de novo e de novo. Como se existissem pessoas que não conseguem se manter longe de problemas ou, de alguma forma, são atraídas por eles.

Cassie encarou-a, sem palavras.

– Vou me lembrar do seu nome. E, se ele surgir novamente, acredite em mim, farei tudo ao meu alcance para garantir que toda a verdade seja descoberta e que a justiça seja feita, não importa quem isso venha a expor.

A detetive ficou de pé e Cassie sentiu que a atmosfera ameaçadora tivesse dissipado um pouco. Ela continuou em um tom calmo e profissional.

– Vou me despedir das meninas agora, em seguida informarei brevemente a cozinheira e os demais funcionários a respeito dos tristes eventos da noite de ontem. Obrigada por ajudar a segurar as pontas hoje. O pai das garotas, o Sr. Morandi, chegará no início da noite.

– Eu... eu continuarei dando o meu melhor – Cassie ofereceu com um pequeno sorriso e Falcone deu as costas, afastando-se.

Ela sentia-se aturdida pelas palavras da detetive. Falcone insinuara que ela era, se não uma criminosa, alguém que atraía incidentes para sua vida e, até agora, tinha sido capaz de escapar sem nenhuma repercussão.

Agora que a detetive partira, ela desejava ter reunido a coragem para dizer o que queria. Explicar que era uma participante completamente inocente, tentando sobreviver em uma situação insustentável. Ela jamais esteve à procura de problemas, de modo algum.

Então, Cassie se conteve, pois talvez um pouco do que a detetive dissera fosse verdade. Em toda situação, haviam escolhas a fazer. Ela lembrou-se de suas mãos – punhos em garras, depois cerrados repentinamente. Aquilo tinha sido uma escolha. Ela não sabia se fora uma escolha boa ou ruim, mas era uma escolha que facilmente poderia tê-la mandado para a cadeia.

Olhando para trás, Cassie não podia acreditar que tinha saído ilesa. Não era de se admirar que a detetive estivesse frustrada. Ela pressentira que havia algo a mais na situação, mas as circunstâncias e testemunhas tinham trabalhado contra ela. Como alguém cujo trabalho era manter a lei e a justiça, Cassie podia imaginar como ela se sentia. Um crime é um crime. Aquele fato lhe dava uma pontada de culpa.

Em seguida, ela pensou na Nonna e sua culpa se cristalizou em desespero. Não podia acreditar que, por um terrível momento, ela havia seriamente considerado assassiná-la para que não houvessem testemunhas para o que tinha feito.

Aquele teria sido um crime hediondo, a sangue frio, e talvez fosse sobre isso que a detetive estivesse tentando alertá-la. Cometer um crime poderia facilmente conduzi-la a outros e, eventualmente, a sorte de qualquer pessoa acabava.

Enjoada de arrependimentos, Cassie subiu as escadas para checar a Nonna.

Abriu a porta do quarto e entrou, temendo que ela estivesse coerente outra vez e fosse repetir aquelas acusações terríveis, exigindo que a policial voltasse. Ainda assim, Cassie sabia que precisava enfrentar seus medos.

– Está confortável? – Ela perguntou à idosa. – Posso trazer algo para você? Uma enfermeira virá cuidar de você mais tarde. Tudo está sendo organizado com o pai das meninas.

Mais uma vez, os olhos da senhora estavam escuros e brilhantes como miçangas.

– *Sto bene* – ela disse. – Estou bem.

– Estou vendo que não terminou seu chá. Vai querer o resto?

Cassie sabia que estaria frio agora, mas talvez fosse mais fácil para a Nonna bebê-lo à temperatura ambiente, quando não arriscaria queimar a boca.

Ela recostou-a nos travesseiros e entregou-a a caneca.

Cuidadosamente, com as mãos trêmulas, a Nonna tomou um gole.

– Tive um sonho estranho mais cedo – a Nonna disse em voz baixa, como se estivesse confidenciando um segredo a Cassie.

– Sério? – Cassie sentiu o medo se lançando através dela. – Qual foi?

– Tinha algo a ver com a minha filha, mas me esqueci agora. Gostaria de me lembrar, já que acho que era *molto importante*.

A senhora idosa pressionou os lábios, pensativa.

Cassie encarou-a, alarmada. Será que a Nonna fingira estar confusa mais cedo, quando a detetive a entrevistou? Ou genuinamente vivenciara uma reincidência de sua demência?

– Tome outro gole de chá – Cassie disse, esperando que, caso conseguisse manter a voz estável e as palavras calmas, a Nonna não se alimentaria de seu medo. Por dentro, ela gritava. Essa mulher era uma testemunha ocular do incidente que poderia arruinar a vida de Cassie e mandá-la para a prisão por um período prolongado. Agora, ela parecia estar provocando Cassie com o fato de que poderia se lembrar dessa informação importante a qualquer momento.

Ou essa confusão era genuinamente parte da demência?

Cassie não fazia ideia, mas sentia uma terrível incerteza. Ela teria que viver com o conhecimento de que a Nonna sabia mais do que dizia. Ela só tinha a palavra da detetive de que a Nonna não seria uma testemunha confiável, mas e se houvesse outros meios de obter provas que não exigissem que ela fosse interrogada?

Ela sabia que o medo da descoberta pairaria sobre ela para sempre.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

– Já bebi o suficiente – a Nonna disse após beber seu chá.

– Vou levar a xícara – Cassie devolveu-a à bandeja. – Quer se levantar e se sentar com as crianças? Ou gostaria de descansar agora?

Para seu alívio, a senhora respondeu – Irei descansar.

Cassie ajeitou os travesseiros, sentindo o coração pular toda vez que a Nonna tomava uma de suas respirações bruscas e rasas, no caso de ela estar se preparando para proclamar mais daquelas terríveis acusações. Ficou contente quando conseguiu sair do quarto e fechar a porta.

Encontrou Nina e Venetia na cozinha.

– O que gostariam de fazer hoje? – Perguntou a elas.

– Eu adoraria visitar o parque – Nina disse. – Adoro brincar nos balanços. Faz muito tempo que não vamos até lá, já que a Mama não nos deixava fazer caminhadas desde que o Papa foi embora.

– Eu queria ver o meu cavalo. Perdemos muitas cavalgadas, Cassie. Era para termos aulas duas vezes por semana. Daí, começou a ser só aos domingos e, depois, as aulas eram sempre canceladas porque éramos desobedientes – Venetia disse.

Cassie assentiu, sentindo-se novamente oprimida pela aceitação das meninas com o fato de que sua mãe havia falecido. Ela esperava que, em algum estágio, elas fossem ficar tristes e chorosas, porém, ao invés disso, parecia que um enorme peso tinha sido removido de suas vidas e seus corações. Ela imaginava que a piora nas agressões tinha feito mais do que destruir o amor delas pela Sra. Rossi – também tinha aniquilado o elo que tinham com a mãe.

Após decidirem as atividades do dia, as garotas correram para o andar de cima para vestir as roupas de montaria. O pequeno estrondo dos pés delas sobre o piso e os berros de empolgação uma para a outra sobre a cor de blusa que deveria usar traziam calor e aconchego para a enorme casa, que Cassie agora percebia ter estado completamente ausente quando ela chegara.

Perguntou-se se a Nonna ouviria as vozes delas de dentro de seu quarto aconchegante. Caso sim, Cassie tinha certeza que ela desaprovava, acreditando que crianças deveriam ser vistas e não ouvidas. Sob os regimes dela e de sua filha, essa exuberante alegria seria percebida como comportamento desordeiro que precisava ser castigado.

Vestidas em suas roupas de montaria, Nina e Venetia desceram as escadas correndo e subiram no carro de Cassie. Ela sentia como se elas estivessem saindo para uma aventura.

O passeio de carro pela zona rural verdejante e montanhosa ao sul da cidade foi incrivelmente bonito e o centro de equitação em si era extraordinário. Uma breve caminhada por uma trilha arborizada, com vista para pastos e arenas com cercas brancas, levava até o pátio onde grandes estábulos tinham formato de ferradura ao redor de um gramado imaculadamente podado.

A gerente dos estábulos era uma mulher alta que parecia competente e que as cumprimentou com um sorriso amigável. Para o alívio de Cassie, ela falava inglês.

– Nina e Venetia, que bom ver vocês. Faz séculos que não visitam os cavalos. Tenho certeza que eles sentiram saudade de vocês. Gostariam de buscá-los no campo? Vou pedir para um dos assistentes ir com vocês.

Ela gritou instruções rápidas em italiano e um rapaz de cabelos escuros correu até elas.

– Venham, meninas, vamos buscar e tratar dos cavalos de vocês.

Uma vez que eles se organizaram, ela virou-se para Cassie.

– Sou Roberta – ela se apresentou.

– Sou Cassie, a au pair das meninas.

– Está tudo bem com elas? – Roberta perguntou, diminuindo a voz. – Elas não cavalgam há tanto tempo. Não as vejo aqui desde o divórcio dos pais e isso já deve fazer quatro ou cinco meses.

Cassie sentiu seu coração partir porque as meninas perdiam tanta diversão enquanto eram forçadas a mentir que tinham caído do cavalo para explicar quaisquer machucados e hematomas.

– As coisas tem sido difíceis na casa delas recentemente – ela disse. – Infelizmente, a mãe delas morreu em um trágico acidente muito recentemente. Na verdade, elas estão aguardando a chegada do pai hoje.

Roberta cobriu a boca com a mão.

– Que terrível – ela ficou boquiaberta. – As meninas estão chateadas com a morte da mãe?

Cassie não fazia ideia se a pergunta era tendenciosa e sabia que precisava responder com cautela.

– Elas estão sendo bem fortes – ela disse. – Estão muito tristes, é claro, mas sentem muitas saudades do pai e estão ansiosas para vê-lo novamente.

Ela esperava que Roberta aceitasse essa explicação e ficou aliviada quando ela assentiu de forma compreensiva.

– Sei que o divórcio deles foi amargo. Na verdade, fui informada pelo assistente da Sra. Rossi, Maurice, eu acho, que os cavalos seriam vendidos porque as meninas não tinham mais utilidade para eles. Então, o Sr. Morandi, o pai delas, insistiu que os cavalos deveriam ser mantidos, então continuou pagando a estadia deles. Ele costumava vir aos estábulos nos dias de aula, esperando ver as meninas. Ele deve ter ficado aqui esperando em dez ou quinze ocasiões, esperando que as crianças viriam cavalgar, mas ia embora decepcionado quando elas não vinham.

Agora, Cassie entendia porque a Sra. Rossi tinha impedido as filhas de cavalgar.

Olhando ao redor, Roberta disse – Aqui estamos. As meninas estão em seus pôneis. Venha para a arena interior para observá-las cavalgar.

Cassie ficou impressionada com como as duas meninas cavalgavam bem em seus lindos pôneis cinzas e como elas eram destemidas. Ela assistiu, maravilhada, enquanto elas trotavam e galopavam ao redor da arena, em seguida se revezando para completar o pequeno circuito de saltos.

Ofegantes e sorridentes, as meninas caminharam com seus pôneis para esfriá-los antes de desmontarem e ajudarem a retirar as celas.

– Isso foi maravilhoso – Venetia disse, correndo para abraçar Cassie. – Muito obrigada por nos trazer aqui. Eu fiquei tão preocupada com os nossos cavalos. De tempo em tempo, quando éramos desobedientes, Mama dizia que iria vendê-los. Às vezes, eu não dormia à noite, me perguntando se ela tinha feito isso.

– Eu também estava preocupada – Nina concordou com a voz triste. – Foi horrível não saber e toda semana existia uma razão diferente para as nossas aulas serem canceladas. Nós nunca éramos boas o bastante para ter permissão de cavalgar.

– Não era culpa de vocês – Cassie disse com firmeza. – Lembrem-se disso, porque é muito importante. Vocês são boas o bastante e foi uma

decisão injusta impedi-las de cavalgar, tomada por outros motivos.

Nina ficou em silêncio por um momento, depois acenou com a cabeça, compreensiva.

– Foi o que pensei – ela disse.

*

O Sr. Morandi chegou exatamente às cinco da tarde. Assim que os faróis do carro tremeluziram subindo na entrada da garagem, as crianças irromperam pela porta de entrar e se chocaram contra a grande SUV preta.

– Papa! – Elas gritaram em uníssono.

Cassie seguiu-as e chegou a tempo de ver um homem alto com cabelos grisalhos desgrenhados descendo do carro. Ele curvou-se para abraçar as filhas, seu rosto iluminado pela alegria.

– Minhas queridas meninas. Nina, Venetia, como vocês cresceram. Senti muitas saudades de vocês.

– Também sentimos saudades, Papa. Por que ficou longe tanto tempo? – Nina perguntou.

– As circunstâncias estavam além do meu controle e fui forçado a ficar longe. Prometo que isso nunca mais acontecerá de novo.

Ele endireitou-se e viu Cassie.

– Você deve ser Cassie, a au pair. A polícia me disse que você ficaria para cuidar de todos até que eu chegasse. Não posso te agradecer o suficiente.

– Prazer em conhecê-lo – ela disse, tímida, dando um passo à frente.

– Ela é nossa amiga – Venetia contou ao pai em tom penetrante e Cassie piscou para afastar lágrimas inesperadas.

– Ficou feliz em ouvir isso e espero que ela aceite ser minha amiga também. – Com um sorriso de gratidão, o Sr. Morandi deu um aperto de mão em Cassie antes de tirar sua mala do carro, acompanhada de duas grandes embalagens lindamente embrulhadas.

– Esses são para as minhas lindas meninas – ele disse.

Com gritos de alegria, Nina e Venetia receberam os presentes.

Cassie deu as costas, desejando dar ao Sr. Morandi um tempo à sós com as filhas, mas, para sua surpresa, ele a chamou.

– Podemos nos encontrar em vinte minutos, no escritório de Ottavia, no andar de baixo?

– É claro – Cassie disse, perguntando-se o que o Sr. Morandi queria dizer a ela de forma privada.

Ao entrar no escritório, Cassie sentiu que a presença dominante da Sra. Rossi havia enfim evaporado. O Sr. Morandi já tinha começado a retirar itens. Ele assobiava com afinção enquanto enchia uma caixa de papelão com arquivos e o cômodo elegante pareceu um espaço diferente, mais amigável.

– Por favor, feche a porta – ele disse.

Com hesitação, Cassie obedeceu antes de se sentar.

– Vou colocar essa casa à venda assim que possível – ele contou a ela. – Teremos um novo começo como família, em um lugar sem lembranças ruins.

Cassie assentiu. Ela não conseguiu evitar imaginar o que teria acontecido durante o divórcio e como a Sra. Rossi tinha sido capaz de manter as crianças longe do pai dali em diante.

– Como pode imaginar, o divórcio foi extremamente acrimonioso – O Sr. Morandi disse, como se lesse sua mente. – Ottavia havia se tornado extremamente difícil de conviver. Eu sabia desde o início que ela era agressiva, inflexível e determinada. Eu a amava por todas as suas fortes qualidades, mas me dei conta da verdadeira natureza da pessoa que estava por baixo. Depois que as meninas nasceram, o comportamento agressivo se tornou abusivo, principalmente comigo. De inflexível, ela se tornou irracional e combativa. Ela tornou-se violenta comigo, física e emocionalmente, e eu me preocupei que ela começaria a fazer o mesmo com as crianças.

– Deve ter sido impossível conviver com isso – Cassie disse.

Ele franziu o cenho e Cassie pôde ver o profundo arrependimento dele porque as coisas haviam chegado a um ponto sem volta.

– Foi insuportável. Fiz o melhor para lidar com a situação. Eu sugeri aconselhamento, terapia, mas ela não queria saber disso. No fim, tive que ir embora. Era tóxico demais. Eu estava sofrendo, minha empresa estava sofrendo. Eu esperava conseguir obter a guarda integral das crianças, mas não estava preparado para o que aconteceu depois.

Intrigada, Cassie inclinou-se para frente.

– O que aconteceu? – Ela perguntou.

– Ottavia lançou uma completa guerra judicial contra mim. Ela trocou as fechaduras e reprogramou o portão, demitiu todos os funcionários que

me conheciam. A cozinheira, as empregadas, todas foram substituídas. Ela desativou as câmeras na empresa de segurança para que ninguém pudesse monitorar o que acontecia dentro da casa. Eu estava surtando. Contratei um detetive particular para descobrir o que estava acontecendo, mas ele não conseguia chegar perto da casa. Todas as vezes, ela chamava a polícia e dizia que havia um invasor à espreita.

Agora, as precauções de segurança faziam sentido para Cassie. A principal preocupação da Sra. Rossi fora impedir o marido ou qualquer um trabalhando para ele de obter acesso.

– Tentei me encontrar com as crianças nos estábulos, mas elas nunca estavam lá. Liguei para a escola, mas me disseram que não poderiam me dar informações, pois a atual guardiã legal das crianças havia proibido.

O Sr. Morandi enterrou a cabeça nas mãos ao lembrar.

– O processo judicial foi agendado no tribunal para março. Tentei de tudo para antecipá-lo, mas, com as crianças sob os cuidados da mãe e sem provas de algo inconveniente, foi impossível. Mesmo assim, duvido que eu teria recebido a guarda total e sei que ela teria lutado para me impedir de ter qualquer acesso. Eu sabia que ela estava agredindo as meninas. Comigo longe, é claro, elas seriam o próximo alvo. Fiquei desesperado.

Cassie assentiu. Agora, tudo fazia sentido. O divórcio claramente fora o catalisador para a piora das agressões. Ela perguntou-se se o Sr. Morandi teria prosseguido caso soubesse quais seriam as consequências.

O Sr. Morandi olhou diretamente para ela, seu olhar penetrante e inteligente.

– Fico grato por você ter estado presente para as meninas e mais grato do que posso colocar em palavras que o caso no tribunal não esteja mais no horizonte. – Novamente, ele olhou para ela com uma expressão ponderada e ela pensou que ele estava olhando mais atentamente para sua bochecha, para o arranhão e o hematoma, mais fraco, porém ainda visível.

Cassie sentiu o nó em seu estômago apertar.

– Era o mínimo que eu podia fazer – ela disse em voz baixa. – Fico contente por poder ter ajudado as meninas. As coisas ficaram fora de controle algumas vezes e acho que poderiam ter sido piores se eu não estivesse aqui.

Foi tudo o que ela ousou dizer.

– Sabe – ele continuou, calmamente. – Soa terrível dizer isso, mas eu temia que nunca seríamos capazes de chegar a um acordo razoável. Não do

jeito que as coisas estavam. Estava preocupado que as crianças seriam as vítimas. Muitas vezes cogitei e cheguei a torcer para que o terrível comportamento dela atraísse as consequências que mereciam. Que ela fosse comprar uma briga com a pessoa errada e receberia o que merecia.

Fez-se silêncio no escritório por um bom tempo.

Cassie soube exatamente o que o Sr. Morandi estava insinuando. Ele tinha sido tão honesto quando podia ser sem dizer as palavras diretamente. Ele sabia que ela tinha feito o que ele torcera para que alguém fizesse. E ele não a culpava, de modo algum. Ele estava a agradecendo, da maneira mais clara que ousava.

Após uma longa pausa, o Sr. Morandi continuou falando em um tom diferente, mais formal.

– Uma enfermeira chegará esta noite para cuidar da Nonna até encontrarmos um lar onde ela possa receber os melhores cuidados e terapias – ele continuou, após um momento. – De certo, morar nessa casa nunca será uma opção sustentável ou segura para ela – ele enfatizou com firmeza.

– Essa parece ser a solução ideal – Cassie disse, grata pela gentileza que ele demonstrava a respeito da senhora idosa.

– E, agora, você. Eu gostaria de te dar um bônus como agradecimento.

Ele entregou-a um envelope e Cassie aceitou, surpresa pela espessura das notas no interior.

– Estou mais que agradecido – ele repetiu. – Sei que provavelmente está ansiosa para ir embora, já que essa situação deve ter sido muito desagradável.

– Fiquei feliz em ficar, pelo bem das meninas – Cassie murmurou enquanto ele continuava.

– Você será muito bem-vinda para jantar conosco esta noite e dormir aqui outra vez, em vez de ir embora na escuridão. Na realidade, está calorosamente convidada para passar esse tempo aqui. As meninas vão gostar.

– Obrigada pelo convite. Eu gostaria de ficar por mais uma noite – Cassie disse.

O Sr. Morandi sorriu. – Nina e Venetia ficarão contentes. Sabe, enquanto estávamos lá fora, elas me disseram que estavam impressionadas com a sua coragem. Ambas me disseram que esperavam um dia ser tão corajosas quanto você.

Cassie sentiu-se tocada pelas palavras. Suas ações não lhe pareceram corajosas. Ela sentia como se tivesse operado em um estado de terror, constantemente com o pé atrás, forçando-se a agir somente quando as meninas fossem estar em perigo do contrário. Isso não era coragem, era?

Pensando nisso, Cassie imaginou que, em última instância, coragem se tratava de superar seus medos. E, talvez, nessa casa elegante, ao encarar a situação inominável com a qual fora forçada a lidar, ela havia descoberto uma maneira de fazer exatamente aquilo.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Cassie programou seu despertador para bem cedo na manhã seguinte. Ela precisava sair da casa antes que a enfermeira estivesse acordada. Não queria ter que lidar com perguntas desconfortáveis sobre algo que a Nonna pudesse ter dito durante a noite.

Ela tinha euros suficientes no bolso para atravessar a fronteira e se estabelecer em outro país. Os mais próximos eram Suíça e Áustria e ambos eram atraentes. Lembrou-se do que Jess havia dito sobre as estações de esqui. Certamente teria a oportunidade de se esconder em algum lugar com neve, esquiar um pouco e ter o espaço para aceitar o que tinha feito.

Ao carregar a mala para o andar de baixo, ela ficou surpresa em ver as garotas esperando por ela na porta, vestidas em suas camisolas.

– Ouvimos você saindo e viemos nos despedir – Nina disse.

– E Papa nos deu isso – Venetia adicionou. – É um cartão com o e-mail dele. Ele disse que você pode nos visitar e, se mandar um e-mail, ele te enviará nossas cartas para podermos escrever para você quando estivermos na casa nova.

Cassie pegou o cartão de visitas de Nina e colocou-o cuidadosamente na bolsa.

– Também escreverei para vocês – ela prometeu. – Não tenho certeza para onde irei depois, mas mandarei fotos. Vou sentir muita falta de vocês, mas estou feliz por morarem com o seu pai.

Ela abraçou as duas meninas com força antes de ir para o carro. Enquanto saía com o carro, viu as meninas observando-a e acenando.

Ziguezagueou pelas ruas e fragmentos de seus sonhos, meio esquecidos, voltaram a ela. Ela tinha dormido mal e fora afligida por pesadelos recorrentes. Uma escadaria interminável piscou em sua mente, com um corpo caído ao final. Em seu sonho, no entanto, ela não tinha empurrado a pessoa. Jacqui a empurrara.

Viva e bem, sua irmã dera um passo adiante e deliberadamente empurrara a pessoa – que era uma mulher – na escada impossivelmente

íngreme, assistindo-a dar cambalhotas e cair até lá embaixo. Então, ela virou-se para Cassie e sorriu.

– É assim que permanecemos seguras nessa casa – ela dissera.

O mais estranho era que essa parte da situação não parecia um sonho. Era como se uma memória, enterrada há muito tempo, tivesse sido destravada na mente de Cassie e, por mais que tentasse, ela não conseguia se lembrar de mais nada.

A situação de Jacqui tinha sido empurrada para o fundo de sua mente durante o desastre com a família Rossi. Simplesmente não havia espaço em sua cabeça para pensar naquilo. Mas, agora, com a mente clara, Cassie viu sua preocupação aumentar a cada quilômetro que dirigia.

Ela havia viajado para a Itália esperando encontrar Jacqui. Agora, estava prestes a descobrir o que acontecera com sua irmã.

Se ela tivesse morrido, Cassie resolveu que exigiria saber dos detalhes. Se houvesse mais na história, ela queria aquelas informações também. Não iria se conformar com nada menos e certamente não aceitaria ser dispensada por alguém que estava encobrindo a verdade pelos próprios motivos.

Conforme o sol subia, a paisagem suburbana cedeu espaço para encostas e campados e ela viu placas para o seu destino.

Havia tanta coisa em jogo aqui e ela não suportava pensar que já tinha chegado no ponto onde a resposta estava apenas a alguns quilômetros de carro de distância. Jacqui estava viva ou morta? Será que a dona da boutique tinha mentido e, se sim, por quê? Como Cassie escavaria a verdade, quando talvez as outras pessoas possuíssem motivos urgentes para querer que ela acreditasse na versão delas?

– Por favor, que eu consiga descobrir o que aconteceu – ela disse em voz alta, esperando que as palavras atraíssem, de alguma forma, o resultado do qual precisava.

Bellagio era tão cinematográfica quanto Cassie tinha imaginado. Na realidade, as fotos na internet não faziam justiça a ela. No berço de montanhas imponentes, aninhada nas costas azuladas do Lago Como, a cidade em si era um destino de conto de fadas. Compacta e pitoresca, cada curva nas ruas estreitas trazia uma diferente e incrível vista.

Cassie desejou não estar nervosa demais para apreciar sua beleza.

Encontrou Mirabella com facilidade, ao norte da rua principal de compras da cidade, que estava lotada de bistrôs e restaurantes, cafeterias, lojas de roupas e quiosques de presentes.

Eram nove horas da manhã e as ruas ainda estavam tranquilas, com a maioria das lojas acabando de abrir as portas para começar o dia.

Cassie estacionou por perto e caminhou pelas ruas de paralelepípedos até a boutique. Sentia um senso de irrealidade ao pisar nas mesmas pedras cinzas e achatadas que Jacqui pisara, ter a mesma visão, respirar o mesmo ar frio e puro. Jacqui havia trabalhado e morado aqui. Cassie desejou saber se sua irmã tinha sido feliz no trabalho ou se estava deprimida. As coisas deram tão errado aqui, neste lugar, a ponto de Jacqui acreditar que nunca poderiam se acertar novamente? Por um terrível momento, ela temeu que aqui fora onde o trauma de infância de Jacqui a alcançara e ela havia escolhido acabar com a própria vida.

Ela estava apavorada diante das notícias à sua espera nesta cidade pequena e cinematográfica. Não fazia ideia se Mirabella estava mentindo ou não e, caso estivesse, se ela concordaria em contar a verdade. Uma vez que tinham mentido, Cassie sabia que as pessoas costumavam se agarrar à sua história e ela se tornava sua nova realidade. Ela tinha aceitado que talvez nunca descobrisse o que realmente ocorrera com sua irmã – ou pior, que talvez tivesse que absorver os detalhes insuportáveis de como ela havia morrido.

Sentindo enjoo de nervosismo, Cassie atravessou a entrada da boutique.

A boutique Mirabella estava aberta. A minúscula loja estava recheada de mercadorias, parecendo se especializar em blusas e vestidos. Cada peça parecia bonita e única e Cassie teve certeza de que os preços eram determinados de acordo com isso.

Atrás do balcão estava uma mulher baixa com cabelos grisalhos, usando óculos de armação dourada e uma blusa cor de pêssego com brocado dourado.

– *Buongiorno* – ela cumprimentou Cassie com um sorriso.

Hesitante, Cassie se aproximou. Sua boca estava seca e ela se perguntou se seria capaz de dizer as palavras.

Sua primeira tentativa não foi mais do que um resmungo nervoso. Seu coração batia tão forte quanto se ela tivesse corrido por toda a rua íngreme de paralelepípedos.

Limpando a garganta, ela tentou de novo.

– Por acaso você é a dona, Mirabella?

A testa da mulher enrugou-se levemente e Cassie pôde vê-la pensando que isso provavelmente se tratava de algum tipo de queixa ou pedido

específico. De todo modo, uma cliente difícil.

– Sim, sou eu. Como posso te ajudar?

– Minha irmã trabalhava aqui. Jacqui Vale. Eu liguei alguns dias atrás para perguntar dela. Você me disse que...

Cassie fez uma pausa, reunindo a coragem que precisava para dizer as terríveis palavras.

– Você me disse que ela morreu. Então eu vim até aqui, porque precisava descobrir se era verdade. E, se for, quero que me conte o que aconteceu. Sou a família dela e tenho o direito de saber.

Ela viu-se piscando para afastar as lágrimas ao encontrar o olhar espantado de Mirabella.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Por um momento, Mirabella ficou parada, em choque, como se nunca tivesse esperado que a irmã de Jacqui fosse entrar na loja e começar a fazer perguntas difíceis.

Em seguida, ela pareceu se fechar e Cassie não pôde ler a expressão nos olhos dela.

– Sim, isso está correto. Ela morreu. Isso é tudo o que posso te dizer.

– Não! – A palavra saiu mais alto do que Cassie pretendia e ela se permitiu prosseguir, permitindo-se berrar, pois a grosseria dessa mulher e o seu desprezo por sentimentos era completamente inaceitável. Após a experiência infernal pela qual passara, ela não permitiria que a proprietária da loja a intimidasse a acreditar na versão dela. Não sem lhe dar a prova que ela merecia.

– Não vou aceitar isso – Cassie gritou e a mulher a encarou, assustada e na defensiva.

– Você está causando uma comoção. Por favor, saia – ela murmurou.

Ela virou-se e Cassie viu que ela iria abrir a porta atrás de si e escapular. Trancada em segurança no escritório dos fundos, ela provavelmente convocaria a segurança local ou a polícia para remover Cassie.

Seu olhar mirou a lateral do balcão, onde havia um espaço grande o bastante para que ela passasse, se espremendo. Cassie disparou em direção a ele e, no instante seguinte, ela alcançou a porta e agarrou a maçaneta enquanto a mulher ainda esticava o braço sobre ela.

– O que está fazendo? – Mirabella tentou empurrá-la, mas estava desajeitada com o choque. A voz dela era estridente.

Ofegante, Cassie expôs sua causa.

– Não quero usar força ou causar problemas. Mas quero respostas honestas e completas. Eu tenho direito a isso. Não vim de tão longe para que você tente sair no meio da conversa!

Ela conseguia ouvir o ultraje na própria voz. O olhar de Mirabella correu para o lado.

– Você é uma estranha e eu não te devo informação alguma – ela insistiu.

Cenários giravam na mente de Cassie enquanto considerava as palavras da mulher.

Ela estava escondendo alguma coisa. Estava sendo deliberadamente obstrutiva e escondendo o que sabia, e fazia isso de propósito. Cassie não tinha ideia do porquê e se perguntou se Jacqui tinha se envolvido em graves problemas.

– Ela é minha irmã – ela disse, tentando manter a voz calma. – Não acho que isso me qualifique como uma estranha. Viajei de muito longe para tentar encontrá-la depois que ela me ligou. Sou a família dela. Não me importa o que aconteceu entre você e ela. Eu mereço respostas e não vou soltar essa porta até consegui-las.

Ela viu o olhar de Mirabella em seus dedos apertados. A mulher era menor e mais baixa e não tinha como sobrepor a força de Cassie ao segurar a porta, porque ela o fazia com toda a determinação que possuía. A menos que saísse de sua própria loja, ela não tinha como se livrar de Cassie agora.

Ela ofereceu um suspiro impaciente.

– Isso é um desperdício do meu tempo, tenho coisas para fazer.

Cassie ergueu o queixo.

– Eu não tenho nada para fazer e posso ficar aqui o dia todo, até você me dizer o que aconteceu com a minha irmã, onde ela está e por que você disse que ela estava morta.

Embora tentasse permanecer calma, ela podia ouvir o ultraje na própria voz. Contar uma mentira pavorosa como aquela era completamente inaceitável.

O rosto de Mirabella desabou e, com um lampejo de triunfo, Cassie soube que a dona da boutique iria se render e que sua persistência tinha vencido.

– Tudo bem. Vou te contar, mas depois preciso pedir que saia – Mirabella estourou.

– Vou sair – Cassie abaixou a mão. Sentia-se sem fôlego com a expectativa.

– Jacqui Vale trabalhou aqui durante o verão, que é quando fica mais movimentado. Ela ficou até o final de novembro, depois que eu torci meu pé e precisei de uma cirurgia.

Cassie assentiu conforme a dona da boutique continuava.

– Ela era uma boa funcionária e ficamos amigas. Quando ela foi embora, me pediu um favor em especial, que eu disse que honraria.

– Qual foi o favor? – Cassie perguntou, mas seu otimismo se dissolveu e, em seu lugar, ela teve um mau pressentimento, pois havia algo no tom de Mirabella que a preocupava.

– Ela me pediu para não entregar nenhuma informação pessoal dela para qualquer um que viesse procurar. Como um favor, ela me implorou para dizer às pessoas que estava morta.

– Mas... por quê? – Cassie sentia-se como se tivesse sido socada no estômago. – Você sabe o que estava acontecendo na vida dela? Ela tinha um ex-namorado abusivo ou alguém estava procurando por ela? – Ela continuou. – Eu sou diferente, é claro, sendo irmã dela. É claro que ela ia querer que me contasse.

Mirabella balançou a cabeça e, horrorizada, Cassie viu uma expressão no rosto dela que só podia interpretar como pena.

– Não faço ideia das circunstâncias dela. Mas quando me pediu o favor, disse “qualquer um que procure por mim”. Até mesmo e, na verdade, especialmente se essa pessoa fosse sua irmã, Cassandra Vale. Ela não disse nada além disso e não me contou por quê.

Por um longo tempo, não houve nada além de silêncio na pequena loja.

Cassie ficou parada, encarando a dona da boutique, sem palavras. Sentia como se seu mundo tivesse desabado. Agora, olhando nos olhos da mulher, não duvidava da verdade no que ela dizia.

Por quê? Por que Jacqui tinha dito algo assim e por que estava tão assustada em ser encontrada?

O que tinha acontecido na vida dela?

Realmente tinha sido Jacqui quem realizara aqueles telefonemas, procurando por ela?

Cassie franziu o cenho enquanto lutava para fazer sentido dos eventos que a levaram até aquele momento. É claro que tinha sido Jacqui, precisava ter sido; não havia mais ninguém que ligaria da Europa para ela, aleatoriamente, e ela havia seguido uma trilha clara enquanto a rastreava.

Agora, o resultado era um beco sem saída. Sua irmã havia desaparecido e poderia estar em qualquer lugar. Ela estava se escondendo de Cassie.

– Você sabe para onde ela foi? Faz alguma ideia?

A mulher deu de ombros. – Ela estava indo para o sul, acredito. Ia pegar um trem, mas não sei para onde ela planejava ir. Sinto muito.

Ela ofereceu um pequeno sorriso de compaixão.

Nocauteada pelo impacto das palavras da mulher, Cassie contornou o balcão como pôde e saiu da loja.

Seu sonho estava despedaçado, sua irmã tinha partido e ela não tinha mais pistas de seu paradeiro. Com os problemas que tivera em Milão, precisava sair da Itália imediatamente e, de qualquer maneira, a vaga menção de “sul” – se fosse uma informação genuína – compreendia um país inteiro. Ela poderia passar uma vida inteira procurando por Jacqui em cada cidade e nunca chegar perto de encontrá-la.

Cassie deu partida no carro e foi embora. O dia tornara-se nublado e começava a chover. O lago estava cinzento e as encostas além dele envoltas em neblina. A cidade que parecera tão cinematográfica e convidativa agora parecia um lugar sombrio e hostil.

Seus limpadores de para-brisas empurravam a garoa para longe conforme ela saía da cidade. Deixar a Itália e ir para um país diferente não parecia o começo de uma nova aventura. Ela sentia como se estivesse desistindo. Ela não entendia o que havia acontecido para provocar isso ou por que sua irmã tinha feito aquela escolha inexplicável.

Não poderia ter sido uma escolha impensada, mas poderia ter sido tomada pelas razões erradas. Por toda sua vida, Jacqui tinha feito o máximo para proteger sua irmã mais nova dos terrores do mundo. Cassie perguntou-se se, por algum motivo, ela tentava fazer o mesmo agora.

Nesse caso, Cassie precisaria encontrá-la e fazê-la mudar de ideia, explicar que era uma pessoa diferente agora. Ela não tinha ideia de como fazer isso, mas sabia que teria que tentar.

– Não vou esquecer de você, Jacqui. E nunca vou desistir de você – ela disse em voz alta e, embora sua voz soasse fraca e insegura, ela sabia que as palavras eram verdadeiras.

EM BREVE!

O livro #4 da série A AU PAIR em breve estará disponível!

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor best-seller do USA TODAY da série UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE, que inclui 16 livros (e contando). Blake Pierce é o autor da série de mistério UM ENIGMA MACKENZIE WHITE, compreendendo 13 livros (e contando); da série de mistério AVERY BLACK, compreendendo seis livros; da série de mistério KERI LOCKE, com cinco livros; da série de mistério OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, que inclui cinco livros (e contando); da série de mistério psicológico CHLOE FINE, compreendendo cinco livros (e contando); da série de thriller psicológico A AU PAIR, que inclui dois livros (e contando); e da série de mistério ZOE PRIME, com dois livros (e contando).

Um leitor ávido e fã de longa data dos gêneros de suspense e mistério, Blake adora ouvir seus leitores, então visite www.blakepierceauthor.com para saber mais e entrar em contato.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

A AU PAIR

QUASE AUSENTE (Livro #1)

QUASE PERDIDA (Livro #2)

QUASE MORTA (Livro #3)